

PATRICIA MICHELE GOMES

***A REVISTA DO CENTRO DE CIÊNCIAS LETRAS
E ARTES DE CAMPINAS (1902-1916)***

Dissertação apresentada ao Instituto de Estudos da
Linguagem da Universidade Estadual de Campinas
para obtenção do Título de Mestre em Teoria e
História Literária.

Orientador: Prof. Dr. Jefferson Cano

CAMPINAS
2009

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

G585r

Gomes, Patrícia Michele.

A Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas (1902-1916) / Patrícia Michele Gomes. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009.

Orientador : Jefferson Cano.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Literatura brasileira. 2. Periódicos. 3. Imprensa. I. Cano, Jefferson. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

tjj/iel

Título em inglês: The magazine of the Center of Sciences, Letters and Arts of Campinas (1902-1916).

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Literature, Brazilian periodic, Periodicals Collectively.

Área de concentração: Literatura e outras produções culturais.

Titulação: Mestre em Teoria e História literária.

Banca examinadora: Prof. Dr. Jefferson Cano (orientador), Prof. Dr. Leonardo Affonso de Miranda Pereira, Prof. Dr. Mário Luiz Frungillo.

Data da defesa: 16/02/2009.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Teoria e História literária.

BANCA EXAMINADORA:

Jefferson Cano

Handwritten signature of Jefferson Cano in blue ink, written over a horizontal line. The signature is stylized and includes a circled initial 'JC'.

Leonardo Affonso de Miranda Pereira

Handwritten signature of Leonardo Affonso de Miranda Pereira in blue ink, written over a horizontal line.

Mário Luiz Frungillo

Handwritten signature of Mário Luiz Frungillo in blue ink, written over a horizontal line.

Francisco Foot Hardman

A horizontal line for the signature of Francisco Foot Hardman, which is currently blank.

Priscila Nucci

A horizontal line for the signature of Priscila Nucci, which is currently blank.

IEL/UNICAMP

2009

A Elpídio e Sônia. Meu carinho e reconhecimento.

AGRADECIMENTOS

É neste momento que o leitor tem a possibilidade de conhecer os nomes daqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para realização deste trabalho. Sendo assim, lanço-me à difícil tarefa de agradecer, já me desculpando pelos possíveis esquecimentos.

Sou grata

A Deus, pelos caminhos iluminados.

A meus pais, Sônia e Elpídio, por serem, para mim, exemplos de luta e dignidade.

À minha tia, Isabel, por sua infindável ternura.

A meus irmãos, Aline e João Paulo, pela alegria pueril ainda hoje conservada.

À Dona Magdalena, pela terna hospitalidade durante a pesquisa de Iniciação Científica e pela amizade que, então, formou -se.

Às amigas, Carolina, Fabiana e Raquel, pelas conversas preciosas, pelos encontros, embora esparsos, tão felizes para mim.

Ao Karim, pelas leituras atentas destas páginas e por seu efetivo companheirismo.

Ao meu orientador, Jefferson Cano, pelo cuidado e empenho com os quais conduziu este trabalho.

Aos professores Francisco Foot Hardmann e Mário Luiz Frungillo pelas valiosas indagações e sugestões da qualificação que despertaram, em minha caminhada, novos questionamentos e caminhos.

Ao professor Leonardo Affonso de Miranda Pereira, pela fundamental presença no momento em que este trabalho tinha diretrizes parcamente definidas e por aceitar compor a banca de defesa desta dissertação.

À professora Orna Messer Levin, pelas discussões durante os seminários de orientação e pelo carinho e apoio com os quais me recebeu em seu grupo de pesquisa.

Aos estagiários e funcionários do Centro de Memória da Unicamp pela atenção com que me receberam durante os três anos desta pesquisa.

À bibliotecária do CCLA, Maria Luiza Pinto de Moura (*in memoriam*), pela generosa ajuda nos anos iniciais do trabalho com a *Revista do Centro*.

“E isto a partir da convicção de que as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso.”

Jorge Larrosa Bondía, “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”.

RESUMO

Esta dissertação traça o perfil, delimita os objetivos e investiga a importância *da Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas* entre os anos de 1902 e 1916. Para cumprir seus intuitos, ateve-se aos quarenta e cinco números publicados neste período, que se mostraram dispostos em dois grandes pólos conteudísticos: artigos institucionais e artigos absortos de um saber enciclopédico.

Nos primeiros, fora possível identificar as representações, erigidas pela *Revista*, acerca da cidade de Campinas, do Centro de Ciências, Letras e Artes (agremiação de origem), dos sócios fundadores e mantenedores da instituição e do próprio periódico. Conheceram-se ainda os homens elogiados pela publicação e quais eram as virtudes dignas de louvores.

Dos enciclopédicos, apreendeu-se a concepção de ciências, de letras e de artes veiculada no periódico. Como pano de fundo, o desenvolvimento desta pesquisa também abordou a concepção eclética de cultura, a formação de aparatos simbólicos e o forte apelo cientificista, característica intrínseca do período.

Palavras-chave: Literatura, Periódicos brasileiros, Imprensa, Intelectuais.

ABSTRACT

This dissertation traces the profile, defines the goals and investigates the importance of the *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas* between the years 1902 and 1916. To achieve its purposes, it dealt with its forty-five copies published in this period, which were organized into two large content groups: institutional articles and articles related to an encyclopedic knowledge.

In the first ones, it was possible to identify the representations, put together by the Magazine, of the city of Campinas, of the Centro de Ciências, Letras e Artes (association in its origins), of the institution founders and supporters and of the periodical itself. The men praised by the publication and which virtues were worthy of praise were also known.

In the second ones, a conception of science, literature and arts present in the periodical could be apprehended. In the background, the development of this research also approached the eclectic conception of culture, the formation of symbolic apparatus and the strong scientific appeal, an intrinsic characteristic of this period.

Key words: Literature, Brazilian periodicals, Press, Intellectuals.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
1. UM CENTRO EGOCÊNTRICO.....	37
1.1. A cidade.....	37
1.2. O núcleo intelectual para Campinas e para o Brasil.....	42
1.3. O núcleo intelectual.....	49
1.4. Os fundadores e os mantenedores do Centro de Ciências, Letras e Artes.....	54
1.5. A Revista.....	57
2. A REVISTA E OS EGRÉGIOS.....	65
2.1. A pedagogia do exemplo.....	69
2.2. As virtudes sociais.....	72
2.3. As virtudes do desempenho das atividades.....	81
2.4. As virtudes familiares.....	94
2.5. Virtudes individuais para com a alteridade.....	95
3. AS CIÊNCIAS, AS LETRAS E AS ARTES NA REVISTA DO CENTRO.....	105
3.1. As Ciências na Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes.....	105
3.2. As Letras na Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes.....	118
3.2.1. A Crítica.....	119
3.2.2. A Poesia	133
3.2.3. A Prosa.....	161
3.3. As artes na Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes.....	166
3.3.1. Na música.....	166
3.3.2. No teatro.....	168
3.3.3. Na pintura.....	173
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	183
REFERÊNCIAS.....	185
ANEXOS	i

INTRODUÇÃO

Anna Maria Martinez Corrêa, ao prefaciar a obra de Tânia de Luca, *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a Nação* (LUCA, 1999), afirma que as características peculiares das publicações periódicas proporcionam a quem as estuda algumas possibilidades, como vislumbrar quais seriam os temas de interesse na época, a maneira como foram abordados e quem os escrevia. Estas possibilidades transformaram-se em instrumentos para a realização deste trabalho, cujo objetivo maior é conhecer *a Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas*, traçar seu perfil e delimitar o objetivo de suas publicações, bem como investigar sua importância como um elemento da memória histórica e literária desta cidade paulista.

A *Revista do Centro* pode ser considerada um periódico institucional, pois é vinculado a uma “instituição do saber”.¹ Definida como um repositório público da atmosfera científica, intelectual e artística do *Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas (CCLA)* não há outra forma de principiar o estudo desta publicação a não ser conhecendo sua agremiação de origem.

A histografia é unânime ao afirmar que a origem do *Centro* encontra-se no conglomerado intelectual e científico formado em Campinas a partir do último decênio do século XIX. Tal aglomerado formara-se motivado, em especial, por dois acontecimentos: a transferência para o domínio do Estado de São Paulo da Antiga Estação Agronômica (denominada a partir de então de Instituto Agrônomo de Campinas) e a fundação do Ginásio de Campinas, que alcançara renome nacional pela qualidade de ensino e por reunir nomes da intelectualidade brasileira em seu corpo docente. Esses episódios atraíram para a cidade cientistas e intelectuais, circunstância que influenciou em sua vida cultural.

Esta nova conjuntura propicia a criação de um instituto voltado para o cultivo das ciências, das letras e das artes. Segundo o historiador campineiro José Alexandre dos Santos Ribeiro e o escritor Francelino S. Piauí (1976), tal idéia nasceu nas reuniões sistemáticas que ocorriam na residência de Coelho Netto, na rua Francisco Glicério.

¹ MARTINS, 2001, p.324.

Durante sua estada em Campinas (de 1901 a 1904), quando assumiu a Cadeira de Literatura do “Colégio Culto à Ciência”, Coelho Netto relacionou-se com a camada mais culta da sociedade campineira da época, promovendo, tal como fazia no Rio de Janeiro, reuniões e saraus em sua própria residência.

É nessas reuniões - depois transferidas para o salão de pianos da Casa Livro Azul - que nasce a idéia da fundação de uma agremiação que reunisse intelectuais e cientistas, que os aglutinasse e lhes propiciasse, como afirma Odilon Nogueira de Matos (1976, p.21-22), “a apresentação de trabalhos, a discussão de problemas, o debate franco e aberto de todas as suas preocupações culturais, enfim, para que suas atividades, no campo da cultura, não se limitassem aos trabalhos profissionais”.

A bibliografia referente à história do Centro de Ciências, Letras e Artes nos informa que a idéia inicial era formar um núcleo para os estudos das ciências naturais; todavia, o objetivo fora julgado demasiado limitado para a heterogeneidade das pessoas que estavam envolvidas naquele projeto, e atendendo a necessidade eclética, o então “Grêmio de Estudos de Ciências” passa a incluir em seus fins as letras e as artes e, por sugestão de Coelho Netto passa a ser denominado “Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas”.

Na contramão das considerações de Odilon Nogueira de Matos e dos demais autores² que historicizam a origem do Centro, encontra-se Paulo Sérgio Barreto, sociólogo que define o CCLA como uma a agremiação que provém de uma “conjunção de condições históricas e sociológicas” e não de um “mero encontro fortuito provocado pela ausência de espaço físico na cidade”.³ Para Barreto, os alicerces de fundação da agremiação campineira são: a proliferação dos postulados do positivismo, do darwinismo social e de demais correntes científicas; a consolidação da acumulação capitalista pautada na indústria cafeeira; a localização estratégica da cidade, que lhe permitia usufruir da malha ferroviária e dos profissionais que nela residiam; os surtos de febre amarela, como uma tragédia que propiciou experimentos médicos e sanitários e a existência de um ambiente urbano gerado pela diversificação do comércio e da prestação de serviços, solicitados por uma demanda populacional em expansão.

² PAULA (1951), RICCI & MATOS (1985) e RIBEIRO & PIAUÍ (1976).

³ BARRETO, 1994, p.2.

Os trâmites necessários à institucionalização da entidade são resolvidos e, a 31 de outubro de 1901, é fundado o *Centro de Ciências de Campinas*, com a eleição de sua primeira diretoria. Dentre outros nomes que trabalharam como fundadores os mais aludidos são os de Henrique Maximiliano Coelho Netto, João César Bueno Bierrenbach, José de Campos Novais, Ângelo Jacinto Simões, Henrique de Barcelos, Ezequiel Cândido de Souza Brito, Edmundo Krug, Alexandre Krug, Henri Potel, Adolfo Hempel e Ernesto Sixt.

Escritor de projeção nacional, Coelho Netto não se manteve circunscrito ao “Colégio Culto à Ciência”; na recém-criada instituição, fora o primeiro orador, integrou a primeira comissão de redatores da *Revista* e de sua lavra nasceu a primeira manifestação da agremiação: uma saudação endereçada a Santos Dumont, congratulando-o pela invenção dos dirigíveis aéreos. Os registros bibliográficos nos levam a afirmar que a presença do renomado literato infligiu ao incipiente Centro ares de prestígio; afinal, não se tratava de um grupo anônimo em termos nacionais; eram, antes, homens em cujo meio encontrava-se um dos mais resplandecentes nomes da literatura nacional da época.

Se Coelho Netto é o ícone do prestígio, César Bierrenbach e José de Campos Novaes são assinalados como os reais fatores do CCLA. Reconhecidos pelo entusiasmo, pela operosidade e pelo auxílio monetário, são estes os campineiros cujos nomes mais se atrelam ao da instituição.

César Bierrenbach (1872- 1907) é advindo de uma tradicional família campineira. Bacharelado em Direito pela Faculdade de São Paulo, fora sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, lente catedrático de história universal do “Colégio Culto à Ciência” e o principal promotor do monumento a Carlos Gomes em Campinas. Para Carlos Francisco de Paula (1951), Bierrenbach era um tribuno ardoroso, cuja pujante veia oratória arrebatava as massas que o ouviam nas assembléias públicas e nas reuniões culturais.

Também José de Campos Novaes (1860-1932), campineiro de família tradicional e abastada, formou-se em Direito pela Academia de São Paulo, era sócio da Linnaeana Society de Londres e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Detentor de um saber enciclopédico, não se detinha aos conhecimentos da advocacia; era conhecedor das

questões férreas e fluviais do Brasil, interessava-se pelas ciências naturais, pela música e pela história geral.

As ciências naturais são representadas no corpo dos fundadores do CCLA pelos médicos Ângelo Simões, Souza Brito e pelos profissionais do Instituto Agrônômico. Ao primeiro cabe o reconhecimento por seus préstimos à população campineira desvalida e por seu conhecimento científico, notório não somente nas sessões do Centro, mas também nas páginas da *Revista*. Souza Brito é distinguido por seu trabalho junto à população no período epidêmico da febre amarela e ocupa dentre os fundadores o posto de “cientista provector”. Henri Potel, Adolfo Hempel, Ernesto Sixt e os irmãos Krug são homens do Instituto Agrônômico que se unem para a formação da agremiação.

Neste intuito, a bibliografia não nos permite esquecer o nome de Henrique de Barcellos. O fundador da folha diária “Comércio de Campinas” destacou-se por sua constância na comissão responsável pela *Revista*; integrara, juntamente com Coelho Netto, a primeira comissão de redatores, permanecendo neste cargo até a edição de número oito.

Consoante o rastreamento empreendido por Paulo Sérgio Barreto, dos 52,5% dos sócios efetivos passíveis de investigação da primeira lista de sócios do CCLA (listagem correspondente ao período 1901 a 1903)⁴ 17% pertenciam à classe dos chamados “profissionais liberais” das áreas de saúde, engenharia, geografia, geologia e biologia; 16% eram proprietários (fazendeiros, comerciantes e capitalistas) e funcionários públicos médios; 6% advinham das ciências humanas e sociais, tais como historiadores, escritores, músicos, jornalistas, bibliotecários, e os 2,5% restantes eram políticos ou religiosos⁵.

A eclética agremiação, em cujo corpo de associados significativamente figuram os homens ligados às ciências, a 9 de novembro de 1901 constitui suas Comissões, definidas a

⁴ O autor investiga as três listagens de sócios publicadas na *Revista do Centro*. A primeira, correspondente ao período entre 1901 a 1903, encontra-se no número cinco deste periódico; o número oito apresenta a segunda listagem, que corresponde aos anos de 1901 a 1905, a terceira lista encontra-se no número trinta e três e corresponde ao ano de 1913.

⁵ O perfil científico inicial não se sustentará. O que notamos, por intermédio da pesquisa de Barreto, nas duas subseqüentes listagens é uma mudança significativa no corpo dos associados efetivos. A segunda lista (correspondente ao período de 1901-1905) nos aponta um acentuado declínio no número de sócios ligados às atividades liberais e um aumento significativo de proprietários e de profissionais médios. Esta tendência certifica-se na terceira lista (correspondente ao ano de 1913), que revela uma hegemonia entre fazendeiros, capitalistas, comerciantes e profissionais médios no corpo de associados.

partir da heterogeneidade de seus membros, recebendo, assim, os nomes das áreas de estudo e atuação desses membros: Matemática e Astronomia, Ciências Sociais e Econômicas, Engenharia, Ciências Jurídicas, Física, Química e Mineralogia, Letras e Artes, Botânica, Revista e Publicação, Zoologia, Biblioteca e Museu, Agricultura e Zootécnica, Legislação, Justiça e Contas, Geografia, História e Demografia, Sindicância e Ciências Médicas.

Segundo Barreto (1994), o processo de organização do *Centro* se dava através de sessões semanais pautadas nas discussões e apresentações de “teses”, que eram polemizadas e retificadas pela comissão técnica. A agremiação campineira era subvencionada pelos sócios efetivos, pelos correspondentes e pelas vendas e assinaturas da *Revista*. Os primeiros residiam na cidade ou em seus arredores, já os segundos encontravam-se divididos pelos estados da federação e pelos países da América e da Europa.

Passado um ano da fundação do Centro de Ciências e sendo prevista nos “intuitos mais especiais” da primeira circular convocatória para a formação desta associação, redigida por César Bierrenbach, em 28 de setembro de 1901, o Centro de Ciências cria sua revista institucional.

A *Revista do CCLA*, segundo nos informa Odilon Nogueira de Mattos (1976) e Carlos Francisco de Paula (1951), nasceu destinada a ser o repositório de todos os trabalhos lidos nas sessões cuja publicidade fosse julgada conveniente. Sendo assim, a *Revista*, cuja periodicidade era trimestral, contava com a presença das Comissões, correspondentes às áreas de Matemática, Astronomia, Engenharia, Ciências Físico-químicas, Zoologia, Botânica, Zootécnica, Geografia, História, Demografia, Ciências Médicas, Artes, Biblioteca, Museu, Legislação e Justiça.

O primeiro número deste periódico fora publicado no dia 31 de outubro de 1902 - exatamente na comemoração do primeiro ano de existência do *Centro*. Neste, encontramos um total de 148 páginas, no formato 24 x 16 cm, impresso na “Tipografia a Vapor Livro Azul”, de Castro Mendes & Irmão. O último número, o 66º da série e extemporâneo, sai em 31 de outubro de 1976.

Ao longo de sete décadas de publicações, a *Revista* sofre numerosas modificações, a começar pela periodicidade, a “trimensalidade” fora cumprida apenas em 1902 (número 1) e 1903 (números 2, 3, 4 e 5); no ano seguinte foram publicados apenas dois números (6 e 7). Em 1905, apenas o número 8 vem a lume e, de 1906 a 1909, a periodicidade original é restabelecida, para, em 1910, ser alterada para a publicação de dois números apenas (25 e 26). O ano de 1911 não conta com publicações; o seguinte verá apenas os números 27, 28 e 29; a partir desta data até 1916 a trimensalidade é restabelecida para ser quebrada em 1917, quando a publicação foi suspensa, reaparecendo apenas no segundo semestre de 1920. Neste ano, apenas dois números foram publicados, e uma nova interrupção de seis anos ocorreu. A *Revista* retorna em junho de 1926. Neste ano e em 1927 foram publicados quatro fascículos anuais, correspondendo à periodicidade trimestral.

O periódico campineiro fica, então, nove anos com a publicação suspensa, reaparecendo apenas em 1936, com um número especial, comemorativo do centenário do nascimento de Carlos Gomes. Há, então, um longo período de quinze anos de recesso. A publicação só volta a circular em 1951, com outro número especial, este dedicado ao centenário de Bento Quirino e permanece até 1959, sendo neste período publicados oito números (59 a 65). Encerra-se, desta forma, a publicação deste periódico. Apenas no ano de 1976, em comemoração ao 75º aniversário do Centro de Ciências, publicou-se uma edição especial, abordando a própria entidade, mas que não trouxe nenhuma indicação de número.

Devido à extensão e à irregularidade de sua publicação, um estudo que contemplasse a completa coleção da *Revista* se fez inviável; era, assim, fundamental delimitar um período para seu estudo e assim o fizemos: este trabalho trata da *Revista* desde sua fundação (1902) até sua primeira grande interrupção, ocorrida em 1916.

Para uma familiarização com o objeto de estudo, julgamos necessário um primeiro reconhecimento, descrições físicas e características gerais da *Revista* que permitem ao leitor uma aproximação com o corpus documental desta pesquisa. Assim, ver-se-á, a seguir, um quadro explanatório dos primeiros quarenta e cinco números da *Revista do Centro*:

Capa: A capa deste periódico já exteriorizava seu tom sóbrio e formal: na parte superior, figuravam as informações sobre a data e o número seqüencial da publicação; logo abaixo,

em letras grandes, vinham impressos o título e o sumário das matérias. Na parte inferior, era impresso o endereço do Centro de Ciências e informações sobre o local de impressão da *Revista*. Nesta organização, nota-se um lugar de destaque, o centro da capa, para o sumário das matérias, disposição a nos informar que “nada poderia expressar melhor os objetivos deste periódico e revelar sua natureza do que o sumário”⁶, anunciador de artigos longos, apresentados, especialmente nos números iniciais, sob o jugo da seriedade própria dos textos científicos.

Formato/ Dimensões. Desde a sua fundação e sua primeira edição até o quadragésimo quinto número, o formato/dimensões do periódico campineiro fora o mesmo (24 x 16 cm), à exceção do vigésimo quinto número, que exhibe um formato menor, com dimensões de 23 x 15,5 cm. Outra modificação sofrida é o número de páginas. A *Revista do Centro* surge em seu primeiro número com um montante de cento e quarenta e oito páginas, quantidade mantida com pequenas oscilações até a edição de número 13. Desta até o número 24, sofre uma acentuada queda no número de matérias publicadas, chegando o número 21 a contar com apenas 18 páginas. A partir da edição 25, o periódico volta a publicar um conteúdo considerável, não deixando, porém, de sofrer acentuadas oscilações e alterações em sua extensão.

Ilustração. Este periódico, em toda sua trajetória, jamais dispôs de um rico projeto gráfico. Era impresso em preto e branco, sem que as cores aparecessem nem mesmo nas ilustrações e fotografias, que foram raras. Apenas nas duas últimas edições do ano de 1916 (respectivamente números 44 e 45) é que a imagem ganha um papel maior no periódico. Na edição de número 44, encontram-se dezenove fotografias e, no número 45, treze.

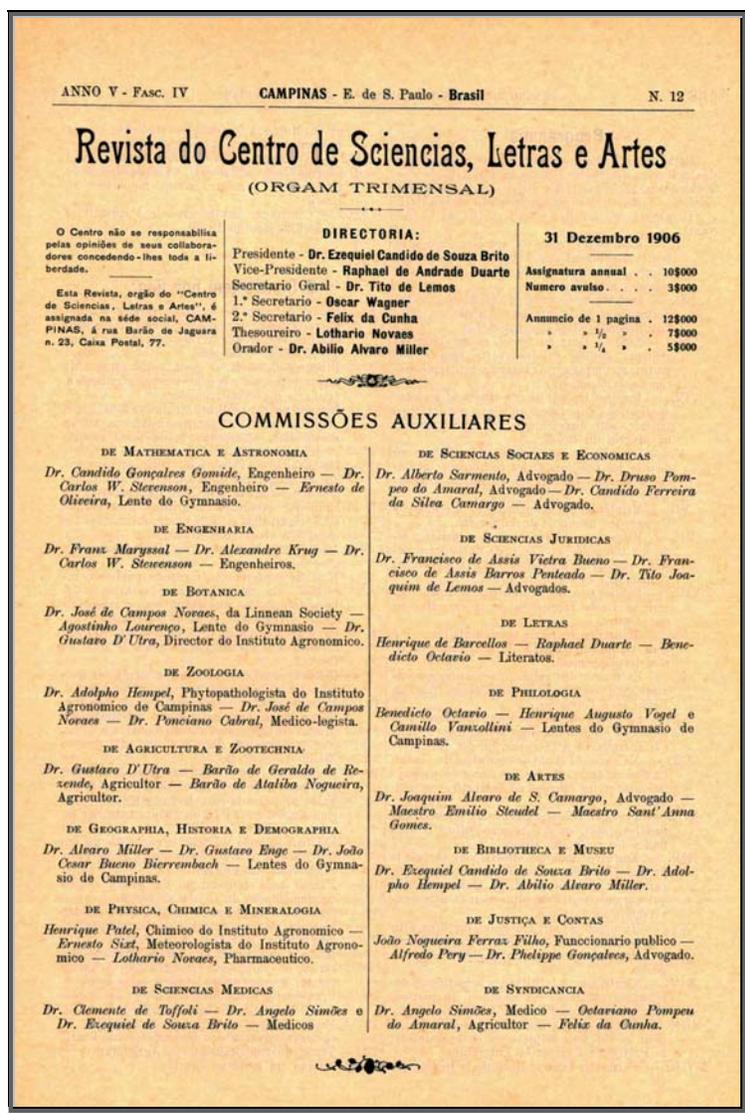
Publicidade: A *Revista do Centro* não contava com um grande aparato publicitário. O primeiro número a contar com publicidade é o terceiro (de 30 de abril de 1903), que em 20 páginas avermelhadas traz cerca de 25 anúncios diversos. Publicidade de farmácias, médicos, empórios, firmas comerciais, alfaiataria, atelier artísticos, laboratórios, firmas do

⁶ LUCA,1999,p.48.

Rio de Janeiro e de São Paulo, indícios da circulação da publicação campineira em São Paulo e na Capital da República. As demais seis edições trazem sem grandes variações os mesmos tipos de mensagens publicitárias.



Capa do periódico campineiro (Nº 12)



Frontispício do Nº 12

Programme

Cette Société d'encouragement pour la culture des Sciences, des Belles Lettres et des Arts, fondée à Campinas, après avoir fait appel à tous les esprits éclairés du Brésil, a été inaugurée le 31 Octobre 1901. Le programme qu'elle prétend suivre est le suivant:

- I. — Encourager, chez ses associés, l'étude et le développement des branches ci-dessus indiquées, en réservant ses soins spéciaux aux sciences naturelles.
- II. — Développer le goût de l'étude de l'idiome portugais et de la littérature, traditions, *folklore* (légende) et poésie nationales.
- III. — Étudier l'Art au Brésil, même chez les indiens, depuis sa découverte jusqu'à nos jours; accompagner l'évolution artistique nationale et étrangère.
- IV. — Inspirer le goût de ces études et de leurs applications, de façon qu'elles puissent contribuer, soit directement, soit indirectement au progrès du Brésil.
- V. — Stimuler les excursions scientifiques; en décrire les résultats et les recherches; élaborer des mémoires sur les études et observations faites.
- VI. — Maintenir une Bibliothèque et un Musée à l'usage des membres de la Société.
- VII. — Faire des conférences sur les matières ci-dessus indiquées, et s'occuper de tous les sujets qui aient pour but le développement économique et social du Brésil.
- VIII. — Publier tous les trimestres une Revue qui sera le fidèle rapporteur de la vie officielle du «Centro».
- IX. — Tenir des réunions hebdomadaires, où il sera traité des intérêts de la Société et de son développement.
- X. — Entretenir des relations scientifiques suivies avec les Sociétés congénères, tant au Brésil qu'à l'étranger.
- XI. — S'occuper de tout ce qui se rapporte à la médecine en général, mais spécialement à celle qui se rattache à la région de cet Etat.
- XII. — Vulgariser l'étude des maladies de plantes et d'animaux; répandre des conseils prophylactiques et les moyens de combattre ces maladies.
- XIII. — Protéger l'enseignement des sciences naturelles, afin qu'il devienne effectif dans toutes les écoles du Brésil.
- XIV. — Employer tous les efforts pour obtenir la promulgation et la mise en exécution de lois rurales et forestières et de toutes mesures qui auraient trait à la protection et à la conservation de la Flore.
- XV. — Tâcher d'obtenir toutes les mesures officielles, tendantes à la conservation de la Faune et à la réglementation de la chasse et de la pêche.
- XVI. — Contribuer à la diffusion scientifique des richesses naturelles du Brésil et, en particulier, de celles de l'Etat de S. Paul.
- XVII. — Donner des soirées artistiques et littéraires, dont le but sera de propager et de maintenir le goût pour l'Art et la Littérature.
- XVIII. — Permettre l'entrée libre de la Bibliothèque

et du Musée à la jeunesse studieuse et aux particuliers.

- XIX. — S'occuper d'investigations historiques et géographiques en général, et spécialement de recherches de même nature rapportant au Brésil.
- XX. — Contribuer aux progrès de l'Agriculture et de l'Élevage au Brésil.

O Centro tem por fins:

- 1 — Promover entre os socios o estudo e o desenvolvimento de todos os ramos das Sciencias das Letras e das Artes, com especialidade das Sciencias Naturaes.
- 2 — Procurar despertar o gosto pelos estudos da lingua vernacula e egualmente pelas tradições, fabulario e poesias nacionaes.
- 3 — Estudar a Arte no Brasil, inclusive a indigena, desde os primeiros tempos historicos até os nossos dias, acompanhando de perto as suas evoluções no paiz e no estrangeiro.
- 4 — Desenvolver no Estado o interesse por taes estudos e suas applicações que, directa ou indirectamente, possam concorrer para o progresso patrio.
- 5 — Promover excursões scientificas, descrevendo seus resultados e elaborando memorias dos estudos e observações feitas.
- 6 — Manter um Museu o uma Bibliotheca para gozo dos socios.
- 7 — Realisar conferencias, tornando publico o interesse pelas Sciencias Letras e Artes e debatendo questões que digam com o desenvolvimento economico e social do Brasil.
- 8 — Publicar de tres em tres mezes, esta Revista, servindo de repositórios de todas as actas do Centro.
- 9 — Celebrar reuniões semanais afim de manter constante a acção que constitue o programma social.
- 10 — Entretre assidua correspondencia com os institutos congengeres nacionaes e estrangeiros.
- 11 — Tratar de assumptos de Medicina em geral, com especialidade d'aquelles que affectem ao Estado de S. Paulo.
- 12 — Vulgarisar o estudo das molestias de animaes e plantas, indicando os meios de as debellar.
- 13 — Fazer propaganda para tornar effectivo o ensino das Sciencias Naturaes em todas as escolas do paiz.
- 14 — Esforçar-se pela adopção e execução de leis florestaes e ruraes e attinentes á protecção e conservação da Flora.
- 15 — Fugnar pela conservação da Fauna e pela regulamentação da caça e da pesca.
- 16 — Contribuir para tornar scientificamente conhecidas as riquezas naturaes do Brasil, particularmente as do Estado de S. Paulo.
- 17 — Realisar opportunamente sarans artisticos-litterarios, ou puramente artisticos com o fim de manter o gosto pelas letras e pelas artes.
- 18 — Franquear a Bibliotheca e o Museu á mocidade estudiosa mediante a apresentação de um socio.
- 19 — Fazer estudos historicos e geographicos de caracter universal e particularmente do Brasil.
- 20 — Tratar do melhoramento da Agricultura e da criação em geral no Brasil.

Programa do CCLA no verso do frontispício (Nº 12).

30 de junho de 1913 E. U. do Brasil E. de S. Paulo N. 31

REVISTA
— do —
Centro de Sciencias, Letras e Artes
— de —
CAMPINAS
ORGAM TRIMENSAL DO INSTITUTO

Redactor-gerente: *Raphael Duarte*

ANNO XII — FASC. II

Summario

<p>I — Grupo de Directores. II — Directoria e Comissões. III — Programma do Centro. IV — Zona creança passou — <i>G. Redondo</i>. V — Zonas naturaes de produção brasileira em suas relações botánicas e dendrológicas — <i>Dr. Sousa Brito</i>. VI — O Regente Feijó — <i>Tito de Lemos</i>. VII — Accidentes da chloroformação sob o ponto de vista medico-legal — <i>Dr. Ponciano Cabral</i>. VIII — Documento precioso — <i>Alberto Faria</i>. IX — Meu filho... — <i>R. Duarte</i>. X — Conferencia sobre d. Vasco da Gama e a caridade dos portugueses</p>	<p>no Brasil — <i>Joaquim G. Pinheiro</i>. XI — O Manuel Lino — <i>Redacção</i>. XII — No Peraguy (1865) — <i>A. Rebouças</i>. XIII — Exposição Segall — <i>A. I. X.</i> XIV — As causas da coloração da agua — <i>A. Freitas</i>. XV — Conceitos honrosos extrahidos do Livro de visitantes illustres. XVI — Sessões do Centro. XVII — Lista dos socios effectivos até 30 de junho de 1913. XVIII — Socios correspondentes até 30 de junho de 1913. XIX — Noticiario.</p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao CENTRO DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES
CAMPINAS — Rua da Conceição — CAIXA, 76

1913
ESTABILIMENTO TIPOGRAFICO F. L. L. GANTON
S. PAULO

Capa (Nº 31).



1 2 3 4 5 6 7

Segunda Directoria (1902-1903)

- Dr. José de Campos Novaes, presidente (3)
- Dr. Angelo Simões, vice-presidente (4)
- Henrique de Barcellos, secretario geral (1)
- Dr. João Cesar Bueno Bierenbach, primeiro secretario (5)
- Dr. Carlos Edmundo Amalio da Silva, seg. (7)
- Dr. E. C. de Souza Brito, orador (6)
- João Nogueira Ferraz, thesoureiro (2).

Não publicamos aqui, conforme desejavamos, a photographia da primeira directoria do Centro, por não terem os directores dessa epocha deixado uma photographia qualquer que nos servisse de modelo para o cliché.

E, entretanto, de justiça, consignarmos os nomes dos benemeritos que, primeiro, arrotearam o campo abençoado de que vamos hoje recolhendo tão preciosas mesetas.

São elles:

Conselheiro Leoncio de Carvalho, presidente,
 Dr. José de Campos Novaes, vice-presidente,
 Dr. João Cesar Bueno Bierenbach, primeiro secretario,
 Dr. Angelo Simões, segundo secretario,
 Coelho Netto, orador,
 Dr. Edmundo Krug, thesoureiro.

Desses nucleos de benemeritos a quem tanto deve esta instituição, apenas sobrevivem, aos seus caros compãmeiros de directoria, os seguintes consocios: José de Campos Novaes, Coelho Netto, Edmundo Krug, E. E. Amalio da Silva, dr. E. C. de Souza Brito e João Nogueira Ferraz. Destes residem em Campinas, Campos Novaes e J. Nogueira Fer-

raz, Edmundo Krug, em Santos, e os outros no Rio de Janeiro. Em os numeros subsequentes, publicaremos novos clichés, sempre em ordem chronologica, de maneira a darmos a nossos prezados consocios, as figuras em relevo dos que têm trabalhado estorcadamente pelo Centro, o bello instituto que tanto honra a terra campineira.



Segunda Diretoria do CCLA na primeira página da Revista de Nº 31.

GRUPO DE REDACTORES

<p>HENRIQUE DE BARCELLOS</p>  <p>31-III-1903 a 31-XII-1905</p>	<p>COELHO NETTO</p>  <p>31-III a 31-XII-1902</p>	<p>Dr. ALVARO MILLER</p>  <p>31-III-1906 a 31-XII-1907</p>
<p>Dr. SOUZA BRITO</p>  <p>31 III a 30-IX-1908</p>	<p>ALBERTO FARIA</p>  <p>31-III a 31-XII-1910</p>	<p>RAPHAEL DUARTE</p>  <p>31-12-1908 a 31-XII-1909 e 30-IX-1912 a 31-XII-1913</p>
<p>BENEDICTO OCTAVIO</p>  <p>31-III a 30-VI-1912</p>		

Grupo de redatores da Revista publicado no Nº 33.

REVISTA

— do —

Centro de Sciencias, Letras e Artes

— de —

CAMPINAS

ORGAM TRIMESTRAL DO INSTITUTO

Redactor-gerente: *Alberto Faria*

ANNO XIV — FASC. IV

Sumario

- | | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------|
| I— <i>Milagze</i> , soneto autographo | — Olavo Bilac |
| II— <i>Milagze</i> , desenho a carvão, illustrando o precedente | — Ruy Ferreira |
| III— <i>Esboços de biographia e critica</i> : III, Capistrano de Abreu; IV, Lucio de Mendonça; V, Magalhães de Azeredo | — Mario de Alencar
— João Ribeiro |
| IV— <i>Chuva com sol</i> | — Benedicto Octavio |
| V— <i>Cathedral de Campinas</i> (quatro gravuras) | — Laura da Fonseca e Silva |
| VI— <i>Victoriano dos Anjos</i> | |
| VII— <i>O espelho</i> | |
| VIII— <i>Laura da Fonseca e Silva</i> (retrato) | — Mario Barreto |
| IX— <i>Breves anotações a trechos de St. Luis de Sousa</i> | — Wordsworth e Sainte-Beuve |
| X— <i>Curiosidades literarias</i> , sonetos esquecidos de | — Alpha |
| XI— <i>Dr. Thomas Alves Filho</i> (retrato) | — Dr. Carlos Stevenson |
| XII— <i>Dr. Thomas Alves Filho</i> | — Dr. Antão de Moraes |
| XIII— <i>Centro de sciencias, letras e artes</i> , discurso pelo presidente. | — Annibal Freitas |
| XIV— <i>Os noivos mortos</i> , elogio fúnebre pelo orador official. | — Dr. Antão de Moraes |
| XV— <i>Relatório de 1915</i> , pelo 1.º secretario. | |
| XVI— <i>Alberto de Oliveira</i> , saudação ao poeta pelo orador official. | |
| XVII— <i>Noticia</i> | |

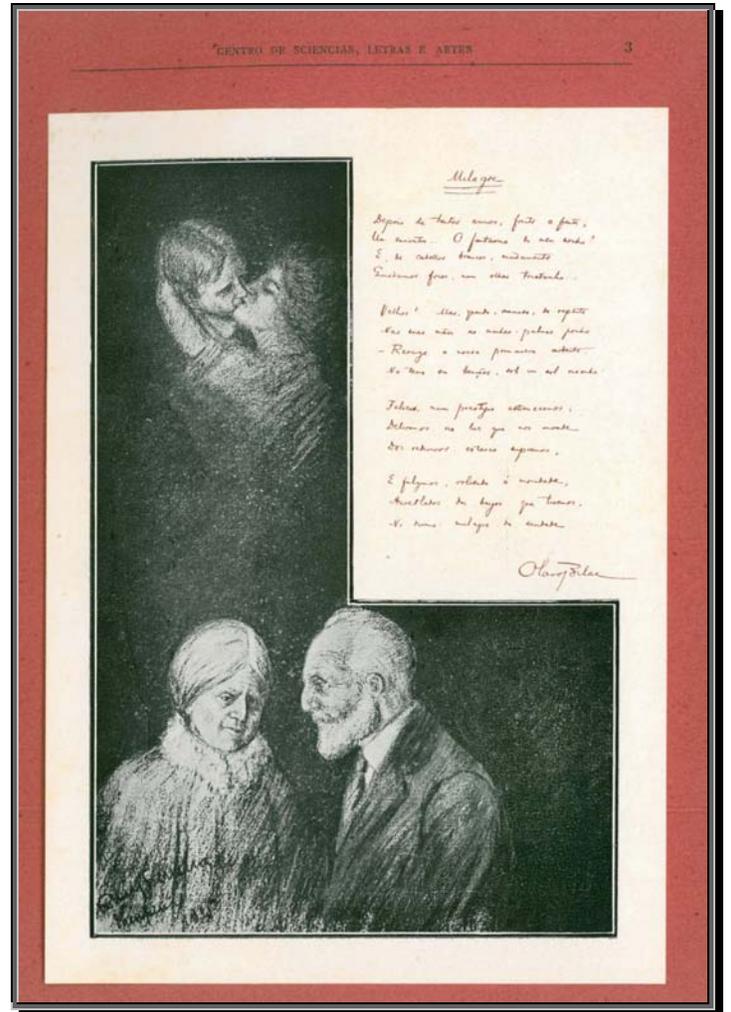


Toda a correspondencia deve ser dirigida ao CENTRO DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

CAMPINAS — Rua da Conceição — CAIXA, 76.

1915
TYP. DA CASA GENOUD
CAMPINAS

Capa (Nº 41).



Fac-simile de Olavo Bilac (Nº 41).

No que tange ao aspecto estético, poucas são as alterações que se fazem nos números analisados; assim, caracterizar a *Revista* neste aspecto não nos impôs dificuldades; todavia, trabalhar o conteúdo eclético, num almejo de esquadrihá-lo e entendê-lo mostrou-se, desde o início, a maior questão desta pesquisa. A atitude tomada foi, então, familiarizar-se com trabalhos cujo objeto de estudo também fossem periódicos. É neste momento que surgem os estudos de Tânia Regina de Luca, Antônio Dimas e Edney Christian Thomé Sanchez.

A primeira fase da *Revista do Brasil* (1916-1925) é o objeto de Tânia Regina de Luca em *A Revista do Brasil: Um diagnóstico para a (N)ação*, obra em que pretende analisar as leituras que parte significativa da intelectualidade (segmento social que historicamente toma para si a missão de revelar a verdadeira face da nação, identificar seus problemas e apontar caminhos para saná-los) dita pré-moderna produziu a respeito do país, identificando o que ela detectava como problemas e a maneira de solucioná-los.

De Luca preocupa-se em problematizar o epíteto convencional dado ao seu período de estudo, classificação advinda da sombra dos modernos. Segundo a autora, um olhar menos armado revela que os “pré-modernos” empreenderam um enorme esforço para tentar compreender a nação e apontar-lhe caminhos.

Diante da tarefa almejada, a *Revista do Brasil*, mensário publicado em São Paulo ininterruptamente entre janeiro de 1916 e março de 1925, é fonte privilegiada, pois tida como “a principal publicação de caráter cultural da República Velha”, desfrutou de enorme prestígio, ostentou uma longevidade incomum para os padrões vigentes e abrigou em suas páginas os nomes mais representativos da época.

A autora, após descrever e traçar o panorama histórico da *Revista*, aponta como diretriz para a leitura do mensário a questão nacional, tema significativo para a época que celebrava o centenário da Independência, organizando-a em quatro linhas fundamentais que discutiam a nação: História e Geografia, Etnia, Ciência e Língua. É a partir dessas linhas que De Luca desenvolve um trabalho de análise dos artigos e vê emergir das páginas da *Revista do Brasil* “um conjunto de diagnósticos que pretendia refletir sobre a especificidade

do Brasil e propor saídas para os nossos desacertos”⁷. Alguns diagnósticos se circunscreviam à esfera política, já que nossos males advinham de um funcionamento imperfeito das proposições liberais e democráticas. Outros provinham do discurso científico, segundo o qual a inferioridade étnica condenava a maioria dos brasileiros a um estado de sub-cidadão, sendo necessário curar e tratar a população e só assim esta seria arrancada de seu estado mórbido. Tais saídas elevariam o país, uma espécie de agregado informe, à condição de São Paulo, estado modelo de sucesso econômico, progresso e modernidade em pleno trópico.

Longe de discussões políticas e científicas encontra-se a *Kosmos*, mensário ilustrado carioca cujo estudo é empreendido por Antônio Dimas em *Tempos Eufóricos*. Seus sessenta e quatro números trazem uma revista de feitio estético exuberante; seu formato grande, papel *couché*, fartas ilustrações, diagramações sofisticadas e um uso intenso de cores na capas e no interior relegaram o texto escrito a um plano secundário, pois a Redação empenhava-se no sentido de tudo ilustrar.

Não orientada exclusivamente para a literatura, era a *Kosmos* precursora de um periodismo de “feição mais mundana”, elaborada para um consumo mais genérico, mais diversificado, era, assim, uma revista de ilustração, “de popularização, para preencher o ócio com dignidade”⁸ e correspondia ao esforço brasileiro de europeizar-se, de promover uma imagem civilizada e favorável do país.

A revista, que circulara de janeiro de 1904 a abril de 1909, instiga seu pesquisador por uma coincidência cronológica: seu aparecimento, mensário exuberante, é concomitante à também exuberante remodelação urbana empreendida no Rio de Janeiro por Pereira Passos e Rodrigues Alves. Relacionar esses dois acontecimentos é uma via de interpretação evidente, todavia, não única. *Kosmos* também é um fruto de uma nova mentalidade jornalística brasileira, mentalidade de cunho empresarial, também permeando a produção deste mensário a consciência profissional que passava a exigir o trabalho intelectual dos “intelectuais-jornalistas” do país.

⁷ LUCA, 1999, p.297.

⁸ DIMAS, 1983, p.9.

Antônio Dimas conclui que *Kosmos* não era um órgão oficial da política de remodelamento e civilização carioca; fora um virtual porta-voz oficioso, “uma referência concreta e globalizadora de um período eufórico e ingênuo. *Kosmos* e Avenida Central beneficiam-se e complementam-se. Esta prolonga-se naquela”⁹. Para chegar a essa conclusão, Dimas debruça-se sobre a produção literária de *Kosmos*, apresentando e analisando o conto, a crônica, a poesia e a crítica que foram veiculados neste mensário.

Para analisar o mundo letrado brasileiro do século XIX a partir do conceito de cidade letrada proposto por Angel Rama em *A Cidades das Letras*, Edney Sanches toma por objeto de estudo a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. O periódico institucional, regularmente publicado desde 1839 pelo IHGB, mostrou-se fonte privilegiada para o cumprimento de tal proposta.

Sanches divide seu trabalho em duas partes. A primeira destina-se a investigar um pouco da trajetória do Instituto com o almejo de apresentar a seu leitor quem eram esses homens que de maneira coletiva produziam este periódico. Ao traçar estas informações históricas, o autor preocupa-se em estabelecer um paralelo entre a instituição e o conceito de “cidade letrada”. Na segunda parte, investiga as marcas de produção da Revista, que representou, conforme nos afirma, “um papel fundamental na inserção do Instituto no meio letrado de sua época. Ela foi responsável por dar ao Instituto Histórico uma visibilidade muito maior. Através dela o Instituto ampliava o alcance dos seus atos e idéias”¹⁰. Dedicase, assim, à observação das vinhetas presentes nas capas e nas páginas, a conhecer os impressores da Revista, sua circulação (quais eram as associações que a recebiam), apresenta-nos a organização interna do periódico, a composição de suas seções, bem como suas reedições.

Fazendo da *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes* o objeto deste estudo, fomos influenciados diretamente pelos trabalhos de Edney Sanches e de Antônio Dimas. Do primeiro, advém a idéia de trabalhar com a produção institucional veiculada no periódico campineiro (tanto a *Revista do Centro* quanto a do IHGB são publicações institucionais). O segundo nos leva a trabalhar com as manifestações literárias da *Revista*,

⁹ *Ibidem*, p.133.

¹⁰ SANCHEZ, 2003, p.120.

acrescendo a esta proposta a análise dos artigos de cunho científico e artístico, para, assim, abrangermos por completo o conteúdo de nosso objeto de pesquisa.

O trabalho com a *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas* tem seu início em 2001, com a elaboração de um índice geral classificatório por assunto. Indexar a coleção completa deste periódico fora a maneira encontrada para adquirir familiaridade com o objeto de estudo, bem como apreender o seu conteúdo e a sua disposição ao longo das décadas de sua publicação.

A classificação metódica e completa dos sessenta e seis números da *Revista do Centro*, publicados entre os anos de 1902 a 1976, fora elaborada mediante a um sistema classificatório sistemático - inspirado no que fora utilizado por Antônio Dimas em seu trabalho com a *Kosmos* - que informava o ano e o mês do artigo, a qual seção e subseção pertencia e qual era seu número no interior daquela subseção. Desta forma, a numeração classificatória seguia a seguinte ordem: 1.2.3.4.5, onde:

- 1- os anos de publicação da Revista
- 2- os meses de publicação
- 3- a seção maior
- 4- a subseção
- 5- número da matéria dentro da subseção

Os artigos constituintes da *Revista do Centro* foram divididos em seis seções maiores que compreendiam as abrangentes áreas do conhecimento, tais como: letras, humanidades, politécnica, biologia, artes e diversos. Cada seção fora sujeita a subdivisões para que o sistema classificatório abrangesse todo o conteúdo do periódico em estudo.

Finalizada, a indexação possibilita um olhar sistematizado para o conteúdo da publicação, habilitando a identificação das produções significativas. Era necessário detalhar estas produções e é neste trabalho de conhecimento mais significativo que este estudo tem sua finalidade.

Analisando os quarenta e cinco números iniciais da *Revista do Centro*, deparamos com um periódico miscelâneo que se destina às sínteses de estudos, discussões e palestras referentes às letras, às ciências e às artes, mas que também veicula uma produção

institucional, tais como atas, listas de sócios, periódicos recebidos pela agremiação, discursos e relatórios informantes da atividade do instituto.

Mediante a sua disposição, um caminho para o estudo da *Revista* nos pareceu claro: para compreendermos o que os redatores (sócios do Centro de Ciências) entendiam como ciências, letras e artes, era necessário nos debruçarmos sobre as matérias destinadas a tais campos, todavia para conhecermos este periódico, bem como sua instituição (ou a representação que dela se fazia), era necessário trabalharmos com os relatórios, com os discursos proferidos nas sessões do Centro e transcritos para a *Revista* e com as demais produções que nos possibilitassem este conhecimento, tal como o soneto, presente no segundo número, em homenagem à instituição campineira.

Seguindo esta divisão, lançamos-nos à leitura de relatórios e discursos, que dividimos, a priori, em dois pólos conteudísticos: ora os discursos se destinavam a louvar o próprio Centro de Ciências e, em especial, eram proferidos no natalício de sua fundação, ora se detinham no elogio de personalidades, qualificadas como egrégias, que de alguma maneira tinham suas vidas atreladas à agremiação e/ou à cidade de Campinas.

Ao elogiarem a agremiação, relatórios e discursos nos possibilitam conhecer as representações construídas acerca da cidade de Campinas, do Centro de Ciências, de sócios fundadores e mantenedores que o tornaram possível, bem como da *Revista* da agremiação. Quando os discursos destinam-se a louvar personalidades ilustres, conhecemos quem são os homens elogiados e por que o são, quais os atributos que estes apresentam que os tornam merecedores de louvor na *Revista do Centro* e os constituem em exemplos a serem seguidos.

Versando sobre o Centro de Ciências e sobre os homens concebidos como ilustres, os relatórios e discursos da *Revista do Centro* são importantes instrumentos de legitimação e edificação da auto-imagem da agremiação campineira. Tomadas como tais, estas produções foram as bases para as duas partes iniciais deste trabalho.

No primeiro capítulo, buscamos analisar as representações construídas do Centro de Ciências e de seus segmentos; para isso utilizamos os conceitos de Roger Chartier, para quem as representações são entendidas como classificações e divisões que organizam a

apreensão do mundo social como categorias de percepção do real. Alerta especial encontramos para a parcialidade deste conceito:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. (CHARTIER, 1990, p.17).

No segundo capítulo, o objetivo fora trabalhar com a retórica exemplar dos discursos epidícticos presentes na Revista; o estudo desses textos fora realizado à luz da *Retórica* de Aristóteles (s.d) e das considerações de Olivier Reboul (1998). Definidas as bases teóricas, passamos a esquadrihar, nos discursos e nas biografias, as virtudes que compunham os elogiados. As virtudes identificadas foram agrupadas em quatro grandes domínios: as virtudes tangentes à vida social (como este homem se comporta frente à sociedade), à postura profissional (no que opta por fazer, como procede), à esfera familiar (como um membro familiar, quais as atitudes assumidas pela personalidade) e no trato com o outro, ou seja, como se porta junto a seu semelhante. No final, vimos surgir das páginas da *Revista* um homem exemplar, o egrégio que se faz modelo e como tal deve ser seguido.

No terceiro capítulo, tratamos das produções científicas, literárias e artísticas para compreender o que a *Revista do Centro* entendia e veiculava por ciências, letras e artes. Assim, lançamo-nos à leitura desses artigos, buscando identificar seus autores, traçar perfis, objetivos, agrupá-los em semelhanças para apresentarmos com maior precisão o conteúdo miscelânico que nomeia o periódico de Campinas e qual era seu propósito. Diante de nosso intuito - mapear e compreender a acepção de ciências, letras e artes assumida pela *Revista* -, optamos por fragmentar seu conteúdo, consoante a sistematização presente no próprio nome do periódico. Assim, segmentamos as matérias não institucionais da *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes* em três partições: a primeira abarcaria os artigos de cunho científico; a segunda, os textos relacionados às belas letras e a última, os escritos

pertencentes ao campo das artes. É necessário ressaltar que a divisão adotada para a realização e apresentação desta pesquisa é inexistente no objeto de estudo. Imersa em uma concepção eclética de cultura, a *Revista do Centro* é fruto e representante de um saber enciclopédico, no qual inexistia uma aceção segmentada e especializada do conhecimento.

O ecletismo, característica marcante desta publicação, não se restringe a suas páginas. É, antes, um traço definidor da época. Os periódicos de conteúdo miscelâneo eram vultosos no início do século XX; corriam às mãos dos leitores brasileiros revistas como *Kosmos – Revista Artística, Científica e Literária* - (1904-1909); *Renascença* (1904-1906) e *Revista Maranhense: Artes, Ciências e Letras* (os três primeiros números saem em 1887, sendo relançada em 1916 e publicada até 1920).

É devido ao caráter pluralista destas publicações que Ana Luiza Martins encontra, em seu trabalho de catalogação das revistas paulistas das primeiras décadas da República (1890-1922), acentuada dificuldade. Segundo a autora, o fator complicador de sua tarefa “estava na diversidade temática de uma mesma revista, conforme prática corrente naqueles primórdios de periodismo ilustrado, quando se fazia concessão de toda ordem para ampliar a vendagem”¹¹.

Martins empenha-se para evidenciar a viabilidade comercial do ecletismo. Por intermédio de suas constatações, fica-nos claro que preceitos capitalistas também imperavam no universo das revistas: quanto mais pluralistas fossem as publicações, mais leitores abarcariam. Neste contexto, era de se esperar que quase a totalidade das publicações eram definidas como de “variedades”: “De variedades, praticamente todas o eram, ainda que agrícolas, esportivas ou femininas e tantas, pois em seu interior os assuntos e as seções se diversificavam para agradar ao respectivo público-alvo e aquele que poderia ainda conquistar”¹².

Nesta perspectiva, Antônio Dimas ressalta a preocupação da *Kosmos* quanto à variedade de seu público-leitor. Não especializado, (Dimas nega veementemente que este seja um periódico literário representativo de alguma tendência) o mensário carioca concretizava-se em páginas destinadas a uma pluralidade de direções, afinal, eram

¹¹ MARTINS, 2001, p.276.

¹² *Ibidem*.

demasiadamente hesitantes as definições das faixas consumidoras e a publicação precisava de alguma forma se assegurar.

Entendemos, assim, que o periodismo brasileiro deste momento contará com parcas e incipientes condições para o exercício de uma especialização temática; o público segmentado era pequeno, não consolidado, sendo este um significativo fator para a proeminência do ecletismo. Se nos voltarmos para a *Revista do Centro*, um dado a mais se faz de extrema relevância para a análise desta questão: grande parte dos sócios da agremiação campineira advinham da tradição do saber enciclopédico da Academia de Direito do Largo São Francisco, em São Paulo, centro disseminador de intelectuais no país.

É assim que o seu caráter eclético, os seus redatores e o perfil assumido pelas matérias da *Revista do Centro* fazem dela representante de um saber enciclopédico. Em um mesmo volume, reúnem-se estudos, discussões e palestras abrangentes às ciências, às letras e às artes, que ora almejam ser fonte de um conhecimento ilustrado; ora comprometem-se em divulgar a esfera pragmática, especialmente, dos estudos científicos; além de serem veículo de uma produção especializada em uma determinada área do saber. Enciclopédica, a *Revista*, também em sua produção não epidíctica, desempenha um papel pedagógico, pois é veículo de um conhecimento pluralizado e, no tangente à esfera científica, tantas vezes, este conhecimento é inovador.

Ao veicular um múltiplo saber, a *Revista do Centro* só poderia ter um múltiplo público leitor, que se define naquele, que apenas busca ilustração; no leitor assíduo de poemas e críticas literárias; no cientista, que almeja conhecimento acerca das mais recentes descobertas e também no agricultor, que busca aplicar alguns destes saberes para obter melhores resultados em sua plantação.

UM CENTRO EGOCÊNTRICO

O periódico campineiro, que se dedica, no início do século XX, aos avanços das ciências naturais, às letras e às artes, não apenas cumpre seu papel de informante miscelâneo, como constrói, através da publicação dos discursos comemorativos ao natalício do Centro e dos relatórios anuais das atividades da agremiação, diversas representações acerca de Campinas, do Centro de Ciências, de seus fundadores e mantenedores e da própria revista.

Essas representações exibem uma localidade cuja “seiva fecunda” não poderia deixar de originar um insólito núcleo, o Centro, cujos esforços se destinariam ao cultivo e à divulgação do saber, fatores de civilização e de progresso para a tradição cientificista daquele momento. Este núcleo de conhecimento, fundado por visionários e mantido por individualidades laboriosas, tinha como veículo público uma revista que espelhava sua atividade e o colocava em diálogo com agremiações congêneres do país e do estrangeiro.

Os textos publicados na *Revista do Centro* sobre a instituição e sobre si mesma constroem a imagem de uma cidade, de uma instituição, de indivíduos e de um periódico que se querem reconhecidos por suas exímias características e por seus feitos ilustres, nem que para isso exceda-se em enunciados cuja base seja a auto-afirmação.

1.1. A CIDADE

Entre as construções acerca da cidade de Campinas trazidas pela *Revista do Centro*, uma é única ao revelar a singular propriedade desta localidade: Campinas detém uma seiva que a faz um meio social fértil e “fecundo de trabalho e à sombra desta característica progridem sempre as ciências, as letras, as artes e os povos”.¹³ É esta seiva, geradora da “águia do Guarani”¹⁴, a responsável pela altivez e destreza da cidade.

¹³ Brito, Souza. Discurso proferido na sessão comemorativa da fundação do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, em substituição ao orador, senhor Coelho Netto, mesmo indicado, de acordo com os estatutos. Elogio histórico de Leopoldo Miguéz. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 3, p.106, 30 de abril de 1903.

¹⁴ *Ibidem*, p.106.

A “seiva” do município não é uníssona ao traçar o diferenciado caráter deste e de seus habitantes; Campinas também é reconhecida como a “terra de netos dos bandeirantes, pátria de indivíduos que herdaram o espírito ousado e a audácia incomparável dos devassadores das matas” e que “desde seu início na vida municipal, deu a medida do esforço próprio”¹⁵. Os predicados iniciais da cidade - audácia, esforço e propriedade – não a desacompanharam e, em conjunto, seguiram-na por todo seu percurso.

César Bierrenbach exemplifica este notável percurso, em 1903, ao evidenciar que trinta anos antes, nenhuma outra cidade, sem foros de capital, apresentava-se nas “províncias do Brasil, com os altos créditos desta que emulava com S. Paulo no amor à ciência, sobrepujava-a na riqueza, salientava-se pela sua esmerada sociedade e fidalga sociabilidade, impunha-se pela sua altivez e até provocava relativo despeito pela evidente consciência de suas opulências que outras criam ser arrogância”¹⁶. Além de todas as pujanças descritas por Bierrenbach, cabe, ainda, à cidade o reconhecimento por ser o local no qual “foram travados intelectualmente os embates das propagandas públicas”¹⁷ e a terra que ergueu o colégio Culto à Ciência, “um curso secundário que aspirava rivalizar com o colégio Pedro II”¹⁸.

Diferentemente da cidade descrita por César Bierrenbach, a Campinas posterior às crises epidêmicas de febre amarela ocorridas no final do século XIX não se revela em faustos, mas em heroísmo. Passados os colapsos da epidemia que atingiram-na, levando “em turbilhão de morte, de sofrimento e dor, grande parte das energias vivas desta terra de iniciativas distintas”, a cidade, que fora “duramente ferida pelo ciclone da devastação, surgira heróica das cinzas de seus mortos queridos!... E essa ressurreição gloriosa fizera

¹⁵ Cabral, Ponciano. Sessão Solene comemorativa do 7º aniversário do Centro de Ciências, Letras e Artes, e da inauguração do edifício social em 31 de Outubro de 1908. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 20, p.125, 31 de dezembro de 1908.

¹⁶ Bierrenbach, César. Relatório do CCLA do 1º secretário Dr. César Bierrenbach, lido em sessão de 31 de outubro de 1902. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 5, p.252, 31 de outubro de 1903.

¹⁷ *Ibidem*.

¹⁸ *Ibidem*.

vingar também novas energias e aspirações mais alevantadas, porque sempre fecundo foi seu meio intelectual e fertilizadora sua ação social”¹⁹.

Seja pelas opulências ou pelo heroísmo, Campinas é um local fadado à admiração aos olhos de Ponciano Cabral. O redator, que vislumbra o futuro da cidade, anuncia:

*um dia, em data porvindoura, o viajante que se detiver nesta cidade, contemplando-a notável pela higiene, notável pelos calçamentos, notável pelos méritos de seus filhos; depois de correr seus logradouros com estátuas e hermas, de Carlos Gomes, imorredouro no bronze como nas páginas da história musical, de César Bierrrenbach, o fluente orador, (...) depois de admirar os edifícios grandiosos que a vontade do povo fez brotar da terra (...) exclamará convencidamente: - Não! Campinas não morrerá!*²⁰

Ponciano Cabral prenuncia uma cidade admirável ao estrangeiro pela civilidade – cuja referência estabelece-se nas menções à higiene e ao calçamento, premissas de uma localidade urbana estruturada e não provinciana – e pelos méritos alcançados por seus filhos, ou seja, aqueles que nasceram em Campinas ou por ela passaram a dignificaram com seus feitos ilustres. É justamente sob esta construção que se estabelece uma significativa forma de elogio à cidade e edifica-se a imagem de uma localidade que alcança seu renome também por intermédio de seus honrosos habitantes.

O primeiro redator a utilizar tal recurso fora Henrique de Barcellos, em artigo veiculado no segundo exemplar da *Revista do Centro*. Para o sócio redator, Campinas fora a terra que em seu seio acalentou “Corrêa de Melo, o botânico consagrado, e Hércules Florence, o predecessor de Daguerre, que entregou à pátria da arte um obscuro rapaz que lhe desenvolveu glorioso nome de Carlos Gomes; (fora o) berço de um bispo e de políticos eminentes; pode assinalar nos seus anais que sob este céu alvoreceu a inteligência de Santos Dumont, herdeiro da glória contestada do Padre Voador: aqui ilustrou a cátedra do

¹⁹Stevenson, Carlos. Centro de Ciências, Letras e Artes, discurso realizado pelo presidente no 14º aniversário do Instituto, **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 41, p.37, 31 de dezembro de 1915.

²⁰ Cabral, Ponciano. Sessão Solene comemorativa do 7º aniversário do Centro de Ciências, Letras e Artes, e da inauguração do edifício social em 31 de Outubro de 1908, *op. Cit.*,p.126.

professor Edmundo Bitterncourt, uma das nossas mais pujantes mentalidades jornalísticas.”²¹

Barcellos, ao citar as glórias campineiras “legítimas e não falsas”²², percorre nomes, alguns de reconhecimento nacional, pelos campos biológico, musical, político, da aviação e jornalístico, homens que contribuíram com seus estudos e iniciativas para o progresso municipal e pátrio, já que suas pesquisas datam de uma época na qual “o septo no domínio científico não se conquista por atoardas semelhantes às dos papagaios de *Psaphon*.”²³

César Bierrenbach une-se a Henrique de Barcellos quando escolhe como forma laudatória a Campinas enumerar os diversos talentos concebidos e abrigados na cidade; para o redator, sua terra natal “inspirara a Carlos Gomes, Carlos Ferreira e Quirino dos Santos, estimulara a Hercules Florence, encantara e aplaudira as primícias de Julia Lopes e Filinto de Almeida, amara Correia de Mello, detivera Sant’Anna Gomes, e que em seu Culto à Ciência acolhera Julio Ribeiro, Kopke e tantos mais”²⁴.

Carlos Stevenson reproduz este enunciado de César Bierrenbach ao tratar do heroísmo com que a cidade enfrenta e se recupera das crises epidêmicas no final do século XIX, afirmando ser este um solo fecundo não apenas para as ações sociais, tão necessárias naquele momento, mas também para a produção científica, literária e artística; afinal

*a terra que estimulara Hercules Florence e Corrêa de Mello, inspirara Carlos Gomes e Quirino dos Santos, aplaudira Carlos Ferreira já consagrado e Julia Lopes em suas primícias, detivera Sant’Anna Gomes, e acolhera Julio Ribeiro e João Köpke, soube também honrar e fazer frutificar a sua própria cultura, como previra César Bierrenbach*²⁵.

Nem a seiva fertilizadora, nem a trajetória heróica, nem os filhos ilustres foram os motivos escolhidos por Ruy Barbosa para elogiar e também para construir uma imagem da cidade de Campinas. Ao agradecer a homenagem que recebera da agremiação campineira,

²¹ Barcellos, Henrique de. Centro de Ciências, Letras e Artes. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 2, p.7, 31 de janeiro de 1903.

²² *Ibidem*.

²³ *Ibidem*.

²⁴ Bierrenbach, César. Relatório do CCLA do 1º secretário Dr. César Bierrenbach, lido em sessão de 31 de outubro de 1902, **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 5, p.254, 31 de outubro de 1903.

²⁵ Stevenson, Carlos. Centro de Ciências, Letras e Artes, discurso realizado pelo presidente no 14º aniversário do Instituto, *op. Cit.*, p.37.

em 1914, o visitante afirma que aquilo que o atraiu, muitas e muitas vezes, na praça de Carlos Gomes fora o “espetáculo da volta das andorinhas”²⁶; ele louva a edilidade da cidade “por haver respeitado essa maravilha, e não ter desfeito a antiga pousada a esses alados mensageiros do espaço”, pois “os estranhos, os peregrinos da curiosidade e do gosto virão com freqüência contemplar embevecidos (...) o incomparável quadro vespertino. O pincel dos amigos da natureza trabalhará por debuxá-lo nas telas com as mais suaves tintas da sua palheta. Algum poeta o dedilhará na lira, em versos que perdurem como os de Anacreonte.”²⁷.

A cidade, além de cenário de um espetáculo natural, é retratada como uma estrela que “cintila tão distintamente”²⁸ no horizonte da civilização paulista, em cuja consciência Ruy Barbosa vê a principal muralha contra aquilo que alcunha de dilúvio nacional:

*o esquecimento em que nos afundamos, das nossas tradições, das nossas leis, dos nossos foros de povo civilizado, continuando a nos submergir nesta moleza, nesta indiferença, neste materialismo dos selvagens e dos brutos, deixando-nos soçobrar nesta decadência de tudo, que data de tão poucos, mas parece de centenas de anos, nos mostrarmos indignos de ocupar, na superfície do globo, a cobiçada porção, com que a Providência nos dotou.*²⁹

No combate a essa apatia que acomete o brasileiro, Ruy Barbosa elege a consciência paulista como principal arma, pois

*as energias morais que a constituem, aos seus escritores, aos seus homens de letras, aos seus sábios, aos seus artistas, aos órgãos de seu trabalho, da sua educação, da intelectualidade, toca a missão de reanimar essa consciência poderosa, de a ter ereta, de a fortalecer, de levá-la a resistir e defender-se, para o decisivo papel, que, dentro em breves anos, aguarda, creio eu, a S. Paulo nos destinos do Brasil.*³⁰

²⁶ Barbosa. Ruy. Discurso do exmo. Conselheiro Ruy Barbosa, em agradecimento à homenagem que lhe prestou o Centro, dedicando-lhe a sua 7ª matine, efetuada a 24 do corrente mês de junho. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, números 35 e 36, p.8, 30 de junho e 30 de setembro de 1914.

²⁷ *Ibidem*.

²⁸ *Ibidem* p.9.

²⁹ *Ibidem*.

³⁰ *Ibidem*.

Estrela cintilar da “civilização paulista”, cidade-neta dos bandeirantes; notável pelo amor às ciências, pela civilidade e pela riqueza, que, nos tempos de intempéries, cobre-se de heroísmo e, atemporalmente, engrandece-se na figura de seus filhos ilustres. Assim é Campinas para os sócios redatores da *Revista do CCLA*.

Estas representações constroem um arcabouço simbólico que singulariza a cidade sob seu notório valor e inegável prestígio. E busca atribuir à Campinas do início do século XX uma importância simbólica irreal frente ao fidedigno papel que a cidade, então, possuía, principalmente, se comparada a São Paulo, a capital, que centralizava a economia e a política de toda a região e a qual cabiam os méritos de maior grandeza.

A importância simbólica campineira só cresce quando a *Revista* passa a abordar sua agremiação de origem: a notável Campinas torna-se ainda mais eminente, para os redatores desta publicação, quando a cidade é acometida por uma agitação intelectual que culminara na criação de uma agremiação voltada para o cultivo do saber. Concentremos, agora, nosso olhar para um único ponto desta cidade, reconhecido por reunir boa parte do intelecto do município nos idos de 1900 e realçar o seu distinto cintilar: o Centro de Ciências, Letras e Artes.

1.2. O NÚCLEO INTELECTUAL PARA CAMPINAS E PARA O BRASIL

...era propício o instante: equiparado o Ginásio da União, o idêntico instituto local reclamava novos catedráticos - cujos concursos vieram dar a nossa terra a animação universitária dos grandes centros intelectuais; esses colegas, os profissionais do Instituto Agrônomo e as corporações de clínicos, de advogados e de engenheiros tão bem representadas entre nós, (há no município cerca de cem homens formados, quase todos consócios) bem como o seletivo pessoal superior da grande ferro-via campinense – a Mogiana – constituíam, com os amadores e os estudiosos em geral, um grêmio a congregar.

Ao lado dessas inteligências que são a alma, para a vida espiritual de Campinas, absoluta ausência de órgãos: nenhuma biblioteca, nenhum ponto alheio às rodas parciais e nossa sociedade digna no entanto de algo mais que a porta da botica ou a mesa do jogo, nosso meio intelectual capaz de conter um pequeno instituto! César Bierrenbach, “Relatório do CCLA do 1º secretário Dr. César Bierrenbach, lido em sessão de 31 de outubro de 1902”³¹.

³¹ Bierrenbach, César. Relatório do CCLA do 1º secretário Dr. César Bierrenbach, lido em sessão de 31 de outubro de 1902, **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 5, p.254, 31 de outubro de 1903.

A história da fundação do Centro de Ciências, Letras e Artes proposta por César Bierrenbach nos coloca diante de uma Campinas, do início do século XX, cujo fervor intelectual - fruto da congregação de instituições como o colégio Culto à Ciência, o Instituto Agrônomo, a Companhia Mogiana e outros “amadores” e “estudiosos” da cidade - fora o motivo para a criação de um núcleo que aglutinasse as numerosas “inteligências” existentes no município. É justamente sob esta construção, “um núcleo de inteligências, de intelectuais em Campinas”, que a mais latente auto-imagem do Centro de Ciências, Letras e Artes edifica-se.

A leitura dos discursos comemorativos ao natalício do Centro, dos relatórios anuais informantes das atividades da agremiação e do poema em louvor à instituição revela-nos que este núcleo de intelectuais não vem apenas revelar a existência de uma cidade cuja parte da população dedica-se ao cultivo do saber; este núcleo enaltece o local que o abriga, sendo também responsável por seu renascimento.

É o soneto de Francisco de Assis Vieira Bueno em homenagem ao primeiro aniversário da instituição o texto que a apresenta como aquela que enaltece a cidade de Campinas por meio das Ciências, das Letras e das Artes, oferecendo uma esplêndida prova da primazia desta cidade. Nos seus resplandecentes estandartes, o Centro é o seu brasão mais belo, pois nele se encontravam os baluartes do ideal que fortalecem qualquer povo:

*Se Ciências, Letras e de Artes,
Este Centro Campinas enaltece,
Pois esplêndida prova oferece
De real primazia em nobres partes.*

*Em seus resplandecentes estandartes
É o brasão mais belo, que ela tece.
O que mais qualquer povo fortalece.
São do ideal, estes baluartes.³²*

Se Francisco Bueno distingue um núcleo que enaltece e fortalece Campinas, o jornalista Henrique de Barcellos o reconhece como responsável pela ressurreição da cidade.

³² Bueno, Francisco de Assis Vieira. Soneto dedicado ao Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas em seu primeiro aniversário. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 2, p.44, 31 de janeiro de 1903.

Em defesa desta acepção, Barcellos assegura que a criação do Centro de Ciências coincide com um momento de intensa produção científico-intelectual brasileira e mundial e afirma que “lá fora tudo se está transformando de instante a instante. Surgem os prodígios à medida que as horas voam no espaço e, presa às suas asas, a fama solicita a admiração universal para a vitória do homem sobre as forças da natureza. E, por um feliz destino, com esse ofuscador enxame de maravilhas coincide a existência desta agremiação”³³.

Advindo de um momento de êxtase das ciências e do intelecto, o Centro vem “denunciar a olhos estranhos”³⁴ que nos campineiros “habitam algumas aspirações superiores às das aldeias com o seu horizonte limitado, com a sua política de campanário. Imersas na rede de pequeninas intrigas, comendo e digerindo como se nestas funções fisiológicas residissem os dois pólos da vida, desprovidas das noções dignificantes do homem moderno e deixando-se escorregar lentamente pela aresta da vida à sombra do tumulto!”³⁵. Assim, o Centro, como uma espécie de “aurora benéfica”³⁶, torna possível a afirmação de que o campineiro é um povo “dotado de espírito simpaticamente aberto a todas as investigações científicas, literárias e artísticas”³⁷. Desempenhando tal missão, o Centro executa uma “obra fecunda de ressurreição”³⁸, pois aproxima sua cidade-berço “de suas irmãs, salvando do olvido o nome da terra outrora indicada como a *alma-mater* da iniciativa paulista”³⁹.

É a história campineira que nos permite compreender por que Henrique de Barcelos delega ao Centro de Ciências a ressurreição de Campinas. Fora este município, no final do século XIX, assolado por epidemias de febre amarela, que dizimaram brutalmente a população, provocando uma alta evasão e desmantelando a conjuntura local, então, existente.

³³ Barcellos, Henrique de. Centro de Ciências, Letras e Artes, **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 2, p.5, 31 de janeiro de 1903 .Cf. Artigo completo no Anexo II.

³⁴ *Ibidem*, p.9.

³⁵ *Ibidem*.

³⁶ *Ibidem*.

³⁷ *Ibidem*.

³⁸ *Ibidem*.

³⁹ *Ibidem*.

Segundo Liane Maria Bertucci Martins (MARTINS, 2005), os primeiros casos da doença ocorrem em fevereiro de 1889 e logo a epidemia se alastrou, cessando, sem explicação convincente, no final do mês de junho do mesmo ano. O saldo deixado pela moléstia era desolador: Campinas contava com apenas 10% do número total de habitantes (aproximadamente 3.500 pessoas). E a cidade ainda seria vitimada pela doença nos anos seguintes, especialmente em 1890 e 1896. Será apenas com a chegada do novo chefe da Comissão Sanitária, doutor Emílio Marcondes Ribas, que obras de saneamento básico serão empreendidas na cidade e resultados notórios, conquistados: a febre amarela que matara 321 pessoas em 1897, no ano seguinte faria apenas três vítimas.

Com as epidemias sanadas e melhores condições de salubridade, a cidade paulatinamente se reconstruía; todavia, a epidemia se eternizara em discursos como o do jornalista Henrique de Barcellos e no brasão campineiro, em cujo centro do escudo encontra-se a fênix e logo abaixo, a divisa “*Labore Virtute Civitas Floret*” (“No Trabalho e na Virtude a Cidade Floresce”)⁴⁰. Instituído como brasão de armas oficial da cidade no dia 30 de dezembro de 1889, por iniciativa do médico Ricardo Gumbleton Daunt, o brasão campineiro fora remodelado em 25 de setembro de 1937 e restaurado aos moldes do primitivo em 6 de novembro de 1974. É assim que ruína e “ressurreição” compõem a simbologia de Campinas: uma cidade fênix que renasce das próprias cinzas através do trabalho e da virtude.



⁴⁰ Campos Abreu na **Monografia Histórica do Município de Campinas** elucida os componentes do brasão campineiro: a fênix é “símbolo clássico da renascença, significa, (...) o ressurgimento do Município depois das desoladoras epidemias de febre amarela que dizimaram a sua população, retendo a sua marcha ascensional de progresso. A Fênix simboliza, ainda, a imortabilidade, a fama e a longevidade”. Já divisa lembra “o amor ao trabalho e as qualidades morais da gente campineira”. Cf. **Monografia Histórica do Município de Campinas**, 1952, p.2-3.

Se a cidade se recompõe, o Centro, agremiação reconhecida pelo trabalho e pela virtude, é um dos responsáveis por este feito. A agremiação de singulares ações advém de uma idéia pequenina e utópica, que se concretizará em uma “realidade grandiosamente bela, honrando a terra em que germinou, e de onde esparge flores da mais fina arte e frutos da mais alta valia social”⁴¹, na noite do dia 31 de outubro, no salão nobre do Club campineiro. É esta a data e o local da inauguração solene do “*Grêmio de estudos científicos*, tornado, por proposta de Coelho Netto, *Centro de ciências, letras e artes*, que começou logo sua obra fecunda, discutindo e estudando teses de notável importância”⁴².

Entre as obras fecundas realizadas pela associação campineira encontra-se a construção de seu primeiro edifício social em 1908, cuja inauguração é noticiada no discurso de Ponciano Cabral, sócio-redator que ratifica a visão do Centro de Ciências como “uma agremiação de intuitos elevados”⁴³ e acrescenta ser esta o fruto da reunião dos “esforços de todos os campineiros de boa vontade, sem distinção de classes, de cores ou de partidos”⁴⁴. A construção do edifício social do instituto é a prova desta reunião, construída “num tempo difícil, numa terra ‘essencialmente agrícola’”⁴⁵, “a catedral recente é a mais antiga prova do esforço popular em Campinas”⁴⁶.

Dois anos após a inauguração do edifício sede, Benedicto Octávio reconhece a instituição como “o ponto de reunião do escol mental de Campinas”⁴⁷ e como o “ponto de parada aos visitantes notáveis que penetram a cidade de Carlos Gomes”⁴⁸, mais que tornar conhecido o nome da cidade “em todos os recantos do orbe civilizado”⁴⁹ e consagrar sua

⁴¹ Stevenson, Carlos. Centro de Ciências, Letras e Artes, discurso realizado pelo presidente no 14º aniversário do Instituto, **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 41, p.38, 31 de dezembro de 1915.

⁴² *Ibidem*.

⁴³ Cabral, Ponciano. Sessão Solene comemorativa do 7º aniversário do Centro de Ciências, Letras e Artes, e da inauguração do edifício social em 31 de Outubro de 1908. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 20, p.126, 31 de dezembro de 1908.

⁴⁴ *Ibidem*.

⁴⁵ *Ibidem*.

⁴⁶ *Ibidem*.

⁴⁷ Octávio, Benedicto. Relatório dos trabalhos do Centro de Ciências, Letras e Artes, durante o ano de 1909-1910. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, ano 9, número 28, p.22, 31 de agosto de 1910.

⁴⁸ *Ibidem*, p.26.

⁴⁹ *Ibidem*.

fama “célebre por títulos vários”, torna-se “patrimônio de Campinas, tanto quanto os grandes edifícios e as grandes instituições”⁵⁰.

Na mesma linha discursiva de Octávio, Carlos Stevenson ressalta a importância do Centro para Campinas como o local para onde os hóspedes mais graduados da cidade são conduzidos; afinal, é o Centro a prova de toda a elevação da cultura artístico-literária da cidade. Em 1915, o instituto seria “instalado no modesto edifício que fez construir para sede de seus trabalhos, o museu-arquivo da história de Campinas e de seus homens ilustres; possuía verdadeiras raridades entre coleções da imprensa primitiva, de obras inéditas, manuscritos de Corrêa de Mello, e o arquivo de Carlos Gomes, esse repositório preciosismo de tudo que faz lembrar o glorioso campineiro”⁵¹.

Ao atentarmos para as representações construídas pelos redatores Henrique de Barcellos, Carlos Stevenson e Benedicto Octávio, encontramos motivos para pensarmos em uma relação circular entre a cidade de Campinas e seu Centro de Ciências: o Centro nasce em terras campineiras impulsionado pela “seiva fértil” presente na “*alma-mater* da iniciativa paulista” e volta-se para sua terra criadora, como um filho ilustre, não só a enobrecendo e honrando, mas ressuscitando-a do esquecimento de sua grandiosidade e passando, assim, a ser elemento fomentador da seiva da qual é advindo.

Além de um núcleo que cultiva o saber, enobrece e ressuscita a cidade que o abriga, o Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas também é reconhecido como uma agremiação que se destina à elevação da Pátria. A primeira enunciação desta auto-imagem da instituição se deu pela comissão responsável pela apresentação da *Revista do Centro* no lançamento desta; para o grupo de redatores a instituição campineira não reclamava um lugar preeminente no cenário nacional, todavia não desistia “do seu posto na linha dos que porfiam por puro amor do Espírito e da Pátria”⁵².

Souza Brito é o segundo redator a ressaltar o patriotismo da agremiação campineira; em discurso comemorativo ao sexto aniversário do Centro, ele enaltece o trabalho da

⁵⁰ *Ibidem*.

⁵¹ Stevenson, Carlos. Centro de Ciências, Letras e Artes, discurso realizado pelo presidente no 14º aniversário do Instituto, *op. Cit.*, p.41.

⁵² Comissão. Apresentação pela Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 1, p.3, 31 de outubro de 1902.

agremiação, garantia de tantos benefícios a moços e velhos, e afirma o almejo da instituição em trabalhar para o engrandecimento da pátria-mãe, tanto que não seria imodéstia dizer

*que o nome do Brasil e os foros do Estado e da cidade também lucraram com a criação do ‘Centro’. As provas todos os dias estão a se exhibir nestas referências honrosas que nos chegam de toda a parte, admirando a estabilidade de uma companhia, exposta, como todas deste gênero, a tantas causas de dispersão, de desânimo e de indiferentismo. E, realmente, quem o acreditaria? Aí está o nosso instituto há seis anos!*⁵³

Tito de Lemos rememora a missão patriótica da agremiação no número vinte e nove da *Revista do Centro*, nesta ocasião, evidencia que o instituto “se preocupa seriamente de problemas de que devem resultar utilidade à nossa pátria, por cujo glorioso nome tudo devemos sacrificar”⁵⁴. O mesmo autor, quatro números mais tarde, relata o empenho da diretoria do Centro durante o ano de 1913 em

*dotar este instituto de uma digna biblioteca de obras brasileiras, fato único em nosso país, onde, aliás, se encontram inúmeras e valiosíssimas bibliotecas, porém sem esse exclusivismo que criamos, não somente para facilitar o conhecimento do trabalho intelectual de nossos imortais patrícios, que, por esta forma, tem dado lustre a nossa nacionalidade, especialmente levando em conta o excesso de esforço que se carece empregar, por múltiplos motivos, para aquisição de conhecimentos que ilustrem o espírito e nos tornem capazes de produzir obras de valor literário ou científico (...)*⁵⁵.

Ao criar a biblioteca especializada, Tito de Lemos julga que a diretoria realiza um notável trabalho, principalmente se este for adotado em outras cidades do Brasil, pois é fator de contribuição para o fortalecimento do patriotismo, “que é indispensável para a

⁵³ Souza Brito em Discurso de abertura da sessão solene no 6º aniversário do ‘Centro de Ciências, Letras e Artes, **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 18, p.48,30 de junho de 1908.

⁵⁴ Lemos, Tito de. Alocução proferida por ocasião da abertura da sessão solene de aniversário do Centro de Ciências, Letras e Artes, **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 29, p.49, 31 de dezembro de 1912.

⁵⁵ Lemos, Tito de. Alocução proferida na abertura da sessão solene do duodécimo aniversário do Centro de Ciências, Letras e Artes. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 33, p.41, 31 de dezembro de 1913.

prosperidade e defesa de nossa grande e adorada pátria, não se enxergando nesta nossa aspiração, que, aliás, é muito justa, ostentação de brasileirismo”⁵⁶.

Carlos Stevenson, presidente da agremiação em 1915, apresenta-se em tom mais enfático ao descrever o patriotismo do Centro e compara a agremiação campineira a Santos Dumont, fazendo, para isso, uso da “palavra inflamada de César Bierrenbach”⁵⁷: o Centro de Ciências assim como “o grande nauta do espaço”⁵⁸ “escalando a barreira vaga intransponível, quer justificar, aos olhos do mundo, esta Pátria tão caluniada e incompreendida”⁵⁹.

1.3. O NÚCLEO INTELECTUAL

A obra ingente em Campinas e no Brasil é, aos olhos de Henrique de Barcellos, um “núcleo singular, donde é impiedosamente banida a Política, onde é reverentemente acatada a Ciência, onde se presta fervoroso culto às Artes e às Letras”⁶⁰, esta concepção do Centro como um núcleo de cultivo aos estudos das ciências naturais, das letras e das artes será intensamente recorrente nas produções textuais da *Revista* que se destinarem a expor uma definição da instituição. Para Souza Brito, por exemplo, o Centro é um “núcleo de trabalho intelectual”⁶¹ cuja fundação materializa em Campinas a existência de uma instituição “para ser o que Machado de Assis disse da Academia Brasileira de Letras – ‘uma torre de marfim, onde se acolham espíritos literários com a única preocupação literária, e donde, estendendo os olhos para todos os lados vejam claro e quieto’”⁶².

O mesmo Souza Brito, cinco anos após este primeiro discurso, reforça a imagem de intelectualidade refletida pelo Centro e, no número dezoito da *Revista*, declara que o

⁵⁶ *Ibidem*.

⁵⁷ Stevenson, Carlos. Centro de Ciências, Letras e Artes, discurso realizado pelo presidente no 14º aniversário do Instituto, *op. Cit.*, p.42.

⁵⁸ *Ibidem*.

⁵⁹ *Ibidem*.

⁶⁰ *Ibidem*, p.10.

⁶¹ Brito, Souza. Discurso proferido na sessão comemorativa da fundação do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, em substituição ao orador, senhor Coelho Netto, mesmo indicado, de acordo com os estatutos. Elogio histórico de Leopoldo Miguéz, **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 3, p.106, 30 de abril de 1903.

⁶² *Ibidem*.

instituto vem para marcar na cidade “uma área de vigor intelectual, pela sede de estudos e de saber, em que muitos dos seus mais ardentes pioneiros e alguns que já tombaram na liça procuraram ao nosso lado criar, por assim dizer, um núcleo de assistência recíproca, que cooperasse a um tempo para estreitar os laços de convivência literária e científica”⁶³.

Este escol intelectual em Campinas não tinha senão objetivos relacionados ao desenvolvimento do intelecto; eram, então, almejos da agremiação “estudar os problemas da civilização atual em nosso país e alimentar com os outros povos adiantados este comércio de relações literárias, que representa o passo mais agigantado para cimentar o espírito da solidariedade humana”.⁶⁴ No desenvolvimento do conhecimento, o Centro encontrava meios para tornar realidade o programa de sua política, que nas palavras de Souza Brito era o de “concorrer, estudando a literatura, a arte e a ciência, para formar o patriota, o homem brasileiro amante do trabalho e capaz de morrer em sacrifício de seu país, formar pelo estudo o homem forte”.⁶⁵

Através de Souza Brito é possível compreender que o desenvolvimento dos estudos nas áreas literária, artística e científica formaria o homem forte, que reúne em si todas as virtudes que edificam os homens ilustres elogiados nos discursos da *Revista do Centro*. Assim, o homem, trabalhando para o desenvolvimento de seu intelecto, tornar-se-ia um homem ilustre: seria um brasileiro capaz de morrer por sua pátria e um brasileiro amante do trabalho.

Os dizeres de Souza Brito nos revelam mais. As ciências, as letras e as artes não edificam apenas o homem ilustre, é do “convívio de todos estes ramos da atividade humana, de sua harmonia” que resulta um dos elementos do progresso e “que há de resultar o adiantamento do povo, a educação do meio e o fortalecimento dos laços de solidariedade”. Desta forma, o Centro de Ciências é um representante do que Brito entende por progresso e um instrumento da civilização.

⁶³ Brito, Souza. Discurso de abertura da sessão solene no 6º aniversário do ‘Centro de Ciências, Letras e Artes. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 18, p.47, 30 de junho de 1908.

⁶⁴ *Ibidem*.

⁶⁵ *Ibidem*, p.48.

O mesmo autor apregoa que o “trabalho ininterrupto dos intelectuais, nas letras, ciências e artes tem o efeito maravilhoso de obstar que a humanidade retroceda no caminho da civilização”⁶⁶; para explicar a importância deste trabalho, ele compara uma associação intelectual a um organismo vivo e afirma que o que realiza na vida das células o fenômeno meristemático⁶⁷ é realizado na associação através “da divisão do trabalho e por uma espécie de agonística intelectual que a todos obriga”⁶⁸. Esta agonística é fomentada pela ciência, definida como “o poderoso aluvião humano”⁶⁹, através da qual é possível ao homem “desvendar os mistérios da natureza, pondo-os em aplicação nas artes e na indústria para o fim utilitário da vida social”⁷⁰.

Assim, o que é descoberto por intermédio da ciência também encontra aplicações no campo artístico, área que se apresenta segmentada por “uma espécie de divisão do trabalho”⁷¹. Para Souza Brito, há uma arte prática produtiva e uma grande arte desinteressada; tais diferentes grupos “não podem dispensar o auxílio mútuo uns dos outros, assim como um grande século histórico não pode dispensar os períodos de fermentação lenta que o precedem e produzem”⁷², pois, embora segmentada, a missão da arte permanece única: “educar a inteligência e satisfazer suas aspirações”⁷³.

Ao definir a importância dos trabalhos nas ciências, nas artes e na literatura como instrumento da civilização e do progresso dos povos, os discursos do sócio-redator Souza Brito constituem-se em um indiscutível aval para a manutenção em Campinas de “um

⁶⁶ Brito, Souza. Discurso proferido na sessão comemorativa da fundação do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, em substituição ao orador, senhor Coelho Netto, mesmo indicado, de acordo com os estatutos. Elogio histórico de Leopoldo Miguéz, *op. Cit.* p.108.

⁶⁷ O fenômeno meristemático consiste na multiplicação ou reprodução que se efetua pela vida das células ou dos organismos. In Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. “Novo Dicionário da Língua Portuguesa”, Nova Fronteira, 2ª edição.

⁶⁸ Brito, Souza. Discurso proferido na sessão comemorativa da fundação do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, em substituição ao orador, senhor Coelho Netto, mesmo indicado, de acordo com os estatutos. Elogio histórico de Leopoldo Miguéz, *loc. Cit.*

⁶⁹ *Ibidem.*

⁷⁰ *Ibidem.*

⁷¹ Souza Brito em Discurso de abertura da sessão solene no 6º aniversário do ‘Centro de Ciências, Letras e Artes’, *op. Cit.*, p.48.

⁷² *Ibidem.*

⁷³ *Ibidem.*

núcleo de trabalhadores modestos” cujas atividades colaboravam para a formação do brasileiro patriota, amante do trabalho, apto para a civilização e o progresso.

Para o desenvolvimento de tais noções, Souza Brito estabelece uma comparação entre a atividade exercida pelo Centro de Ciências e o funcionamento de uma célula; nesta visão orgânica do instituto podemos notar a presença de preceitos positivistas norteados as concepções do redator. Sendo assim, o Centro de Ciências, enquanto organismo, é um todo integrado, sem partes melhores ou piores, todas movidas por uma agonística intelectual.

A concepção orgânica do Centro pode ser encontrada mais uma vez quando o mesmo Souza Brito, em 1908, aborda as dificuldades financeiras enfrentadas pela instituição. Com o propósito de justificar as mudanças sugeridas para tornar a agremiação convidativa a novos sócios e, assim, aumentar a captação de recursos, o redator dedica-se a explicar a importância de um organismo livre, não parasitário:

*O fenômeno tem analogias imediatas com o que se observa na série animal. Uma agremiação precisa, sem dúvida alguma, ter vida própria, como os organismos independentes. Faltando-lhe esta condição passa ao estado de vida parasitária.*⁷⁴

Em sua argumentação, Souza Brito utiliza como exemplo o crustáceo *Chondracanthus gibbosus*, animal cuja organização, à primeira vista, tão simples e rudimentar, levou os naturalistas a o classificarem entre os vermes, e os vermes inferiores; ao estudar-se, porém, a sua evolução completa, nota-se que em seu período de vida embrionária e larvar, quando sua organização deveria ser ainda mais simples, é que ela é mais complexa. Brito entende este como um fenômeno de degeneração decorrente do atrofiamento e desaparecimento dos órgãos que conferiam ao animal uma organização superior, degeneração esta que ocorre porque o *Chondracanthus* se fez parasita; esta é “uma consequência fatal em biologia, como em sociologia, que se tornando parasita um organismo degenera, involui. Em todas as manifestações da vida o essencial, pois, é adaptar-se às condições exteriores. Os seres, como as sociedades, que não podem chegar a este fim são fatalmente eliminados pela lei da seleção natural”.⁷⁵

⁷⁴ *Ibidem*, p.49.

⁷⁵ *Ibidem*.

Para não trilhar o caminho da degeneração e da extinção, o Centro deveria “aumentar e largamente o número de seus associados efetivos, os únicos que lhe podem trazer recursos ordinários para facilitar o desempenho espontâneo e independente de seus múltiplos e variados fins, sem o expediente da vida parasitária”⁷⁶; para tanto, Souza Brito sugere que seja criado na instituição anexa ao trabalho científico e literário “que não se interrompe, nem de certo poderá entibiar-se, uma seção diversa, diversões úteis e higiênicas, e um curso de estudos práticos, que, forçosamente, sem atentar de modo algum contra os fins do Centro, antes o completando, chamará ao seu grêmio maior número de elementos que lhe dêem vida e recursos”.⁷⁷ O curso ministrado pelo Centro seria destinado aos sócios considerados menos especializados nas letras e nas ciências e que ainda almejavam aprender, “porque não se julgavam sábios”⁷⁸.

Esta solução para os entraves financeiros enfrentados pelo Centro de Ciências deixa transparecer a mais alardeada auto-representação dos associados: eram estes homens trabalhadores científicos e literários, membros produtores e detentores de um saber que poucos detinham. Dessa forma, um instituto composto por um grupo tão seleta necessitava, para sanar seus problemas financeiros, da abertura de um curso de estudos práticos para aqueles que não se julgavam sábios e que, portanto, encontravam-se à margem do restrito grupo.

Os limites de nossa pesquisa não nos permitem saber se tal proposta fora implantada, mas é possível conhecer, através do discurso de Tito de Lemos, o trabalho desenvolvido pelo seleta grupo de trabalhadores científicos e literários que compunham o Centro de Ciências. Lemos inicia sua alocução destacando o trabalho da diretoria de 1907, responsável pela remodelação da organização social do instituto; em seqüência, descreve o trabalho da agremiação que, até o ano de 1912, materializava-se na construção do “confortável e belo prédio em que funciona”⁷⁹, na montagem da biblioteca, “cuja livraria convenientemente catalogada atinge a muitos milheiros de bons livros”⁸⁰, na publicação da

⁷⁶ *Ibidem.*

⁷⁷ *Ibidem.*

⁷⁸ *Ibidem.*

⁷⁹ *Ibidem*, p.48.

⁸⁰ *Ibidem.*

Revista, na inscrição e participação em diversos congressos literários e científicos, alguns realizados no continente, outro na Europa. Concorrentemente, fizeram-se, no interior do instituto, conferências, “umas puramente literárias, que estão publicadas, outras de divulgação científica, além de suas sessões semanais, onde, mais familiarmente, foram estudados variados assuntos, dos quais alguns têm merecido a atenção do poder público, como o da questão selvícola”⁸¹.

O redator finaliza seu discurso enaltecendo todo o trabalho que fora realizado pela agremiação campineira e afirmando ser deste que o homem tira as energias de que precisa para a luta da vida em sociedade. Reforça que toda e qualquer contribuição será recebida sempre com agrado e será “da soma dessas supostas insignificantes contribuições, que se há de constituir a riqueza do ‘Centro de Ciências, Letras e Artes’”, instituto que tem seu lema na máxima: “intelectualmente, viver do ‘Centro’ e para o ‘Centro’”⁸².

Carlos Stevenson, em alocução comemorativa ao décimo quarto natalício da agremiação, volta a fazer referência aos trabalhos por esta realizados e soma aos elogios a constatação do labor ininterrupto do Centro de Ciências, que não é “um soldado coberto de glórias, que durma à sombra de louros duramente conquistados no campo fecundo das batalhas”, mas continua seus trabalhos como uma tenda aberta na estrada e que recobre a “todos aqueles que, em peregrinações de arte, de ciências ou de letras, aportam a esta terra boa, hospitaleira e culta”⁸³.

1.4. OS FUNDADORES E OS MANTENEDORES DO CENTRO DE CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES.

Se os discursos comemorativos ao natalício do Centro, os relatórios anuais informantes das atividades da agremiação e o poema em louvor a instituição revelam-nos as representações do Centro de Ciências, Letras e Artes, com os fundadores e sócios

⁸¹ *Ibidem*.

⁸² *Ibidem*, p.49.

⁸³ Stevenson, Carlos. Centro de Ciências, Letras e Artes, discurso realizado pelo presidente no 14º aniversário do Instituto, **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 41, p.41, 31 de dezembro de 1915.

mantenedores da instituição não é diferente. O desnudamento de uma auto-imagem é nosso almejo neste momento; procuramos reconstruir as figuras daqueles que fundam e daqueles que se destacam na manutenção do Centro segundo o olhar de homens que também integram o Centro. Talvez, enaltecer os fundadores e os antecessores em uma instituição seja uma das maneiras de enaltecer a si mesmo, para quem também integra esta instituição.

O primeiro redator a nos oferecer uma imagem dos fundadores do Centro de Ciências é Francisco de Assis Vieira Bueno, no soneto que dedica à instituição. Nos tercetos de sua produção, Bueno chama os fundadores da agremiação de devotados promotores e pede-lhes que, tais quais os progenitores, jamais se cansem do zelo paternal da glória desta instituição. Finaliza afirmando que os anais da Princesa do Oeste, perífrase da cidade de Campinas, cuja fama os veste de tanto esplendor, guardarão na memória os nomes destes devotados promotores.

*Assim seus devotados promotores
Jamais se cansem, quais progenitores,
No zelo paternal de sua gloria!*

*Os anais da Princesa do Oeste,
Que de tanto esplendor a fama veste,
Guardarão de seus nomes a memória!*⁸⁴

O número oito da *Revista do Centro* revela que, para a diretoria do instituto, aqueles que o fundaram eram “amantes das ciências” convocados a 28 de setembro de 1901 “para a fundação de um ‘grêmio de estudos’ que a 31 de outubro seguinte se instalava com auspicioso programa”. A data escolhida para o início dos trabalhos não foi menos significativa: o último dia do décimo mês “evocava a Liberdade” e “o Progresso, pois é aniversário da primeira ferrovia do Brasil”.⁸⁵

⁸⁴ Bueno, Francisco de Assis Vieira. Soneto dedicado ao Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas em seu primeiro aniversário. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 2, p.44, 31 de janeiro de 1903.

⁸⁵ Diretoria do Centro de Ciências, Letras e Artes. O Centro sua Revista e seu futuro edifício. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, número 8, p.3, 31 de outubro de 1905.

O amor dos fundadores do Centro de Ciências pelo conhecimento volta a ser mencionado por Ponciano Cabral, que agrega a estes homens o qualificativo de visionários, pois “afinal eram enormes as dificuldades para tão grande empresa intelectual”.⁸⁶ Além do “amor intenso pelo saber”⁸⁷, aqueles que idealizaram e trabalharam para a fundação da agremiação foram reconhecidos pela boa vontade e pela aptidão em criar uma “tenda modesta de trabalhos complexos”⁸⁸. Estes homens entenderam que era possível contar em Campinas com a existência “de uma classe numerosa de elementos ativos, em condições de consagrar o excedente de suas ocupações ordinárias ao empenho de entrar com afinco no convívio da agremiação e nos labores a que o homem deve tanto hoje a conquista de inúmeros cabedais úteis”.⁸⁹ Assim, bem intencionados, foram responsáveis pela criação de um centro de trabalho e de elaboração intelectual metódica, “reunindo os fortes, estimulando os fracos, despertando o gosto pelo estudo nos bem dispostos, enfim, trazendo ao meio campineiro este acréscimo de atividades físicas, psíquicas e morais, principal motor de toda ação social”.⁹⁰

Constantemente tomados como referência, os fundadores do Centro de Ciências eram considerados como os “constituintes do ideal”, os altos poderes deste Centro. Assim, aos pés destes, os novos consócios buscavam inspiração e imploravam força e coragem. Tal postura encontra-se justificada no discurso de Ponciano Cabral, quando declara que a “divindade é o ideal que nos absorve, nos protege e nos guia; traça a reta de nosso viver, consubstanciando-se conosco; ao longe, assinala o ponto luminoso que, para o indivíduo, há de formar a síntese, ou, talvez, o seio da glória que ele busca e procura atingir. Sem estímulo, sem divinizar, não pode haver mártir da ciência”⁹¹.

⁸⁶ Cabral, Ponciano. Sessão Solene comemorativa do 7º aniversário do Centro de Ciências, Letras e Artes, e da inauguração do edifício social em 31 de Outubro de 1908. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 20, p.123, 31 de dezembro de 1908.

⁸⁷ *Ibidem*.

⁸⁸ Brito, Souza. Discurso de abertura da sessão solene no 6º aniversário do ‘Centro de Ciências, Letras e Artes. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 18, p.47, 30 de junho de 1908.

⁸⁹ *Ibidem*.

⁹⁰ *Ibidem*.

⁹¹ Cabral, Ponciano. Sessão Solene comemorativa do 7º aniversário do Centro de Ciências, Letras e Artes, e da inauguração do edifício social em 31 de Outubro de 1908, *loc.Cit*.

Destinando o saudosismo e o elogio aos fundadores, o núcleo campineiro segue seu trabalho, pois entre os integrantes do Centro de Ciências milita “grande parte das individualidades laboriosas de Campinas” e “o maior número de seus intelectuais, o que anuncia a prosperidade de um Instituto verdadeiramente digno dos foros campineiros”⁹².

1.5. A REVISTA

Além de representações de Campinas e do próprio Centro de Ciências, a *Revista do CCLA* constrói representações acerca de si mesma. Ao longo de sua publicação, é possível observar a construção de sua definição, delimitar suas alterações e conhecer os entraves por ela enfrentados.

Logo em seu primeiro número, a *Revista* é apresentada como o órgão refletor de seu instituto, o “repositório de todos os trabalhos lidos nas sessões [da agremiação] cuja publicidade fosse julgada conveniente”⁹³. Américo de Moura reforça esta imagem, no número oito, ao afirmar que a coleção da *Revista do Centro* é um “relatório vivo”⁹⁴ do movimento literário dos sócios e integrantes desta associação.

“O espelho do CCLA” também o vincula a demais núcleos intelectuais. É Henrique de Barcellos o primeiro a apontar este papel do periódico. Para o sócio-redator, o órgão no qual escreve é “repositório dos trabalhos desta agremiação de intelectuais, espelho refletor de sua agitação benéfica, registro das referências que suscitou de agremiações congêneres”⁹⁵; assim, era um dos intuitos da *Revista* ser instrumento de relação da agremiação campineira com outras do país e do estrangeiro.

César Bierrenbach também ressalta o caráter associativo da publicação, que fora “planejada para ser, ao mesmo tempo, um periódico de ciências, letras e artes, e um

⁹² *Ibidem*, p.123.

⁹³ Redação. Apresentação pela Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 1, p.3, 31 de outubro de 1902.

⁹⁴ Moura, Américo de. Relatório da Sessão solene comemorativa do 8º aniversário do Centro de Ciências, Letras e Artes, em 31 de outubro de 1909. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 23 e 24, p.50, 30 de setembro a 31 de dezembro de 1909.

⁹⁵ Barcellos, Henrique de. Centro de Ciências, Letras e Artes. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 2, p.3, 31 de janeiro de 1903.

repositório dos atos sociais, contendo os anais”⁹⁶ dos trabalhos desenvolvidos e a colaboração dos sócios correspondentes. É, assim, através deste periódico que os membros do Centro de Ciências dão publicidade a seus atos e estudos e os enviam às “metrópoles da Ciência Universal”⁹⁷.

Como um “veículo de relações com o mundo científico e órgão do pensamento social”⁹⁸, a *Revista do Centro* prendeu a “atenção das metrópoles do bom saber: assim penetrou os pórticos das mais notáveis sociedades científicas do velho e novo mundo; estreitou relações de alta monta dentro e fora do país”⁹⁹ e conseguiu formar uma corrente de “simpatias” pelo instituto campineiro, corrente que se comprovava na permuta com inúmeras publicações nacionais e estrangeiras.

Assim, o diálogo entre o Centro de Ciências e outras associações congêneres encontra materialização na permuta de sua Revista: o periódico campineiro é moeda de troca no cenário intelectual; não apenas revela as atividades desenvolvidas pelos membros da agremiação, como também é um instrumento de inserção desta no cenário do saber nacional e estrangeiro, fato que é destacado com bastante entusiasmo pelos sócios redatores: “A Revista é responsável pela permuta com centenas de outras revistas que honram as nossas mesas de trabalho, proporcionando leitura amena e instrutiva não só a nós como a esses milhares de freqüentadores, durante o ano, da sala de leitura franqueada ao público.”¹⁰⁰

⁹⁶ Bierrenbach, César. Relatório do 2º ano social. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 5, p.260, 31 de outubro de 1903.

⁹⁷ Bierrenbach, César. Relatório do CCLA do 1º secretário Dr. César Bierrenbach, lido em sessão de 31 de outubro de 1902. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 5, p.250, 31 de outubro de 1903.

⁹⁸ Diretoria. O Centro sua Revista e seu futuro edifício. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 8, p.3, 31 de outubro de 1905.

⁹⁹ Stevenson, Carlos. Centro de Ciências, Letras e Artes, discurso realizado pelo presidente no 14º aniversário do Instituto. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 41, p.41, 31 de dezembro de 1915.

¹⁰⁰ Lemos, Tito de. Alocução proferida por ocasião da abertura da sessão solene de aniversário do Centro de Ciências, Letras e Artes. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 29, p.48, 31 de dezembro de 1912.

À publicação campineira ainda cabe o mérito de ser “um exemplo de quanto pode o estudo, quando bem aproveitado e bem servido por um espírito de escol”.¹⁰¹ E dessa maneira concebida, a *Revista do Centro* também tinha a missão de despertar a opinião brasileira a respeito da atividade intelectual em Campinas, do “esforço consciente que nasce do estudo contínuo e sério convergindo à resolução dos problemas que tão profundamente comovem a sociedade moderna”.¹⁰² Era necessário despertar a opinião nacional, pois, segundo Henrique de Barcellos, “o que é menos sabido no Brasil é aquilo que mais intimamente nos interessa”.

A declaração de Barcellos está intimamente relacionada às raríssimas referências consagradas à *Revista* na ocasião de seu lançamento; enquanto de “associações notáveis da Inglaterra, da Itália, da Suécia, da Argentina, do Chile”¹⁰³ chegavam os agradecimentos, a certeza da permuta de suas obras, e o conagraçamento pela criação do Centro e “pela obra que dignifica a cidade em que ele existe”¹⁰⁴, a imprensa brasileira não destinou o “carinhoso acolhimento” com o qual comumente encorajava “os bons cometimentos”. Restou ao redator “esperar que esta *Revista*, acaso recebida com indiferença, merecerá de ora avante o acolhimento digno daqueles que, embora em órbita menos vasta, vão seguindo, paralelamente com o jornalismo, a rota para o sol do progredir nacional”¹⁰⁵.

Se poucos reconhecimentos couberam à *Revista* por parte da imprensa em seu lançamento, o mesmo não ocorre em 1906, quando o periódico é assistido pela Câmara Municipal de Campinas com uma verba que subsidiaria sua publicação; tal benevolência fizera com a Câmara campineira fosse reconhecida pelo periódico como um órgão público que compreendia a cultura como instrumento único para que os povos e as nações alcancem “a sua supremacia no Universo”¹⁰⁶.

¹⁰¹ Duarte, Rafael. A título de abertura. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 21, p.3, 31 de março de 1909.

¹⁰² Barcellos, Henrique de. “Centro de Ciências, Letras e Artes”, *op. Cit.*, p.4.

¹⁰³ *Ibidem.*

¹⁰⁴ *Ibidem.*

¹⁰⁵ *Ibidem.*

¹⁰⁶ Wagner, Oscar. Relatório. Lido em sessão solene de aniversário, no dia 31 de outubro de 1906. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 12, p.153, 31 de dezembro de 1906.

O órgão da atividade do Centro de Ciências não percorre seu caminho sem mudanças e suas alterações sempre foram anunciadas objetivando tornar a publicação mais atrativa a seu público leitor. A primeira alteração – meramente no aspecto físico – é noticiada em 1905, quando a *Revista* passaria a apresentar um formato maior, o que a aproximaria do tipo dos melhores periódicos dos institutos europeus que contivesse a “resenha trimestral do que ocorresse no mundo artístico, literário ou científico”.¹⁰⁷

A segunda modificação, anunciada em 1909, previa mudanças mais abrangentes no periódico: era necessário variar-lhe o “primitivo aspecto de mero escrínio científico” e conferir-lhe uma “feição atual sempre de acordo com os intuítos de uma agremiação não somente científica, mas igualmente literária e artística”, dar maior interesse a tais páginas, “desenvolvê-las, tornando-as sobremaneira atrativas a quantos”¹⁰⁸ as lêem pela variedade de assuntos abordados.

Mediante tais almejos, o número oito da *Revista de Centro* veio a lume com “alguns trabalhos literários - prosa e verso”¹⁰⁹ de subido valor entremeados com outros “de caráter simplesmente científico, ou de crítica e história”¹¹⁰. Ainda eram previstos para os subseqüentes números o desenvolvimento de uma seção noticiosa “efetiva, bem cuidada e rica de informes”¹¹¹ que concordassem com os interesses em geral do Centro; a inserção de “algumas linhas a respeito das revistas”¹¹² permutadas ou espontaneamente oferecidas, bem como o acréscimo de uma “ligeira crítica ou comentário aos melhores trabalhos nelas insertos”¹¹³ e a retomada do setor “propriamente consagrado a anúncios e reclamos”¹¹⁴ que seriam selecionados sob um critério mais rigoroso, para que não se inscrevessem em tais páginas “senão aqueles anúncios em condições de nelas figurarem”¹¹⁵. Todas estas

¹⁰⁷ Diretoria. O Centro sua Revista e seu futuro edifício. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, número 8, p.3, 31 de outubro de 1905.

¹⁰⁸ Duarte, Raphael. A título de abertura. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 21, p.3, 31 de março de 1909.

¹⁰⁹ *Ibidem*.

¹¹⁰ *Ibidem*.

¹¹¹ *Ibidem*.

¹¹² *Ibidem*.

¹¹³ *Ibidem*.

¹¹⁴ *Ibidem*.

¹¹⁵ *Ibidem*.

modificações almejavam conferir “maior importância” à *Revista*, garantindo-lhe, assim, um público leitor em maior número e, conseqüentemente, edições mais avultadas.

Em 1913, o periódico campineiro teria estampado em suas páginas as fotografias de consócios eminentes, primeiro passo para a criação de uma “galeria de honra”, na qual fossem figurar as personalidades mais relevantes da agremiação cujos retratos pudessem ser conseguidos. Além de uma forma laudatória “a seus mais esforçados paladinos”, a inserção das fotografias conferiria uma feição mais moderna às páginas da *Revista*, “amenizando-lhe esse tom excessivamente austero de que ela se reveste, e tornando-a uma publicação atraente, a todos os títulos, digna do bom acolhimento dos intelectuais que lhe conferem a honra de colocá-la em suas estantes”¹¹⁶.

As duas últimas alterações eram providenciais para retirar a austeridade de um periódico que se auto-conceituava eclético, mas destinava maior atenção às ciências; na inserção de uma maior quantidade de trabalhos literários, notícias e anúncios procura-se a variabilidade dos assuntos abordados pela *Revista*; com a publicação de fotografias de consócios, o almejo era alcançar uma feição mais moderna. Ambas se dispunham contrárias à rigidez de um periódico majoritariamente científico, dotado de longos artigos e com pouquíssimas fotografias. Em 1909, as letras reclamam seu lugar diante do “poderio” das ciências no periódico campineiro.

Além das mudanças, é possível encontrar uma preocupação com a composição da *Revista*. São feitos apelos – alguns velados, outros mais explícitos – pela contribuição intelectual dos sócios. A primeira intimação à escrita encontra-se no segundo número da publicação, quando César Bierrenbach aponta para o atraso de algumas comissões ao iniciar “o urgente trabalho das resenhas trimestrais do movimento científico de suas matérias”; tais resenhas eram imprescindíveis para fazer da *Revista do Centro* “um retrospecto do mundo científico, literário ou artístico brasileiro (e um pouco universal)”¹¹⁷.

No rastro de Bierrenbach, Raphael, Duarte relembra que o Centro, por possuir sócios de valor inegável, talentos formosos e “espíritos capazes, pelo aturado estudo, de enfrentar

¹¹⁶ Redação. Noticiário – Acontecimentos relacionados ao Centro e a sua respectiva revista. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 31, p.86, 30 de junho de 1913.

¹¹⁷ Bierrenbach, César. Relatório do 2º ano social. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 5, p.260, 31 de outubro de 1903.

os mais transcendentais assuntos de suas especialidades”, pode e tem o dever de “trabalhar páginas cintilantes”¹¹⁸. Para cumprir tal propósito, a *Revista do Centro*, em seu trigésimo primeiro número, elogia seus colaboradores e apela para os sócios que se isentam da escrita. Nomes como o de José de Campos Novaes, Tito de Lemos, Américo de Moura, Ponciano Cabral e Souza Brito compõe uma “respeitável plêiade de sócios”¹¹⁹, tomada como incentivo e exemplo para aqueles que se eximiam das contribuições intelectuais:

*É realmente lastimável que, possuindo como possui Campinas um numeroso grupo de intelectuais, todos sócios do Centro, não consigamos trazê-los à liça, a floream com garbo, as galas do seu estilo e amadurecido fruto de sua cultura intelectual. Sirva-lhes de incentivo, senão de exemplo, toda essa respeitável plêiade de sócios correspondentes, muitos deles já amadurecidos, de vida afanosa, extremamente ocupados, e que, entretanto, não se designam de acorrer ao nosso apelo, vindo dar indizível mérito à nossa publicação com a sua colaboração erudita, de inegável valor literário*¹²⁰.

O veículo do Centro de Ciências reclama, por algumas vezes, a atenção de seus próprios produtores. As intimações à escrita invocam a colaboração de mais autores e elogiam aqueles que gravam seus nomes no periódico campineiro, incentivando, assim, novos redatores. Este apelo concreto vai na contramão de algumas representações tecidas acerca da *Revista do Centro*; percebe-se, de tal modo, uma contradição, uma aparente distância entre os “signos exibidos e a realidade que eles não podem dissimular”¹²¹: a publicação concebida como “o melhor atestado do valor do Centro”, o “veículo de relações com o mundo científico e órgão do pensamento social” procura, por algumas vezes, quem nela escreva; um órgão de tamanha importância tem dificuldade para encontrar redatores. É neste momento que nos deparamos com uma distância entre os discursos: encontramos produções textuais que se destinam a esboçar o quanto a *Revista* é uma iniciativa nobre, materialização de um movimento em direção ao cultivo e a vulgarização dos

¹¹⁸ Duarte, Raphael. “A título de abertura”, *op.Cit.*,p.3

¹¹⁹ Redação. “Noticiário – Acontecimentos relacionados ao Centro e a sua respectiva revista”, *op. Cit.*,p.88.

¹²⁰ *Ibidem*, p.87-88.

¹²¹ Chartier, Roger. Poderes e limites da representação. Marin, o discurso e a imagem. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2002, p.178.

conhecimentos da época, ao mesmo tempo em que nos deparamos com apelos por parte da redação, que se mostra preocupada com a escassez de sócios redatores.

O aparato simbólico, que se constrói nos discursos de auto-edificação (presentes em grande parte das instituições), apresenta-nos uma Campinas de filhos ilustres e trajetória heróica, em cujo “solo fértil” floresce um núcleo de cultivo ao saber, que honra sua cidade e país, tornando-se reconhecida por sua notável revista institucional. Tais representações, longe da imparcialidade, colocam - nos diante de uma cidade e de seu “núcleo intelectual” que não merecem menos que consideração e admiração.

Tais constatações nos levam a uma inevitável pergunta: qual seria o intuito do aparato simbólico que se forma nas páginas epidícticas da *Revista do CCLA*. A indagação não é simples e facilita nos os erros. Todavia, analisando os dados historiográficos e a produção desta publicação, expomos nossas proposições:

Primeiramente, a auto edificação positiva legitimaria o conteúdo científico, literário e artístico veiculado pela *Revista do Centro*. Em outras palavras, afirmamos que a produção epidíctica é um fator que atribui credibilidade e importância ao conhecimento pela *Revista* publicado.

Ainda nos parece pertinente uma segunda proposição, já mencionada neste capítulo e que novamente aqui se faz relevante: a importância simbólica, erigida nas páginas deste periódico, faz frente ao real valor que a cidade possuía no início do século XX. Assim, o discurso da auto-afirmação seria uma eficiente forma de envolver Campinas em faustos e elogios exacerbados, quando, fidedignamente, era São Paulo, já, neste momento, a cidade que centraliza as maiores importâncias.

A REVISTA E OS EGRÉGIOS

A leitura dos discursos que se destinam ao elogio de homens ilustres na *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes* nos revela uma organização constante dessas produções: o discurso inicia-se com o seu orador desculpando-se por sua pequenez e por seu frágil talento oratório diante de importantes espectadores e mediante tão vultosa figura a ser elogiada; em seguida, destina-se à biografia do elogiado e no decorrer desta aponta ações, obras, atitudes e posturas a serem enaltecidas; algumas vezes, o orador opta por não narrar a biografia da personalidade e apenas tece comentários aleatórios, buscando, por fim, reiterar o quão altiva fora a personalidade a quem tal discurso se destina. Elogiar personalidades é o intuito maior desses discursos, um gênero laudatório que é advindo da retórica aristotélica. Assim, é, a partir de Aristóteles, que conceituamos tais discursos como epidícticos e assim os analisamos.

A retórica de Aristóteles, concebida como a “capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir”¹²², preconiza que um discurso retórico é constituído por três elementos: o orador, o assunto de que fala e o ouvinte [1358b]. O último elemento constitui-se na finalidade de um discurso e o caracteriza, pois o conteúdo enunciado e a maneira pela qual o expressamos depende das pessoas a quem nos dirigimos; dessa forma, a diferentes ouvintes são destinados diferentes discursos.

Esta premissa é critério para a caracterização de três gêneros oratórios distintos: o judiciário, o deliberativo e o epidíctico. O discurso judiciário tem como auditório o tribunal; o deliberativo, uma Assembléia; e o epidíctico, todos os que assistem a discursos de aparatos (ostentação, magnificência), como orações fúnebres e panegíricos. Em uma deliberação, encontram-se o conselho e a dissuasão; já em um discurso judiciário fazem-se presentes tanto a acusação como a defesa; no gênero epidíctico, encontram-se o elogio e a censura. Além de públicos diferentes, cada um destes gêneros apresenta uma finalidade distinta: para quem delibera, o objeto é o conveniente ou o prejudicial; no discurso judiciário busca-

¹²² Aristóteles, **Retórica**. Introdução de Manuel Alexandre Júnior, tradução e notas de Manuel Alexandre Junior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Imprensa nacional – Casa da Moeda, s.d, p. 48.

se o justo e o injusto; para aqueles que elogiam ou censuram, o fim é a exaltação da virtude e do belo ou do vício e do vergonhoso.

O elogio como fim e a maneira como o realizam fazem com que os discursos presentes na *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes* sejam representantes da retórica epidítica. É o discurso epidítico aquele que censura e, na maioria das vezes, louva ora um homem ou uma categoria de homens, um deus, seres inanimados ou até animais. Louva com o intuito de ressaltar a virtude e o belo, pois segundo Aristóteles, “o belo é o que, sendo preferível por si mesmo, é digno de louvor; ou o que sendo bom, é agradável porque é bom, e se isto é belo, então a virtude é necessariamente bela; pois, sendo boa, é digna de louvor”¹²³. A virtude, em sua acepção aristotélica, é “o poder de produzir e conservar os bens, a faculdade de prestar muitos e relevantes serviços de toda a sorte e em todos os casos [1366b]”¹²⁴. Posto que é a faculdade de fazer o bem, “as maiores virtudes são necessariamente as que são mais úteis aos outros”¹²⁵; assim, segundo o estagirita, os justos e os corajosos são, sobretudo, os mais honrados, pois suas virtudes são úteis aos demais tanto em tempos de guerras, quanto em época de paz.

Aristóteles, na “Retórica”, não só define o conceito de virtude como identifica os elementos constituintes desta: justiça, coragem, temperança, liberalidade, magnificência, magnanimidade, liberdade, mansidão, prudência e sabedoria. Assim definida, “a justiça é a virtude pela qual cada um possui os seus bens em conformidade com a lei”¹²⁶; já a coragem é a “virtude pela qual se realizam belas ações no meio do perigo, como ordena a lei e em obediência”¹²⁷ a esta; a temperança faz com que o indivíduo se conduza em conformidade com a lei em relação aos prazeres do corpo; a liberalidade é a virtude de fazer bem com o dinheiro; a magnanimidade produz grandes benefícios; a magnificência faz com que o homem faça coisas grandes e custosas e a “prudência é a virtude da inteligência mediante a

¹²³ *Ibidem*, p.75.

¹²⁴ *Ibidem*.

¹²⁵ *Ibidem*.

¹²⁶ *Ibidem*, p.76.

¹²⁷ *Ibidem*.

qual se pode deliberar adequadamente sobre os bens e os males de que se fala em relação a felicidade”.¹²⁸

Também são virtuosas todas “as coisas cujo prêmio é a honra e as que visam mais à honra do que o dinheiro”¹²⁹, bem como “coisas desejáveis que uma pessoa não faz por amor de si mesma, coisas que são absolutamente boas, como as que uma pessoa fez por sua pátria”.¹³⁰ As obras que se fazem em benefício dos outros são igualmente virtuosas, “pois são mais desinteressadas e todos os êxitos obtidos são para os outros”¹³¹, não para o próprio benfeitor. O virtuoso também se encontra nas “coisas pelas quais o homem luta sem temor; pois no que toca aos bens que conduzem à glória, é isso que lhe sucede”.¹³² Belo e virtuoso são ainda “os atos memoráveis e tanto mais belos quanto mais durável for a memória deles”.¹³³

Identificados os elementos constituintes da virtude, Aristóteles determina como estes devem ser apresentados ao longo do discurso epidítico, preconizando que “devemos assumir como idênticas às qualidades existentes que lhes estão próximas”¹³⁴, por exemplo, que o homem cauteloso deve ser definido como reservado e caulista, que o simples deve ser definido como honesto e o insensível como calmo. Neste procedimento deve-se “tirar proveito dessas qualidades semelhantes sempre no sentido mais favorável, por exemplo, apresentar o colérico e furioso como franco, o arrogante como magnificente e digno [1367b]”.¹³⁵

Para os elogiados que mostram algum tipo de excesso, faz-se necessário apresentá-los como se possuíssem as correspondentes virtudes, assim, o temerário é qualificado como corajoso e o pródigo como um liberal. Para Aristóteles, o elogio se faz através de ações e é inerente ao “homem honesto agir por escolhas”¹³⁶; dessa forma, faz-se importante

¹²⁸ *Ibidem.*

¹²⁹ *Ibidem.*

¹³⁰ *Ibidem.*

¹³¹ *Ibidem.*

¹³² *Ibidem*, p.77.

¹³³ *Ibidem.*

¹³⁴ *Ibidem.*

¹³⁵ *Ibidem.*

¹³⁶ *Ibidem*, p.78.

demonstrar que o elogiado agiu sucessivas vezes por escolhas e, para tanto, “as coincidências e as causalidades se devem entender como atos intencionais; pois se produzirem muitas ações semelhantes, parecerá que elas são sinais de virtude e de intenção”.¹³⁷

Aristóteles ainda faz na “Retórica” a distinção entre o elogio e o encômio; segundo suas definições, o elogio é um “discurso que manifesta a grandeza de uma virtude”¹³⁸ e se faz através de ações; sendo assim, é necessário mostrar que as ações são virtuosas, para demonstrar o quão virtuoso é um homem, já o encômio refere-se às obras, é destinado para aquele que realizou algo, afinal as obras são “sinais do caráter habitual de uma pessoa” e seria laureado “até quem nenhuma fez, se estivéssemos convencidos de que era capaz de a fazer”.¹³⁹

As virtudes, no interior de um discurso epidítico, devem ser empregadas através de muitos meios de amplificação, afinal é este o instrumento que reveste as ações de grandeza e de beleza, assim a amplificação confere ao que é descrito superioridade e esta “é uma das coisas belas”.¹⁴⁰ Aristóteles igualmente afirma que quando não se encontra matéria suficiente para realizar o elogio de uma personalidade, é preciso, então, compará-la com outras pessoas e estas devem ser de renome, pois, dessa maneira, o homenageado em questão se mostrará melhor que os virtuosos. Todavia, quando não é possível comparar alguém a pessoas de renome, faz-se necessário, pelo menos, comparar com as outras pessoas, e mostrá-lo superior, visto que “a superioridade parece revelar a virtude”.¹⁴¹

Como todo gênero oratório, o epidítico também é constituído por provas extrínsecas e intrínsecas. As provas extrínsecas neste discurso são todos os fatos que se sabe da personalidade cujo elogio se realiza; já as intrínsecas são aquelas criadas pelo orador, dependendo de seu método e de seu talento pessoal; são sua maneira própria de impor seu relato. Em um elogio fúnebre, as provas extrínsecas são o que se conhece da pessoa e que nem sempre é belo, já o argumento intrínseco é a amplificação que tira partido das provas

¹³⁷ *Ibidem.*

¹³⁸ *Ibidem.*

¹³⁹ *Ibidem*, p.79.

¹⁴⁰ *Ibidem.*

¹⁴¹ *Ibidem*, p.80.

extrínsecas. Elogiando, o gênero epidítico sempre faz referência ao tempo presente, pois o orador propõe-se à admiração dos espectadores, ainda que extraia argumentos do passado e do futuro.

Olivier Reboul¹⁴², ao analisar o discurso epidítico, afirma ser este o gênero cujo caráter dialético é menos marcado, pois a emissão do discurso concentra-se em apenas um orador e não há réplica discursiva para o lado defensor contrário; todavia o orador faz uso de uma dialética implícita em seus discursos, ao cuidar da construção textual, em especial de pontos que possam suscitar contestações. Também é de Reboul a análise que revela o caráter pedagógico deste discurso; por ser persuasivo a longo prazo, o gênero epidítico versa sobre questões que não exigem decisões imediatas e, ao utilizar o exemplo para elogiar, ilustrar a coragem e a generosidade de determinada personalidade, busca reforçar o sentimento cívico e patriótico, não ditando uma escolha, mas orientando e influenciando escolhas futuras. Por este motivo, o discurso epidítico além de persuasivo, é essencialmente pedagógico.

A exposição das virtudes de uma personalidade ocorre mediante a narrativa da biografia desta, e é por este motivo que os discursos epidíticos utilizam-se do gênero biográfico para alcançar o fim que almejam. Assim, as biografias presentes na *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes* – seja como gênero que integra o discurso epidítico, seja desatrelada deste – são uma produção textual que visa expor em relevo as virtudes das personalidades biografadas.

2.1. A PEDAGOGIA DO EXEMPLO

Embora se constituam em uma produção significativa na composição do conteúdo da *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes*, são poucas as linhas que se destinam aos motivos pelos quais os redatores do periódico campineiro tecem elogios aos homens por eles eleitos como egrégios. Dentre as reduzidas manifestações de natureza explicativa, a preleção de Antônio Álvares Lobo é aquela a esboçar a idéia motriz que faz com que os

¹⁴² Reboul, Olivier. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

autores da *Revista do Centro* se dediquem a elogiar os sócios falecidos desta instituição, bem como as figuras reconhecidas como importantes para e na cidade de Campinas.

Vislumbrando o caráter pedagógico dos discursos epidícticos, Álvares Lobo afirma que tais produções na *Revista do CCLA* assumem como incumbência resgatar do esquecimento homens que “influíram na formação do caráter do povo, que se constituíram guias de seus destinos, que se intrometeram em todas as iniciativas privadas, para organizar e dirigir as empresas que cuidam do bem-estar e do conforto dos lares, das famílias e das cidades”. Enobrecer as benemerências é também uma manifestação de civismo e uma altiva significação moral, já que “apresenta à imitação” dos contemporâneos e dos vindouros os “tipos que nas comunidades civis, por seus atos, pela prática das virtudes privadas da família, ou pela abnegação e desinteresse de sua vida, conduziram as coletividades, sonhando para elas a melhoria de sua predestinação, propondo-lhes para isso soluções adequadas ao progresso das instituições políticas, ou cuidando de alterar as linhas da governação pública, em benefício dos direitos de seus semelhantes e concidadãos”.¹⁴³

Álvares Lobo nos permite entender que os discursos epidícticos presentes na *Revista do CCLA*, por apontarem e descreverem virtudes de seus elogiados, assumem uma postura que é doutrinária por intermédio do exemplo, pois é objetivo, ao se enobrecer determinadas condutas, práticas e ações, que os contemporâneos e os pósteros as tomem como modelos, ou seja, a vida dos homens aos quais cabem homenagens deve constituir-se em guias modelares a serem seguidos.

Associando a leitura do conteúdo epidíctico e biográfico da *Revista do Centro* ao parecer de Álvares Lobo e à análise de Olivier Reboul uma hipótese, a priori, nos parece recorrente: são os discursos epidícticos e as biografias presentes na *Revista* campineira, através da narração de trajetórias individuais, instrumentos de uma pedagogia do exemplo que parte do indivíduo para alcançar a coletividade. Ao narrar a vida de homens eleitos como exemplares, apontando e descrevendo suas posturas e atos, almeja-se transmitir um conjunto de valores e comportamentos avaliados como bons.

¹⁴³ Lobo, Antônio Álvares. Memória do General Francisco Glicério. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 45, p.11, 31 de dezembro de 1916.

Diante de tal hipótese, coube-nos analisar quem eram os homens elogiados e por que o eram para identificar qual o modelo de grande homem que a *Revista do Centro* veiculava. Percebemos que, nesta tarefa, elencar nomes e considerar as personalidades homenageadas pouco nos ajudava, mas descobrir o que as faziam serem elogiadas nos levaria ao modelo de homem erigido pela Revista. A descoberta dos motivos que edificavam os elogios nos veio através da identificação e da caracterização das virtudes louvadas em cada homem, que apareciam de forma recorrente ao longo dos discursos, e revelou-nos o que se almejava transmitir aos leitores da Revista campineira.

Para este trabalho de identificação, coube-nos destrinchar, nos discursos e nas biografias, as virtudes, ora descritas e caracterizadas, ora apenas mencionadas. Este levantamento nos revelou numerosas virtudes, que integravam tanto a vida pública quanto a vida privada. Na esfera pública, as virtudes permeiam a vida social de uma personalidade (como este homem se comporta frente à sociedade) e a profissional (no que opta por fazer, como procede); já no domínio privado, as virtudes entremeiam a esfera familiar (como um membro familiar, quais as atitudes assumidas pela personalidade) e a postura adotada para com o outro, ou seja, a maneira de tratar a alteridade.

Agrupadas em quatro domínios, as virtudes são diretrizes para o homem em sua vida social, profissional, familiar e em relação ao outro. Diante dessas diretrizes, podemos afirmar que o grande homem, enquanto ser social, é justo e correto, bom cidadão, filho amoroso, que honra a cidade e a pátria. Além disso, é homem que possui e luta por seus ideais e como tal integra o Centro de Ciências, Letras e Artes. No desempenho de sua profissão é audacioso, corajoso, comprometido com o labor e outrora desempenhara com brilhantismo o papel estudantil; também é dotado de pensamentos requintados, de talento, inteligência, erudição e continuamente ávido por conhecimento, todavia, sem vangloriar-se de possuir tantos dons. No âmbito familiar, o egrégio é devoto aos seus, reconhecido como bom filho e bom irmão. Já nas relações que estabelece com o próximo, ele adota uma postura de afabilidade, generosidade, amizade, lealdade e ainda destaca-se pelo rígido caráter e pelo temor a Deus.

Cabe-nos a análise de cada virtude aludida. Através de transcrições e paráfrases dos discursos epidícticos e biografias, procuramos apreender a definição e a caracterização dada a cada uma delas pelos redatores da *Revista do Centro*.

2.2. AS VIRTUDES SOCIAIS

A justiça é um dos pilares constitutivo das virtudes sociais dos “homens célebres” da *Revista do Centro*. Detentores de posturas determinadas pela distinção, a galeria dos ilustres é composta por homens justos, de palavras confiáveis, de condutas disciplinadas por uma consciência que prega o bem, avessa a faltas e a atitudes definidas sob o jugo da desonestidade. Sob a virtude da justiça e da correção do caráter estão os egrégios Antônio José Pereira e Joaquim Quirino dos Santos, elogiados, respectivamente, pelos redatores Álvaro Miller e por Júlio de Mesquita. Para o primeiro, o sócio elogiado Antônio José Pereira “era inconfundivelmente e incontrastavelmente um homem de bem a toda a prova, um homem cuja palavra tinha e valia como ouro de mais fino quilate, cujas ações se moldavam pelas injunções severas duma consciência retíssima, incapaz de deslizes ou de subserviências”.¹⁴⁴ Já Júlio de Mesquita aponta para a correta e justa conduta do Coronel Joaquim Quirino dos Santos, “aquele rude plebeu, que o trabalho enobrecera, [para quem] a lei era igual para todos, e, ao esforço perseverante da sua atividade, da sua energia e da sua justiça, a ordem se estabeleceu e Campinas se civilizou, de uma vez para sempre!”¹⁴⁵

Além da justiça, o ideal que encontra morada em um homem e o faz lutar por aquilo que acredita e almeja é motivo de louvação para a *Revista do Centro*. É neste sentido que cabem homenagens às personalidades de Hipolyto da Silva e a Francisco Glicério; este último “sempre marchou em direção de seu ideal, tanto assim que, tendo a principio lutado pela proclamação da República, batalhou depois por sua consolidação”¹⁴⁶, já aquele teve

¹⁴⁴ Miller, Álvaro. Antônio José Pereira. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 11, p.129, 30 de setembro de 1906.

¹⁴⁵ Mesquita, Júlio de. Homens e aspectos. Coronel Joaquim Quirino dos Santos. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 44, p.59, 30 de setembro de 1916.

¹⁴⁶ Penteado, Heitor. In Memoriam do General Francisco Glicério, **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 45, p.6, 31 de dezembro de 1916.

todo seu coração voltado ao “serviço dos alevantados ideais da redenção dos escravos pretos e da definitiva liberdade dos súditos brancos”¹⁴⁷.

Crer em seus ideais constitui-se em virtude, mesmo quando esta faz como vítimas seus próprios detentores, como é o caso do jornalista Carlos Ferreira, que fora taxado de fraco e inconstante no labutar da vida; todavia, para a redação da *Revista*, o jornalista fora vítima de “um ideal intangível, de uma aspiração vaga e indefinida, de uma miragem falaz que lhe estava sempre a acenar, fazendo-lhe sonhar com os luminosos páramos de um mundo perfeito, onde a dor fosse um mito, uma ficção, o mal, e as misérias, uma palavra vazia, inexpressiva!”¹⁴⁸

Integra-se aos homenageados aqueles que possuíram o ideal de fundar e manter na cidade de Campinas um centro científico e cultural, homens que de alguma forma se atrelam ou atrelaram à instituição “que é em Campinas a estação telegráfica, onde os espíritos dos sábios americanos e europeus se comunicam diariamente com esta terra, sociedade única no Brasil, para cujo progredir se congregou até a diplomacia brasileira em todos os pontos do globo”¹⁴⁹. Assim é Vieira Bueno, “nobre fundador do CCLA”¹⁵⁰, aquele que espontaneamente após a fundação da incompreendida e agredida Instituição, “corria pressuroso a ampará-la na imprensa”¹⁵¹.

Esta mesma dedicação para com o Centro move elogios a favor do escritor Antônio José Pereira, sócio que se atirou como ninguém ao projeto de organização da biblioteca do CCLA, já que “permanecia dias em fio, enamorado de sua obra, que a ele coube o encargo de levá-la a efeito. De como se empenhou de tão rude tarefa sabemos-lo todos nós que lhe não regateamos encômio”¹⁵².

¹⁴⁷ Magalhães, Basílio de. Discurso pronunciado. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 23 e 24, p.56, 31 de setembro a 31 de dezembro de 1909.

¹⁴⁸ Redação da Revista. Carlos Ferreira. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 30, p.16-17, 31 de março de 1913.

¹⁴⁹ Barcellos, Henrique de. Monumento a Carlos Gomes. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 8, p.31, 31 de outubro de 1905.

¹⁵⁰ Bierrenbach, César. Dr. Manoel de Assis Vieira Bueno. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 8, p.47, 31 de outubro de 1905.

¹⁵¹ *Ibidem*, p.48.

¹⁵² Miller, Álvaro. “Antônio José Pereira”, *op. Cit.*, p.130.

O trabalho incansável dirigido à criação da “ilustre agremiação” distingue César Bierrenbach, o homem que “prossequindo contra a opinião de todos, triunfou” na fundação do Centro de Ciências; sendo o “primeiro secretário para organizar o Centro, quis ser o secretário geral para o pôr em comunicação direta com a diplomacia, a literatura e a ciência de todo o mundo. Só ele seria capaz desta ingente tarefa que estava de acordo com sua ação”. Ainda fora fruto do labor de Bierrenbach o monumento em homenagem a Carlos Gomes, fundido em bronze por Rodolpho Bernadelli e inaugurado em Campinas a 2 de julho de 1905; nas palavras de Henrique de Barcelos, redator do discurso que homenageia o campineiro, César “escrevia a Bernadelli, aos subscritores, pedia, instava, quase suplicava pela palavra escrita e falada, para que Carlos Gomes, o símbolo do sofrimento em vida, não fosse uma esmaecida recordação depois de morto”¹⁵³.

O intenso labor junto ao Centro de Ciências, Letras e Artes também qualifica Henrique de Barcellos:

*Não escolhia posto. Ora se o via compartilhando da direção, ora na tribuna, doutrinando, ou em alegres palestras, prendendo aos consócios com a sua verve inexaurível, umas vezes escrevendo a Revista ao lado de Coelho Netto, Dr. Ângelo Simões, Dr. Miller e outros, outras correndo em auxílio do Centro, com seus valiosos conselhos. Finalmente com seu jornal, franqueado ao instituto, publicando todas as suas notícias as quais fazia os adiantamentos que julgava necessário para identificar o povo com esta casa (Centro de Ciências) e para firmar os créditos dela ao longe.*¹⁵⁴

É o mesmo labor que edifica a homenagem a Ângelo Simões, sócio ilustre por sua dedicação e assiduidade no interior do CCLA:

Abri o livro das atas de nossas sessões e lá vereis as mais evidentes provas do labor do nosso antigo segundo secretário. As atas são redigidas com supremo cuidado, sem entrelinhas denunciando esquecimento ou de faltas, claras como aquele nobre espírito, retas como ele, elaboradas com

¹⁵³ Barcelos, Henrique de. Homenagem ao Dr. César Bierrenbach. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 15, p.65, 30 de setembro de 1907.

¹⁵⁴ Lemos, J.T.de. Henrique de Barcelos - discurso proferido em sessão consagrada ao saudoso extinto. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 28, p.5, 30 de setembro de 1912.

*aquele esmero que o ilustre médico punha em tudo o que fazia, até na roupa que usava.*¹⁵⁵

Além do esmero com que compunhas as atas, Barcelos destaca os serviços de importância prestados ao Centro por Simões e seu caráter prudente e sereno em contraste com a “irrequieta expansão de César Bierrenbach”.¹⁵⁶ Sob este aspecto, o redator relata que Bierrenbach

queria, às vezes, a realização de chofre de alguma coisa na ocasião impraticável; então Ângelo, sem positivamente o contrariar, obtemperava no seu tom sossegado:

*- Olha, meu velho, vamos deixar isso para mais tarde. Tempo ao tempo. E a nuvem passava, mesmo aquelas que, como diz Victor Hugo, têm o flanco negro, prenhe de tempestades; aclaram-se os horizontes, fulgia o sol inundando de luz a idéia capital de nós - o engrandecimento do Centro.*¹⁵⁷

Além do labor, as ofertas fazem de Thomaz Alves Filho, um egrégio para a *Revista do Centro*; era sócio benemérito da agremiação “por serviços inestimáveis, além de importantes ofertas de livros, presidiu-lhe sabiamente aos destinos em 1910 e 1911, mediante eleições de concorrência extraordinária e até então singular”.¹⁵⁸

Tal qual Alves Filho, aquele que destina ofertas ao Centro também integra os notáveis, e é sob esta menção que se faz presente entre os elogiados o comerciante morador de Campinas Domingo Luiz Netto, individualidade que para o Centro de Ciências fez “importantes donativos” e foi “sempre amigo das ciências, letras e artes, aconselhando os que a ele recorriam, tanto na Europa como no Brasil, e auxiliando pecuniariamente as vocações com falta de recursos”.¹⁵⁹

Dentre as virtudes assinaladas nos notáveis da *Revista do Centro* nenhuma é mais recorrente e latente do que o sentimento patriótico e o amor à cidade de Campinas.

¹⁵⁵ Barcelos, Henrique de. Homenagem ao Dr. Ângelo Simões. Discurso de abertura na sessão cívica do Centro realizada a 20 de novembro de 1907. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 17, p.7, 31 de março de 1908.

¹⁵⁶ *Ibidem*, p.8.

¹⁵⁷ *Ibidem*.

¹⁵⁸ Alpha. Dr. Thomaz Alves Filho. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas número 41, p.36, 31 de dezembro de 1915.

¹⁵⁹ Redação da Revista. In Memoriam. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 35 e 36, p.6,30 de junho e 30 de setembro de 1914.

Apontados como cidadãos benévolos, os homens homenageados honram e enobrecem com seus feitos e atitudes de admiração e de dedicação, ora à cidade ora ao país – algumas vezes ambos – em que nasceram ou que adotaram como torrão. Inicialmente, iremos apresentar os egrégios reconhecidos por seus sentimentos cívicos e posteriormente passaremos àqueles que se mostram devotos à cidade de Campinas.

O exemplo do egrégio patriótico encontra-se em uma das primeiras manifestações desta Revista campineira. A edição de número três enaltece Leopoldo Miguéz, afirmando que “não foi só produzindo que Miguéz trabalhou para o alto renome da Arte brasileira. O Instituto Nacional de Música do qual se não foi criador, foi o organizador e de que era professor de composição e violino além de diretor, aí está reorganizado para atestar o patriotismo do grande artista”¹⁶⁰. É o empenho e a contribuição de Miguéz para a arte brasileira que o qualifica como um homem de honrosa postura cívica.

Semelhantes a Leopoldo Miguéz, os homens que se dedicam a suas profissões e com esmero a exercem não apenas servem às ciências, às letras e às artes, mas também à pátria; por isso, são considerados patriotas João Cardoso de Menezes e Sousa, o Barão de Paranapiacaba, a musicista Guiomar Novaes e o comerciante Domingos Luiz Netto. O primeiro é egrégio por prestar “altos e assinalados serviços à pátria, nas múltiplas manifestações de sua personalidade, como professor, magistrado, alto funcionário do Tesouro, parlamentar e literato distinto que foi”.¹⁶¹ Guiomar Novaes, com seu talento artístico, é apontada como uma artista que honrava e engrandecia sua pátria, como “uma pérola das que cingem o vulto da Pátria, fazendo-a respeitada, grande, admirada, no meio de suas co-irmãs”.¹⁶²

A opinião autorizada e os conhecimentos financeiros de Domingos Luiz Netto fez-se notável aos olhos dos redatores da *Revista* e o distinguiu como um exemplo de patriota. O comerciante fora homenageado por ser um brasileiro que “prestou à pátria relevantes

¹⁶⁰ Brito, Souza. Discurso proferido na sessão comemorativa da fundação do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas - Elogio histórico a Leopoldo Miguéz. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 3, p.116, 30 de abril de 1903.

¹⁶¹ Moraes, Antão de Souza. Os nossos mortos - discurso realizado na sessão de 31 de outubro de 1915. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 41,p.43, 31 de dezembro de 1915.

¹⁶² Redação da Revista. Saudação a Guiomar Novaes. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 35 e 36, p.3, 30 de junho e 30 de setembro de 1914.

serviços não só no tempo em que aqui residiu, como também em sua estada no velho mundo, onde, por sua palavra abalizada e criteriosa, fazia valer os créditos nacionais. Não poucas vezes foi consultado sobre empréstimos de alto valor, nas rodas financeiras, e os nossos ministros de Finanças acatavam sua opinião, que reputavam valiosíssima, porque era das mais autorizadas”.¹⁶³

Como um “patriota na sua pátria adotiva”¹⁶⁴ fora definido o francês Hércules Florence, pois este estrangeiro que tomara o Brasil como sua nação, traçou planos para o êxito do país na guerra contra o Paraguai; ao escrever para os filhos na Europa, Florence vislumbrava a criação de uma “*Milícia Sertanista*, semelhante a dos Zuavos na França e a dos Bersaglier na Itália, para cuja organização formulava um plano de engenhosa execução”.¹⁶⁵

Com seu “patriotismo irredutível”¹⁶⁶, Antônio José Pereira era ufano ao falar de seu país de origem e da terra que o acolhera. Nascido em Portugal, Pereira viera para o Brasil ainda criança, todavia a pouca idade com que deixara a pátria-mãe não o impediu de nutrir por ela “um afeto tão forte e tão cego que se diria raiar pelo ridículo si os que com ele conviviam não lhe vissem o quanto ia de sincero, de liso e de convicto nesse amor fervoroso à terra em que nascera”, “embora longe do torrão natal, vivia em coração e em espírito tão aporpinquado dele, na contínua rememoração dos homens e das coisas de sua pátria de nascimento”¹⁶⁷. Contudo, Pereira também era

brasileiro pelo coração, preso à nossa terra formosa pelos elos fortes duma afeição que se não desmentiu até o último sopro da vida, ligado ao nosso torrão campineiro, por um desses nobres impulsos da sua alma tão sincera e tão amorosa, por um desses impulsos tão naturais e tão comuns a sua individualidade, era o de discorrer das glórias de sua pátria de origem com o mesmo santo fervor entusiástico com que cogitava, por vezes, alinhando

¹⁶³ Redação da Revista. In *Memoriam, op. Cit.*, p.6.

¹⁶⁴ Silva, Amalio. Ata da VI solene do Centro de Ciências, Letras e Artes, realizada no dia 29 de fevereiro de 1904, em comemoração do centenário do nascimento de Hercules Florence. Presidente: Dr. José de Campos Novaes. / 1 ° secretário : Dr. César Bierrenbach / 2 ° secretário : Dr. Edmur de Queiroz. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 7, p.116, 01 de junho de 1904.

¹⁶⁵ *Ibidem*.

¹⁶⁶ Miller, Álvaro. Antônio José Pereira, **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 11, p.129, 30 de setembro de 1906.

¹⁶⁷ *Ibidem*.

*cifras com uma agudeza e talento raros, do progresso e do engrandecimento de sua pátria de adoção.*¹⁶⁸

O elogio ao patriotismo que se encontra na *Revista do Centro* revela-nos que o sentimento cívico é amplo e pode ser manifesto de numerosas formas, através do esmero no exercício da profissão, da admiração e dedicação à pátria, até mesmo na peregrinação. Neste último caso e sob a alcunha de “sempre peregrino, todavia sempre patriota” encontramos Affonso Arinos, personalidade que “quer percorrendo a Corne d’Or, quer batido pelos ventos do Cabo Sunium, quer na religiosa placidez de Oxford, jamais lhe esqueceu a pátria! Era um recordar constante e pronto às menores evocações”.¹⁶⁹ Arinos foi, sobretudo, um regionalista, porque “compreendeu que para a grandeza da Grande Pátria, só o amor da Pequena Pátria pode ser útil e fecundo. A matéria brasileira só poderá nascer da matéria regional”. Além disso, “as tormentas de civilizações estranhas” nunca conseguiram “macular a sua fé nacional, e, como a límpida corrente natal, a sua alma aguardou, para sempre, o cristalino caráter das origens!”.¹⁷⁰

A preocupação com os pobres e com a política fez do General Francisco Glicério um tipo exímio de cidadão. É sob o olhar de Antonio Álvares Lobo, presidente da Câmara dos Deputados do Estado de S. Paulo, que Glicério é considerado “o tipo perfeito de cidadão, cercado da estima popular, com larga esfera de influência e de ação. Não só advogava nos auditórios a causa dos fracos, como também na imprensa pleiteava, com desusado calor, a melhor e mais perfeita organização política”.¹⁷¹ Sendo um exemplo do civismo, todos deviam ir a seu túmulo “pedir inspirações ao mais ardente patriotismo, e ensinamentos perenes para a orientação de nosso destino”, pois, afinal, fora ele “o sonhador do 15 de Novembro, e o mais afetuoso de desinteressado guia; ele vos servirá de fanal luminoso nos bons como nos maus dias de nossa nacionalidade”.¹⁷²

¹⁶⁸ *Ibidem*.

¹⁶⁹ Lima, A. Amoroso. O patriota erradio. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 42, p.6, 31 de março de 1916

¹⁷⁰ *Ibidem*, p.7.

¹⁷¹ Lobo, Antonio Álvares. In Memoriam do General Francisco Glicério. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 45, p.13, 31 de dezembro de 1916.

¹⁷² *Ibidem*, p.29.

Assim como em Francisco Glicério, a política é o meio pelo qual Campos Salles fora reconhecido por seu civismo; o político que soube “amar e dignificar com verdadeiro ardor a terra de seu nascimento”, prestou também inúmeros serviços ao Brasil, “a quem ele tanto soube elevar no conceito universal”¹⁷³.

A generosidade de Joaquim Quirino dos Santos o faz emérito no patriotismo, pois era um homem que “dava rios de dinheiro aos pobres, mas não se esquecia de auxiliar, sem por diretamente as vistas no lucro provável, os grandes cometimentos de que dependiam o progresso e o bem estar dos seus patrícios, mormente os dos que tinham nascido na mesma cidade em que ele nasceu”¹⁷⁴.

Fora das terras brasileiras, o único homenageado por seus sentimentos patrióticos é o general argentino Don Bartholomeu Mitre, sócio correspondente do Centro, cuja vida fora um “culto perene à grandeza de sua pátria, um apostolado persistente à causa da liberdade”.¹⁷⁵ Reconhecido como a personificação de sua pátria, coube a Mitre a designação do militar que ocupou o cenário político da Argentina com um brilho pouco comum e um destaque de primeira ordem.

A postura cívica ainda integra à plêiade dos egrégios as figuras de Ângelo Simões, do regente Diogo Antonio Feijó, de Oliveira Lima e do comendador João Elisiário de Carvalho Monte-Negro. Ângelo Simões é qualificado como um homem “interessado como poucos pelo progresso pátrio, pelo desenvolvimento do seu torrão”.¹⁷⁶ A personalidade do Regente Feijó assenta-se no patriotismo, que é “a concretização de todas as virtudes”¹⁷⁷, e

¹⁷³ Campos, Benedicto. Discurso da sessão fúnebre com que o Centro homenageou ao grande e saudoso conterrâneo dr. M. F. Campos Salles. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 32, p.15, 30 de setembro de 1913.

¹⁷⁴ Mesquita, Julio. Homens e aspectos. Coronel Joaquim Quirino dos Santos. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 44, p.57, 30 de setembro de 1916.

¹⁷⁵ Miller, Álvaro. Elogio histórico aos sócios falecidos. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 12, p.148, 31 de dezembro de 1906.

¹⁷⁶ Brito, Souza. Homenagem ao Dr. Ângelo Simões. Discurso de abertura na sessão cívica do Centro realizada a 20 de novembro de 1907. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 17, p.6, 31 de março de 1908.

¹⁷⁷ Lemos, Joaquim Tito de. O Regente Feijó. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 31, p.17, 30 de junho de 1913.

neste encontra sua melhor defesa. Recai sobre Oliveira Lima¹⁷⁸ a alcunha de modelar patriota, que tanto se empenhou para bem servir a nação.

A *Revista do Centro* exalta não apenas a devoção à pátria, mas igualmente a dedicação e admiração por Campinas. Custódio Manuel Alves, um desses homenageados, era um homem “que com verdadeiro entusiasmo, idolatrava a terra que lhe foi berço: ‘aqui nasci, aqui vivi e aqui quero morrer’ dizia muitas vezes, ao disreterar sobre assuntos do torrão natal”. Campineiro ativo e exemplo de bom cidadão, merecia-lhe “maior atenção tudo quanto se referia à vida campinense. Era um repertório vivo de fatos e tradições locais, não o traía nunca a memória fiel - assinalando datas e minudencias com clareza e precisão surpreendentes!”¹⁷⁹.

Tal qual Custódio Manuel, Alfredo Novaes, “um modesto e bom campineiro”¹⁸⁰, tornou-se ilustre por seus trabalhos pela cidade, pois fora um dos primeiros a assinar generosamente a edificação de uma casa própria para o Centro de Ciências e a compreender “melhor e mais seguramente como se honra o torrão natal, cultivando as ciências, as letras e artes”¹⁸¹.

Os discursos laudatórios da *Revista do Centro* fazem nos compreender que o cultivo da intelectualidade também é caminho para a honra da cidade natal, percorrendo tal caminho encontramos César Bierrenbach, “que dotou esta cidade com o Centro de Ciências, agremiação ilustre”, e foi o responsável pela “concretização da glória desta terra na ereção da estátua de Carlos Gomes, sarcófago e monumento devido a esse jovem campineiro, eternamente crente nos destinos de seu torrão natal”. Representativo de seu apego pela cidade, “quando se falava que gente de certa ordem se retirava daqui

¹⁷⁸ Moura, Américo de. Discurso pronunciado na sessão solene em homenagem ao eminente escritor e diplomata Sr. Oliveira Lima. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 33, p.3, 31 de dezembro de 1913.

¹⁷⁹ Duarte, Rapahel. Traços biográficos sobre Custódio Manuel Alves com dois documentos sobre a Topografia. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 7, p.138, 01 de junho de 1904.

¹⁸⁰ Miller, Álvaro. Elogio histórico aos sócios falecidos, *op. Cit.*, p.150.

¹⁸¹ *Ibidem*.

[Campinas], ele proferia: pois eu ficarei, serei o último abencerragem. Vá-se embora quem quiser”.¹⁸²

Henrique de Barcellos é único a ser homenageado por sua devoção simultânea à Campinas e ao Brasil. O fundador do jornal *Correio de Campinas* e lente de Língua Portuguesa do Ginásio Culto à Ciência nasceu em Portugal, mas desembarcara ainda adolescente na capital da República e posteriormente viera a residir em Campinas, terra por que “seu amor consagrava e pela qual exauriu todas as suas forças”¹⁸³. Não era só a Campinas que o “emérito sócio honorário do CCLA” prezava; Barcellos era um patriota que dizia que “o Brasil não é o meu país, mas é o meu país”.¹⁸⁴ Aos olhos de Tito Joaquim de Lemos, a fala de Barcellos era “concisa, mas traduz o grande amor pela pátria de adoção, nosso caro Brasil, do qual ele gostosamente fazia cantar os patrióticos versos, desde a sua descoberta à proclamação da República”¹⁸⁵.

O empenho e a dedicação desses homens não se limitam a suas terras natais ou adotivas, mas estendem-se ao exercício de suas atividades. Como profissionais, os homens ilustres da *Revista do Centro* assumem uma postura de audácia e coragem, comprometem-se com o labor da mesma forma que outrora comprometeram-se com os estudos, possuem apurados pensamentos, talento, inteligência, erudição e avidez por conhecimento, todavia em nenhum momento se vangloriam de possuir tantas virtudes.

2.3. AS VIRTUDES NO DESEMPENHO DAS ATIVIDADES

No exercício de suas funções, é eleita como virtuosa a postura audaciosa dos homenageados, como o Regente Feijó, homem de posição favorável à concessão do matrimônio aos padres, pois afirmava que “a história conserva o triste quadro dos escândalos, deboches, adultérios e mil outros crimes que desonram a santidade do ministério eclesiástico ao ponto que o clérigo que parecia continente, era por isso mesmo

¹⁸² Barcelos, Henrique de. Homenagem ao Dr. César Bierrenbach. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 15, p.65, 30 de setembro de 1907.

¹⁸³ Lemos, Tito Joaquim de. Henrique de Barcellos - discurso proferido em sessão consagrada ao saudoso extinto, **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 28, p.3, 30 de setembro de 1912,

¹⁸⁴ *Ibidem*, p.6.

¹⁸⁵ *Ibidem*.

suspeitoso de outros crimes...”.¹⁸⁶A polêmica posição era fruto de uma “audácia que somente Diogo Feijó poderia ter sem sofrer outra consequência que o combate dos dois notáveis antistetes - o arcebispo da Bahia e o bispo do Maranhão”.¹⁸⁷

A postura corajosa, virtude por Aristóteles apontada como uma das mais honrosas, também se faz presente entre os ilustres da *Revista do Centro*. Homenageados pela coragem despreendida são Hércules Florence, tido como um espírito decidido e de coragem, no qual “à resolução seguia-se logo a execução”.¹⁸⁸ O trabalho tenaz e abnegado desses homens audaciosos e corajosos é apontado entre as virtudes do jornalista Henrique de Barcellos, homenageado, tido como “um trabalhador tenaz durante longo período, mesmo quando a cruel moléstia que o vitimou lhe minava o organismo de atleta”¹⁸⁹.

O amor ao labor e a abnegação determinam a personalidade de Ângelo Simões e de Luiz Pereira Barreto. Simões é qualificado como um homem de méritos excepcionais, um “apóstolo decidido do bem na profissão médica”, que possuía um “infatigável amor ao trabalho”¹⁹⁰. Pereira Barreto é identificado como trabalhador abnegado e incessante pelo progresso de São Paulo, conduta assumida que “levantou um altar de estima e respeito nos lares dos que aqui nasceram, como nos dos que aqui labutam, nacionais e estrangeiros”¹⁹¹.

Em uma extensa preleção de Basílio de Magalhães o botânico e sócio correspondente do Centro Barbosa Rodrigues é apontado como egrégio por ser um “extremo lutador da ciência”, que fora “no luxuriante domínio da Flora, o mais abalizado e digno continuador dos Vellosos”.¹⁹² A homenagem pela dedicação ao labor ainda recai

¹⁸⁶ Lemos, Joaquim Tito de. O Regente Feijó, *op. Cit.*, p.22.

¹⁸⁷ *Ibidem*.

¹⁸⁸ Silva, Amalio. Ata da VI solene do Centro de Ciências, Letras e Artes, realizada no dia 29 de fevereiro de 1904, em comemoração do centenário do nascimento de Hercules Florence. Presidente : Dr. José de Campos Novaes. / 1 ° secretário : Dr. César Bierrenbach / 2 ° secretário : Dr. Edmur de Queiroz. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 7, p.112, 01 de junho de 1904

¹⁸⁹ Lemos, Joaquim Tito de. Henrique de Barcellos - discurso proferido em sessão consagrada ao saudoso extinto, *op.Cit.*, p.6.

¹⁹⁰ Brito, Souza. Homenagem ao Dr. Ângelo Simões. Discurso de abertura na sessão cívica do Centro realizada a 20 de novembro de 1907, *op.Cit.*, p.4.

¹⁹¹ Godinho, Victor. Dr. Luiz Pereira Barreto. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 40, p.31, 30 de setembro de 1915.

¹⁹² Rodrigues, Barbosa. Discurso pronunciado. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 23 e 24, p.52, 31 de setembro a 31 de dezembro de 1909.

sobre o comerciante Domingos Luiz Netto, consagrado como “denotado trabalhador”¹⁹³, e a Francisco Glicério, um incessante homem do trabalho.¹⁹⁴

Os homens comprometidos com o trabalho que outrora a mesma postura depreenderam para com os estudos, realizando-os com brilhantismo, também compõem os ilustres do periódico campineiro. É assim que César Bierrenbach ressalta, como virtuosa, a prodigiosa época de estudante de Assis Vieira Bueno, que fez “época na faculdade de medicina com talento e espírito admiráveis”.¹⁹⁵ A exemplo de Bueno, o médico Ângelo Simões também é homenageado por seus estudos de humanidades “feitos com brilhantismo”¹⁹⁶.

Euclides da Cunha, sócio correspondente do Centro, também é apontado por seu esmero estudantil; consoante Basílio de Magalhães, redator do discurso destinado a seu elogio, “matriculara-se criança, ainda, na Escola Militar, em que sempre foi um estudante distinto”. Quando fora “proclamado o novo regime político, foi Euclides readmitido imediatamente no exército, e conclui, com raro brilho, o curso de engenharia militar”¹⁹⁷.

No mesmo discurso, o tenente coronel Dr. Juvenal Miller, sócio correspondente do CCLA, é identificado como estudante dedicado, que se diplomou “em engenharia militar, após um brilhante curso, no ano mesmo da proclamação da Republica”.¹⁹⁸ A mesma alcunha recai sobre Hipolyto da Silva, jornalista campineiro, que “fez os primeiros estudos, ao lado de uma plêiade radiosa de contemporâneos, entre os quais conseguiu destacar-se e pelos quais soube fazer-se estimar”¹⁹⁹.

¹⁹³ Redação da Revista. In Memoriam. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 35 e 36, p.6,30 de junho e 30 de setembro de 1914.

¹⁹⁴ Penteadado, Heitor. In Memoriam do General Francisco Glicério. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 45, 31 de dezembro de 1916.

¹⁹⁵ Bierrenbach, César. Dr. Manoel de Assis Vieira Bueno. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 8, p.48, 31 de outubro de 1905.

¹⁹⁶ Barcellos, Henrique de. Homenagem ao Dr. Ângelo Simões. Discurso de abertura na sessão cívica do Centro realizada a 20 de novembro de 1907. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 17, p.5, 31 de março de 1908

¹⁹⁷ Magalhães, Basílio. Discurso pronunciado, **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 23 e 24, p.54, 31 de setembro a 31 de dezembro de 1909.

¹⁹⁸ *Ibidem*, p.55.

¹⁹⁹ *Ibidem*, p.56.

Em um das primeiras alocações trazidas pela *Revista do Centro* é possível observar a admiração que os membros dessa instituição deferiam aos homens de vultosos talentos e genialidade. O então orador da Instituição, Souza Brito, confere ao elogiado de sua fala, Leopoldo Miguéz, o epíteto de “individualidade artística do gênio musical brasileiro”.²⁰⁰ Destaca, no retrospecto que faz da vida do elogiado, que desde tenra idade Miguéz manifesta o “aspecto interessantíssimo de seu talento complexo”²⁰¹. Todo o trajeto biográfico elaborado pelo orador busca traçar um elogio ao talento do artista, intitulado de “gênio”.

O epíteto de gênio, ao contrário da louvação por um nobre pensamento, aparecerá em vários elogios, nestes a genialidade é explorada sob diversos aspectos, estendendo-se do campo científico ao artístico, transpassando a política e as letras. Um exemplo de genialidade científica encontrada na *Revista do Centro* é Benedicto Leite, o “genial pensador sergipano saído da povoação sertaneja de Escada para a capital pernambucana, onde mais proveitosos e amplamente se fez sentir o seu apostolado científico”²⁰².

A primeira mulher elogiada nos discursos epidícticos da *Revista do Centro* é um exemplo de genialidade artística. A musicista Guiomar Novaes, apontada como um talento aproveitável, é “uma discípula que apareceu só e recebeu a consagração de gênio aos 18 anos, quando ainda ‘no arrebol doirado e escarlata da manhã da vida’”.²⁰³ A música de Guiomar Novaes “encanta, deslumbra, maravilha, seduz, atrai como o canto da sereia, como a eloquência de Demóstenes, como o caráter de Egas Moniz! E se atendermos a sua idade, a maravilha cresce de vulto, se atendermos as suas qualidades, o encanto sobe de ponto!”²⁰⁴.

²⁰⁰ Brito, Souza. Discurso proferido na sessão comemorativa da fundação do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas - Elogio histórico a Leopoldo Miguéz, **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 3, p.113, 30 de abril de 1903

²⁰¹ *Ibidem*, p.114.

²⁰² Magalhães, Basílio. Discurso pronunciado, *op. Cit.*, p.53.

²⁰³ Redação da Revista. Saudação a Guiomar Novaes, **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 35 e 36, p.3, 30 de junho e 30 de setembro de 1914.

²⁰⁴ *Ibidem*.

Outro gênio artístico trazido pela Revista -e mais laureado que Guiomar Novaes - é Carlos Gomes, a quem cabe o epíteto de “o maior genial musical das América”²⁰⁵. A genialidade política e literária recai sobre a personalidade de Ruy Barbosa, concebido como a “glória nacional, honra de nossa raça, gênio de nossa época”²⁰⁶. Genial e talentoso são adjetivos que definem Hércules Florence. O orador responsável pela preleção, Amalio da Silva, atribui à genialidade de Florence a causa por seu lugar no “Panteão da História”:

*Eis em breve sùmula, senhores, a história desse que em vida se chamou -
Hércules Florence.
Que melhores títulos pôde, pois, apresentar um homem ao juízo da
Posteridade para merecer um lugar distinto no Panteão da História ?
Ele foi - herói.
Ele foi - artista.
Ele foi - cientista,
E em cada uma das manifestações de seu espírito, - quem poderá negá-lo?-
deixou- indelével a viva cintilação de seu gênio.*²⁰⁷

Mais recorrente que a genialidade, o talento é virtude presente em um extenso número de elogiados. É o fúlgido talento de João Egídio de Souza Aranha que o torna egrégio para a direção da *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes*, este homem “um poeta, um orador, um jornalista notável no meio em que cantava as suas ‘Poesias Efêmeras’, arrebatava tantas vezes ao nosso público em seus rasgos de eloqüência, outrora, e em que, nesta sede de tanta agitação política redigira a *Opinião Liberat* com grande elevação”²⁰⁸.

Ao campineiro César Bierrenbach cabe a descrição de “figura empolgante, (de) palavra mágica e fascinadora, (de) um talento privilegiado, sempre voltado para as grandes

²⁰⁵ Octavio, Benedicto. Antonio Carlos Gomes. Notas para um estudo biográfico. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 45, p.39, 31 de dezembro de 1916.

²⁰⁶ Leme, Lino. Discurso a Ruy Barbosa, **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 35 e 36, p.7, 30 de junho e 30 de setembro de 1914.

²⁰⁷ Silva, Amalio. Ata da VI solene do Centro de Ciências, Letras e Artes, realizada no dia 29 de fevereiro de 1904, em comemoração do centenário do nascimento de Hércules Florence. Presidente: Dr. José de Campos Novaes. / 1º secretário : Dr. César Bierrenbach / 2º secretário : Dr. Edmur de Queiroz, *op.Cit.*, p.116.

²⁰⁸ Redação da Revista. Dr. João Egídio de Souza Aranha. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 8, p.43, 31 de outubro de 1905.

idéias na defesa do bom nome que imaginava para esta cidade (Campinas)”²⁰⁹. Igual a Bierrenbach, a aptidão assertiva é um atributo presente em Sant’Anna Gomes, irmão de Carlos Gomes; além de maestro, fora o músico um apreciado compositor, “pois ardia no mesmo fogo sagrado que inspirava seu irmão”²¹⁰.

Emérito por seu talento também é Euclides da Cunha, apontado como um homem de “competência e devotamento”, um “talento fulgurante”, um “abnegado servidor às letras nacionais, de que foi resplendente glória” e que “prometia ainda maior messe de flores fecundas e preciosos frutos”, o escritor teve as portas da Academia Brasileira de Letras abertas, “de par em par, na unânime afirmação do seu alto valor por parte dos que compõem o nosso supremo areópago intelectual”²¹¹. Ainda sob o epíteto do talento, encontra-se o jornalista campineiro Hipolyto da Silva, homem que exerce suas atividades com “o vigor de seu talento”²¹².

Para explicar a capacidade de Campos Salles, Benedicto de Campos afirma que os “próprios inimigos políticos depuseram as armas e reconheceram que de fato Campos Salles representava o núcleo de toda a esperança da salvação de nossa pátria e que era o protótipo do estadista contemporâneo”.²¹³ O político campineiro é identificado como um verdadeiro sustentáculo da paz americana, um entusiasta e consciente propagandista da aproximação dos povos. Homem de “desinteressado civismo” e de “clarividente ação” assemelhava-se aos “heróis da civilização e da democracia da grande e progressista república dos Estados Unidos da América do Norte”²¹⁴.

²⁰⁹ Souza, Brito. Discurso de abertura da sessão cívica em homenagem ao Dr. César Bierrenbach. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 15, p.67, 30 de setembro de 1907.(introdução do discurso)

²¹⁰ Octavio, Benedicto. Homenagem ao maestro Sant’Anna Gomes. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 19, p.67, 30 de setembro de 1908.

²¹¹ Magalhães, Basílio. Discurso pronunciado. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 23 e 24, p.54, 31 de setembro a 31 de dezembro de 1909.

²¹² *Ibidem*, p.56.

²¹³ Campos, Benedicto. Discurso da sessão fúnebre com que o Centro homenageou ao grande e saudoso conterrâneo dr. M. F. Campos Salles. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 32, p.13, 30 de setembro de 1913.

²¹⁴ *Ibidem*.

A plêiade dos talentos, extensa e variada, compreende a aptidão literária de Alberto de Oliveira, enaltecido por Antão de Souza Moraes, por intermédio de interrogações retóricas dirigidas ao autor:

*dizer do vosso maravilhoso talento de poeta, de vossa grande e extraordinária obra, escrínio deslumbrador das mais cintilantes gemas da poesia nacional? Como traduzir, no amontoado de algumas palavras, pobres e incolores, alinhavadas à la diable, a magnificência das linhas esculturais que conformam o palácio oriental dos vossos sonhos, das vossas fantasias, dos vossos arroubos de filho dilectíssimo das Musas? Como debuxar, neste instante, a imagem do astro, que sois, cuja singradura esplendorosa vem espargindo pelo anil, no firmamento das nossas letras, rutilantes projeções de triunfal e faiscante luz?*²¹⁵.

O “príncipe do parnasianismo nacional” é admirável não apenas em sua qualidade de poeta, como também nos “matizes característicos do temperamento tropical, incapaz de cingir-se na ficção da arte pela arte, da impassibilidade e do objetivismo à *outrance*, que, em França se quis fosse a norma da escola”.²¹⁶ Além do talento, o poeta é exaltado pela inventividade, pois abandonando, principalmente na segunda e terceira séries de suas poesias “os velhos e estafados temas líricos e os moldes um tanto estreitos e severos de escola”, afundou na “contemplação da natureza e do universo”²¹⁷.

O talento oratório encontra representação na personalidade do arcediogo Francisco de Paula Rodrigues, o Padre Chico, distinguido por “uma eloqüência que lhe borbotavam dos lábios, impelidos por um sopro incoercível, jorravam em jatos contínuos sobre o auditório deslumbrado”²¹⁸, no arcediogo havia uma “aureola de distinção e a superioridade inconfundíveis” obtida pela junção da “abundância da erudição, acumulada com carinho por uma memória felicíssima, a facilidade da linguagem, naturalmente tersa e elegante, o apropriado do gesto, a inflexão da voz casando-se perfeitamente com a natureza do assunto,

²¹⁵ Moraes, Antão de Souza. Alberto de Oliveira. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 41, p.53, 31 de dezembro de 1915.

²¹⁶ *Ibidem*, p.54.

²¹⁷ *Ibidem*.

²¹⁸ Moraes, Antão de Souza. Os nossos mortos – discurso realizado na sessão de 31 de dezembro de 1915. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 41, p.51, 31 de dezembro de 1915.

e, sobretudo, a sinceridade, o brilho moral de uma existência de incontestável merecimento religioso”²¹⁹.

A aptidão médica é ressaltada em Álvares Machado, “um dos cirurgiões mores de seu tempo”²²⁰, notável pela “habilidade com que tratava e extinguiu as afeições de olhos, em seu tempo, ninguém teve maior fama de oculista”²²¹. O médico S. Valentim, “progenitor da máxima escritora de nossa raça, D. Julia Lopes de Almeida”²²², era consagrado como um homem de talento, de rara operosidade.

Ainda percorrendo as qualidades atribuídas ao talento, encontramos Francisco Glicério, homem que se tornara “insubstituível na direção do grêmio (republicano)”²²³ e se fizera “o chefe republicano mais popular e mais querido”²²⁴. Detentor de uma grande capacidade para o trabalho associada ao talento no campo das idéias, Glicério “escrevia artigos entusiásticos de propaganda no terreno prático, alistava eleitores, dirigia os pleitos, procurava captar a simpatia de todos e, principalmente dos chefes das antigas famílias campineiras”²²⁵. Para Antão de Souza Moraes, um dos redatores desses discursos de elogio a Glicério – os outros escritores são Antônio Álvares Lobo e Heitor Penteado – o homenageado era

*dotado como nenhum outro de irresistíveis dons de sedução pessoal; de uma maleabilidade felicíssima no contornar dificuldades, no vencer resistências, no evitar irritações perigosas, no dissipar contraditas renitentes, habilíssimo no lóbrigar o ponto vulnerável de quem visava atrair o seu grêmio, o prestigioso condutor de homens penetrou no seio do povo e foi aí, em íntimo contato com a alma popular, que exerceu a pregação de seu evangélico republicano*²²⁶.

²¹⁹ *Ibidem*.

²²⁰ Octávio, Benedicto. Álvares Machado. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 44, p.47, 30 de setembro de 1916.

²²¹ *Ibidem*, p.51.

²²² Moraes, Antão de Souza. Os nossos mortos - discurso realizado na sessão de 31 de outubro de 1915, *op. Cit.*, p.49.

²²³ Penteado, Heitor & Lobo, Antônio & Moraes, Antão de. In Memoriam do General Francisco Glicério. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 45, p.5, 31 de dezembro de 1916.

²²⁴ *Ibidem*, p.7.

²²⁵ *Ibidem*, p.6.

²²⁶ *Ibidem*, p.30.

O talento presente em múltiplos campos é virtude apontada nas personalidades de José Bonifácio, o moço, do médico Pereira Barreto, do Barão de Paranapiacaba e de Thomaz Alves. O talento de Bonifácio encontrava-se na oratória, “a sua palavra fluente e colorida extasiava a Assembléia e entusiasmava a opinião popular”²²⁷; as teorias contínuas de Guizot, Thiers, Berryer e p. Louis Courier eram “conhecidas e propagadas pelo talentoso orador paulista, em uma linguagem imaginosa, colorida e cheia de encanto literário”.²²⁸ Além de talentoso orador, Bonifácio também era um poeta “inspirado nos esplendores das imagens românticas de Vitor Hugo, Casimiro Delavigne, o delicioso poeta helenista das odes ‘Messonianas’; na doçura das canções de Lamartine e de Alfredo de Musset”; o poeta talentoso integrava “à constelação literária dos seus insignes contemporâneos Álvares de Azevedo, Junqueira Freire, Pedro Luiz, Fagundes Varella, Castro Alves e Tobias Barreto”²²⁹. Como político, também dispunha de aptidões, pois “quando se tratou da reforma eleitoral, o hábil José Bonifácio, de novo, surgiu na tribuna parlamentar apelando para o valor cívico de cada um dos ministros da coroa”²³⁰. O discurso realizado nesta ocasião “foi um dos mais fulgurantes modelos de eloquência e primor político, em nossos anais de constitucionalismo”²³¹.

É Victor Godinho o redator a expor o homem talentoso para a escrita, para a medicina e para a política que Pereira Barreto fora, descrito como

*um médico, a quem as ciências não ocultam os seus arcanos e aplicações práticas, um filósofo e, sobretudo, um escritor. Especialmente como escritor, tem conquistado o grande número de admiradores e entusiastas, aos quais deleita com a leitura de trabalhos freqüentes. Possui um estilo seu, correntio e cantante, elevado e sedutor, que arrasta os olhos do leitor, da primeira à última linha, e prende-lhe a atenção numa cadeia de bronze*²³².

²²⁷ Freitas, Leopoldo. O Senador José Bonifácio. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 37, p.29, 31 de dezembro de 1914.

²²⁸ *Ibidem*, p.29.

²²⁹ *Ibidem*, p.31.

²³⁰ *Ibidem*, p.33.

²³¹ *Ibidem*, p.33.

²³² Godinho, Victor. Dr. Luiz Pereira Barreto, **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 40, p.27, 30 de setembro de 1915.

Para Godinho, as teses de Pereira Barreto por mais frívolas que pareciam, ofereciam sempre muito o que aprender e gravar, “a exatidão do conceito, a curiosidade do assunto, o vigor da descrição, a justeza da linguagem e a sinceridade do autor empolgam aos que têm a ventura de lê-los”²³³. Dentre seus escritos, foram aqueles que se referiram às questões agrônômicas e aos problemas de higiene os mais numerosos e populares, foram estes textos que “fizeram venerado o seu nome em todos os recantos de nosso país, foram esses que lhe deram ensanchas para revelar o seu primoroso talento de escritor, de propagandista, de inovador e de polemista”²³⁴. O escritor Barreto também fora um médico laureado com distinção em Bruxelas que “alcançou logo vasta clientela, tanto no domínio da medicina como no da cirurgia”²³⁵. O médico Luiz Pereira Barreto também era um homem apto à política. Segundo os dados biográficos, “foi eleito deputado estadual, e exerceu com elevado critério o alto posto de presidente da Constituinte paulista”²³⁶, embora proveitosa, sua passagem pela política fora efêmera, porque esta lhe “roubaria o tempo que devia entregar às lucubrações científicas e sociais de que tirou preciosas aplicações práticas, agrícolas e higiênicas”²³⁷.

Tal qual Pereira Barreto, um homem de qualidades múltiplas é João Cardoso de Menezes e Sousa, o Barão de Paranapiacaba. Como “professor e magistrado, nos primeiros anos de sua esplendente vida pública, João Cardoso revelou para logo as escolhidas qualidades morais e intelectuais, que o haviam de impor à confiança dos estadistas do segundo Império”²³⁸. Como poeta, fora “distinto e, a certos aspectos, originalíssimo em o nosso meio literário”²³⁹. Também fora tradutor, “com tais dotes de estilo poético, sobretudo, com o esmero de sua linguagem, sempre castiça, Paranapiacaba não podia deixar de ser o excelente tradutor que foi”²⁴⁰. Sobre o Paranapiacaba tradutor, o redator

²³³ *Ibidem*.

²³⁴ *Ibidem*, p.31.

²³⁵ *Ibidem*, p.28.

²³⁶ *Ibidem*, p.31.

²³⁷ *Ibidem*, p.31-32.

²³⁸ Moraes, Antônio de Souza. Os nossos mortos. Os nossos mortos – discurso realizado na sessão de 31 de dezembro de 1915. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 41, p.43, 31 de dezembro de 1915.

²³⁹ *Ibidem*, p.45.

²⁴⁰ *Ibidem*, p.46.

Antão de Souza Moraes é enfático: “para mim, o que me importa saber é si, lendo Byron, Lamartine, Lafontaine, Eschylo, através das versões de Paranapiacaba, sinto impressão idêntica à que experimentaria lendo aqueles autores no original, ou em traduções consagradas, como a que Leconte fez do PROMETHEU”²⁴¹.

Talentoso para as letras, Paranapiacaba também constituiu “uma figura à parte em nosso meio cultural, fazendo para a literatura nacional serviços, a muitos aspectos idênticos ao que deve a Castilho a literatura portuguesa”²⁴². Sendo um expoente da produção literária brasileira e “feito do mesmo barro que os demais escritores, devia naturalmente aspirar um lugar na Academia brasileira, lugar que tinha legítimo e incontestável direito, como uma recompensa às cãs envelhecidas no trato superior das letras”.²⁴³

A homenagem pelo talento múltiplo também recai sobre a personalidade de Thomaz Alves, na qual “o cirurgião e o clínico ilustre (...) não mataram o poeta e o artista”. Thomaz Alves ainda apresentava aptidão para o jornalismo, era o homenageado “uma das mais brilhantes figuras moças do jornalismo carioca”²⁴⁴.

Além da virtude do talento, a intelectualidade e a erudição também constituem as grandes personalidades da *Revista do Centro*; as figuras do intelectual e do erudito fundem-se à dedicação ao trabalho de homens de audácia e de coragem. Sérvulo de Assis, neste sentido, é representante da intelectualidade distinguida pela *Revista do Centro*, pois homem de particulares méritos intelectuais, era ver como “fazia os mais imprevistos comentários a um artigo de jornal, a um soneto, a uma caricatura. Atraente *causeur* dispunha de imenso repertório de fatos científicos, de apreciações literárias, de engraçadíssimas anedotas”²⁴⁵.

“Personalidade realmente representativa da intelectualidade brasileira” era para o orador do CCLA, Américo de Moura, o escritor e diplomata Oliveira Lima. Segundo Moura, o “generoso desejo de converter em frutos as flores que colheu no incessante e

²⁴¹ *Ibidem*, p.47.

²⁴² *Ibidem*, p.48.

²⁴³ *Ibidem*, p.48.

²⁴⁴ Alpha, Dr. Thomaz Alves Filho. *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas*, Campinas número 41, p.36, 31 de dezembro de 1915.

²⁴⁵ Barcellos, Henrique de. Sérvulo de Assis. *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas*, Campinas, número 8, p.35, 31 de outubro de 1905.

metódico estudo do passado”²⁴⁶ o transformou em um historiador eminente, que “no espaço decorrido dos 25 aos 45 anos, que ora conta, enriqueceu as letras pátrias de tão variado modo”²⁴⁷. As virtudes intelectuais também distinguem Antônio José Pereira, assinalado como “um espírito culto que, em alguns ramos da atividade intelectual, podia emparelhar com muitos empergaminhados pretensiosos”²⁴⁸.

É a intelectualidade uma virtude a ser louvada, mesmo quando desenvolvida em detrimento do físico. Um exemplo deste elogio encontramos no escritor Carlos Ferreira. Para a redação da *Revista do CCLA*, este escritor é homem cujo “moral e o intelectual estavam em flagrante contraste com o seu físico. (...) A banca do estudo absorveu-o por completo: houve desigualdade na partilha, e devia naturalmente sacrificar-se a sua individualidade física.”²⁴⁹

Lado a lado com o intelectual, a figura do erudito integra os egrégios da *Revista campineira*. César Bierrenbach é louvado por sua assombrosa erudição sobre a geografia e a história da América, especialmente da América do Sul, em cuja vida diplomática era profundamente versado, “com engenho concatenava séries de sínteses históricas” e em poder de sua família havia esparsos trabalhos sobre sociologia “que merecem garbos de competentes em tão difícil ramo científico”²⁵⁰.

Recai sobre o médico Luiz Pereira Barreto os elogios de “erudito, hábil, que sabe salpicar os seus escritos de noções deslembadas, ou desconhecidas, de idéias próprias, apresentadas com lógica e ênfase, ou alheias, por ele perfilhadas e brilhantemente expostas...”²⁵¹. No volume consagrado à filosofia metafísica “o Dr. Luiz Pereira Barreto revela os seus notáveis conhecimentos de história e de sociologia, com cujas referências

²⁴⁶ Moura, Américo de. Discurso pronunciado na sessão solene em homenagem ao eminente escritor e diplomata Sr. Oliveira Lima. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 33, p.3, 31 de dezembro de 1913

²⁴⁷ *Ibidem*.

²⁴⁸ Miller, Álvaro. Antônio José Pereira. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 11, p.130, 30 de setembro de 1906.

²⁴⁹ Redação da Revista, Carlos Ferreira. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número30, p.18, 31 de março de 1913.

²⁵⁰ Barcellos, Henrique. Homenagem ao Dr. César Bierrenbach. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 15, p.67, 30 de setembro de 1907.

²⁵¹ Godinho, Victor. Dr. Luiz Pereira Barreto, **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 40, p.27, 30 de setembro de 1915.

abrilhantam a críticas às leis daquele tempo e aos problemas metafísicos do Deísmo, do Panteísmo, do Ateísmo, do Espiritualismo, do Materialismo e do Ecletismo”.²⁵² Com tamanha sapiência, Barreto, “um velho de espírito eternamente moço, como julga e repete a sabedoria popular”²⁵³, era homem que amava “os livros como sempre amou, e nas suas publicações ajunta sempre alguma aquisição nova”²⁵⁴.

Sob a alcunha de “compulsador dos clássicos e grande estudioso”²⁵⁵ encontra-se a personalidade de Álvares Machado. A Pedro Sanches de Lemos cabe a erudição política, assunto de interesse para o culto médico, que não atuou nesta área, mas desenvolveu, em contrapartida, um vultoso conhecimento sobre o campo político imperial, tornando-se um minucioso conhecedor das personalidades do “antigo regime”, em especial, do Barão de Rio Branco, “cuja ação parlamentar (...) conhecia admiravelmente, repetindo de cor muitas de suas magistrais e empolgantes réplicas”²⁵⁶. “O largo contato intelectual com os velhos e veneráveis estadistas do Império”²⁵⁷ não o fez apenas um grande conhecedor da política brasileira, como também despertou no médico a apaixonada e vibrante admiração que tinha pelo parlamentarismo inglês, todavia não apenas este encantava Lemos, que estudou igualmente “a história e a vida dos grandes cidadãos da velha nação britânica”²⁵⁸ e não raro estabelecia comparações entre o Brasil e a Inglaterra, sempre aquele tendo esta como um exemplo a ser seguido.

A intelectualidade e a erudição que distingue os grandes homens na *Revista do Centro* são alçadas por uma permanente avidez pelo saber; os homens de talento, de pensamentos requintados e comprometidos com o trabalho anseiam por conhecimento e também por tal postura são louvados como virtuosos. Neste âmbito, o médico Nina

²⁵² *Ibidem*, p.30.

²⁵³ *Ibidem*, p.35.

²⁵⁴ *Ibidem*.

²⁵⁵ Octávio, Benedicto. Álvares Machado. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 44, p.54, 30 de setembro de 1916.

²⁵⁶ Moraes, Antão de Souza. Os nossos mortos - discurso realizado na sessão de 31 de outubro de 1915. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, número 41, p.49, 31 de dezembro de 1915.

²⁵⁷ *Ibidem*.

²⁵⁸ *Ibidem*.

Rodrigues é elevado por sua “inteligência peregrina”²⁵⁹ associada a uma “ânsia insaciável de saber”²⁶⁰; juntas, tais qualidades fazem desta “mente privilegiada” um dos maiores expoentes das ciências brasileiras. A busca do conhecimento é igualmente encontrada nas personalidades de Euclides da Cunha, homem cuja mentalidade era “sedenta de saber”.²⁶¹

São os ilustres da *Revista do Centro* homens de vultosos e múltiplos talentos, eruditos, membros representantes da intelectualidade brasileira e ávidos por um vasto saber, sem, contudo, vangloriar-se das virtudes das quais são exemplos. A modéstia, atributo apreciado que compõem o caráter dos grandes, integra às homenagens a Sérvulo de Assis, representante de uma “irreduzível modéstia”²⁶², e a César Bierrenbach, eloqüente orador destituído de vaidade, “destituído deste torpe sentimento”.²⁶³

O exemplo de modéstia, para Tito de Lemos²⁶⁴, é Diogo Antonio Feijó, que investisse de funções majestáticas, sem, contudo, alterar seu viver modesto e seu esgotante trabalho. Já Antão de Souza Moraes destaca como representação da modéstia um homem de profuso conhecimento que não ostenta sua sabedoria, como o médico Pedro de Sanches de Lemos, a quem cabe a homenagem de “espírito de singular distinção intelectual com a gaze tênue da mais encantadora modéstia”.²⁶⁵

2.4. AS VIRTUDES FAMILIARES

Como homens integrados e devotados a suas famílias são qualificados aqueles que integram a galeria dos ilustres da *Revista do Centro*. À esfera privada familiar cabem virtudes fundamentadas na figura do bom filho e do bom irmão.

²⁵⁹ Miller, Álvaro. Elogio histórico aos sócios falecidos, **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 12, p.149, 31 de dezembro de 1906.

²⁶⁰ *Ibidem*.

²⁶¹ Magalhães, Basílio de. Discurso pronunciado. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 23 e 24, p.54, 31 de setembro a 31 de dezembro de 1909.

²⁶² Barcellos, Henrique de. Sérvulo de Assis. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 8, p.40, 31 de outubro de 1905.

²⁶³ Barcellos, Henrique de. Homenagem ao Dr. César Bierrenbach, *op. Cit.*, p.64.

²⁶⁴ Lemos, Tito de. O Regente Feijó. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 31, p.17, 30 de junho de 1913.

²⁶⁵ Moraes, Antão de Souza. Os nossos mortos - discurso realizado na sessão de 31 de outubro de 1915, *op. Cit.*, p.49.

Filhos extremosos, devotados, que se submetem a sacrifícios para fazer o bem àqueles que lhe concederam a vida, em especial às suas mães, são os egrégios Sérvulo de Assis, Rodolpho Bernadelli e César Bierrenbach. Assis fora exemplo de devotamento como filho e como irmão, tão vultoso que “quase se santificara pelo amor aos seus, sacrificando as naturais aspirações de moço para ser o amparo de sua mãe e de sua irmã”.²⁶⁶ Bernadelli era “extremoso e amoroso para com sua velha mãe”²⁶⁷, já Bierrenbach, ainda que bacharel de admirável talento, não alçou vôos maiores e deixou-se quedar em sua terra natal, pois “a ele o prendeu o mais forte laço de sua existência, a luz de seu espírito, a sua conselheira admirável de todos os instantes, a sua veneranda mãe, que o adora e que ele adora em culto tão fervente que não admite termo de comparação”²⁶⁸. Ainda cabe, uma vez mais, a Bierrenbach a figura de extremoso filho. O jornalista Henrique de Barcellos ressalta em elogio ao orador campineiro sua ternura “que o fez o mais extremoso dos filhos”²⁶⁹.

A bondade fraterna faz-se presente dentre as personalidades homenageadas. A figura do extremoso, carinhoso e dedicado irmão difunde-se pelos egrégios da *Revista do Centro* e se encontra no escultor Rodolpho Bernadelli, em César Bierrenbach e em Sant’Anna Gomes. O primeiro é enaltecido por ser “extremoso como um pai para com os seus irmãos e sobrinhos”²⁷⁰; ao segundo cabe a alcunha de “o mais carinhoso dos irmãos”.²⁷¹ Já o irmão de Carlos Gomes era, aos olhos de B. Octavio, o “irmão extremoso – o ‘boníssimo irmão de Carlos Gomes’ lhe chamava Quirino dos Santos”²⁷².

2.5. VIRTUDES INDIVIDUAIS PARA COM A ALTERIDADE

Não é apenas na figuração perante a sociedade, no exercício da atividade escolhida e no domínio familiar que os grandes homens são apresentados como virtuosos. São eleitos

²⁶⁶ Barcellos, Henrique de. Sérvulo de Assis, *op. Cit.*, p.40.

²⁶⁷ Barcellos, Henrique de. Monumento a Carlos Gomes, **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 8, p.28, 31 de outubro de 1905.

²⁶⁸ *Ibidem*, p.30-31.

²⁶⁹ Barcellos, Henrique de. Homenagem ao Dr. César Bierrenbach, *op. Cit.*, p.64.

²⁷⁰ Barcellos, Henrique de. Monumento a Carlos Gomes, *op. Cit.*, p.29

²⁷¹ Barcellos, Henrique de. Homenagem ao Dr. César Bierrenbach, *loc. Cit.*

²⁷² Octavio, B. em Homenagem ao maestro Sant’Anna Gomes, *op. cit.*, p.69.

como egrégios, porque assim também o são enquanto indivíduos e na postura que assumem no trato para com o outro. É dessa forma que os homens ilustres distinguidos pela *Revista do Centro* são individualidades afáveis, generosas, amigas, leais, que ainda se constituem em exemplos de rígido caráter e do temor a Deus.

A afabilidade é designação empregada uma única vez nos discursos epidícticos trazidos pela *Revista do Centro*, e sua exclusiva aparição é destinada à primeira e também única mulher que angariou lugar na “galeria dos ilustres”. À musicista Guiomar Novaes cabe o elogio de “afabilidade singela” que se faz presente em sua “juventude gloriosa”, pois se não fosse tal juventude, “sua afabilidade a faria grande; não fosse tão singela em sua afabilidade, e sua juventude gloriosa a faria maior; sendo, como é, tão afável, tão singela, tão jovem, tão gloriosa, ela é máxima”.²⁷³

Se a individualidade afável cabe somente à única mulher elogiada, a generosidade e a bondade são virtudes encontradas em um número expressivo de egrégios. É na bondade que César Bierrenbach define a figura do médico Manoel de Assis Vieira Bueno; naquele homem, o qualitativo bom era uma herança de família, “estava em sua efígie e transparecia em suas menores ações”²⁷⁴, era bom porque dava “generosamente, prodigamente, esmolas e benefícios, como profissional, como particular, como amigo, como político e até mui *buenamente* perdoando aos próprios inimigos...”²⁷⁵. A virtude da bondade conferia a Vieira Bueno os títulos de “benfeitor da plebe humilde” e de “paladino do bem”; era um benfeitor, pois como médico atendia dezenas de negros, colonos e proletários que vinham em seu gabinete buscar a gratuita receita, e mais o dinheiro para aviá-la, o epíteto de paladino deve-se ao homem que por “toda a parte que transitava beneficiava, a sementeira da intelectualidade e de sentimentos afetivos”²⁷⁶.

A bondade se hibridiza à genialidade e define Rodolpho Bernardelli para Henrique de Barcellos. O redator pontua no espírito do artista a nobreza “pela generosidade com que

²⁷³ Redação da Revista. Saudação a Guiomar Novaes. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 35 e 36, p.3, 30 de junho e 30 de setembro de 1914.

²⁷⁴ Bierrenbach, César. Dr. Manoel de Assis Vieira Bueno, **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 8, p.47, 31 de outubro de 1905.

²⁷⁵ *Ibidem*.

²⁷⁶ *Ibidem*, p.50.

sabe corresponder a amigos e colegas”²⁷⁷; em Bernardelli “o gênio e a bondade se irmanaram em um ser digno de fascinar por um aspecto e de cativar por outro”²⁷⁸, e é por este conjunto que o povo campineiro não sabe o que mais aplaude na ocasião de inauguração do monumento a Carlos Gomes erigido pelo artista: “se a destra epopéia do ‘Christo e a adúltera’ ou se o generoso artista que erigiu, por tão pouco preço, o monumento de Carlos Gomes”²⁷⁹.

Álvaro Miller vê em Antônio José Pereira a “corporização do bem”, não havia desânimos para “o coração deste homem em se tratando de fazer o bem ou de levar a bom termo uma tarefa meritória”²⁸⁰.

A dedicação ao próximo, pilar constitutivo da bondade, também se faz presente na personalidade de Ângelo Simões. O médico, cuja vida fora “cheia de abnegações e altruísmos”²⁸¹, fora enaltecido como bom, pois atravessara todas as epidemias que assolaram Campinas desde 1889 e prestara “relevantíssimos e inolvidáveis serviços, tanto à população da cidade como aos enfermos de dois hospitais, que na epidemia de 1889 estiveram sob sua direção clínica, serviços que lhe valeram o título de benemérito da Irmandade da Misericórdia e da Beneficência Portuguesa”²⁸².

Dentre os assinalados como altruísticos, menção se faz ao orador César Bierrenbach, célebre por sua extremosa generosidade, “era moço alheio à vaidade, desprovido de ambições, tinha a mão aberta, pródiga mesmo, para acudir a clandestinas desgraças”²⁸³. Assim como Bierrenbach, Bernardo Alves Teixeira, comendador e sócio efetivo do CCLA, tem seu “impoluto caráter assinalado por uma reconhecida liberalidade: muito do que perseverante e laboriosamente amealhava, distribuía o ele em obras caridosas,

²⁷⁷ Barcellos, Henrique de. Monumento a Carlos Gomes, *op. Cit.*, p.29.

²⁷⁸ *Ibidem*, p.29.

²⁷⁹ *Ibidem*.

²⁸⁰ Miller, Álvaro. Antônio José Pereira. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 11, p.130, 30 de setembro de 1906.

²⁸¹ Barcellos, Henrique de. Homenagem ao Dr. Ângelo Simões. Discurso de abertura na sessão cívica do Centro realizada a 20 de novembro de 1907. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 17, p.6, 31 de março de 1908.

²⁸² *Ibidem*.

²⁸³ Barcellos, Henrique de. Homenagem ao Dr. César Bierrenbach, *op. Cit.*, p.64.

por meio das quais palpabilizou o seu amor a esta terra hospitaleira”²⁸⁴, sua generosidade também se definia por ligar seu “honesto nome”²⁸⁵ a muitas associações filantrópicas que se fundaram em Campinas.

O altruísmo também se define no comerciante Domingos Luiz Netto, um “grande filantropo”²⁸⁶, que consigo trazia a bondade, disposição aqui definida como “uma flor que se alimenta e cria dos resíduos que a dor no coração deixou”²⁸⁷. A exemplo do elogiado, o leitor, neste discurso, é incitado à prática do bem: “... pratiquemos o bem; liguemo-nos, cada vez mais, em torno do afeto; façamos justiça e leguemos à posterioridade, à memória honrosa de um homem de bem e de um patriota honesto e virtuoso”²⁸⁸.

Tal qual Luiz Netto, a bondade evidenciava-se na personalidade do médico Pereira Barreto, que nas horas de folga meditava sobre os problemas agrícolas e sociais, “ilustrando-os com espírito filosófico de que foi dotado prodigamente pela natureza. A sua arte é a arte de enriquecer... os outros”²⁸⁹. Possuidor de uma “alma sensibilíssima”²⁹⁰ era o Dr. Thomaz Alves, que “vivendo em esfera superior, nunca olvidou das camadas íntimas, a quem socorre pronta e generosamente”²⁹¹. A plêiade dos bondosos é extensa e ainda compreende o arcediogo Francisco de Paula Rodrigues, o Padre Chico, identificado como “exemplo de uma bondade infinita, de uma tolerância benevolente, de uma caridade sempre solícita”²⁹², tamanho era seu modelo de bondade que

as gerações porvindouras hão de receber da boca dos soetanos a tradição daquela benemerência magnífica: hão de saber que nesta idade de um torvo e insolente egoísmo, aquele sacerdote fez de sua vida um resumo

²⁸⁴ Magalhães, Basílio de Magalhães. Discurso pronunciado, **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 23 e 24, p.56, 31 de setembro a 31 de dezembro de 1909.

²⁸⁵ *Ibidem*.

²⁸⁶ Redação da Revista. In Memoriam. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 35 e 36, p.6,30 de junho e 30 de setembro de 1914.

²⁸⁷ *Ibidem*, p.5.

²⁸⁸ *Ibidem*.

²⁸⁹ Godinho, Victor. Dr. Luiz Pereira Barreto. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 40, p.35, 30 de setembro de 1915.

²⁹⁰ Alpha, Dr. Thomaz Alves Filho. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas número 41, p.36, 31 de dezembro de 1915.

²⁹¹ *Ibidem*.

²⁹² Moraes, Antão de Souza. Os nossos mortos - discurso realizado na sessão de 31 de outubro de 1915. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, número 41, p.51 31 de dezembro de 1915.

*fulgente de todas as virtudes do Cristianismo. Se lhe procurarmos uma fórmula, que lhe compreenda o transunto da existência, facilmente a encontraremos na seguinte: cresceu e viveu fazendo o bem. A caridade, o amor do próximo foram a sua preocupação, de cada dia e de cada noite.*²⁹³

Assemelhando-se ao arcediogo, o coronel Joaquim Quirino dos Santos era “copiosamente dadivoso”²⁹⁴, para este ilustre “dar era mais do que uma espontaneidade, era uma necessidade, uma exigência de sua natureza. Dava a parentes e a estranhos, aos que lhe pediam que desse e aos que não lh’o pediam, pessoal e coletivamente, às ocultas, como manda o Evangelho, ou às claras, com alarde, com ostentação, como o quer a vaidade humana. Dava como um nababo perdulário e bom”²⁹⁵. O coronel estendia sua generosidade às instituições campineiras, como o *Culto à Ciência*, e a *Santa Casa de Misericórdia*, onde “se achará o seu nome entre os dos maiores benfeitores de todas”²⁹⁶; é possível ler ainda que o bom homem tinha sobrinhos e sobrinhas às dezenas, para os quais foi “pai mais amante e carinhoso”²⁹⁷.

A galeria dos generosos da *Revista do Centro* ainda tem entre seus membros o jornalista Carlos Ferreira, homem de “coração generoso, afetivo, bem-fazejo e sempre aberto à prática do bem”²⁹⁸, o político Campos Salles²⁹⁹, um exemplo de altruísmo, e o campineiro Bento Quirino dos Santos, “uma alma de uma bondade magnífica, de uma estranha sensibilidade pelo sofrimento alheio”³⁰⁰. Finaliza os modelos desta virtude

²⁹³ *Ibidem*.

²⁹⁴ Mesquita, Julio. Homens e aspectos. Coronel Joaquim Quirino dos Santos. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 44, p.56, 30 de setembro de 1916.

²⁹⁵ *Ibidem*.

²⁹⁶ *Ibidem*, p.57.

²⁹⁷ *Ibidem*.

²⁹⁸ Redação da Revista. Carlos Ferreira. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 30, p.18, 31 de março de 1913.

²⁹⁹ Campos, Benedicto. Discurso da sessão fúnebre com que o Centro homenageou ao grande e saudoso conterrâneo Dr. M. F. Campos Salles. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 32, p.13, 30 de setembro de 1913.

³⁰⁰ Moraes, Antão de Souza. Os nossos mortos - discurso realizado na sessão de 31 de outubro de 1915, *op. Cit.*, p.43.

Francisco Glicério, conceituado pelo então orador do Centro de Ciências, Letras e Artes, Antão de Souza Moraes, como um homem de “bondade a todo o instante solicita”³⁰¹.

A bondade dos egrégios não se limita a suas atuações sociais, mas estende-se a seus círculos íntimos de amizades; dessa maneira, além de generosos, são os ilustres da *Revista do Centro* homens para quem a amizade possui um valor incomensurável, constituindo-se assim em exemplos de amigos preciosos e dedicados.

Henrique de Barcellos considera Sérvulo de Assis um “amigo precioso”³⁰², pois apesar da penumbra que precedia sua eterna sombra, ainda encontrou forças para enviar consolações a uma penosa existência. Para o mesmo Barcellos, Bierrenbach era definitivamente “colega de seus colegas”, emocionava ao referir-se a alheios desgostos, ligava sua alegria à dos demais e, em noites, em sua casa, recebia os amigos e fazia destes “inolvidáveis momentos, noites de indizível encanto”³⁰³, pois seus convidados sentiam-se bem “naquela amável gravidade”³⁰⁴.

É Sant’Anna Gomes quem personifica a figura de amigo sincero aos olhos de B. Octavio. Cabe ao maestro tal apodo, pois este desprende para com a família de César Bierrenbach uma particular dedicação, a mesma que oferece ao Centro de Ciência, onde, como amigo, prestou concurso às festas “com uma boa vontade que excede a todos os louvores”³⁰⁵.

Para a redação da Revista, a síntese dos altivos que detêm o sentimento da amizade está no jornalista Carlos Ferreira. Reconhecido como homem que tivera ilustres e nobres amigos, que foram seus amigos de todos os tempos, Ferreira é um egrégio “em cujo peito se cultuava com carinho, o sacratíssimo sentimento da amizade”³⁰⁶; dele desprendia uma lealdade que não se encerrava na amizade, mas se fazia presente em um amplo domínio,

³⁰¹ Penteadó, Heitor & Lobo, Antônio & Moraes, Antão de Souza. In Memoriam do General Francisco Glicério. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 45, p.5, 31 de dezembro de 1916.

³⁰² Barcellos, Henrique de. Sérvulo de Assis. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 8, p.41, 31 de outubro de 1905.

³⁰³ Barcellos, Henrique de. Homenagem ao Dr. César Bierrenbach. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 15, p.65, 30 de setembro de 1907.

³⁰⁴ *Ibidem*.

³⁰⁵ Octavio, B. Homenagem ao maestro Sant’Anna Gomes. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 19, p.65, 30 de setembro de 1908.

³⁰⁶ Redação da Revista. Carlos Ferreira, *op. Cit.*, p.17.

podendo ser percebida através dos olhos do jornalista, que eram “vivos e percucientes, espelhava-se, em pleno fulgor, toda a lealdade, toda a grandeza daquela alma”. Nota-se, nesta citação, os olhos como portas abertas e translúcidas da alma, através dos quais é possível identificar a lealdade de um homem.

O rígido e precioso caráter é outro integrante da personalidade dos homens egrégios da *Revista do Centro*. Comportando diversos significantes, a altivez do caráter dos grandes homens é expressa mediante distintas expressões; tendo estas, contudo, um único significado, faz-se curioso notar que em todos os discursos epidícticos nos quais tal virtude é distinguida, observa-se por parte dos redatores uma não preocupação em explicar o porquê de tais egrégios assumirem um brioso caráter, detêm-se apenas em delegar tal epíteto, sem, contudo, citar posturas, atos ou ações que definem tal qualificação.

Caracterizados por um “adamantino caráter”, “caráter adamantino” e “caráter de aço” são respectivamente Carlos Ferreira³⁰⁷, Thomas Alves³⁰⁸ e Francisco Glicério³⁰⁹. Ao homenageado Custódio Manuel Alves cabe a ventura de pertencer “à falange gloriosa de nossos avós, cujo caráter se impunha e cuja palavra era incisiva e dogmática!”³¹⁰; o coronel Juvenal Miller fora um militar cujo caráter “de fina tempera” o consagrou “desde anos muito em flor, à almejada felicidade da pátria”³¹¹; já o jornalista campineiro Hipolyto da Silva, fora designado como um homem admirável pelas “energias” de seu caráter.

Ainda percorrendo as qualificações atribuídas ao caráter, deparamo-nos com o elogio a Campos Salles, político cujo “elevadíssimo caráter”, auxiliou-o a “impor-se aos seus compatriotas e a todo o mundo culto”.³¹² A Bento Quirino dos Santos, ao médico S. Valentim, progenitor de Julia Lopes de Almeida e a Julio Frank de Arruda cabem as

³⁰⁷ *Ibidem*, p.18.

³⁰⁸ Alpha.Dr. Thomaz Alves Filho. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas número 41, p.36, 31 de dezembro de 1915.

³⁰⁹ Pentead, Heitor & Lobo, Antônio & Moraes, Antão de Souza. In Memoriam do General Francisco Glicério, *op.Cit.*, p.29.

³¹⁰ Duarte, Rapahel. Traços biográficos sobre Custódio Manuel Alves com dois documentos sobre a Topografia de Campinas. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 7, p.137, 01 de junho de 1904

³¹¹ Magalhães, Basílio de. Discurso pronunciado. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 23 e 24, p.55, 31 de setembro a 31 de dezembro de 1909.

³¹² Campos, Benedicto de. Discurso da sessão fúnebre com que o Centro homenageou ao grande e saudoso enterrâneo dr. M. F. Campos Salles, *op. Cit.*, p.15.

respectivas qualificações de “caráter sem jaça”, “caráter diamantino” e de representante de um “caráter reto e severo”.³¹³

Embora em número reduzido, alguns discursos apontam como virtuosos aqueles que cultivam a crença em Deus. Explicitamente em referências diminutas (apenas três), o homem crente também constitui o egrégio homenageado. A primeira aparição de tal virtude ocorre em 1904, quando o redator Raphael Duarte assinala o “espírito temente a Deus e verdadeiramente religioso” de Custódio Manuel Alves³¹⁴. É Henrique de Barcellos o segundo redator a citar o caráter religioso de um egrégio, ao ressaltar as “inabaláveis crenças de católico”³¹⁵ de Sérvulo de Assis. A terceira alusão ao caráter religioso ocorre no discurso de Leopoldo de Freitas, para quem José Bonifácio, o moço, fora o “magno sacerdote da religião”.³¹⁶

Aquilo que era suspeita na hipótese inicial materializa-se em conclusão. As virtudes, assinaladas nos discursos epidícticos da *Revista do Centro*, edificam um protótipo de homem: justo, correto, bom cidadão, filho amoroso, que honra a cidade e a pátria. Um homem que luta por seus ideais e, assim, integra o Centro de Ciências, Letras e Artes. No desempenho de sua profissão é audacioso, corajoso, comprometido com o labor e outrora desempenhara com brilhantismo o papel estudantil; também é dotado de pensamentos requintados, de talento, inteligência, erudição e continuamente ávido por conhecimento, todavia, sem vangloriar-se de possuir tantos dons. No âmbito familiar, é homem devotado aos seus; um bom filho e um bom irmão. Já nas relações que estabelece com o próximo,

³¹³ Moraes, Antão de Souza. Os nossos mortos - discurso realizado na sessão de 31 de outubro de 1915. Os nossos mortos - discurso realizado na sessão de 31 de outubro de 1915. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, número 41, p.43, 31 de dezembro de 1915.

³¹⁴ Duarte, Raphael. Traços biográficos sobre Custódio Manuel Alves com dois documentos sobre a Topografia de Campinas. Os nossos mortos - discurso realizado na sessão de 31 de outubro de 1915. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, *op. Cit.*, p.158.

³¹⁵ Barcellos, Henrique de. Sérvulo de Assis. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 8, p.40, 31 de outubro de 1905.

³¹⁶ Freitas, Leopoldo. “O Senador José Bonifácio”. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 37, p.34, 31 de dezembro de 1914.

adota uma postura de afabilidade, generosidade, amizade, lealdade e ainda destaca-se pelo rígido caráter e pelo temor a Deus.

O protótipo de egrégio cristalizado é merecedor de elogios e homenagens; sendo um exemplo a ser seguido. Desta conclusão advém uma outra: orientando e influenciando posturas e feitos, os discursos epidícticos são de cunho pedagógico e almejam inculcar as virtudes por eles, tantas vezes, referidas. Consideramos que tais virtudes sejam universais, ou seja, desatreladas, aparentemente, de qualquer segmento social, diretriz política ou econômica; essas virtudes são, antes, unânimes; estendem-se a todos.

AS CIÊNCIAS, AS LETRAS E AS ARTES NA REVISTA DO CENTRO

Analisar a *Revista do Centro* é um projeto de limites tão amplos quanto o conteúdo miscelâneo nela veiculado. Nosso trabalho teve início conceituando e caracterizando o periódico a partir de seus textos institucionais (os discursos e os relatórios das atividades desenvolvidas no Centro de Ciências, Letras e Artes). Conseguimos, ao término dessas leituras, identificar as representações que a *Revista* edificou acerca de si mesma, de sua instituição, de sua cidade e da figura egrégia que era por ela louvada. Com isso, finalizamos uma parte de nossa proposta. A parte restante materializa-se neste capítulo, absorvemo-nos, agora, das produções científicas, literárias e artísticas, genéricas classificações que pouco dizem a respeito destes textos. Cabe-nos, assim, identificar as naturezas e os almejos desses artigos para poder identificar o que este periódico campineiro entendia e veiculava por Ciências, Letras e Artes.

Para cumprir nosso intuito, dividimos o conteúdo não - epidíctico da *Revista do Centro* em três partições; esta sistematização obedece à tríade presente no próprio nome da publicação. Assim, na primeira seção deste capítulo, apresentamos os artigos de cunho científico; na segunda, os textos destinados às letras e, na última, os escritos pertencentes ao campo das artes. É necessário ressaltar, uma vez mais, que a divisão adotada para a realização e apresentação desta pesquisa inexistente em nosso objeto de estudo. A *Revista do Centro* advém de uma concepção eclética de cultura e, como se verá adiante, é representante de um saber enciclopédico. É esta a lógica que explica a disposição deste periódico: um artigo destinado ao combate das pragas dos cafezais é seguido por um texto de crítica literária, que é seguido por um ensaio de vulgarização científica e um escrito que tematiza o arquivo de Carlos Gomes.

3.1. AS CIÊNCIAS NA REVISTA DO CENTRO DE CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES

Ao longo dos quarenta e cinco números analisados, encontramos uma produção que ora se destina à vulgarização ilustrada das ciências naturais, ora compromete-se em divulgar a esfera pragmática dos estudos científicos - veiculando a aplicação direta das

ciências como agentes solucionadores de problemas contemporâneos e locais - e ora assume-se como uma produção especializada, sob a forma de ensaios específicos de uma determinada área do saber científico.

Sob a perspectiva da vulgarização científica, cuja função era ilustrar o leitor, encontram-se os artigos dedicados à química, à biologia e à física não aplicadas, redigidos de forma explanatória a proporcionar a compreensão do público leitor não especializado. A primeira produção desta espécie fora publicada, no número quatorze, sob a forma de um resumo da exposição oral realizada pelo médico Ezequiel Candido de Souza Brito sobre fenômenos físico-químicos; tal sócio demonstra grande satisfação “por ter sido o iniciador das conferências práticas em prol da propaganda de instrução”.³¹⁷ Camilo Vanzolini³¹⁸ dá continuidade às conferências de vulgarização da química através de um artigo, publicado no número vinte e dois, acerca das combustões inorgânicas e orgânicas.

A partir do número vinte e oito, Annibal de Freitas, lente do ginásio de Campinas, é autor único deste tipo de produção na área química, começa por abordar a maneira como se determinam os pesos moleculares pela pressão osmótica das soluções, publica, na seqüência, “a título de vulgarização das aplicações e conseqüências que se podem tirar da pressão osmótica”³¹⁹. No número trinta e um, baseado no trabalho de J. Duclaux e Me. E. Wollmam, ele faz apontamentos sobre a coloração “azul muito fraca da água”³²⁰ e finaliza sua contribuição com uma conferência, iniciada por “uma ligeira síntese do que tem sido as diversas hipóteses quanto à constituição da matéria”³²¹, mostrando, por fim, “a título de simples vulgarização científica, as idéias atuais, fruto de descobertas que revolucionaram inteiramente as ciências físicas e em muito quiçá a filosofia”.

³¹⁷ Brito, Souza. Resumo da conferência feita em 24 de setembro de 1904, no Centro de Ciências, Letras e Artes pelo Dr. Souza Brito, com o título Fenômenos físico-químicos. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 14, p.41, 30 de junho de 1907.

³¹⁸ Vanzolini, Camilo. Combustões inorgânicas e orgânicas - Conferência de vulgarização realizada no Centro no dia 7 de julho de 1909. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 22, 30 de junho de 1909.

³¹⁹ Freitas, Annibal. A solubilidade dos eletrólitos e pressão osmótica. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 30, p.25, 31 de março de 1913.

³²⁰ Freitas, Annibal. As causas da coloração da água. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 31, p.65, 30 de junho de 1913.

³²¹ Freitas, Annibal de. Moderno conceito de constituição da matéria. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 42, p.98, 31 de março de 1916.

Cabe a Nourian³²² escrever o único artigo cujo almejo era a vulgarização da biologia. Abordando o transformismo evolutivo de maneira a mesclar teorias e exemplificações, o autor ambiciona divulgar conceitos como a doutrina transformista e a evolução darwinista para o público leigo.

Na física, Souza Brito almeja vulgarizar de maneira humorada e sob a forma de um passatempo instrutivo alguns conceitos e teorias astronômicas, utilizando, para isso, a obra de Charles Richard:

*Achamos curioso revelar-vos, como simples passatempo instrutivo, as impressões colhidas na interessante obrinha de Charles Richard, sobre a origem e o fim dos mundos, e tudo se deslizando em um tom afinadíssimo de humorismo, em completo contraste com a dureza dos cálculos matemáticos. E ainda a propósito da arrojada hipótese da dissolução dos mundos, dos corpos celestes, em consequência da dissipação de energia através dos séculos...*³²³

Mais que integrar um projeto de vulgarização científica, o texto de Souza Brito nos assegura a *Revista do Centro* como um órgão difusor de obras e textos estrangeiros para o público local, através da tradução e da síntese que destes eram feitos.

Respondendo à indagação de um amigo, Horta Barbosa destina-se a explicar cientificamente a formação do arco-íris; em um artigo distinto pela didática, percorre a história da explicação científica do “sedutor fenômeno óptico”³²⁴.

Quando comparadas às páginas destinadas à aplicação da ciência (45% da total produção científica) e à sua especialização (41%), aquelas que se designam à vulgarização científica ilustrada (14%) não se mostram em número expressivo na *Revista do Centro*. Os dados nos levam a afirmar que este periódico, significativamente, veicula, em suas páginas, artigos cujo objetivo principal seja descrever e discutir estudos que se destinam à resolução prática das problemáticas contemporâneas da cidade, do estado e do país .

³²² Nourian, G. O. Transformismo e Evolução. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 32, 30 de setembro de 1913.

³²³ Brito, Souza. Um pouco de astronomia humorística - nota complementar ao estudo das leis de Kepler e Newton. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 15, p.78, 30 de setembro de 1907, p.78.

³²⁴ Barbosa, L.B. Horta. O arco-íris. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas número 22, 30 de junho de 1909. Cf. Artigo completo no Anexo III.

Analisaremos, a partir de agora, a produção voltada à aplicação das ciências naturais, iniciando nosso trabalho pelos artigos que abrangem o campo biológico para, em seguida, destinarmos-nos àqueles que se abarcam as áreas politécnicas.

As produções médicas da *Revista do Centro* absorviam-se com as doenças que assombravam o Brasil no início do século XX. Vieira Bueno é autor de um extenso estudo, que ocupa os números dois, três³²⁵ e cinco³²⁶, sobre uma questão de interesse palpitante na época, “a cruzada contra a tuberculose”.³²⁷ Principia anunciando a Liga Paulista Anti-Tuberculose e apontando a *Revista* como um membro importante nesta iniciativa. O médico Ângelo Simões³²⁸ também se dedica ao estudo da doença ao relatar os novos sinais da diagnose precoce da tuberculose pulmonar.

À lepra igualmente cabem preocupações: o número três do periódico publica, em nota, um remédio contra a doença³²⁹; a edição de número onze traz um artigo de Ernesto Luiz d’Oliveira acerca dos métodos para o tratamento da enfermidade³³⁰ e o número subsequente divulga um estudo de Ponciano Cabral cujo objetivo é contestar “algumas proposições (que lhe parecem) infundadas”³³¹ no artigo de Luiz d’Oliveira.

O médico Souza Brito ocupa-se da mortalidade infantil e da “fraqueza da constituição física do nosso povo e conseqüentemente a imperfeição de nossa educação moral e intelectual”³³², denunciando os vícios alimentares e a falta de higiene durante a infância. O tratamento de pessoas picadas por cobras também integra a produção voltada à

³²⁵ Bueno Vieira. A defesa contra a tuberculose. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 3, 30 de abril de 1903.

³²⁶ Bueno, Vieira. A defesa contra a tuberculose. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 5, 31 de outubro de 1903.

³²⁷ Bueno, Vieira. A defesa contra a tuberculose. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 2, p.41, 31 de janeiro de 1903.

³²⁸ Simões, Ângelo. Novo sinal de diagnose precoce da tuberculose pulmonar. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 4, 31 de julho de 1903.

³²⁹ Redação. Remédio contra a lepra. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas número 3, 30 de abril de 1903.

³³⁰ Oliveira, Ernesto Luiz d’. Tratamento da Morféa. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, ano 5, número 11, 30 de setembro de 1906.

³³¹ Cabral Ponciano. A propósito da lepra e da tuberculose. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 12, p.144, 31 de dezembro de 1906.

³³² Brito, Souza. Higiene alimentar da infância. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 7, p.165, 01 de junho de 1904.

saúde pública do periódico, apresentando o Dr. José Ferreira de Camargo³³³ os casos de mordeduras de cobras que foram, por ele, tratados com tanino.

O interesse econômico integra e fomenta a vulgarização das ciências aplicadas nos artigos que se destinam à indústria pastoril e à agricultura. Nos pastos, Fidelis dos Reis³³⁴ defende a criação de leis sanitárias e o estabelecimento de postos zootécnicos na prevenção e no combate a epidemias de febre aftosa que irrompem em fazendas que circundam a cidade de Campinas. Já o campo traz maiores preocupações, sendo assim, analisado sob diversos focos.

O almejo de uma maior rentabilidade na lavoura faz Adolpho Hempel relatar o processo da seleção do milho para o plantio desta cultura³³⁵. O interesse na agricultura internacional mobiliza Nurian³³⁶ a escrever sobre o predomínio da América do Norte no mercado mundial de algodão e as circunstâncias que asseguram tal superioridade e seu futuro.

A preponderância do café leva o mesmo Nurian³³⁷ a uma longa análise agrícola e econômica do principal produto brasileiro no início do século XX, são apontadas as causas que asseveram ao Estado de São Paulo a produção cafeeira, bem como algumas considerações sobre o seu futuro. A importância do produto na economia paulista e nacional faz com que o redator da *Revista do Centro*, Raphael Duarte, na iminência de uma crise na cafeicultura, enderece uma carta ao sócio correspondente Augusto Ferreira Ramos para constatar a veracidade de tão catastrófica informação:

³³³ Camargo, José Ferreira de. O tanino empregado como antídoto do veneno ofídico. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 10, 30 de junho de 1906.

³³⁴ Reis, Fidelis dos. Indústria Pastoril. Vantagens do estabelecimento de postos zootécnicos; necessidades da adoção de medidas sanitárias para o impulsionamento da indústria pecuária no Estado de São Paulo. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 1, 31 de outubro de 1902.

³³⁵ Hempel, Adolpho. A seleção de milho para semente. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 10, 30 de junho de 1906.

³³⁶ Nurian, G. O. O mercado mundial do algodão, subordinado à produção algodoeira americana. Circunstância que asseguram esta superioridade e seu futuro. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 28, 30 de setembro de 1912.

³³⁷ Nurian, G. O. O Café – Exposição sumária da propagação da cultura cafeeira nos países compreendidos entre os dois trópicos. Bases sobre as quais foi feita a sua propagação nesses países. Concorrência que surgiu entre eles para a venda do produto nos mercados mundiais. Causas que contribuíram para assegurar a preponderância brasileira do Estado de São Paulo na produção do café. Algumas considerações sobre o futuro do café no Brasil. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 29, 31 de dezembro de 1912.

Nossa 'Revista' cuja órbita de ação é vasta, não se limitando às questões meramente acadêmicas, mas curando também dos problemas vitais que afetam a todo o país e ao nosso Estado em particular, vem sujeitar à sua reconhecida competência e respeitável critério uma questão que muito deve preocupar o governo deste Estado.

(...)

*De algum tempo a esta parte, começaram de espalhar-se boatos alarmante sobre a situação do mercado de café. Constituirão tais alarmes os prodromos de uma nova crise cafeeira? (...) Não lhe parece a v. excia. que, por causa do sempre iminente perigo da superprodução, deveríamos ter estatísticas oficiais, dando anualmente cifras exatas e indiscutíveis sobre o aumento de pés de café? Que lhe parecem os desmentidos oficiais, quando não baseados na existência de tais estatísticas?*³³⁸

A superprodução é a oponente do bom valor comercial do produto agrícola; todavia, havia, no campo, um inimigo maior a se temer, responsável por perdas de parte significativa da lavoura, quando não, de sua totalidade: eram as pragas. Preocupada com a produção agrícola, pedestal da economia paulista, a *Revista do Centro* veicula um número acentuado de artigos que se destinam à identificação e ao combate das espécies maléficas às plantações. A presença em número expressivo desses estudos só vem comprovar a preocupação do periódico campineiro em vulgarizar as ciências aplicadas, aquelas cujo fim não se encontrava na ilustração do leitor, mas em viabilizar, através da aplicação dos conhecimentos, soluções para problemas que afligiam, em especial, a região campineira.

A preocupação com as pragas inicia-se no número vinte, quando vem a lume a pesquisa de Gregório Bondar³³⁹, desenvolvida no Instituto Agrônômico, acerca das brocas causadoras de graves danos às árvores frutíferas. O número seguinte traz um artigo do mesmo Bondar e de Souza Brito³⁴⁰ responsável por identificar o *Polyrrhaphis grandini* como o principal inseto devastador dos pomares das goiabeiras e de outras mirtáceas, propondo maneiras de eliminar a praga e, assim, garantir a lucratividade da fruticultura.

³³⁸ Carta de Raphael Duarte a Augusto Ferreira Ramos. A fortuna pública e particular e a questão cafeeira. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 30, p.30,31 de março de 1913.

³³⁹ Bondar, Gregório. Uma broca das *Myrtaceas fructiferas*. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 26, 31 de agosto de 1910.

³⁴⁰ Bondar, Gregório & Brito, Souza. *Polyrrhaphis grandini*, parasita das goiabeiras e outras *myrtaceas*. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 27, 31 de junho de 1912.

Em um texto produzido “não com fito científico, mas de vulgarização”³⁴¹, Nourian analisa no número trinta, a *hemileia vastatrix*, um parasita das folhas do café, propondo formas de eliminá-lo, evitando, assim, o comprometimento da lavoura cafeeira.

José de Campos expõe, no número trinta e três, artigos que esboçam soluções para problemas enfrentados pela agricultura paulista e nacional. O primeiro trata de um inimigo das plantações de café, um caramujo terrestre, listrado de azul, da ordem dos *Gasteropodos*, da família das *Bulimidas*, Novaes³⁴² descreve a ação deste caramujo, propõe formas para evitar sua ação e aponta o desequilíbrio na cadeia alimentar natural como possível causa para o aumento demasiado da espécie. O segundo artigo é a transcrição de um “serviço de informações e divulgação sobre os insetos daninhos na agricultura” empreendido por Gregório Bondar, o primeiro fascículo deste estudo refere-se às brocas das figueiras e o segundo às pragas das mirtáceas frutíferas do Brasil. Antes da transcrição, Novaes apresenta o trabalho de Bondar e, tomando o como exemplo, aponta como forma de combate às pragas um estudo aplicado a estas.³⁴³

Finalizando o estudo das espécies que ameaçam às lavouras, a *Revista do Centro publica*, em sua edição de número trinta e quatro, mais dois trabalhos cuja autoria é do mesmo José de Campos Novaes. Preocupando-se apenas com a agricultura, o sócio redator destina-se a analisar a ação das lagartas “mede-palms”, responsáveis por devastar “cafezais, canaviais, milharais e gramados, nas vizinhanças de Campinas”³⁴⁴. Igualmente preocupado com as árvores plantadas nas cidades, destina-se a identificar os predadores que prejudicam o desenvolvimento das espécies utilizadas na arborização das ruas de Campinas e de São Paulo³⁴⁵.

³⁴¹ Nourian, G. O. Algumas palavras sobre a *hemileia vastatrix*. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, p.46, número 30, 31 de março de 1913.

³⁴² Novaes, José de Campos. Um novo inimigo do café. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 33, 31 de dezembro de 1913. Cf. Artigo completo no Anexo IV.

³⁴³ Bondar, Gregório. Brotas das laranjeiras e outras aurandareas. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 33, p.19, 31 de dezembro de 1913.

³⁴⁴ Novaes, José de Campos. As lagartas mede-palms dos milharais. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 34, p.11, 30 de março de 1914.

³⁴⁵ Novaes, José dos Campos. Arborização das ruas – os plátanos e o carvalho. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 34, 30 de março de 1914.

Embora prevaletentes, os estudos científicos publicados na *Revista do Centro* não se absorvem apenas em aplicações de cunho agrícola-econômico; a preocupação ecológica materializa-se neste periódico em dois momentos. O número inicial da *Revista* aborda como a devastação das florestas na extensão do estado de São Paulo pode acarretar alterações no clima. Para o redator Souza Brito³⁴⁶, já podem ser sentidas nas regiões do oeste paulista modificações climáticas bem sensíveis, como anormalidades nas temperaturas e no regime das chuvas. Na mesma edição, encontramos o sócio João Pedro Cardoso defendendo a criação de um código florestal para moderar a derrubada das matas paulistas, extintas em benefício da cultura cafeeira “que só viu aumento nesses últimos doze anos”³⁴⁷. Em relação à mesma causa, Alberto Löfgren publica, no número onze, um manifesto pedindo o apoio do Centro de Ciências à realização de um “movimento reacionário no sentido de regularizar as derrubadas onde ainda há matas e influir para a replantação onde já não existem mais”³⁴⁸.

A vulgarização das ciências aplicadas na *Revista do Centro* estendeu-se pelos campos do saber politécnico e tematizou as ferrovias. O transporte do café era majoritariamente realizado através destes reconhecidos ícones do progresso no início do século XX; assim, por se constituírem em importantes peças na conjuntura cafeeira e econômica da cidade e do Estado, mereceram destaque nas páginas politécnicas da *Revista*.

O número inicial trouxe dois artigos relativos à viação férrea, o primeiro escrito por José de Campos Novaes configura-se em “um estímulo e um convite para que (muitos técnicos) venham vulgarizar as opiniões dominantes da engenharia oficial, todas orientadas dogmaticamente e centralizadas artificialmente na Capital Federal”³⁴⁹. O segundo de

³⁴⁶ Brito, Ezequiel Candido de Souza. A devastação das florestas na extensão em que se está dando em S. Paulo pode acarretar no futuro alterações na constituição do clima, que repercutiram sobre as condições higiênicas e sociais. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 1, 31 de outubro de 1902.

³⁴⁷ Cardoso, João Pedro. Devastação das matas. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 1, p.19, 31 de outubro de 1902.

³⁴⁸ Löfgren, Alberto. Sobre a destruição das matas. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 11, p.127, 30 de setembro de 1906.

³⁴⁹ Novaes, José de Campos. A viação em direção as fronteiras do Sul e Oeste do Brasil deve ter como ponto central de partida a cidade de São Paulo. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 1, p.27, 31 de outubro de 1902.

Orville A. Derby³⁵⁰ comenta e complementa os tópicos abordados pelo texto de Novaes. O engenheiro civil, Carlos W. Stevenson, publica, no número dezessete, sua preocupação com a “frequente sucessão de desastres ocasionados pela ruptura de trilhos nas estradas de ferro”³⁵¹, embora não ocorridos no Brasil, o sócio redator assegura que conhecer os entraves por outros enfrentados é demasiado importante, pois “as condições se mudam dia a dia, e cumpre às administrações acompanhar com todo o empenho o movimento que se vem produzindo, a fim de evitarem em futuro mais ou menos remoto as graves dificuldades”.³⁵² Mellilo³⁵³ e José de Campos Novaes³⁵⁴ discutem o prolongamento dos trilhos da Mogiana até a cidade de Santos. É Felix da Cunha quem finaliza a abordagem ferroviária, transcrevendo para a publicação campineira trechos da obra “Planos da Viação”, do engenheiro Clodomiro Pereira da Silva, julgados de relevante importância para o público leitor da *Revista*.³⁵⁵

Se a vulgarização de cunho ilustrado não constituiu uma parte significativa na produção científica da *Revista do Centro* (corresponde a 14%), já pudemos observar que a mesma afirmação não cabe aos artigos destinados à vulgarização das aplicações científicas, nem à especialização. Enquanto os primeiros corporificam 45% do conteúdo periódico, os segundos representam 41%. Parece-nos, assim, que o periódico campineiro não se comprometia apenas com a divulgação dos conhecimentos científicos de fins utilitários, assumindo também uma postura especialista ao veicular artigos que pressupunha leitores tão especializados quanto os autores desses textos.

A produção especializada aparece logo no segundo número da *Revista do Centro* absorvendo-se da área botânica. José de Campos Noves encarrega-se de transcrever correspondências de Joaquim Corrêa de Mello, botânico campineiro, para perpetuar nas

³⁵⁰ Derby, Orville A. Opinião abasilada. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 1, 31 de outubro de 1902.

³⁵¹ Stevenson, Carlos W. Resistência dos trilhos. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 17, p.3, 31 de março de 1908.

³⁵² *Ibidem*, p.9.

³⁵³ Mellilo, V. A Mogiana em Santos. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 21, 31 de março de 1909.

³⁵⁴ Novaes, José de Campos. O prolongamento da Mogiana e a hulha branca. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 21, 31 de março de 1909.

³⁵⁵ Cunha, Felix da. Vias férreas. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas número 34, p.36, 30 de março de 1914.

páginas da Revista esses “atestados irrecusáveis da alta deferência dispensada a um conterrâneo mal conhecido mesmo ainda hoje da maioria dos brasileiros”.³⁵⁶ O saber botânico, abordado de forma especializada, continua a ser explorado, principalmente, nas edições iniciais da *Revista*, são publicados, no número quatro, a pesquisa de Gustavo Edwall, membro da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, acerca das plantas paulistas “novas ou menos conhecidas”³⁵⁷ e o ensaio de Alberto Löfgren³⁵⁸ sobre a espécie *Rhipsalis pilocarpa n.s.p.*

Löfgren é colaborador assíduo na *Revista do Centro*. José de Campos Novaes, inspirado em seu trabalho sobre a geografia botânica do Brasil, redige uma síntese científica acerca do assunto. O naturalista suíço ainda traz para o número dez um artigo, em francês, sobre a flora do Estado de São Paulo³⁵⁹; tematiza, no número onze, a *Rhipsalideas paulistas*, uma espécie da família das *cactaceas* que se encontra regularmente representada na flora paulista³⁶⁰, expõe, por fim, em um longo texto “a razão de ser dos variados grupos florísticos que constituem o rico manto vegetal brasileiro”³⁶¹. José de Campos Novaes finaliza os estudos botânicos ao elaborar um index das floras campineiras³⁶² e japonesas e ao propor um intercâmbio entre algumas espécies das duas localidades³⁶³.

Os artigos médicos especializados aparecem em acentuado número e constituem uma parte importante da produção científica deste periódico. Iniciam-se, no número

³⁵⁶ Novaes, José de Campos. Correspondência de Joaquim Corrêa de Mello. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 2, p.34, 31 de janeiro de 1903.

³⁵⁷ Edwall, Gustavo. Plantas paulistas novas ou menos conhecidas. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 4, 31 de julho de 1903.

³⁵⁸ Löfgren, Alberto. *Rhipsalis pilocarpa n.s.p.* **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 4, 31 de julho de 1903.

³⁵⁹ Löfgren, Alberto. La Flore de St. Paul. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 10, 30 de junho de 1906.

³⁶⁰ Löfgren, Alberto. Nova chave para as *Rhipsalideas paulistas*. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 11, 30 de setembro de 1906.

³⁶¹ Löfgren, Alberto. Ensaio para uma introdução da ecologia botânica. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 34, p.4,30 de março de 1914.

³⁶² Novaes, José de Campos. Index - *Florae Campinensis*. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 6, 30 de janeiro de 1904.

³⁶³ Novaes, José de Campos. Plantas do Japão. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas número 9, 31 de março de 1906.

quatorze, por intermédio de uma tese de Ponciano Cabral sobre o choque traumático³⁶⁴, o médico legista ainda publica uma síntese da teoria dos neurônios³⁶⁵ e um estudo, que absorve os números vinte e nove³⁶⁶ e trinta e um³⁶⁷, acerca dos acidentes causados pela cloroformização, um dos procedimentos anestésicos utilizados em cirurgias.

Depois de Ponciano Cabral, é Souza Brito aquele que mais textos médicos especializados produziu. Publica, no número quinze, um estudo das lesões cerebrais provocadas pela loucura, desenvolvido a partir de métodos histológicos mais aperfeiçoados e da anatomia patológica do cérebro.³⁶⁸ Comenta, no número dezoito, o livro “Elementos da Farmácia”, do bacharel João Florentino Meira de Vasconcellos, obra que “vem satisfazer uma lacuna há muito tempo existente na literatura farmacêutica brasileira”³⁶⁹; desenvolve ainda uma tese sobre o papel do despovoamento, da desarborização e da malária na decadência de certas nações³⁷⁰.

Estudos biológicos mais amplos, redigidos, todavia, sem a preocupação da vulgarização de seus conteúdos, fazem-se presente na análise de Souza Brito sobre o clima, a fauna e a flora das zonas naturais de produção brasileira³⁷¹, na descrição de Ricardo

³⁶⁴ Cabral, Ponciano. Choque traumático do ponto de vista médico-legal. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 14, 30 de junho de 1907.

³⁶⁵ Cabral, Ponciano. Inibição sob o ponto de vista médico-legal-teoria e descrição sintética dos neurônios. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 20, 31 de dezembro de 1908.

³⁶⁶ Cabral, Ponciano. Acidentes da cloroformização no ponto de vista médico-legal, pelo Dr. Ponciano Cabral, médico legista em Campinas. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas número 29, 31 de dezembro de 1912.

³⁶⁷ Cabral, Ponciano. Acidentes da cloroformização no ponto de vista médico-legal (continuação). **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas número 31, 30 de junho de 1913.

³⁶⁸ Brito, Souza. As lesões da loucura. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 15, 30 de setembro de 1907.

³⁶⁹ Brito, Souza. Bibliografia. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 18, p.57, 30 de junho de 1908.

³⁷⁰ Brito, Souza. Papel do despovoamento, da desarborização e da malária na decadência de certas nações. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 34, 30 de março de 1914.

³⁷¹ Brito, Souza. Zonas naturais de produção brasileira em suas relações botânicas e dendrológicas. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 31, 30 de junho de 1913.

Krone da avifauna³⁷² da região do rio Ribeira de Iguape e na lista, publicada pelo mesmo autor, enumerando os pássaros mais caçados nesta região³⁷³.

O conhecimento politécnico abordado de forma especializada pode ser reconhecido, no número seis da publicação, com o artigo de Adolph Hempel sobre o novo metal *radium*, texto que tem como base o do “snr. George F. Kunz, publicado no ‘American Monthly Review of Reviews’”³⁷⁴. A presença deste artigo nos certifica de que era a *Revista* um meio de divulgação dos recentes estudos científicos estrangeiros na cidade de Campinas, muitos dos textos nela publicados podem ser definidos como uma síntese das leituras estrangeiras efetuadas pelos sócios e divulgadas, através de suas traduções e sinopses, para o público da *Revista*.

Consta no mesmo número o comentário de Charles Dulley acerca do novo invento norte-americano, um expediente magnético que aumenta a tração; para obter maior conhecimento sobre o dispositivo, o redator escreve uma carta ao inventor, afirmando que “uma vez que esteja de posse de mais amplas informações (...) com muito prazer comunicá-las-á ao ‘Centro de Ciências, Letras e Artes’ esperando assim prestar um serviço ao Estado e ao Brasil em geral”³⁷⁵. Carlos Stevenson traz, para o número onze da *Revista do Centro*, um estudo sobre a segurança das pontes metálicas, neste são desenvolvidos fórmulas e conceitos que proporcionam o cálculo dos coeficientes de trabalho admissíveis para estas estruturas³⁷⁶. A discussão sobre as possíveis contestações das leis de Kepler e Newton, no campo teórico da física, fica a cargo de Souza Brito na edição de número dezenove³⁷⁷. Finalizando os estudos específicos do conhecimento politécnico encontra-se a

³⁷² Krone, Ricardo. Notas Ornitológicas - relativas à zona do Rio Ribeira de Iguape. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 25, 31 de agosto de 1910.

³⁷³ Krone, Ricardo. Grupo de pássaros caçados em Iguape. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 25, 31 de agosto de 1910.

³⁷⁴ Hempel, Adolph. Algumas notas sobre o novo metal Radium, lida na sessão ordinária no dia 19 de dezembro de 1903. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 6, p.35, 30 de janeiro de 1904.

³⁷⁵ Dulley, Charles J. Aumento magnético na tração. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 6, p.26, 30 de janeiro de 1904.

³⁷⁶ Stevenson, C. Coeficientes de trabalho admissíveis para as pontes metálicas. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 11, 30 de setembro de 1906.

³⁷⁷ Brito, Souza. Haverá elementos hoje para serem contestados – as leis de Kepler e Newton?. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 19, 30 de setembro de 1908.

radiotelegrafia, abordada, no número trinta e cinco e trinta e seis, por Brasil Donnici, neste artigo almeja-se demonstrar como a introdução desta “assistência absolutamente indispensável para os viajantes terrestres e marítimos”³⁷⁸ nas desertas regiões africanas estabeleceu, em especial, na Somália Italiana “uma nova era de civilização”³⁷⁹.

Como é possível observar, convivem na *Revista do Centro* textos científicos que contribuem para o conhecimento ilustrado do leitor, textos que almejam a divulgação de um saber que tem aplicação direta no cotidiano e textos com um conteúdo específico e especializado, destinados a um público leitor distinto pela especialização. Coexistem, assim, vulgarização e especialização, contrários que parecem “indissociáveis no universo científico”³⁸⁰ do início do século XX e na *Revista*.

Indissociáveis na publicação campineira, porque, cientificamente, seu caráter é híbrido: nela se propagam pesquisas desenvolvidas em institutos científicos especializados brasileiros, como o Instituto Agrônomo Campineiro, a Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, o Horto Botânico, sob a tutela de Alberto Löfgren; advêm, assim, destes núcleos uma produção especializada. Alguns sócios do Centro tomam para si a tarefa de divulgar pesquisas e obras internacionais; dessa maneira, sintetizam estas leituras e, sob a forma de resenhas, disponibilizam-nas para o leitor. Estes são textos que ora são escritos sob a perspectiva da vulgarização, ora da especialização. Por fim, é insofismável que o objetivo da *Revista* era divulgar conhecimentos da agricultura de forma expansiva a todos os interessados, afinal, era Campinas uma cidade agrícola, provida, em grande parte, pela cultura cafeeira.

Ao abordar as Ciências, aglutinando uma produção científica híbrida, a *Revista* assume um papel formador. Se as conquistas das ciências surgem “em benefício da

³⁷⁸ Donnici, A. Brasil. A radiotelegrafia nas colônias da África Italiana. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 35 e 36, p.25, 30 de junho e 30 de setembro de 1914.

³⁷⁹ *Ibidem*.

³⁸⁰ SÁ, 2004, p.3.

civilização do homem”³⁸¹, divulgá-las era uma maneira de apregoar e implementar as melhorias trazidas pela civilização, auxiliar a cidade, o estado e o país. Consoante, ainda a compreensão brasileira da doutrina positivista, difundir a ciência corresponderia a estimular a “inteligência dos brasileiros”³⁸², o que certifica ser sua vulgarização de essencial importância.

Assim, se o papel pedagógico da *Revista* fica claro quando, por intermédio dos discursos epidícticos, posturas, ações e comportamentos considerados louváveis são incentivados — afinal, por estarem publicadas a vida de homens virtuosos merecem, no mínimo, serem lidas com apreço, quiçá, com admiração e, atingi-se o objetivo, quando o que é lido é transformado em realidade — também se faz presente no ato de divulgar as ciências, fazendo-nos agora acreditar num possível caráter formador assumido pela *Revista*, que não se restringe apenas em seu conteúdo epidíctico.

3.2. AS LETRAS NA REVISTA DO CENTRO DE CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES

É eclética a produção “letrada” da *Revista do Centro*. Surpreende-nos não a quantidade, mas a vastidão do conteúdo que compõe à partição “Letras” do trinômio “Ciências, Letras e Artes” da revista campineira. Tamanho ecletismo e difusão dificultam a identificação das abordagens acerca do conteúdo “letrado” apresentadas pela *Revista* e, diante desse quadro, a observação de Antônio Dimas sobre o periódico carioca *Kosmos* (1904-1909) parece ter sido escrita a partir da *Revista do Centro*: “Será, portanto, a partir de uma leitura atenta dos textos [sobre literatura] (...) que se poderão inferir alguns dados genéricos acerca do comportamento [crítico] da Revista”.³⁸³ Seguindo os passos de Dimas, foi através da leitura dos textos acerca das “Letras” que encontramos as constâncias que se fazem presentes nesta partição.

Um possível eixo de análise surgiu quando consideramos a escrita dos sócios correspondentes - aqueles não residentes na cidade de Campinas - e dos sócios efetivos,

³⁸¹ Brito, Souza. Haverá elementos hoje para serem contestados – as leis de Kepler e Newton?. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 19, p.69, 30 de setembro de 1908.

³⁸² *Ibidem*, p.7.

³⁸³ DIMAS, 1983, p. 107.

consócios que se estabelecem nas proximidades ou no próprio município. A partir desta proposição, passamos a analisar a vasta produção destinada às Letras da *Revista do Centro* sob dois vieses: distinguimos os artigos elaborados pelos sócios efetivos daqueles assinados pelos consócios correspondentes. Almejamos com esta distinção identificar o que era lido e produzido por aqueles integrantes do Centro que residiam em Campinas ou próximo a esta localidade (produção local), bem como conhecer quem eram os redatores correspondentes, de onde eram e quais eram suas colaborações (produção externa ao Centro).

É sob este eixo que percorremos as mais significativas produções destinadas às Letras. Mais significativas, pois, como já mencionamos, a natureza de tais artigos pode ser classificada como vastíssima, todavia, para a análise pretendida, consideramos apenas aqueles que também se mostram quantitativamente expressivos. Dessa maneira, não integram nosso objeto de estudo a missivística e a produção filológica da *Revista do Centro*, mas o conteúdo referente à crítica literária, à poesia e à prosa.

3.2.1 – A Crítica Literária

Contemplaremos apenas a crítica que se atem à literatura elaborada no início do século XX, buscando, assim, identificar as leituras e o posicionamento crítico dos consócios frente a seus contemporâneos. O primeiro artigo de sócios efetivos destinado à crítica literária é publicado no segundo número da *Revista* pelo polígrafo José de Campos Novaes e ocupa-se da obra “Os sertões” de Euclides da Cunha. O redator campineiro, que acompanhou a leitura de partes da obra feita pelo próprio autor em visita a Campinas, afirma ser este um homem de estilo:

Se o estilo é o homem mesmo, o Sr. Euclides da Cunha tem um estilo seu, novo, vibrante, repleto de surpresas e de imagens rutilantes; por vezes, cheio de palavras cujas sílabas suprimidas ou aumentadas como o libérrimo dentre os poetas, nos dão uma certa impressão de neologismo pela extrema quantidade de desinências verbais por vezes desconhecidas. Lemos palavras estranhas como estas: - esbotelando-lhe, ensofregados, presposterára-se, impactas, refrão (fr.), inusitadas (fr.) e tantas outras que nos sobressaltavam a atenção, como aquelas balas invisíveis e inesperadas,

*que ponteavam insistentes e indeterminadamente os expedicionários de Canudos.*³⁸⁴

Ao abordar as inovações lexicais de Euclides da Cunha, Campos Novaes apenas as distingue, abstendo-se de qualquer juízo de valor; todavia, ao tratar da linguagem científica empregada na introdução desta obra e em todas suas páginas descritivas, deixa claro seu parecer. Para o consócio, estas passagens afastam-se de um estilo preciso, técnico e algumas composições chegam a ser inexatas e imaginosas, como a construção: “nas folhas de estômatos alongados em vilosidades”.³⁸⁵ O campineiro esclarece-nos que os estômatos, porosidades microscópicas, não tomam a estrutura alongada das vilosidades e que, portanto, esta afirmação botânica é puramente fantasiosa.

Pelas características da linguagem, tais passagens também exigem a atenção e o esforço do leitor, porém, passadas, a “narrativa dilata-se em páginas eloqüentes, rapidíssimas e emocionantes”³⁸⁶, como o “combate e o pânico causado sobre os fanáticos após o combate do cambaio com as forças do Major Febrônio”³⁸⁷ e o “desbarato dos soldados de Moreira César”.³⁸⁸ Campos Novaes não se aterá à narrativa; sua crítica far-se-á sobre os elementos científicos expostos na obra. Sob o argumento de retificar a narrativa euclidiana “essencialmente na parte científica”³⁸⁹, “sem que por isso a admiração por obra tão bela fosse diminuída”³⁹⁰, o campineiro empreende uma análise voltada para a flora e para a geografia do sertão nordestino, utilizando, para tanto, inúmeros autores e estudos das respectivas áreas. Inicia suas considerações expondo o que considera o maior inconveniente da obra:

O maior inconveniente que reparei desde longo na introdução foi a espécie de surpresa e da novidade das impressões de um paulista entrando num sertão safaro, quente e desolado como o das margens do S. Francisco;

³⁸⁴ Novaes, José de Campos. Os Sertões (Campanha de Canudos) por Euclides da Cunha. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 2, p.47, 31 de janeiro de 1903. Cf. Artigo completo no Anexo V.

³⁸⁵ *Ibidem.*

³⁸⁶ *Ibidem.*

³⁸⁷ *Ibidem.*

³⁸⁸ *Ibidem.*

³⁸⁹ *Ibidem*, p.48.

³⁹⁰ *Ibidem.*

*porque daí veio-lhe a convicção que esse curioso pedaço do Brasil era evidentemente desconhecido pela ciência.*³⁹¹

Assim, Campos Novaes mostra-se contrário à constatação euclidiana de um sertão nordestino absolutamente desconhecido, um local em que “nenhum pioneiro das ciências suportou ainda as agruras (...) em prazo bastante para o definir”³⁹². Adverso, afirma que esta era uma região desconhecida por Euclides da Cunha, assim como também o era para muitos sulistas, mas que havia quem a pesquisasse e até mesmo a catalogasse, como era o caso do botânico Von Martius, que juntamente com seu companheiro, Spix percorre o território baiano e na obra “X Tábula Physiognomia” esquematiza todos os vegetais característicos do sertão nordestino.

Todavia, o autor brasileiro não desconsidera o botânico alemão, afirma em trecho de sua obra que este ao excursionar pela região nordestina almejava observar o aerólito que tombara a margem do rio Bendegó e, assim, atentou mal para esta região. O consócio campineiro sai em defesa de Martius e afirma que é mais provável que Euclides não lera o que fora publicado pelo botânico e, assim, desconhecendo seus escritos, ignora sua pesquisa. A correção científica de Campos Novaes não pára por aí. Almejando expandi-la para outras partes do livro, apresenta para os nomes vulgares de alguns vegetais citados seus respectivos nomes científicos e afirma ser esta menção “para recreação e curiosidade dos leitores”.³⁹³

Por último, analisa o trecho de “Os Sertões”, na qual Euclides da Cunha erroneamente define a caatinga como “a paragem clássica das caatanducas”.³⁹⁴ Campos Novaes ressalta que a caatinga, presente no sertão, é o resultado da secura do ar, ao passo que a caatanducas, encontrada na região do Paraná, é resultado da porosidade e da secura do solo, estando assim, “a doutrina dos ‘Sertões’(...) errônea”.³⁹⁵

Após estes apontamentos, feitos a partir da discordância do redator em relação aos aspectos físicos da região nordestina apresentados na obra, o consócio campineiro discorre

³⁹¹ *Ibidem.*

³⁹² *Ibidem.*

³⁹³ *Ibidem*, p.49.

³⁹⁴ *Ibidem*, p.50.

³⁹⁵ *Ibidem.*

sobre um ponto da obra com o qual concorda plenamente: “as raças cruzadas no Brasil”³⁹⁶. Ocupa-se, a princípio, da mescla racial presente no cenário brasileiro para, então, voltar-se àqueles que povoam as terras áridas nordestinas:

*Este povo ainda inferiormente evoluído permanece em parte segregado da civilização do litoral, onde está concentrada ainda a população civilizada em constante comunicação com as terras grandes, no dizer jagunço. Estes continuam semi - nomades à mercê do primeiro mandão, ou do primeiro chefe fanático que os queira arregimentar. Mais de uns chefes perigosos têm se apoderado dessas almas, sem instrução religiosa nem civil. É um campo excelente para semear idéias místicas, ou credices de pagés e feiticeiros.*³⁹⁷

É sob o argumento do povo “inferiormente evoluído”, exposto a credices que José de Campos Novaes define a relação existente entre Antônio Conselheiro e o povo nordestino. O homem que deixara de ser recolhido ao Hospício de D. Pedro II, por falta de vagas, encontra prestígio através de sua insanidade. Além de insano, o campineiro o define como um homem de medíocre educação, de declamações beatas, desconexo dos doutos e o compara a Montanus de Renan, dizendo ser aquele um decalque deste: “O montanismo, descrito no **Marco Aurélio** de Renan serviu visivelmente para guiar o sr. Euclides da Cunha nas indagações doutrinárias sobre o Conselheiro”³⁹⁸

Campos Novaes compara, então, o líder de Canudos a Maomé, afirmando que este tal qual aquele tornou-se popular e benéfico durante cerca de 10 anos pacíficos, em que fora arquitetando sua doutrina. Eram nas convulsões provocadas pelos ataques epiléticos que suas visões lhe apareciam, juntamente com outras revelações pregadas aos fiéis, quando voltava a si. O prestígio social alcançado por Maomé enciumou autoridades em Meca que o perseguiram, tal qual a polícia de Joazeiro perseguiu Conselheiro; os seus fiéis o defenderam e o fizeram fugir para a cidade de Medina, seus compatriotas, então, enviaram expedicionários a esta cidade para capturá-lo, mas estes nada conseguiram, assim como fora mal sucedida a busca de Major Febrônio pelo líder de Canudos. O fracasso dessa expedição resultou no envio de um verdadeiro exército, cercado de prestígio e de grandes

³⁹⁶ *Ibidem.*

³⁹⁷ *Ibidem*, p.51.

³⁹⁸ *Ibidem*, p.52.

capacidades militares, assim como era os homens dirigidos por Moreira César no segundo confronto com os nordestinos. A derrota desse exército na batalha de Bedr fora idêntica à sofrida pelos soldados brasileiros frente aos revoltosos no sertão nordestino. Campos Novaes traça, assim, a similaridade entre Maomé e Antônio Conselheiro, fazendo os divergir em apenas um ponto: era Maomé um dos grandes gênios da humanidade, Antônio Conselheiro não. Em resumo, é através de uma comparação religiosa, com Montanus e Maomé que o consócio define o perfil do líder de Canudos: “... Tomai de Montanus suas visões apocalípticas e ajuntai de Maomé o seu prestígio social, menos o gênio político, e tendes o Bom Jesus Conselheiro.”³⁹⁹

Enfim, é sob as lentes da botânica, dos aspectos geográficos e das religiões comparadas que José de Campos Novaes desenvolve o que nomeia de “observações críticas”⁴⁰⁰ acerca da obra “Os Sertões” por estarem tais áreas em sua esfera de estudos especiais. Acompanhando o desenvolvimento do artigo de Campos Novaes, é possível concluir que o fazer literário euclidiano e o enredo da obra não são seus objetos de análise, volta-se quase que exclusivamente às partes científicas do livro, tomando-o como uma espécie de tratado científico e exigindo deste uma rigidez conceitual própria do gênero. A figura de Antônio Conselheiro é abordada a partir dos habitantes desta região desértica brasileira e definida pela comparação a figuras históricas.

Afastando-nos do olhar analítico, o texto de Campos Novaes nos suscita uma constatação importante: a literatura veiculada na *Revista do Centro* é integrada à literatura do país. A presença de um artigo sobre “Os Sertões”, pouco tempo após sua publicação, evidencia a preocupação deste periódico em estar concatenado ao que acontecia, em termos literários, no Brasil; em estar integrado ao panorama literário nacional.

O segundo texto de natureza crítica, publicado no número seis pelas iniciais S.B, destina-se à “Pastoral”, texto teatral de Coelho Netto escrito e encenado em Campinas. A

³⁹⁹ *Ibidem*, p.55.

⁴⁰⁰ *Ibidem*.

“obra delicadíssima e cheia de ensinamentos”⁴⁰¹ é definida não apenas como uma significativa representação das belas letras, mas também da cultura estética e da religião.

Enquanto representante literário, é o texto de Coelho Netto uma coexistência de elementos clássicos e românticos. É clássico, pois o narrador é um velho rapsodo, que diz ter sido Homero e agora não passa de um mendigo, também José dirige-se à virgem Maria utilizando-se do clássico epíteto “pastora”; e a obra é romântica, pois seu enredo constrói-se sob os episódios do natal cristão.

Enquanto representante cultural, a peça, que fora encenada na noite do dia 25 de dezembro de 1903, no Teatro São Carlos, é reconhecida como um notável acontecimento e produziu na sociedade culta campineira uma “profunda e agradável impressão”⁴⁰². S.B destina-se, então, a minuciosamente descrever os três atos da peça, almejando fazer de seu texto um repositório da encenação, ocupa-se em elogiar as composições do maestro Nepomuceno e sobre Coelho Netto tece apenas um comentário: “... evocou com a magia do seu talento e escreveu com a opulência de seu estilo”.⁴⁰³ É possível observar que as considerações de S.B pouco se atem ao texto de Coelho Netto, ocupam-se em grande parte da apresentação teatral, descrevendo-a em atos e em músicas, e a reação do público frente à encenação. Parece-nos, assim, que o consócio abstém-se do texto de Coelho Netto (comenta-o apenas uma vez) e destina-se a encenação da peça.

Após a Pastoral, é o livro “Sombras” da co-fundadora da Academia Paulista de Letras, Presciliana Duarte de Almeida, publicado em 1906, o objeto de consideração da *Revista do Centro*. Henrique de Barcellos, na sessão “Bibliografia” do número treze, encarrega-se de comentar a obra que reúne as composições poéticas da autora entre os anos 1890 a 1906.

O prefácio do livro é responsabilidade do conde Affonso Celso que deixa claro não compreender o porquê do título; Henrique de Barcellos também não o compreende, pois na obra não há aspectos sombrios, mas sim menções à vida, à esperança. Aliada à discussão do título, o consócio encerra uma porção de elogios aos versos de Presciliana, que são:

⁴⁰¹ S.B. A Pastoral de Coelho Netto. *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas* Campinas, número 6, p.43, 30 de janeiro de 1904.

⁴⁰² *Ibidem*, p.44.

⁴⁰³ *Ibidem*, p.51.

*...recordações saudosas, quadros ridentes, amoráveis conselhos, tendo uma singular delicadeza de forma, um notável cuidado em refugar as rimas triviais, muita observação, sobretudo, flutuando como a faixa de uma encantadora fada, que acaso é a inspiradora da poetisa, a sua meiga alma sonhadora.*⁴⁰⁴

Ao término dos elogios, é o preconceito à escrita feminina que toma conta do texto. O jornalista rememora o século XVII, tempos em que se clamava contra as senhoras letradas, já que o destino das mulheres era circunscrito ao arranjo da casa, aos seus deveres de filha obediente, posteriormente, de esposa colaboradora na felicidade do seu marido e, por fim, de mãe carinhosa e zelosa da boa educação dos filhos. Para Henrique de Barcellos, tais predicados podem perfeitamente aliar-se ao labor intelectual e contenta-se por sua contemporaneidade permitir as mulheres em “cuja fronte brilham o talento”⁴⁰⁵ o direito de expressá-lo em versos ou em prosas que “conquistam a simpatia dos intelectuais”⁴⁰⁶.

Na mesma sessão “Bibliografia”, do número trinta e três, o artigo de Benedicto Octávio absorve-se da obra de estréia de Menotti Del Picchia. As 135 páginas de “Poemas do Vício e da Virtude”, publicado em 1913, atestam ser o jovem escritor “artista e poeta”, pois:

*Verseja com facilidade, e se há defeitos nos seus versos, são menos devido à sua inexperiência do que à pressa com que o livro foi lançado à nossa publicidade.
E razão plausível havia para isso: o desejo de vê-lo impresso ao mesmo tempo em que se graduava em direito*⁴⁰⁷.

Octávio afirma ser o jovem autor um leitor assíduo de D’ Annunzio, pois julga seu estilo muito próximo ao do poeta italiano, todavia, sua predileção é pelos versos que considera simples e sentimentais, de sabor nacional e característico, transcreve, então, como representante de seus aspectos preferidos, um trecho de “Serenata Caipira”, cuja rima doce e brasileira atesta o talento de Menotti Del Picchia. Para o término do texto, analisa o

⁴⁰⁴ Barcellos, Henrique de. Bibliografia. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 13, p.19, 31 de março de 1907.

⁴⁰⁵ *Ibidem.*

⁴⁰⁶ *Ibidem.*

⁴⁰⁷ Octávio, Benedicto. Poemas do Vício e da Virtude. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 33, p.33, 31 de dezembro de 1913.

último poema da obra, o qual considera: “... uma peça emocionante, História antiga, dialogada em forma dramática. O assunto, versando amores do passado entre velhos fidalgos, é tratado com muita inspiração e delicadeza, e recomenda o Autor como um estreante que há de brilhar no gênero”⁴⁰⁸.

Alberto Faria, em “Páginas Analíticas – versos de um artista”, destina-se a esmerilhar o fazer poético de Raimundo Correia na composição do soneto “Banzo”, para o qual há três redações conhecidas, cada uma com “sucessivos aperfeiçoamentos”⁴⁰⁹. A primeira versão, publicada a 10 de janeiro de 1885, no segundo número de “A Semana do Rio” traz a idéia-mater do poema, o banzo, nostalgia do africano em terras brasileiras, esboçada apenas por uma rápida comparação. Seus versos não caracterizavam o meditar de um africano saudoso de sua terra natal e desta versão unicamente se gravariam alguns decassílabos ainda “menos imponentes que os do cantor dos escravos”⁴¹⁰. Raimundo Correia percebendo nitidamente tais entraves, não inclui esta peça em seu livro “Versos e Versões” e publica, três anos depois, uma segunda versão do poema na qual:

Para Alberto Faria, a riqueza da construção sintática é um dos aspectos que faz desta uma versão melhor, “as mortais visões” do poema são apresentadas através de brilhantes quadros, resultado de um tom enumerativo e de uma longa subordinação gramatical, a riqueza dos verbos seqüenciais e os epítetos montam um colorido cenário que ganha ainda mais vigor com a presença das onomatopéias. O consócio ainda elogia a construção das descrições, a intensidade de algumas expressões e o movimento dos versos.

Esta versão seria a última se não tivesse ocorrido a Raimundo Correia que os escravos brasileiros não procediam da Núbia, parte oriental da África, mas da região ocidental e, sendo assim, o rio Nilo não seria o meio de escoamento ao Brasil, mas sim o chamado rio dos negros. Era, necessário, então, uma vez mais alterar a escrita: o Nilo seria substituído pelo rio dos negros, a Núbia e suas características não mais fariam parte do soneto. E assim surge a terceira redação do “Banzo”, publicada em 1898 e 1906, sobre a qual se afirma que “o artista não se limitou a investigar, quis esmerilhar também, porque ao

⁴⁰⁸ *Ibidem*.

⁴⁰⁹ Faria, Alberto. Páginas Analíticas - Versos de um artista. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 35 e 36, p.9, 30 de junho e 30 de setembro de 1914.

⁴¹⁰ *Ibidem*.

seu espírito os dois processos constantemente se apresentavam reunidos, inseparáveis, completando-se”.⁴¹¹ Para Alberto Faria, o esmerilhar singularizou a figura das sombras, o que conferiu maior energia ao poema e indeterminou a alma do africano, agora, não mais individualizado expressamente como nas versões anteriores.

O advogado Luís Norberto de Sampaio Freire, ou simplesmente Sampaio Freire, escreve um longo artigo, na edição trinta e sete, cujo tema central são as obras “O Ateneu” e “Canções sem metro” de Raul Pompéia. O consócio, inicialmente, volta-se à complexidade do autor e ressalta que tipos como Raul Pompéia não se abrangem sem demora, exigem análises miúdas, “das mais implacáveis mesmo”⁴¹², nas quais se utilizam “todos os recursos do apparatus criticus no interesse da própria causa”⁴¹³. Movido por esta constatação, discorre minuciosamente pelos capítulos de “O Ateneu”, descrevendo personagens e suas relações com o protagonista Sérgio. Já as “Canções Sem Metro” representam o Raul Pompéia poeta.

“Poeta, na acepção intensa e extensa do vocábulo, receptivo como raros o serão, ativo, e, por conseguinte, grande consumidor de forma”⁴¹⁴.

Para Sampaio Freire, Raul Pompéia ocupou-se da técnica, mas não se perdeu na “vã perplexidade de muitos”⁴¹⁵, ao contrário, é reconhecido como poucos o são por construir uma poesia de dentro para fora, sua técnica poética flui naturalmente da lei da eloquência e assim praticava “a liberdade completa de número na utilização das unidades métricas”⁴¹⁶.

As “Canções” apresentam medidas consagradas e construções que se assemelham a estrofes heterométricas. Segundo o consócio, são estes versos rigorosamente sem metro que representam a individualidade original do autor que almejou e conseguiu compor um livro de canções a “serviço de sua filosofia”⁴¹⁷.

⁴¹¹ *Ibidem*, p.12.

⁴¹² Freire, Sampaio. Raul Pompéia. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 37, p.5, 31 de dezembro de 1914.

⁴¹³ *Ibidem*.

⁴¹⁴ *Ibidem*, p, 15.

⁴¹⁵ *Ibidem*.

⁴¹⁶ *Ibidem*.

⁴¹⁷ *Ibidem*.

O texto destina-se, então, a analisar rapidamente alguns poemas: são as primeiras palavras de “Vibrações”, “Vibrar, viver” uma condição preliminar para as “Canções”, um grito de eureka do investigador que sai da região das “Correspondências” de Baudelaire, cujos versos servem de epígrafe a esta peça de Raul Pompéia. Em “Inverno”, o amor peregrina de estação a estação, tendo como destino uma ilusão renitente que se situa no fim de sua jornada. Em “Ventre”, “O Mar”, “Indústria”, “Comércio” e a “Noite” desfilam elementos de sedução, de vertiginosas perspectivas e de bastidores trágicos. As pedras de um edifício dialogam amargamente entre si em “Revoluções”.

Passadas as análises da prosa e da poesia, Sampaio Freire esquece-se do Raul Pompéia literato e destina-se ao patriota, preocupado em recuperar o país e “recapitulando-o com amor”⁴¹⁸ verifica as nossas deficiências, conferindo relevo ao aspecto econômico e financeiro, no qual é “clássica a inserção da influência estrangeira em nossos destinos”⁴¹⁹. Neste âmbito, o consócio rememora a oposição do autor frente aos automáticos empréstimos financeiros efetuados no exterior, e o aponta, por seu caráter e por sua obra, como um exemplo de patriota a ser seguido.

A primeira produção dos sócios correspondentes absorve a crítica da literatura contemporânea materializa-se no artigo de Leopoldo de Freitas, publicado na edição trinta e cinco - trinta e seis. O “consócio e digno cônsul de Guatemala em São Paulo”⁴²⁰ ocupa-se, de maneira sucinta, das obras de Graça Aranha, Julia Lopes de Almeida e Coelho Netto em um artigo intitulado “Romancistas brasileiros”.

O olhar de Freitas distingue Graça Aranha como um literato de “organização superior”⁴²¹, que eterniza seu talento nas páginas do “lindo romance Canaã, estudo realista do problema social da imigração estrangeira para as terras americanas”⁴²². Desta obra, são destacados como aspectos principais os “interessantes diálogos”⁴²³ entre os personagens

⁴¹⁸ *Ibidem*, p.17.

⁴¹⁹ *Ibidem*.

⁴²⁰ Redação. Noticiário. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 28, p.39, 30 de setembro de 1912.

⁴²¹ Freitas, Leopoldo. Romancistas brasileiros. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 35 e 36, p.58, 30 de junho e 30 de setembro de 1914.

⁴²² *Ibidem*, p.59.

⁴²³ *Ibidem*.

Lentz e Mikau e a descrição primorosa de alguns cenários da natureza brasileira. Para o consócio, fora a publicidade desta obra que abriu as portas da Academia Brasileira de Letras para o autor.

A esposa do senhor Filinto de Almeida, “a Sra”. Julia Lopes de Almeida, além de assídua cronista do “O País”, é distinguida como uma “autora de bons livros de literatura de costumes; livros bastante apreciados neste meio intelectual”⁴²⁴, tais como “Memórias de Martha”, “Viúva Simões”, “A Falência”, “Amor Cruel” e “Família Medeiros”, sobre o qual propõe-se que “As cenas da existência dos Medeiros, passada numa fazenda de café, são impressões verdadeiras, tendo segmentos afetivos e observações humanas”.⁴²⁵ Transcreve para exemplificar suas colocações um longo trecho deste livro, e passa, então, a comentar o mais novo e um dos mais belos romances da escritora, “Amor Cruel”, narrativa em que descreve “admiráveis paisagens das praias do Leme e Copacabana, trabalhos dos pescadores no litoral, onde as redes estendidas secam ao sol brilhante e vivificador”⁴²⁶.

São para Coelho Netto os mais intensos elogios deste artigo, o “estilista primoroso”⁴²⁷, “talentoso e fecundo literário brasileiro”⁴²⁸ publicou mais de trinta volumes em poucos anos. O consócio destina-se, então, a tecer breves considerações sobre cada um dos livros. Como uma espécie de sinopse da obra de Coelho Netto, preocupa-se em qualificar especialmente os cenários e as paisagens das narrativas. “Inverno em Flor” goza de muito apreço público por sua psicologia e emocionalidade, pela esmerada descrição de todos os quadros da natureza, nos quais o contraste entre os “cenários de luz fulgurante e as sombras imponentes das selvas, de árvores colossais”⁴²⁹ impressionam vivamente. Já em “Sertão” é o conjunto de paisagens e de narrativas dos costumes dos camponeses que prendem a atenção do leitor. “O Paraíso” é uma obra de pura e sublime fantasia literária, “Apólogos” e “Rapsódias” são “verdadeiros poemets em prosa, encantadoras jóias de

⁴²⁴ *Ibidem*

⁴²⁵ *Ibidem*.

⁴²⁶ *Ibidem*, p.60.

⁴²⁷ *Ibidem*, p.59.

⁴²⁸ *Ibidem*, p.60.

⁴²⁹ *Ibidem*, p.61.

estilísticas”⁴³⁰, “Conquista” compõe-se de episódios e aventuras de moços que ambicionam glórias literárias. Além das obras, Leopoldo de Freitas destaca a habilidade oratória de Coelho Netto nos discursos “A Caridade”, “Palavra”, “Fogo”, “Água” e “Espelho”. Termina transcrevendo um trecho do conto “As Estrelas”, “um mimo de suavidade”⁴³¹ na escrita de Coelho Netto.

Ao contrário do texto de Sampaio Freire, que tece minuciosas e trabalhadas considerações acerca do personagem Sérgio em “O Ateneu” e que busca entender e apontar traços da poética de Raul Pompéia em “Canções sem metro”, o artigo de Leopoldo Amaral destina-se a qualificar e a comentar de maneira superficial o enredo, e, em alguns casos, apenas o cenário ou a paisagem das inúmeras obras mencionadas e a elogiar seus autores, sem que para isso demonstre expressiva preocupação argumentativa, ou seja, as afirmações sustentam-se por si, sem recursos de argumentação.

O número trinta e oito inaugura uma série com fins enciclopédicos que só verá fim na edição quarenta e dois. Mário de Alencar, da Academia Brasileira de Letras, escreve, sob o título “Esboços de biografia e crítica para uma enciclopédia”, quatro artigos que almejam, de forma sucinta, explicar os traços biográficos, as obras e as críticas tecidas acerca dos autores Machado de Assis⁴³², José de Alencar⁴³³, Capistrano de Abreu⁴³⁴ e Graça Aranha⁴³⁵.

Machado de Assis, na visão de Mário de Alencar, além de ser um escritor nato, era consciente, pois afora os primeiros ensinamentos, o mais ele aprendeu por si: a literatura, a história, a filosofia e as inúmeras línguas. Seus primeiros trabalhos já denunciavam “a firmeza de uma pena elegante de escritor consciente dos seus talentos, que os ensaiava nos

⁴³⁰ *Ibidem.*

⁴³¹ *Ibidem.*

⁴³² Alencar, Mário de. Esboços de biografia e crítica - para uma enciclopédia. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 38, 31 de março de 1915.

⁴³³ Alencar, Mário de. Esboços de biografia e crítica - para uma enciclopédia. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 39, 30 de junho de 1915.

⁴³⁴ Alencar, Mário de. Esboços de biografia e crítica - para uma enciclopédia. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 41, 31 de dezembro de 1915.

⁴³⁵ Alencar, Mário de. Esboços de biografia e crítica - para uma enciclopédia. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 42, 31 de março de 1916.

vários gêneros, apenas indeciso na escolha do que mais lhe conviria”⁴³⁶. O conjunto de sua produção, segundo o filho de José de Alencar, aponta-nos que Machado escolheu para ser célebre o conto e o romance produzidos, inicialmente, a partir das análises das paixões e dos caracteres. São assim escritos “Ressurreição”, “Iaiá Garcia”, “A mão e a luva” e “Helena”, classificados como romances - ensaios no “gênero difícil e novo”⁴³⁷ que surgia no âmbito literário brasileiro, “um gênero” pautado na observação, no engenho de estrutura, no certo movimento e nas variedades de figuras. De “Helena” a “Memórias Póstumas de Brás Cubas” dá-se a transição para a segunda fase do escritor, fase influenciada por dois fatores novos: “o aparecimento, ou agravação do mal físico, incurável e o êxito do naturalismo de Zola e de seus discípulos. O mal físico toldou de pessimismo a sua visão da natureza. O naturalismo influiu, por efeito de reação, sobre o seu processo estético...”

Mário de Alencar nos aponta um Machado de Assis que bradou contra os exageros do naturalismo, mas não se esquivou da influência desta escola literária, transformou-a e, assim, em “Memórias Póstumas” verificamos não a realidade objetiva, mas a subjetiva, a análise dos caracteres cede lugar à análise dos fatos humanos, na qual o acessório tem o mesmo valor que o principal, o interesse anedótico supre o interesse da ação. É este o livro que representa o ponto culminante de sua carreira literária e as demais obras não lhe simbolizam queda, ao contrário, representam um aperfeiçoamento. Alencar ressalta que cada um dos livros posteriores firma um progresso estético do autor que encerrava:

*...Graça aliada ao conceito moralizante, imaginação governada pela razão, expressão mais concreta que abstrata, traduzida na metáfora freqüente e imprevista, sobriedade, excelência e concisão de linguagem, foram os predicados desse escritor, cujas origens só poderiam ser bem explicadas pela transmigração da alma de um Hellenos dos tempos de Sócrates.*⁴³⁸

⁴³⁶ Alencar, Mário de. Esboços de biografia e crítica - para uma enciclopédia. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 38, p.4, 31 de março de 1915.

⁴³⁷ *Ibidem*, p.5.

⁴³⁸ *Ibidem*, p.6.

O médico Antônio Austregésilo Rodrigues Lima, ou simplesmente “prof. dr. Austregésilo, da Academia Brasileira de Letras”⁴³⁹ torna-se colaborador da *Revista do Centro* através do artigo “O Ciúme” (fragmento do livro a publicar “Tipos mórbidos no romance brasileiro”) presente no número trinta e nove. O redator aborda o sentimento pela óptica médica, usando para tanto inúmeros exemplos literários. O ciúme, eixo temático de grande presença no teatro, no romance e na poesia, é concebido por Austregésilo como uma “psico-nevrose”, passando, assim, de fenômeno natural a fenômeno patológico, é “filho do egoísmo humano, aperfeiçoamento do instinto que se encontra nos animais dominadores”⁴⁴⁰. A patologia, que se apresenta comumente de forma mais amena nas mulheres, atinge os homens com mais intensidade, e para exemplificar tal constatação, o consócio colaborador lança-se a alguns exemplos literários:

*Otelo aparece como o exemplo clássico deste desvario. O ciúme envenena a pureza do amor, transformando-o em odisséia de torturas, tal como se encontra em vários livros literários nacionais, como em TORMENTA, de Coelho Netto, CRUEL AMOR, de Julia Lopes de Almeida e ANGUSTIA, de Amélia de Freitas Bevilacqua*⁴⁴¹.

Austregésilo constata que tanto na literatura clássica quanto na moderna, o ciúme é tema demasiadamente freqüente e assim passa a citar Ovídio, no livro dos Amores, Bourget, em “Mensonge” e Anatole France, em “Histoire Comique”, obras dolorosas que têm como face marcante o ciúme. É Ovídio quem tece imprecizações à amante, por tê-lo preterido e escolhido um homem mais rico. “Mensonge” marca as demais narrativas de Bourget, centradas no amor e no ciúme, já “Histoire Comique” traz o ciúme feroz de um Cabotin que impede os amores de sua antiga amante com um diplomata. O ciumento profetizara que toda vez que ela tentasse se unir ao novo amado veria, em alucinação, a massa encefálica de seu antigo amor derramada no chão. Austregésilo escolhe como estrutura argumentativa para comprovar sua definição patológica do ciúme um arcabouço

⁴³⁹ Austregésilo. O Ciúme. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 39, p.18, 30 de junho de 1915.

⁴⁴⁰ *Ibidem*.

⁴⁴¹ *Ibidem*.

literário, assim seus dados são compostos por obras, enredos e personagens ficcionais analisados meticulosamente.

3.2.2. A Poesia

Consoante o eixo de análise estabelecido, nosso olhar para a poesia na *Revista do Centro* é definido na distinção entre a produção dos consócios efetivos e dos correspondentes. Este eixo, especialmente neste gênero textual, mostra-se revelador, pois despertamo-nos para o movimento realizado pelos redatores efetivos em prol de uma inserção no mundo intelectual carioca, ambiente central do fazer literário nacional no início do vigésimo século.

Sem maiores adiantamentos, destinamo-nos, por agora, a percorrer a produção poética dos sócios efetivos, que tem no soneto de Francisco de Assis Vieira Bueno seu início. O prestigioso intelectual e homem público do Império escolhera Campinas para morar após o fim do antigo regime; assim, tornara-se ativo membro da agremiação local e para homenageá-la em seu primeiro aniversário oferece-lhe um soneto. Já analisado neste trabalho, em capítulo anterior, o soneto de Bueno⁴⁴² apresenta significativa importância como identificador do Centro e qualificador daqueles que o fundaram.

O número dois da *Revista* veicula “Um apelo”, artigo de Coelho Netto, que, em resposta ao pedido da Academia Brasileira de Letras, inicia o projeto de reunir a obra do poeta maranhense Adelino Fontoura, cujos poemas encontravam-se difundidos em jornais, revistas, almanaques e álbuns, era, assim, necessário unir sua obra, “consubstanciá-la em volume, dar-lhe o corpo inteiro que ela exige para que viva”⁴⁴³.

O ator, poeta e jornalista Adelino Fontoura nasceu em Axixá, Maranhão, a 30 de março de 1859 e faleceu aos 25 anos em Lisboa, a 2 de maio de 1884. Em princípio, dedicou-se ao teatro, mas, em virtude de um polêmico papel representado, teve que se afastar de seu estado natal, mudando-se, então, para o Rio de Janeiro, onde procurou o amigo e conterrâneo Arthur Azevedo. O teatro carioca não lhe abriu as portas e Adelino

⁴⁴² Bueno, Francisco de Assis Bueno. Soneto dedicado ao centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas em seu primeiro aniversário. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 2, p.44, 31 de janeiro de 1903. Cf. Artigo completo no Anexo I.

⁴⁴³ Netto, Coelho. Um apelo. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 3, p.65, 30 de abril de 1903.

destinou-se, então, ao jornalismo, colaborando em periódicos como a “Folha Nova”, “O Combate”, “A Gazetinha” e a “Gazeta da tarde”. Doente, decidiu partir para a Europa em 1883, falecendo, no ano seguinte, no Real Hospital São José, em Lisboa. Ao fundar-se a Academia Brasileira de Letras, em 1897, o amigo Luís Murat o faz patrono da cadeira por ele criada, tornando-o, assim, o único catedrático a não ter nenhum livro publicado.

Mediante esta condição, a ABL entendia que era preciso reunir a esparsa obra de Adelino Fontoura, e Coelho Netto, através da *Revista do Centro*, incumbendo-se de colaborar para a realização desta missão, afirmando ser esta a ação que evitaria o perecimento “de um dos mais delicados líricos e um dos mais sinceros poetas do amor em nossa terra”⁴⁴⁴, para Coelho Netto, havia de existir “poesia mais forte, mais alcandorada de sonoridade, mais brilhante no Parnaso brasileiro, mais sincera, porém que a do Adelino não há, por certo porque ele foi um poeta do amor que amou e que morreu de amor”.⁴⁴⁵

Coelho Netto, no artigo “Um apelo”, elucida que o poeta amou intensamente uma bela moça indiferente a seus sentimentos e que foram justamente estes, intensos e não correspondidos, a matriz de sua obra, composta por poema de contemplação, escritos perto da amada, e pelos de evocação, concebidos na Europa, longe da Pátria e de sua inspiradora.

O apelo do catedrático do Culto à Ciência não ficara sem resposta e, no número quatro, Coelho Netto publica o que lhe fora enviado, até o momento, sobre o poeta: duas cartas do jornalista português Gaspar da Silva e as produções “Fruto Proibido”, “Pomba mansa” (Rio de Janeiro - 1883), “Celeste”, “Rastro de Amor”, “Borghi Mamo” (Rio de Janeiro - 1882), “Beatriz” e “Estrela”. O consócio aproveita e reitera seu pedido:

*...quero, porém, insistir no pedido que fiz a todos quantos possuírem versos do poeta: que os remetam à redação desta Revista, porque nela publicados fácil será, a todo o tempo, coligi-los e enfeixá-los no volume que, perpetuando o nome do grande lírico, dará da nossa literatura um padrão magnífico*⁴⁴⁶.

⁴⁴⁴ *Ibidem*, p. 66.

⁴⁴⁵ *Ibidem*, p.65.

⁴⁴⁶ Netto, Coelho. Adelino Fontoura (coletânea). **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 4, p.143, 31 de julho de 1903. Cf. Artigo completo no Anexo VI.

A primeira produção de Adelino Fontoura a ilustrar a *Revista do Centro*, “Fruto Proibido”, é um soneto cujos versos reproduzem as lamúrias de um servil eu-lírico que tem no amor seu fatal castigo. Declara-se eterno enamorado e um sofredor resoluto, pois tem por amada um anjo impoluto, tal qual um fruto proibido que apenas pode ser admirado, mas jamais tocado:

*És para mim o fruto proibido;
Não pousarei meus lábios nesse fruto,
Mas morrerei sem nunca ter vivido.*⁴⁴⁷

Em “Celeste” a imagem da mulher bela e imaculada volta a aparecer. Não mais comparada a um fruto proibido, a amada, agora, apresenta-se celeste e ingênua, trazendo consigo uma “luminosa auréola sacrossanta”⁴⁴⁸ que a destitui de sua posição terrena de mulher e a transforma em um ser elevado e divino:

*Tem a celeste e ingênua formosura
E a luminosa aureola sacrossanta
D’uma visão do céu, cândida e pura.*

*E quando os olhos para o céu levanta
Inundados de mística doçura
Nem parece mulher- parece santa.*

A singeleza dos passos de uma tímida e inocente dama a ofuscar todos os esplendores de um nobre salão é o tema de “Rastro de amor”, poema em que o sujeito lírico enfeitado pela dama segue a até que desapareça, depois, é seu espírito quem a acompanha em seu “sonoro rastro perfumado”⁴⁴⁹.

Em “Borghi Mamo”, é a voz angélica e sonora da mulher amada que ilumina como o nascer da aurora a vida do eu-lírico apaixonado, que ao ouvi-la não se percebe apenas inundado de luz, mas também tomado e embalado por sonhos:

*Ouvir-te é como ver nascer a aurora:
Tudo inunda de luz, tudo ilumina*

⁴⁴⁷ Netto, Coelho. Adelino Fontoura (coletânea). **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 4, p.144, 31 de julho de 1903.

⁴⁴⁸ *Ibidem*, p.145.

⁴⁴⁹ *Ibidem*.

A tua voz angélica e sonora

*Solta, pois, a volata peregrina!
Ama, geme, soluça, canta e chora,
Celeste ainda, Malibran divina!*⁴⁵⁰

Em “Estrela” temos novamente o tema da amada, uma “lucilante estrela”⁴⁵¹, que é luz para a vida do mísero eu-poemático.

O soneto “Beatriz” é homônimo a mulher que é todo o almejo e a aspiração de um lírico enamorado que não ousa declarar-se a sua amada, pois cuida que não a merece e assim deve sucumbir da dor da qual padece - amar veladamente.

A quintilha “Pomba mansa” afasta-se da amargura e da tristeza dos eu-líricos anteriores e aborda a vida que canta e pula dentro de um feliz eu-poemático quando este beija a pequenina mão delgada e fina de sua enamorada:

*Minha vida- mal sabes!- canta e pula
Na rósea palma d’essa mão divina!*⁴⁵²

O número cinco traz uma nova reunião da lírica de Fontoura, todavia, o evidente entusiasmo de Coelho Netto para a realização de tal tarefa mostra-se substituído por uma ponta de decepção: “Dispersar é mais fácil do que reunir - a prova é a lentidão com que vai sendo feito este trabalho de Justiça e de benemerência literária”⁴⁵³.

A nova coletânea era composta por uma longa carta de Astolfo Marques, oficial da Biblioteca Pública do Maranhão, correspondência que se encarregava de relatar a morte do poeta em Lisboa e pelas produções “Consolação”, “Antes de Partir”, “A uma menina”, “O Liceu”, “Triplet”. “Consolação”, tal qual “Pomba mansa” tematiza a alegria do eu-lírico ao ver sua amada, vê-la é um consolo para ele que não vive em sua ausência, que morre por amá-la e por querê-la. Todavia, toda idéia de morte e tristeza dele se afasta quando, em seu olhar, brinca e cintila o olhar dela, sente sua alma pipilar como um passarinho alado:

⁴⁵⁰ *Ibidem*, p.146.

⁴⁵¹ *Ibidem*.

⁴⁵² *Ibidem*, p.145.

⁴⁵³ Netto, Coelho. Adelino Fontoura (coletânea). **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 5, p.206, 31 de outubro de 1903.

*Basta fitar teu rosto pensativo,
Basta pensar em ti, ou basta ver-te,
Esta tristeza logo se converte
Em um dourado cântico festivo*⁴⁵⁴.

As referências a um universo feminino idealizado fazem-se presentes na quintilha “A uma menina”, nos versos de “O Liceu” e de “Trioleto”. O primeiro revela a superioridade de uma mulher quando comparada a uma flor: na presença daquela, esta se retrai, sente ciúmes, é menos perfumada e mimosa que a musa do eu-lírico:

*Toma esta flor- escuta-lhe os perfumes...
Retrai-se a pobrezinha, meu amor;
Menos bela que tu, sente ciúmes,
Não tem perfume junto aos teus perfumes:
É menos flor que tu, mimosa flor.*⁴⁵⁵

Em “Trioleto”, o objeto de descrição são os beijos de uma mulher bonita, doces como o luar, palpitações como um pombo, quando corta o ar, e de um perfume que excita.

A beleza e o encanto físico da amada dos poemas anteriores são deixados de lado em “O Liceu” que tematiza a educação feminina e o papel desempenhado pela mulher, encontramos em seus dois primeiros versos uma espécie de preceitos educacionais para as mulheres:

*Educar a Mulher é preparar a esposa,
A Mãe, e a Mãe é isto apenas: o exemplo;*⁴⁵⁶

É esta mulher, esposa e mãe, a luz que varre as trevas e as sombras. O soneto “Antes de Partir” é o único desta coletânea que remonta a um eu-lírico triste e saudoso, que parte, deixando sua Pátria e sua amada tal qual uma “gaivota errante e foragida”:

*Venho ensopar de lágrimas o lenço
No tristíssimo adeus da despedida;
Em breve a Pátria vou deixar perdida
Além ... na curva do horizonte imenso*

⁴⁵⁴ *Ibidem*, p.208.

⁴⁵⁵ *Ibidem*, p.209.

⁴⁵⁶ *Ibidem*.

*Em breve, sobre o mar profundo e extenso,
Adejará minha alma dolorida,
Como a gaivota errante e foragida,
Sem ter um ninho onde pousar suspenso.*

*Então, senhora, hei de pensar tristonho,
Revedo a vossa Angélica bondade,
Neste ninho de amor, calmo e risonho,*

*E triste, sobre a triste imensidade,
Como quem despertou de um ledor sonho,
Ei de chorar o pranto da Saudade⁴⁵⁷.*

A última coletânea da obra Adelino Fontoura publicada por Coelho Netto ilustra o número sete da *Revista do Centro*. Não menos desapontado, o autor de “A Conquista” confessa que outro já teria desistido da “tarefa ingrata de reunir as produções esparsas, quase perdidas do suavíssimo poeta maranhense”⁴⁵⁸; todavia, ele, por conhecer e acreditar em seu povo, continua e, assim, apresenta os poucos poemas que lhe foram enviados: “Vácuo”, “Súplica”, “Mirra”, “Triolets” e “Estâncias”.

Podemos conceber “Vácuo” como uma continuação do soneto “Antes de Partir”: este narra a triste partida do eu-lírico que deixa sua terra e sua amada, aquele nos apresenta um mísero e triste eu-lírico que, em seu exílio, questiona a cruel e continua solidão que o atormenta, fazendo-o duvidar se há padecimento mais profundo e mais íntimo que o seu, pois não tem sequer um bem no pensamento, nem o calor de um lar, o encanto de um amor de mulher suave e santo e, assim, vive sem nenhum contentamento. Sabe, porém, que o sofrer é válido, que esta vida nada seria sem dor, todavia, o mal que o atormenta é demasiado, chegando a ser desumano.

Os versos de “Súplica” e “Estância” voltam a tematizar a amada que é luz para a vida do eu-lírico, desta vez, são os olhos dela que iluminam as trevas dele. No soneto “Súplica” estamos diante de um apelo: o sujeito lírico pede a seu anjo dileto, por quem padece e soluça inutilmente, que ao menos o ilumine com o seu divino olhar, já que não lhe retribui um amor tão puro e crente, já que lhe causa desventura tão amargurada:

⁴⁵⁷ *Ibidem.*

⁴⁵⁸ Netto, Coelho. Adelino Fontoura (coletânea). **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 7, p.87, 01 de junho de 1904.

*Se te não move, pois, um desafeto
E se te apraz ao menos consolar
A desventura amarga d'este afeto*

*Ilumina com teu divino olhar
Esta alma que os teus pés, anjo dileto,
Vem, banhada de lágrimas, beijar.⁴⁵⁹*

Já no poema “Estância”, deparamos com uma afetuosa constatação: é a luz doce e suave do olhar da amada, tal qual um raio de sol, que ilumina inteiramente a vida do eu-lírico, que dantes vivia na sombra de um tormentoso e íntimo desgosto e, agora, fulgura-se.

Em “Mirra”, voltamos a ter uma descrição etérea de feminilidade, o eu-poemático descreve sua amada, tal qual a “dolente e pálida Francesca”⁴⁶⁰, heroína de Dante Alighieri. De altiva beleza principesca, concebe-a como nervosa, vibrante e romanesca e ao vê-la pensativa, ao entardecer, com Dante aberto sobre o colo, não sabe se plagia o mágico poema ou morre aos pés de sua amada como uma covarde:

*Nossa vida ao meu íntimo sugere
O episódio da página dantesca:
És a dolente e pálida Francesca
Que os seus cantos de amor, triste, desfere;⁴⁶¹*

Em “Triolets”, a mulher etérea e angelical dá lugar a uma deslumbrante morena, cujo brilho dos olhos é de um estranho fulgor, os lábios sensuais desfolham risos que podem matar, os seios são dois mundos, dois fecundos poemas. Diante de tal beleza, o eu-poemático deslumbrado, faz lhe, nos últimos versos, um convite de amor, que em nada lembra as temerosas e inocentes invocações, os sacros louvores à etérea amada tão presente na poética de Adelino Fontoura, ao contrário, contém fortes indícios de uma menção amorosa mais real e carnal:

*Ai! dá-me a volúpia ardente,
O gozo intenso, a paixão
Sobre o teu colo, dormente,
Ai! dá-me a volúpia ardente,*

⁴⁵⁹ *Ibidem*, p.88.

⁴⁶⁰ *Ibidem*.

⁴⁶¹ *Ibidem*.

*Minha morena indolente,
Meu amor, meu coração!
Ai! dá-me a volúpia ardente,
O gozo intenso, a paixão!*⁴⁶²

A participação de Coelho Netto nesta tarefa termina, mas a menção a Adelino Fontoura não. O poeta estará presente no periódico campineiro por um longo tempo: oferecidos por J. Junior (pseudônimo de Alberto Faria), o vigésimo número publica “Despedida” e “Memento”, “sonetos infra, de gêneros diversos que constituem duas das mais virentes folhas desprendidas da coroa de louro do poeta”⁴⁶³. Em “Despedida”, a hora do “triste afastamento e da provança”⁴⁶⁴ é descrita com sofreguidão pelo sujeito lírico que parte, pois já não lhe resta nenhuma esperança. Lamenta, ainda, a sorte misera e nefasta que não o permite ver no peito de sua amada um único soluço, gemido ou lágrima. Os versos de “Memento” são os primeiros a destoarem do lirismo e da subjetividade pungente de Adelino Fontoura, descrevem, com uma pitada de ironia e uma postura anti-sentimental, a trajetória de um velho piano de Erard que “vivia a tossir de um modo gutural”⁴⁶⁵ melodias líricas, tais quais as romanzas, duetos e balatas; não tocava Mozart, nem Huguenotes. Um dia, ao ouvir de Boito as pulsações austeras, tomou um susto tão grande e morreu:

Memento

*Era um piano de Erard que as lânguidas volatas
Chorava tristemente, em tom sentimental.
A velha inspiração e as músicas baratas
Vertiam-lhe ao teclado a lágrima ideal.*

*E vivia a tossir de um modo gutural
Romanzas e canções, duetos e balatas,
Arias... e **tutti quanti** existe de banal
Nas **Lucias**, nos **Romeus**, nas flébeis **Traviatas**.*

*À noite, nos saraus, estropeava **schottish**
E valsas de **Metrá**, e doces **habaneras**.
Não tocava Mozart, nem tocava **Huguenotes**.*

⁴⁶² *Ibidem*, p.89.

⁴⁶³ Junior, J. Pequena contribuição. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 20, p.131, 31 de dezembro de 1908.

⁴⁶⁴ *Ibidem*.

⁴⁶⁵ *Ibidem*.

*Este velho piano, este traste vetusto,
Ao ouvir de Boito, um dia, as pulsações austeras,
Morreu palidamente, e creio que de susto!*

Apresenta-se, no vigésimo quinto número, o “Bilhete”⁴⁶⁶, peça enviada à direção por Francisco Azzi, por intermédio de Américo de Moura. O poema dedicado a Fontoura Xavier cumprimenta-o por seu matrimônio, pela felicidade que agora lhe é companheira, por sua esposa, sua Musa, devido ao bem que lhe fizera:

*Dou parabéns a tua Musa
Por esse bem que te fez;
Embora em fase confusa,
Dou parabéns a tua Musa.
Deixaste a capa andaluza,
Tomaste o frac burguês
Dou parabéns a tua Musa
Por esse bem que te fez.⁴⁶⁷*

Pelas mãos de Azzi e de Moura também se recupera o soneto “Atração e repulsão”⁴⁶⁸, publicado no número trinta e oito, sobre o qual se considera na sessão Noticiário:

Lírica de um morto - Continuamos a coletar as poesias do saudoso maranhense Adelino Fontoura, cuja espontaneidade e sentimento reais lhe asseguram justo nome.

(...)

Hoje inserimos o encantador soneto Atração e repulsão, que da Casa Branca nos mandara em 1910 o prof. Francisco Azzi, por intermédio de Américo de Moura, ao presente catedrático da Escola Normal de São Paulo. E fazemo-lo acompanhar de um retrato do autor, reprodução de raríssimo exemplar fotográfico, com o qual em 16 de novembro de 1912 a Alberto Faria brindou Alberto de Oliveira.⁴⁶⁹

⁴⁶⁶ Fontoura, Adelino. O bilhete. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 25, p.84, 31 de agosto de 1910.

⁴⁶⁷ *Ibidem.*

⁴⁶⁸ Fontoura, Adelino. Atração e repulsão. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 38, p.53, 31 de março de 1915.

⁴⁶⁹ Redação. Noticiário. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 38, p.55,31 de março de 1915.

O motivo de “Atração e Repulsão” em nada destoa do lirismo de Adelino Fontoura. Como um típico exemplar de sua poética, o soneto descreve o sofrimento do amor não correspondido: o sujeito lírico cuida que nutre por sua amada um sentimento sem igual; todavia, o coração desumano desta mulher o ignora, se o enamorado foi até sua amada de sonho em sonho, volta deste caminho de desengano em desengano. Ilustra o trigésimo nono número os triolets “Idílios”⁴⁷⁰ e “Raimundo Correa”, no quadragésimo ver-se-á “Confronto”⁴⁷¹. Em “Idílios”, Adelino Fontoura retrata os sonhos erradios de um eu-lírico que encontra na amada sua paz eterna.

A escrita de Raimundo Correa é a homenageada da oitava homônima ao poeta, na qual se destaca sua habilidade no fazer de verso e de prosa, sua arte em bem compor e decompor:

Raimundo Correa
Tanto em verso, como em prosa,
Bem compõe e decompõe.
Venha o motte, que ele glosa.
Tanto em verso, como em prosa,
Eu gosto quando ele tosa:
Não descompõe- decompõe...
Tanto em verso como em prosa
Bem compõe e decompõe.

“Confronto” é uma reescrita da quintilha “A uma menina”, publicada no número cinco, observam-se apenas duas alterações no primeiro verso: o verbo “toma” é substituído por “olha” e “perfumes” modificam-se em “queixumes”. Dessa forma, a primeira escrita assim apresentada:

*Toma esta flor- escuta-lhe os perfumes...*⁴⁷²

Mostra-se alterada para:

⁴⁷⁰ Fontoura, Adelino. Idílios. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 39, p.55, 30 de junho de 1915.

⁴⁷¹ Fontoura, Adelino. Confronto. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 40, p.24, 30 de setembro de 1915.

⁴⁷² Netto, Coelho. Adelino Fontoura (coletânea). **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 5, p.209, 31 de outubro de 1903.

A uma menina

*Olha esta flor, escuta-lhe os queixumes...
Retrae-se a pobrezinha, meu amor!
Menos bela que tu, sente ciúmes,
Não tem perfume junto aos teus perfumes:
É menos flor que tu, mimosa flor.*⁴⁷³

Com estes poemas publicados, a *Revista* entende como finda sua missão de salvaguardar os versos de Adelino Fontoura, tarefa inicialmente assumida por Coelho Netto, mas que não se encerra com a sua não mais participação, a missão continua. Diante desta constatação, uma questão se faz pertinente: por que a *Revista do Centro* tanto se empenhou no projeto de coalizão da obra de um poeta maranhense, representante da estética romântica?

Apesar da considerável presença desta poesia, a *Revista* não assume uma nuance romântica por publicar os versos de Adelino Fontoura, o que nos leva a crer que o empenho nesta ação não se justifica pelo apego à literatura romântica ou pelo poeta, mas justifica-se nos nomes envolvidos nesta causa: Academia Brasileira de Letras, Coelho Netto, Artur Azevedo (amigo e comprovinciano do poeta) e Alberto de Oliveira (companheiro de Fontoura no “Combate” e em outros periódicos da mesma época). Estes nomes eram representantes da renomada literatura nacional, o atendimento a suas causas e interesses seria uma forma de atrelar-se a tais, concretizando um movimento de inserção da *Revista* no cenário literário brasileiro de prestígio.

Nos três anos iniciais de publicação, a produção poética da *Revista* encontrou na pena de Coelho Netto sua materialização, praticamente, monotemática, por ocupar-se apenas da poesia de Adelino Fontoura. Em 1904, o autor deixa Campinas e acaba por não mais colaborar no periódico, a poesia dos consócios efetivos faz-se, então, em outros nomes, alguns de colaboração única; outros de presença esparsa e outros, ainda, reconhecidamente constantes.

Únicas são as participações de Sérvulo Ferreira de Assis, de João Egidio de Souza Aranha (1821-1893), de Bueno Monteiro e de César Bierrenbach. O primeiro colaborador

⁴⁷³ Fontoura, Adelino. Confronto. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 40, p.24, 30 de setembro de 1915.

assina “Agnus Dei”⁴⁷⁴, soneto religioso que refaz a trajetória da paixão de Cristo, ressaltando, em seu último terceto, o amor e a onipotência divina:

*Só tu manso Cordeiro, apóstolo dos rios,
Só tu nos podes dar, Divino Redentor,
Porque és filho de Deus, porque és o próprio Deus!*

“Estrella Vésper”, de Souza Aranha almeja descobrir a identidade de uma solitária “estrela branca da tarde”⁴⁷⁵, julga-se que esta erma habitantes dos ares possa ser a gota cristalizada de um pranto ou quiçá uma alva concha suspensa do fundo do mar. Não sabendo ao certo o que é, o eu-lírico roga a estrela para que lhe conte seu segredo e se assim o fizer, será, então, transformar-se-á em seu sonho, seu amor:

*Erma habitante dos ares,
Do mundo-meigo fanal,
Teu níveo brilho, quem sabe?
Traduz um sonho fatal?...*

*Quem sabe és gota d’um pranto
Cristalizada no ar?
Ou alva concha- suspensa
Do seio fundo do mar...*

*Filha gentil do infinito,
Astro do meu ideal,
Dize o segredo que ocultas
No teu luzente sendal...*

*Dize... e serás cá na terra
Meu sonho- só meu amor!
Dize...to peço de joelhos,
Oh estrela do pastor!*

“Imortal”, de Bueno Monteiro, é soneto dedicado a César Bierrenbach, morto meses antes da publicação deste número. Seria a redenção do eu-lírico cantar a trajetória do ilustre campineiro, todavia, sem sucesso, contenta-se em definir a personalidade de Bierrenbach como um:

⁴⁷⁴ Assis, Sérvulo de. *Agnus Re*. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 6, 30 de janeiro de 1904.

⁴⁷⁵ Aranha, João Egidio de Souza. *Estrella Vésper* in *Efêmeras*. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 8, p.46, 31 de outubro de 1905.

*Rebrilhante florão de Mocidade!
Alto Gênio de rutila Oratória!
Poeta supremo! Artista! Potestade!
Deífica, não traço a tua história!*⁴⁷⁶

Os tercetos deste soneto encarregam-se de ressaltar a genialidade eterna do campineiro que, após rápida passagem pela Terra, vive no Paramo Celeste entre milhões de sóis. No mesmo número em que se encontra “Imortal”, vemos publicadas poesias de César Bierrenbach, “Stella Maris (à minha mãe no dia do seu aniversário de agosto de 1893)”, “Imprensa e Religião (Ao cônego Nery e a Henrique de Barcelos)”, “Semi-Deus”, “Dela cuna Del ‘Guarani’ (a la princeza del Plata num postal à Srta Maria Tereza Vucetiché, Córdoba, Argentina)” e “Crepuscular”⁴⁷⁷ são compiladas para este número que é destinado a homenagear o advogado campineiro e um dos fundadores do Centro de Ciências, Letras e Artes. “Stella Maris” versa a narrativa de uma bravia tormenta em alto mar, “Imprensa e Religião” destina-se a homenagear o cônego Nery, o apóstolo do Bem, e o jornalista campineiro Henrique de Barcellos, apóstolo da Verdade:

*Apóstolo do Bem e Apóstolo da Verdade!
Timoneiros ideais e nau da Sociedade!
Ambos vós nos guiais nesta cruzada santa
Dispensando um amor que nos incita e encanta!
-Este - a crença e a fé por toda a parte expande
Desde a choça do humilde ao palácio do grande!
-Aquele -a propagar o incêndio do progresso
Leva sua luz além te o último recesso
Da humilde habitação...Celebra-se a aliança
Entre Cristo que morre a dar-nos a esperança
De implantar entre nós a Caridade pura,
E Guttenberg que faz a primeira moldura
Do quadro universal a sublime da Imprensa
Que os princípios ideais refulge em luz intensa!*⁴⁷⁸

⁴⁷⁶ Monteiro, Bueno. Imortal. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 15, p.75,30 de setembro de 1907.

⁴⁷⁷ Redação. Produções do Dr. César Bierrenbach. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 15, p.75, 30 de setembro de 1907.

⁴⁷⁸ *Ibidem*, p.77.

“Semi- Deus” destina-se a louvar o campineiro Carlos Gomes, “Dela Cuna del ‘Guarani’ é escrito para a argentina Maria Tereza Vucetiché e “Crepuscular” reporta-se ao momento em que a fascinante luz do sol desce lentamente, cedendo seu lugar a lua.

Igualmente únicas são as colaborações de Carlos Ferreira (1844-1913), de Américo de Moura e de Sampaio Freire. O primeiro, já velho e enfermo, envia à direção da *Revista* “O Anjo e a Estrela”, poema cujo objeto lírico é mais uma vez a Estrela Vésper, todavia não mais envolta em mistérios como na poesia de Souza Aranha, mas concebida como um astro que tem alma e que vela com intenso fulgor por duas vezes o sono da menina Alice. A primeira vez é o sono desta criança um “feliz despertar”⁴⁷⁹ e a meiga estrela apenas vela e acaricia Alice, contudo, o segundo sono da menina era imenso, era um sono para nunca mais acordar e a estrela, desta vez, ternamente contemplativa estava a chorar:

*Pensais talvez que estrelas não tem alma
Quando estão a brilhar,
E que nem dão carícias, nem dão lágrimas
A quem as implorar?*

*Duas vezes eu vi a estrela Vésper
Com fulgor de encantar
Da graciosa Alice o berço esplendido
Amorosa velar.*

Américo de Moura traduz “Carmen Saeculare” (17 a.C) de Horácio em “Tradução Rítmica”, o poema que é uma ode patriótica e religiosa é constituído de dezenove estrofes de quatro versos cada uma. Os deuses Apolo e Diana, patronos de Roma, são invocados inúmeras vezes ao longo do poema que retrata aspectos da sociedade romana e de sua mitologia, numa espécie de convergência entre os homens e os deuses. Logo na primeira estrofe, as divindades romanas se sobressaem e são invocados:

*Ó Apolo, e, deusa dos bosques, Diana
Vós que ornaes o céu e adorados sempre
Fostes e seresis, atendei-nos neste
Tempo sagrado,⁴⁸⁰*

⁴⁷⁹ Ferreira, Carlos. O Anjo e a Estrela. *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas*, Campinas, número 28, p.9, 30 de setembro de 1912.

⁴⁸⁰ Moura, Américo. Tradução Rítmica. *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas*, Campinas número 30, p.07, 31 de março de 1913.

Respectivamente, os versos da décima segunda e da décima sétima estrofes deixam claro as súplicas do poeta aos deuses:

*Deuses, são costumes aos moços dóceis,
Deuses, aos anciões concedei repouso,
E fazenda e prole, e assim toda a glória
Daí aos Romanos.*⁴⁸¹

*Pois que as Palatinas alturas ele
Vê benigno, eo Império Romano e o Lacio,
De outro lustro, e sempre melhor, a idade
Áurea prolongue.*⁴⁸²

O soneto “Nox”, única contribuição de Sampaio Freire, traz a seu leitor a descrição de uma funesta noite, nesta a lua taciturna esboça em cada árvore da paisagem uma imagem soturna. Neste ambiente sombrio, branqueja de maneira uniforme uma estrada em cujo centro encontra-se um denso bosque, o cenário ainda reserva uma chácara onde “uiva sinistramente um grande cão de guarda”:

Nox
*Brilha o luar. A noite espalma, solitária,
Por toda a vastidão da terra a asa noturna.
O orvalho escorre, enchendo as flores, de urna em urna;
Estridula perene o grilo a flébil ária.*

*Vibra o céu infinito aa claridade varia
Das estrelas. A lua, artista taciturna,
Em cada árvore esboça uma imagem soturna,
Que o sol a de apagar com uma esponja solitária.*

*Uma estrada branqueja e caminha uniforme;
Fugindo a lua, vai de denso bosque ao centro.
Repousa o bosque, além, como uma nódoa enorme.*

*Mas destacando agora, entre a ramagem parda
Do pomar, aparece a chácara... Lá dentro
Uiva sinistramente um grande cão de guarda.*⁴⁸³

⁴⁸¹ *Ibidem.*

⁴⁸² *Ibidem*, p.08.

⁴⁸³ Freire, Sampaio. Nox. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 38, p.14, 31 de março de 1915.

Como colaboradores esparsos apontamos Benedito Octávio (1871-1927). O “redator-gerente” da *Revista* dos anos 1910 e 1912 publica, no número dezoito, a tradução de “L’Aigle du casque” (“A águia do capacete”), de Victor Hugo e no trigésimo oitavo, assina “A greve dos ferreiros”, poema original de François Coppée, cujo enredo centra-se na triste história de um velho ferreiro, que ao ver seus companheiros iniciarem uma greve, não tem outra opção a não ser aderi-la. Contudo, sem trabalho não há fêria e, em pouco tempo, falta o pão na casa do ferreiro que vive com sua velha esposa e mais dois netos. Não tendo mais o que penhorar e na iminência da fome, o ferreiro decide retornar ao trabalho, contudo, não o faz, sem antes, consultar seus companheiros. Dirige-se a taverna onde se encontram em maioria e ao adentrá-la, o cenário com o qual se depara lhe causa surpresa e revolta:

*Quando entrei, santo Deus, pensei estar sonhando.
Bebia-se, e aos demais a fome dava horror!
Bebia-se!-Oh! Pois quem lhes pagou tal licor,
Nosso horrendo martírio entanto prolongado,
Ouça ainda este ancião que o vai amaldiçoando!
- Os bebedores, quando defronte me achei,
Vendo-me o olhar vermelho e a fronte que baixei,
Compreenderam talvez um pouco o meu intento,
E mau grado seu ar sombrio e o acolhimento
Severo, eu lhes falei:*⁴⁸⁴

Ao anunciar sua volta ao trabalho, um jovem ferreiro embriagado o insulta, ferido em seu brio, o velho lança-se contra o jovem e em um duelo lhe parte o crânio. É, então, levado a julgamento pelo crime cometido e espera cordialmente a sentença que lhe será dada:

*Bem; que eu seja às Gales, à Prisão condenado,
Ou tenha inda o Perdão: contente ficarei;
E si a morte me enviais, - obrigado!- eu direi.*⁴⁸⁵

Também como esparsos distinguimos Amadeu Ataliba Arruda Amaral Leite Penteado (1875-1929) ou simplesmente Amadeu Amaral, autor de “Jesus entre as crianças”

⁴⁸⁴ Octavio, B. Greve dos Ferreiros. *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas*, Campinas, número 38, p.45, 1 de março de 1915.

⁴⁸⁵ *Ibidem*, p.47.

e “Epístola”. O primeiro, publicado no número trinta e nove, é uma parábola composta por oito estrofes na qual Jesus medita e repousa sobre a raiz de uma figueira, após uma longa viagem. Tem Pedro ao seu lado, contudo, não trocam uma palavra, apenas meditam, o discípulo teme que o mestre, em sua reflexão, seja invadido pela tristeza e pela fadiga. Todavia, subitamente, Jesus alegra-se ao ver pela estrada um grupo de crianças em sua direção, os pequenos param e ele fala a todos com dedicação:

*envolve-os numa nuvem de carinhos.
A este prende-lhe as mãos nas suas mãos; estreita
àquele sob um braço, outro sob outro braço;
alisa-lhe os cabelos,
como quem amimasse passarinhos.
Mas há nessa efusão de ternura perfeita,
como a sombra que as rugas da água fazem na água,
algo de um inefável desconforto,
de uma secreta mágoa.⁴⁸⁶*

Jesus se aproxima de uma criança de cabeça loira e olhos brilhosos, beija seus cabelos, escolhe-o. Pedro imagina, então, que este menino será, de certo, um santo, um querubim. Ao perguntar ao mestre, Pedro recebe como resposta que o menino escolhido não será anjo, nem profeta, nem rei, ao contrário de vivenciar um futuro ditoso, será ladrão.

No número quarenta e dois, Amadeu Amaral assina “Epístola”, poema metalingüístico que concebe a poesia como uma fada complacente que voa à invocação deste ou daquele fiel, esta fada ao escolher uma alma, permanece junto a esta, dá vida e forma a idéia fria e conduzindo-lhe a mão sobre o papel, materializa a escrita do poema. São estas almas escolhidas os genuínos poetas, os iluminados pela inefável graça. O eu-lírico nos diz não ser uma dessas almas contempladas, nunca sequer viu a poesia e, diante do infortúnio, a contempla de longe, como um namorado que na ausência de sua amada se contenta

*de andar pelos caminhos que ela andou,
e anda mil vezes o caminho andado,
porque senti-la se lhe representa
nas cousas que ela viu e que tocou.⁴⁸⁷*

⁴⁸⁶ Amaral, Amadeu. Jesus entre as crianças. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 39, p.66, 30 de junho de 1915.

Nesta lida, o eu-lírico anseia por vê-la, ao mesmo tempo, que teme este encontro, paradoxalmente entende que ao deparar-se com a fada-poesia, a certeza da escrita guiaria sua mão e alcançaria, então, todavia veria se perder todas “as delícias do anseio e da ilusão”⁴⁸⁸.

Basílio de Magalhães (1874- 1957), lente do Culto à Ciência de 1901 a 1912 encaixa-se no que denominamos de colaboradores efetivos constantes. Publica no número vinte, “O cavaleiro e a flor (lenda medieval)”, poema composto por vinte e duas estrofes que explora a conversão de Segismundo, um luxurioso e feroz duque. A transformação principia quando Segismundo abandona suas lúbricas paixões e torná-se um cavaleiro das cruzadas:

*E qual, as vagas corta um bando de hipocampos,
Assim aquela mole, o olhar fitando além,
Atravessou, talando, imensos, férteis campos,
O mar passou e foi até Jerusalém.*

*Foi longa a travessia e mais longa a peleja,
Foi sangrento, foi rude o acesso batalhar
Contra o inimigo atroz da santa madre igreja,
Por quem os filhos fiéis tinham deixado o lar.*⁴⁸⁹

Cessada a guerra, o duque volta a atender seus instintos luxuriosos e neles se perde; a batalha recomeça e já não mais conta com a mesma força e vontade, sendo, por isso, gravemente ferido. As feridas lhe pesam e o cavaleiro decide retornar à pátria, sem contudo conseguir chegar a seu altíssimo castelo, aproxima-se deste, mas sente, neste instante, a morte avizinhar-se e uma sede voraz, procura e encontra água em uma fonte e, próximo a esta, depara-se com uma mórbida flor de maio, que, assim como ele, sucumbia de sede; com seu capacete lhe traz água e a faz reviver, tendo, neste ato, todos os seus pecados perdoados:

⁴⁸⁷ Amaral, Amadeu. Epístola. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 42, 31 de março de 1916, p.51.

⁴⁸⁸ *Ibidem*.

⁴⁸⁹ Magalhães, Basílio de. “O cavaleiro e a flor - lenda medieval”, ano 7, número 20, p.132,31 de dezembro de 1908.

*E Deus tudo perdoou, por isso, a Segismundo,
Que ali mesmo tombou, para não mais se erguer.*⁴⁹⁰

No número seguinte, Basílio da Gama assina a tradução da fábula “A abóbora e a bolota”⁴⁹¹ de La Fontaine, cuja moral centra-se na sapiência divina: um lavrador vendo o carvalho, estrondosa árvore da bolota, e as pequenas folhagens da aboboreira, não entende como um fruto tão pequeno é originado em uma árvore tão grande e um fruto grande, como a abóbora, encontra-se rastejando em finas ramagens. Perdido nestes pensamentos, o lavrador adormece sob o carvalho, quando uma bolota lhe cai sobre o nariz, causando-lhe pequeno ferimento; neste momento, entende a sabia providência, pois se o fruto que lhe caíra sobre a face fosse a abóbora, o ferimento causado seria infinitamente maior.

Cinco números mais tarde, Basílio de Magalhães escreve “Judith e Holofernes”⁴⁹², poema centrado na ardilosa ação de Judith, que salva a mísera cidade de Betulia, ao seduzir e degolar o poderoso Holofernes, bravo general dos babilônios.

O número trinta e cinco e trinta e seis traz “Diante do mar”, um poema de longas digressões estabelecidas entre um nostálgico eu – lírico e as vastas águas, companheiros há tempos. O eu-lírico encarrega-se de narrar passagens de sua vida, nas quais o mar esteve presente, constata que tais águas nunca mudaram, enquanto, seu percurso é de constante mutação, pede, na última estrofe do poema, ao mar que o acolha após a morte, tornando-se, assim, sua última e eterna morada:

*Vamos, nau! Se está escrito
Que eu morra longe e só e olvidado, ó infinito
Mar, recebe-me e sepulta-me no profundo
De tuas entranhas largas, no mais fundo, no mais fundo,
De tal modo que ninguém, oh! Nunca mais possa achar,
Nem me possa perturbar!
E, ao rolar de tuas ondas, caricioso como um canto,
Ah! Durma eu o último sono misterioso, sob o manto
Das tuas brancas espumas,
E dos teus íris e brumas,
Verde mar!*⁴⁹³

⁴⁹⁰ *Ibidem.*

⁴⁹¹ Magalhães, Basílio de. A Abóbora e a bolota (La Fontaine). **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 21, p.11, 31 de março de 1909.

⁴⁹² Magalhães, Basílio de. Judith e Holofernes. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 26, p.17, 31 de agosto de 1910.

“O Monstro” encerra a participação de Basílio de Magalhães, trazendo a história de Antenor Pedroso, um soldado do exército brasileiro forte e bom, que atravessando grande crise econômica e almejando um futuro melhor para seu filho mais velho, não encontra outra solução a não ser entregá-lo aos cuidados de seu abastado e solitário padrinho. O tempo passa e Arthur, já moço e formado, trabalha com seu protetor até o deflagrar da revolta do Rio Grande do Sul. Arthur e o pai são convocados para a guerra, lutando, porém, em lados opostos. Na noite em que Antenor é sentinela, ouve o tropel de um cavalo e pergunta pela identidade do invasor, não obtendo resposta, atira e só depois verá que matara seu próprio filho. Ao contrário do que se possa imaginar, o qualificativo monstro não se destina ao mísero pai, mas nomeia a guerra:

*-Esse ignóbil flagelo e inominável crime
Que a civilização ainda degrada e oprime.
-Essa abjeta, brutal e esquálida megera,
Que gera todo o mal, todas as ruínas gera,
-Essa da Humanidade a maior inimiga,
E monstro tão voraz e insaciável, que obriga,
Sob um falso dever e sob falsos brilhos,
Os pais a trespassar o coração dos filhos!...*⁴⁹⁴

Rafael Duarte (1867-1958), “redator–gerente” dos anos 1908, 1909, 1912, 1913 e 1914, é consócio que integra a seção dos ativos colaboradores efetivos. Publica, no número vinte e dois, “Na roça”⁴⁹⁵, soneto de apologia à vida sadia oferecida pelo campo e que propõe um regressar a estes tempos de outrora, em que se vagava à sombra do arvoredo antigo, ouvindo a meiga voz do passarinho, desfrutando de águas cristalinas e descansando em um rancho amigo:

*Volver a vida natural de outr’ora,
Vagar à sombra do arvoredo antigo,
Viver sonhando no seu rancho amigo,*

⁴⁹³ Magalhães, Basílio de. Diante do mar. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 35-36, p.24, 30 de junho a 30 de setembro de 1914.

⁴⁹⁴ Magalhães, Basílio de. O Monstro (conto para as escolas). **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 37, p.35, 31 de dezembro de 1914.

⁴⁹⁵ Duarte, Rafael. Na roça. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 22, p.37, 30 de junho de 1909.

Desde a noitinha ao repontar da aurora...

*A meiga voz de um pássaro que chora
Terno amoroso, em perfumado abrigo,
Estremecer a gente, e dar consigo
Na solidão do campo que se adora...*

*Ir a beber a trepida corrente
Frias águas que rolam cristalinas
A gemer, a gemer eternamente...*

*Tal é a vida de emoções divinas,
Vida sadia e de ventura ingente,
Dos matagais, das serras e campinas!*

No número trinta e um, o entusiasmo bucólico de Rafael Duarte cede lugar à tristeza, “Meu filho...”⁴⁹⁶ retrata o sofrimento de um pai diante da morte de seu bebê. No número subsequente, o entusiasmo e a alegria voltam a figurar em “Festa aniversária”, poema feito para homenagear uma jovem, cheia de graça, virtude e frescor. O eu-lírico lhe ressalta que, com o passar dos anos, quando já velha estiver, lembrar-se-á com saudades de sua juventude, tempo que passa deveras depressa:

*Ao buscardes, tranqüila, a tepidez do leito...
Recordareis, saudosa, a quadra mais querida
Que floriu de ilusões a vossa extinta vida,
Essa vida feliz de juventude e graça,
Que estais fruindo agora, e que tão breve passa!
Lembrareis o volver da infância à mocidade,⁴⁹⁷*

O coração e o amor são os motivos do soneto “Uma página”, última contribuição do poeta campineiro. Tentando definir o coração, Rafael Duarte assume o quão contraditório, misterioso e atroz é o abrigo do amor humano, sentimento “que tudo abranda, entenece e depura”⁴⁹⁸:

Coração, coração, tu és fundo mistério...

⁴⁹⁶ Duarte, Rafael. Meu filho.... **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 31, p.41, 30 de junho de 1913.

⁴⁹⁷ Duarte, Rafael. Festa Aniversária. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 32, p.53, 30 de setembro de 1913.

⁴⁹⁸ Duarte, Rafael. Uma página. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 33, p.30,31 de dezembro de 1913.

*Ao encravar-te Deus em humana figura,
Creou-lhe céu e inferno e balsamo e cautério.*

*O amor que tudo abranda, entenece e depura,
Ao teu cruel domínio, ao teu nefando império,
Ai de nós, se o Amor, não o torna em ventura.⁴⁹⁹*

A produção poética dos consócios correspondentes inicia-se no número cinco, com a publicação de “Sarcófago Antigo”, poema pertencente ao livro “Odes e Elegias”, do diplomata e intelectual Carlos Magalhães de Azeredo. A peça explora o aspecto clássico através da descrição minuciosa de um sarcófago romano, situado entre roseiras e margaridas em um bosque repleto de mirtos e louros. O eu-lírico desconhece quem ali descansa, pois o tempo encarregou-se de apagar o epitáfio do jazido, tornando ignoto aquele que mereceu em morte tal monumento:

*Quem eras tu, Romano de stirpe glorioso, Tribuno
Ou Cônsul, coroado de grama ou de carvalho?*

*Herói antigo, ou fino letrado da Corte e do Fórum?
Onde teus manes pousam e os teus divinos Lares?*

*Se subo, entanto, à beira do velho jazigo, se estendo
A vista, além dos louros e mirtos irridentes,*

*Além do vale cavo, sonoro de Arícia e da imensa
Campanha árida e triste, Roma diviso ao longe...*

*Mas não; quem sabe em Roma que um dia viveste? Que ruína
Fala de ti! Em que alma pela lembrança reinas?⁵⁰⁰*

A produção correspondente continua, no número seis, com o soneto “É tarde” de Adelina Amélia Lopes Vieira, poetisa residente no Rio de Janeiro, segundo nos informa a lista dos sócios do Centro de Ciências Letras e Artes do ano de 1903. “É tarde” centra-se na aflição de uma alma triste que se esconde em sombras e não mais se aquece no sol, pois para ela o dia de luz não existe e quando pensa ser tarde, padece, chora e resiste:

⁴⁹⁹ *Ibidem.*

⁵⁰⁰ Azeredo, Carlos Magalhães de. Sarcófago Antigo. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 5, 31 de outubro de 1903.

*Se a um raio ousado e quente o seio abriste,
se a tua noite te horroriza agora,
pensa que é tarde, e padecendo chora,
que as lágrimas são balsamo. Resiste.*⁵⁰¹

Agenor Silveira, “nome de merecida cotação” no meio literário da época, assina, no número vinte e oito, “Almenor”⁵⁰², um inédito poemeto bucólico que faz da beira de um rio o cenário para as lamúrias de amor de Almenor, personagem que há três luas separou-se de sua amada, sendo tal separação a razão de seu imenso mal. Aflito e ansioso, o solitário amante em vão confia seu pranto ao vento, o rio que lhe ouve, compadecido de tanto sofrimento, retarda suas águas para que possa dar mais atenção às mágoas do errante enamorado, todavia, este pede para que as águas não se preocupem e não se detenham por ele, seguindo assim seu curso normal, pois, para Almenor não há outro destino a não ser vagar pela solidão.

Dentre os autores correspondentes não há participação mais efetiva do que a de Alberto de Oliveira. O “Príncipe dos Poetas Brasileiros” faz-se presente no número vinte e cinco com o soneto “Nuvens que passam”, no trinta e oito, com “Crescentes de Agosto”, no trinta e nove, com o fac-simile de “Vagalume”⁵⁰³, na edição quarenta, com os poemas “O ciclope” e “Vilancete”, na quarenta e três, com “O bater da cancela” e na quarenta e cinco, com “Às andorinhas de Campinas”.

“Nuvens que passam” é um soneto cujo motivo centra-se na efemeridade dos homens e das nuvens: como estas passam depressa ou lentamente, aqueles vêem a vida, o sonho, o amor e a loucura passarem, tais quais os homens que choram na terra, as nuvens choram no céu e seguem passos tão incertos quanto os são os caminhos humanos, sem deixar, ao final, um traço sequer “como não o deixamos neste mundo”:

*Nuvens, por leve que vos sopra o vento,
Ou mal sopra, vós passais. Escura
A cor, ou claras, andando em altura,*

⁵⁰¹ Vieira, Adelina Amélia Lopes. É tarde. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 34, p.34, 31 de janeiro de 1904.

⁵⁰² Silveira, Agenor. Almenor. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 28, p.21-22, 30 de setembro de 1912.

⁵⁰³ Oliveira. Alberto de. Vagalume. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 39, p.6, de junho de 1915.

Ou mais baixas, no eterno movimento,

*Passais, - como na vida, a lento e lento,
Ou depressa, se vai toda a ventura,
E a própria vida, sonho, amor, loucura!
Pois tudo é nuvem, tudo é passamento.*

*Chorais lá em cima, como aqui choramos.
Passais, e em marcha o vosso incerto passo
É o mesmo incerto passo com que vamos.*

*Brilhantes de ouro, embora, no ar profundo,
Passais, sem lhe deixar sequer um traço,
Como não o deixamos neste mundo.⁵⁰⁴*

Em “Crescentes de Agosto”, a paisagem descrita é a chegada do mês de agosto, o ar que embalsama, os cirrus que leva, o escuro que afasta, este cenário faz, ao longe, um violão chorar, faz com que em tudo haja um espasmo doce e enlevo, faz nascer dentro do poeta uma grande saudade e desta os versos que escreve:

*Faz chorar um violão lá não sei onde...(A ouvi-lo
Na calada da noite um não sei quê me invade!)
Faz que haja em tudo um como espasmo doce e enlevo;*

*Faz as coisas rezar ao seu clarão tranqüilo,
Faz nascer dentro em mim uma grande saudade,
Faz nascer da saudade estes versos que escrevo.⁵⁰⁵*

“O ciclope”⁵⁰⁶ narra o infortúnio de um eu-lírico que ao beber a água de uma bacia formada da concavidade de uma montanha sente uma pungente tristeza, a água que era oriunda da diluição da mágoa ou da saudade da pedra causa no eu-lírico tão profundo mal e aflição que dele também faz rolar um triste pranto.

Em “Vilancete” retrata-se a dor que não pode ser aliviada com uma canção, que não se espanta, nem se derrete. Dores de amor ou de saudade que duram um dia podem ser

⁵⁰⁴ Oliveira, Alberto de. Nuvens que passam. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 25, p.23,31 de agosto de 1910.

⁵⁰⁵ Oliveira, Alberto de. Crescente de agosto. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 38, p.14, 31 de março de 1915.

⁵⁰⁶ Oliveira, Alberto de. O Ciclope. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 40, p.16,30 de setembro de 1915.

extintas através das canções, todavia as dores pungentes e ferozes nos tolhem a garganta e para estas não há espanto, nem distração:

*Mas a dor surda e feroz,
Que tocada se exaspera
E passeia dentro em nós,
Como e sua jaula a fera,
Amansa-la com que voz,
Si ela nos tolhe a garganta?
Nada a distrai, nada a espanta.*⁵⁰⁷

“O bater da cancela” traz em lírica o olhar de uma cancela sobre a vida. Destinada a bater constantemente, assiste imóvel aos vários acontecimentos das vidas alheias, festas de jovens, casamentos, enterros, cavaleiros que passam em disparada, outros indolentes que andam em descuidadas marchas. Desenvolve, assim um fastio para com suas ações repetidas e seu descontentamento é expresso nos versos que reproduzem em discurso direto sua voz:

- *Minha vida desgraçada
Repouso não me consente;*

*Vivo a bater nesta estrada
Constantemente*⁵⁰⁸

“Às andorinhas de Campinas” encerra a participação efetiva de Alberto de Oliveira no periódico do Centro louvando os pássaros que tão costumeiramente às tardes vêm em busca de pouso na cidade e que enlevam os olhares de moradores e visitantes:

*Eis já, porém, revoando as primeiras de vós,
Hospedas leves do ar! Outras ai vêm após,
E após estas ainda outras. E bando e bando,
Suadrão e esquadrão, voltejando, triunfando,
Coalhando o céu, sombreando a tarde, sois, enfim,
Tantas em derredor, tantas por sobre mim,
Que por momentos eu, olhando-vos, suponho
Estar ali a ver, como em estranho sonho,
De um roseiral plantado em jardim sideral,*

⁵⁰⁷ Oliveira, Alberto de. Vilancete. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 40, p.16, 30 de setembro de 1915.

⁵⁰⁸ Oliveira, Alberto de. O bater da cancela. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 43, p.15, 30 de junho de 1916.

*De um grande roseiral negro, do roseiral
Da noite, em rosas todo aberto nas alturas,
Uma a uma a cair as pétalas escuras.*⁵⁰⁹

Com exceção de “Às andorinhas de Campinas”, a escrita de Alberto de Oliveira materializar-se-á na *Revista do Centro* sob motivos e reflexões melancólicas, que se iniciam na efemeridade da vida humana, perpassam o sofrimento que não pode ser amenizado e chegam à lamentação de uma cancela cuja vida define-se na repetição.

O fac-simile do soneto “Vagalume” de 1915 integrava um significativo projeto da direção da *Revista do Centro*: era desejo dos diretores enriquecer o periódico com “autógrafos, em fac-simile, dos três maiores poetas brasileiros da penúltima geração – Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Olavo Bilac”⁵¹⁰. O primeiro, em resposta à solicitação, envia o inédito “Vagalume”, “perfeito como arquitetura, como poesia, como estilo e como linguagem”. Já do segundo não fora possível obter inédito algum, sendo assim, o consócio Amadeu Amaral cedeu, temporariamente para a reprodução, o autógrafo original de “Peregrina”⁵¹¹, a primeira redação daqueles “sentimentais septassílabos que figuram as págs. 100-1 das POESIAS, ed. de 1910”⁵¹².

O autógrafo de Olavo Bilac, de cuja remessa se incumbiu Sebastião Sampaio, não chega a tempo e só é publicado no número quarenta e um, o “Milagre” é “um lindo soneto”⁵¹³ que marca o retorno de dois amantes a seus tempos de juventude. O retorno principia, quando depois de tantos anos, encontram-se dispostos frente a frente e um simples toque entre as mãos faz com o que viveram há anos ressurja com singular intensidade:

*Febres, num prestígio estremecemos;
Deliramos na luz que nos invade*

⁵⁰⁹ Oliveira, Alberto de. As andorinhas de Campinas. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 45, p.66, 31 de dezembro de 1916.

⁵¹⁰ Redação. Autógrafos de grandes poetas In Noticiário. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 39, p.71, 30 de junho de 1915.

⁵¹¹ Correia, Raimundo. Peregrina. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 39, 30 de junho de 1915.

⁵¹² Redação. Um mimo literário. In Noticiário. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 28, p.42, 30 de setembro de 1912.

⁵¹³ Redação. Antes tarde. In Noticiário. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 41, p.55, 31 de dezembro de 1915.

Dos redutos estais supremos,

*E fulgimos, volvemos à mocidade,
Auveolados dos beijos que tivemos,
No meu milagre da saudada.⁵¹⁴*

A literatura de reconhecimento nacional não ficou representada apenas por Alberto de Oliveira, Raimundo Correa e Olavo Bilac, os versos de Ruy Barbosa também estão presentes na *Revista do Centro* o poema “A Humanidade” é publicado no número quarenta e dois e tematiza as agruras da vida humana, em um sonho triste e pungente, o eu-lírico roga a Deus uma solução para o sofrimento humano. Este, então, lhe aparece reafirmando que:

*Tudo na criação definha e morre;
Perecem as nações, tombam impérios,
E a vida para os homens fulge rápida
Como o luzir de súbito relâmpago...⁵¹⁵*

Será no juízo final que Deus porá fim ao martírio humano, conforto dará aos sofredores, aos tiranos, à hipocrisia, ao preconceito e aos reis de morte reservará o aniquilamento e assim ver-se-á a luz:

*E a voz calou-se restrugindo os ecos,
Como se o tempo martelasse em bronze,
Gravando sobre a lâmina dos séculos
Cada palavra do celeste cântico...
E as sombras de meu sonho se esvaíram,
E eu vi luzindo, a refulgir formosa,
A estrela da manhã num céu sem nuvens...⁵¹⁶*

Esta composição do jovem Ruy Barbosa fora descoberta por Alberto Faria, então diretor do periódico, no velho álbum “Fazenda Atibaia” e transcrita para a Revista por encerrar “em gérmen as idéias religiosas, sociais e políticas do embaixador do Brasil em

⁵¹⁴ Bilac, Olavo. Milagre. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 41, p.3, 31 de dezembro de 1915. Cf. Página 12 deste trabalho.

⁵¹⁵ Barbosa, Ruy. A Humanidade. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 42, p.21,31 de março de 1916.

⁵¹⁶ *Ibidem*, p.23.

Haia e Buenos Aires”⁵¹⁷ e por ser exemplo de uma linguagem correta, prenunciadora do renomado purista da língua portuguesa.

Se, por um lado, a *Revista* recupera produções poéticas do passado, por outro, empenha-se em divulgar composições recentes, como “O Espelho”⁵¹⁸, poema de Laura da Fonseca e Silva, professora no Rio de Janeiro, que teve seu primeiro livro, “Poesia”, lançado em 1915 sob uma acolhida festiva que fez jus ao talento estético “das melhores cultoras do verso no Brasil”.⁵¹⁹ Também recentes são “Os versos áureos de Pitágoras”, uma tradução de Aristêo Seixas (1881-1965) feita em 1916 a partir do francês de Fabre d’Olivet, que ilustra o número quarenta e três.

“Espelho” descreve as qualidades, atividades e agruras daquele que tudo reflete. O espelho, de branca e plácida pupila, dispõe de profundos conhecimentos de cores, sombra, luz e perspectiva, tem o poder de refletir o mais ligeiro gesto, a mais fresca pintura, a mais esquiva linha com incrível exatidão. Conta ainda com uma boa alma, pois com amargura reflete a um belo rosto os danos causados pelo tempo e recorda-se com alegria do ingênuo espanto de uma criança ao ver-se refletida e não reconhecer seu próprio semblante.

“Os versos áureos de Pitágoras”, divididos em preparação, purificação e perfeição, indicam ao homem o caminho a ser seguido, as ações a serem feitas para alçar no seio dos imortais o posto de um deus:

*Segue, no entanto, as leis que estabeleço,
Segue-as e foge a quanto possa, em vida,
Encher tua alma de sinistras sombras,
Tudo, porém, revendo e examinado.
E deixa no teu corpo a inteligência
Reinar, agora, com soberania,
Para que, conquistando etéreas plagas,
No grave seio encantador e augusto
Dos Imortais também sejas um Deus!*⁵²⁰

⁵¹⁷ Redação. Versos antigos. In Noticiário. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 42, p.54, 31 de março de 1916.

⁵¹⁸ Silva, Laura da Fonseca. O Espelho. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 41, 31 de dezembro de 1915.

⁵¹⁹ Nota da Redação. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 41, p.21, 31 de dezembro de 1915.

⁵²⁰ Seixas, Aristêo. Os versos áureos de Pitágoras. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 43, p.39, 30 de junho de 1916.

3.2.3. A Prosa

A produção literária em prosa da *Revista do Centro* é majoritariamente composta por colaborações correspondentes. São apenas três as produções efetivas que concretizam a produção local: “Uma cena da escravidão (episódio verdadeiro)”, “Santa Cruz do fundão (lenda)”⁵²¹ e “O Manoel Lino”.

A primeira, escrita por Rafael Duarte (1867-1958), “redator-gerente” da *Revista* nos anos 1908, 1909, 1912 a 1914, relata o sofrimento de José Fula, um escravo fugido que durante um ano vivera embrenhado nas matas, alimentando-se apenas de raízes. Precisamente no dia 13 de maio de 1888, data da assinatura da Lei Áurea, os colegas reencontram José Fula, ainda que desnutrido, sedento e convalescido, o negro consegue contar a seus companheiros sua saga, como conseguiu por tanto tempo escapar do coronel e do feitor; todavia, a febre e a fraqueza são tamanhas que o fazem padecer até a morte. José Fula morre exatamente no dia da libertação dos escravos, sem saber que o cativo fora extinto, e que agora era homem liberto:

*Armou-se ligeira padiola, forraram-na a folhas tenras de cambuizeiro, tomaram dele geitosamente para o conduzirem, mas o Zé Fula, num estremeção de horror, implorou: Não! Mil vezes não! Tenho medo ao açoite, da pêga e do vira-mundo!
E o desgraçado ali acabou, naquele mesmo dia em que a Lei Áurea redimia o cativo!*⁵²²

A segunda produção efetiva reporta-se à formação da igreja campineira Santa Cruz do Fundão, uma capelinha modesta, despida dos labores custosos que, comumente, ornava as igrejas. Esta singela capela fora erigida sobre o sepulcro de um escravo açoitado até a morte, e era reconhecida como milagrosa pelos fiéis. Este texto lendário encerra uma peculiaridade: a autora campineira Henriqueta de Souza Ramos é a primeira mulher sem reconhecimento literário nacional a ter um texto publicado na *Revista*. Tal fato justifica-se

⁵²¹ Ramos, Henriqueta de Souza. Santa Cruz do Fundão (lenda). **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 28, 30 de setembro de 1912.

⁵²² Duarte, Rafael. Uma cena da escravidão (episódio verdadeiro). **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 21, p.10, 31 de março de 1909.

por ser este uma “revivência de cenas campineiras”⁵²³ e por expor aos leitores “..o grau de cultura que vai tendo Campinas em se tratando da educação feminina. Linguagem simples e pura, clareza e concisão, comovido sentimento no narrar, tais as qualidades já patentes na talentosa senhorinha que elaborou tão sugestivo trabalho”.⁵²⁴

“O Manoel Lino”, publicado no número trinta e um pela redação do periódico, explora a narrativa do homônimo estudante de direito que se perdera em orgias de bebedeiras e de jogo as quais lhe custaram os fartos bens que herdara de sua mãe, sua amada e sua saúde, o conto termina com a morte de Manoel Lino no hospital Santa Casa de São Paulo:

*E assim foi que o sr. padre capelão da S. casa recebeu a sua deixa ao entrar em cena, para ouvir ao meu amigo. E não foi sem tempo, visto como o Manoel Lino, alguns dias depois, abandonava o palco...
Para ele caíra finalmente o pano!*⁵²⁵

Se a escrita dos consócios correspondentes é a expressiva constituinte da prosa literária da *Revista do Centro*, o que significativamente compõe esta escrita são os excertos de romances inéditos. O primeiro a figurar nas páginas do periódico é um fragmento de Julia Lopes de Almeida⁵²⁶, narrativa em o personagem Ruy indaga Rolla sobre sua mãe, vitimada pela loucura, deseja saber como era, se bonita, se maltratada por seu pai. O moço também revela, com sofreguidão, o temor do pai ao cogitar que ele também possa enlouquecer.

A autora também envia à redação da *Revista*, na falta de uma crônica, um trecho de discurso não publicado, porém proferido na festa da Escola Profissional Remington no Rio de Janeiro. Neste, volta-se à importância dos serviços prestados pelas máquinas de escrever ao Brasil e o quão profícuo fora a abertura de uma escola de datilografia, que logo se

⁵²³ Redação. A Capelinha do Fundão. In Noticiário. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 28, p.40, 30 de setembro de 1912, p. 40.

⁵²⁴ Redação. A Capelinha do Fundão. In Noticiário. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 28, p.40, 30 de setembro de 1912, p. 40.

⁵²⁵ Redação. O Manoel Lino. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 31, p.55, 30 de junho de 1913.

⁵²⁶ Almeida, Julia Lopes de Almeida de. Excerto de um romance inédito. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 6, 30 de janeiro de 1904.

desdobrou em um curso completo de comércio, cuja criação só veio elucidar “o valor do comércio e o papel que ele representa nas civilizações mundiais”⁵²⁷.

O segundo autor a ter inéditos publicados é Visconde de Taunay. Por intermédio de seu filho, Afonso de Escragnole Taunay, o número trinta e nove traz as primeiras páginas de dois romances encetados: “Razão e Coração”, datado de 1870 e “Abismo e Vertigem”, de 1872. Afirma Taunay que tais páginas não vêm aumentar nem diminuir a reputação do reconhecido autor, mas como tudo dos autores idos que não for mau merece publicação decidi oferecê-las à *Revista do Centro*, que é:

(...)órgão de tão brilhante quanto simpática associação, a que tanto me prezo de pertencer, constitui em nosso país um dos mais preciosos arautos do brasileiro.

*Periódico de feição mais fortemente nacionalista do que o que traduz a ação do grêmio organizador da **Biblioteca de autores nacionais**, de certo, não encontraria eu para trazer a lume os inéditos de um escritor brasileiro*⁵²⁸.

No número quarenta, encontramos Mario de Alencar⁵²⁹ em um prefácio que precede a publicação de dois inéditos de seu pai: “A cabeça de Santo Antonio”, lenda paulista integrante da obra “Alfarrábios” e o capítulo “Outro Perfil de Mulher” do livro “Escabiosa”, “romance no gênero de Lucíola”⁵³⁰. O número quarenta e três reserva mais um inédito de Alencar, “Um desejo por Senio”⁵³¹.

Além dos excertos de romances inéditos, integram a produção externa ao Centro os textos de Garcia Redondo e de Souza Bandeira, membros da Academia Brasileira de Letras. O primeiro, “ilustre consócio e estilista de alto mérito”⁵³², escreve em sua primeira

⁵²⁷ Almeida, Julia Lopes. Trecho de um discurso proferido por d. Julia Lopes de Almeida, na festa da Escola Profissional Remington- do Rio de Janeiro. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 37, p.21, 31 de dezembro de 1914.

⁵²⁸ Taunay, Afonso de Escragnole. Inéditos do Visconde de Taunay. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 39, p.29-30, 30 de junho de 1915.

⁵²⁹ Alencar, Mário de. Inéditos de José de Alencar. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 40, 30 de setembro de 1915.

⁵³⁰ Redação. José de Alencar. In Noticiário. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 40, p.50, 30 de setembro de 1915.

⁵³¹ Alencar, José de. Um desejo por Senio. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 43, 30 de junho de 1916.

⁵³² Redação. Novas Colaborações. In Noticiário. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 31, p.86, 30 de junho de 1913.

participação “Uma criança passou...(Depoimento de um neurastênico)”⁵³³, conto em primeira pessoa que relata a transformação de um urbano e boêmio personagem ao encontrar a felicidade em um pacata fazenda de café, local onde casado, torna-se um dedicado pai de família e responsável cafeicultor.

O texto de Souza Redondo, “Olinda”, é um fragmento do livro “Evocações” e constitui-se em uma descrição e um relato histórico da antiga cidade pernambucana. Estas linhas de saudades destinam-se a tal localidade, pois é ela quem rememora o autor de suas vivências infantis e juvenis: “Ela se me representa ao espírito de envolta com as suaves recordações juvenis, numa névoa de sonho, onde se condensam as impressões da paisagem, que me extasiou os olhos, e as sombras do passado, que a minha imaginação sempre evocou ao seu aspecto”.⁵³⁴

É possível considerar que a crítica literária presente na *Revista do Centro* ocupar-se-á da literatura nacionalmente reconhecida, até mesmo os consócios efetivos se referiram majoritariamente em seus textos à produção de autores de inegável reconhecimento, tais como, Euclides da Cunha, Coelho Netto, Raimundo Correia, Raul Pompéia e o principiante Menotti Del Picchia .

Ao considerarmos a produção poética, observaremos que esta em número diminuto, 36% das sessenta e uma poesias publicadas, materializa-se nas penas dos colaboradores locais, voltando-se significativamente para o meio externo, 64% das produções advêm dos redatores correspondentes. A significativa presença de Adelino Fontoura, de Alberto de Oliveira e das traduções é uma ocorrência expressiva, que merece atenção.

É pela iniciativa de Coelho Netto que o poeta maranhense Adelino Fontoura tornar-se-á assíduo na *Revista do Centro*. A tarefa empreendida pela Academia Brasileira de Letras e abraçada pelo autor de “A Conquista”, então residente em Campinas, traz para os

⁵³³ Redondo, Garcia. Uma criança passou... (Depoimento de um neurastênico). **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 31, 30 de junho de 1913.

⁵³⁴ Bandeira, Souza. Olinda (fragmento de Evocações, livro a publicar-se). **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 43, p.14, 30 de junho de 1916.

números iniciais do periódico campineiro o poeta maranhense, cuja presença se estenderá por números mais adiantados. Benedicto Octávio destaca-se pelas traduções, suas duas participações efetivam-se em textos traduzidos, o primeiro de Victor Hugo e o segundo de François Coppée. Alberto de Oliveira torna-se presente a partir do número vinte e cinco, com direito a publicação fac-simile, retrato e uma biografia.

Adelino Fontoura e Alberto de Oliveira nas páginas da *Revista do Centro* concretizam um movimento do periódico em estabelecer ligações com o cenário letrado carioca, é um almejo conferir relevância à publicação campineira, não apresentá-la ausente do conceituado cenário letrado nacional, intento que também se faz claro na publicação dos autógrafos em fac-simile dos “três maiores poetas brasileiros da penúltima geração”. Intento igualmente almejado quando se publica excertos de romances inéditos de Visconde de Taunay e José de Alencar.

É inegável o esforço que *Revista do Centro* empreende para em estar em compasso com literatura nacionalmente reconhecida. Esforço que se faz acentuadamente visível na publicação das poesias de Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, Raimundo Correia e nas críticas literárias de obras recém publicadas, como é o caso de “Os Sertões” de Euclides da Cunha.

Não é possível deixarmos de observar o caráter divulgador da *Revista* ao considerar livros recentemente publicados, como “Sombras” de Presciliana Duarte de Almeida e “Poemas do Vício e da Virtude” de Menotti Del Picchia, mostrando-se, dessa maneira, como um órgão que minimamente se preocupava com o que de novo era publicado ou chegava a mãos dos sócios redatores.

Parece-nos possível afirmar pela intensa referência a autores e a obras de relevos que há uma preocupação e um desejo de efetivar a importância do periódico campineiro a partir de uma literatura de reconhecimento nacional. Para isso, a *Revista do Centro* atrela a literatura que veicula à literatura nacional; não havendo, assim, descompasso com o panorama literário brasileiro; mas sim uma efetiva integração.

3.3. AS ARTES NA REVISTA DO CENTRO DE CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES DE CAMPINAS

3.3.1. Na Música

Destituídos de abordagens técnicas, os artigos que se destinam à música na *Revista do Centro* voltam-se, em sua maioria, para um único artista: Carlos Gomes. Dos seis artigos existentes, três dedicam-se ao maestro campeiro, um percorre a história dos sinos e os demais encarregam-se de transcrever a ópera *Alda* e o Hino Nacional Brasileiro de Américo de Moura.

Alheios a uma linguagem específica da música, os três textos que se voltam para o artista Carlos Gomes não se constroem a partir de discussões técnicas sobre a obra do maestro; são, antes, textos laudatórios - de vasta presença neste periódico - cujo louvor aos músicos campineiros é antes uma forma de louvar a cidade que os concebeu.

A primeira menção à música na *Revista* dar-se-á no número sete sob a forma de um comunicado: o Centro, tornando real a proposta de César Bierrenbach, não mediria esforços para auxiliar o literato Silvio Bocanera a redigir a biografia do compositor campineiro.

Ademais, almejando criar um arquivo para reunir a obra artística e os documentos autênticos da vida do maestro, o Centro se dirigiu a todos os consócios, aos institutos de música e às pessoas relacionadas a Carlos Gomes, pedindo-lhes para que enviassem documentos e músicas do “imortal compositor”⁵³⁵ sob registro no correio, para que se evitassem extravios.

O número seguinte traz sob o título “Publicações do Arquivo de Carlos Gomes”⁵³⁶ um retrato laudatório do compositor campineiro, elaborado por José de Campos Novaes, a partir de uma carta que Carlos Gomes enviara a seu amigo de infância, José Emílgio Júnior. O artigo que fora publicado a 1 de janeiro de 1899, no *Diário de Campinas*, era o primeiro documento do arquivo do compositor no Centro de Ciências a ser publicado.

⁵³⁵ Redação. Arquivo de Carlos Gomes. *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas*, Campinas, número 7, p.145, 01 de junho de 1904.

⁵³⁶ Novaes, José de Campos. Publicações do Arquivo de Carlos Gomes. *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas*, Campinas, número 8, 31 de outubro de 1905. Cf. Artigo completo no Anexo VII.

Dessa forma, o projeto que se mostrava almejado no número sete da *Revista* já parecia como concretizado no número oito.

Neste mesmo número, deparamo-nos, uma vez mais, com um artigo de José de Campos Novaes acerca da genialidade de Carlos Gomes. O consócio, para louvar o maestro, traz em seu artigo os últimos julgamentos críticos de Verdi sobre os maestros italianos da atualidade: nenhum o contentava, apenas o músico campineiro era tido como digno de continuar sua escola. Verdi encontrou em “O Guarani” muitas de suas qualidades, a fuga e o ímpeto de Carlos Gomes recordavam-lhe suas excitações de mocidade.

O reconhecimento de Verdi ao talento de Gomes é a base argumentatória do texto de Novaes, que se mostra como que encantado com o “conceito elevadíssimo”⁵³⁷ em que era tido o campineiro pelo músico italiano. Com tantos atributos e elogios, almeja Campos Novaes que suas páginas se destinem a colocar o gênio do maestro campineiro “acima de todas as mediocridades contemporâneas que alardeiam ciência sem inspiração”⁵³⁸.

A seqüência de elogios a Carlos Gomes cessam-se com a publicação de “Alda”, porém a menção a família dos artistas Gomes não. A ópera em 4 atos é musicada por Sant’Anna Gomes, irmão do aclamado compositor, e traduzida pelo também campineiro Benedicto Octávio, o libreto original é do italiano Emílio Ducati.

“Alda”, ambientada em 1200 D.C, no Vale da Auvernia e nos arredores de Arles, traz a trágica história de Renato, filho do Barão de Auvernia e de Alda, cigana de estonteante beleza, tida, porém, como feiticeira e bruxa horrenda.

No dia de seu enlace com Lida, filha do duque de Arles, Renato reencontra Alda, seu primeiro amor, e, a partir deste momento, protege - a de todos que a querem morta. Apesar de tanto empenho, o destino não muda seus desígnios e Alda morre justamente para salvar Renato: a bela cigana bebe o licor envenenado no lugar do amado, logo após, cai ao chão como fulminada, antes, porém, amaldiçoa o Barão, pai de Renato, que sempre a quis morta e, assim, longe de seu filho:

Alda, altivamente, levantado o copo

⁵³⁷ Novaes, José de Campos. O sucessor de Verdi, segundo o seu próprio juízo - qual seria?. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 8, p.29, 31 de outubro de 1905.

⁵³⁸ *Ibidem*.

*Os teus saíões
Me possuirão...mas...morta!
(Voltando-se para o barão)
Bebo o licor...que matar...
O teu filho aqui devia...
Bebo...Vou taça vazia,
Iníquo, a teus pés lançar!
(Depois de ter esvaziado o copo, atira-o aos pés do barão)
Formosa vida alegrar
O nosso afeto podia...
Deste-nos a sorte ímpia...
Eu morro, a te amaldiçoar!
(Tenta aproximar-se de Renato)
Adeus! Aqui me envolve a treva abjecta!
(Cai no solo como fulminada).⁵³⁹*

3.3.2. No teatro

Se a música na *Revista do Centro* destina-se majoritariamente à legitimação da genialidade de Carlos Gomes e a uma menção a Sant'Anna Gomes, irmão do laureado compositor, (por nos interpretada como a continuação do louvor a família Gomes, de dotes musicais tão primorosos, que só fazem exaltar a cidade que os concebera) as duas peças de teatro presentes no periódico refletem a preocupação com a manutenção dos papéis sociais exercidos por homens e mulheres na sociedade de 1910 e com a moralidade desta época.

“Guerra aos Homens”, sainete em um ato, escrito por Afrânio Peixoto da Academia Brasileira de Letras, fora encenado pela primeira vez no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em 4 de novembro de 1915, e publicado no periódico campineiro em março de 1916, no número quarenta e dois.

A peça integrava a ação da Liga Brasileira pelos Aliados, que se mobilizava para angariar donativos aos belgas, vítimas da guerra. José Veríssimo, presidente da Liga, viu uma programação farta de operetas, pantomima, cantos, versos e monólogos, mas desprovida de uma apresentação teatral, que integrasse as senhoras e as senhoritas tão habilidosas nos cantos e nas dicções.

⁵³⁹ Gomes, Sant'Anna & Octávio, Benedicto. Alda. *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas*, Campinas, número 11, p.124, 30 de setembro de 1906.

Assim, Afrânio Peixoto, atendendo a José Veríssimo, escreve “A Guerra aos Homens”, redigida, ensaiada e representada em poucos dias. O sainete retratava uma guerra bem diferente daquela que o mundo presenciava: sem armas e sem sangue. Um grupo de amigas descontentes formam o “Ladies’Club”, uma agremiação para defender as mulheres dos homens, concebidos como brutos, egoístas, hipócritas, cínicos, ingratos, pérfidos e interesseiros. Unidas, deliberam que, a partir daquele momento, não mais precisariam de seus oponentes; sozinhas se bastariam “nas festas, nas obras de beneficência, na instrução, nas idéias, na vida”⁵⁴⁰.

Empossada a primeira diretoria, o próximo passo seria atrair novas participantes e para isso as associadas planejam uma festa, cujo ensaio começa naquele exato momento. Não sem discussões e barulho, o ensaio ocorre e ao seu final, uma por uma vai se retirando e retomando suas vidas reais em função dos homens:

CENA IX

BEATRIZ só; depois a criada.

BEATRIZ, ao ver sair as duas últimas, entre indignada e surpresa.

É assim... Nenhuma resiste... Uma volta para o namorado, que se arrependeu... Outra não se pode privar dos políticos... Aquela atira-se ao professor de tango... Estas vão concorrer ao mesmo senador, que procura mulheres no cinematógrafo. Nenhuma resiste... Por isso, elas abusam da vitória... Podendo vencer, elas entregam-se, os pulsos estendidos para os grilhões...⁵⁴¹

A peça termina com Beatriz, uma das personagens mais severas quando se tratava de criticar o sexo oposto, recebendo, em sua casa, de forma muito amigável e amável o ex-marido. Tal postura era o avesso do que fora deliberado no “Ladies’Club” e contrariava maciçamente seu comentário final acerca do comportamento das colegas, parecia que Beatriz, a presidente da agremiação feminina, também não tinha como resistir aos encantos masculinos!

Segundo informações trazidas pela redação da *Revista do Centro*, a peça fora um “feliz sucesso para a Liga, com a casa cheia de um grande espetáculo, e para as atrizes

⁵⁴⁰ Peixoto, Afrânio. Guerra aos homens. *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas*, Campinas, número 42, p.30, 31 de março de 1916.

⁵⁴¹ *Ibidem*, p. 36-37.

improvisadas, com aplausos entusiásticos, como raramente logram as estrelas do palco”⁵⁴². Fora uma dessas atrizes improvisadas que cedeu à *Revista do Centro* o sainete, possibilitando, assim, sua publicação.

O número trinta e sete estampa em suas páginas “A preceptora”, comédia-drama em dois atos, escrita pelo campineiro Rafael Duarte em homenagem às madres diretoras do Colégio do Sagrado Coração de Jesus, localizado em Campinas.

No prefácio, o autor adianta-nos que as figuras principais desta peça são tipos com os quais nos deparamos a cada passo, que apresentam, especialmente, os males causados pela ausência de uma educação bem dirigida. Problema que afeta veementemente os jovens e aflige a sociedade na qual vivem, meio formador de pais negligentes quanto à educação de seus filhos: “Produto em geral desse mesmo ambiente são os pais - os causadores da desgraça de seus filhos, cuja educação descaram gravemente, para lhes darem apenas esse esmalte de salão, de brilho efêmero e ilusório, que é muito mais nocivo do que a própria ignorância do vulgo”⁵⁴³.

Rafael Duarte não questiona a educação como um todo, apenas aquela que se destinava às meninas, nesta era imprescindível os ensinamentos religiosos, pois sendo a mulher parte mais fraca e, assim, mais suscetível à dor, era também a mais precisada dos confortos oferecidos pela religião. Dessa maneira, era necessário destinar às meninas uma educação intelectual, mas que também contemplasse valores como a fé e a esperança, virtudes que garantiriam o lar e a sociedade moderna.

Joaninha reproduz, na ficção, a jovem rica, soberba, repletas de vaidades que recebera do pai, um importante fazendeiro já falecido, uma educação “completamente mundana”; sem ênfase nos conceitos morais e religiosos. Tornara-se, assim, uma moça altiva, desprovida de respeito pelos mais humildes, avessa às “boas normas”. Sua mãe, a viúva D. Maria de Souza, preocupada com a filha, pede para o monsenhor Rodrigues a

⁵⁴² *Ibidem*, p.24.

⁵⁴³ Duarte, Rafael. A preceptora. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 37, p.36, 31 de dezembro de 1914, p. 36.

indicação de uma preceptora, que encaminhe a jovem para o bem, “e que, aos poucos, lhe vá inspirando boa doutrina e sentimentos de virtude”⁵⁴⁴.

O monsenhor envia, então, até a casa da senhora Souza, Carmen da Silva, uma jovem de 24 anos, cuja família era uma das mais importantes e nobres do Rio de Janeiro. A família de Carmen, porém, perdera tudo e ela ficara pobre, tendo que trabalhar para sobreviver.

Carmen era exímia pianista, terminara seu curso no Conservatório de Milão, não cantava mal, era fluente no francês, no inglês e no alemão, entendia de literatura clássica e de pintura. Contudo, todos estes atributos não lhe eram mais preciosos que sua modéstia, discrição e valores religiosos, Carmen era uma ferrenha crítica da educação moderna, a educação:

*(...) sem os estímulos da virtude, sem a crença em Deus, o respeito e amor pelos pais, a piedade com os infelizes, é um mal de conseqüências incalculáveis! Tenta-se, hoje, dar brilhante aparência à mocidade sem, todavia, curar-se-lhe da alma e do coração. E o resultado? Aí estão brutalmente consignadas nas estatísticas cenas de selvageria, suicídios, assassinatos, um horror de crimes, enfim!...*⁵⁴⁵

Introduzida à casa de D. Maria, Carmen até que fora bem recebida por Joaninha e logo percebera que o grande mal da menina, além da educação recebida, eram suas amizades: Edméa, Zoraide e Petronilha eram moças muito ricas, “muito esquisitas e modernizadas”⁵⁴⁶; nem pareciam moças, gostavam apenas de partidas de tênis, corridas de automóvel, jogos de futebol, conferências, cinema. Todavia, bastaram poucos dias para que Carmen transformasse Joaninha em uma moça cada vez mais calma e menos soberba, despertando-lhe as virtudes (humildade, modéstia, compaixão, discrição) que uma educação moderna lhe negligenciara.

As propostas moralizantes e disciplinantes da peça “A Preceptora” também estarão presentes, agora no campo das artes em geral, no artigo “A moralidade na arte” de Ch. Sentroul, monsenhor da Abadia de S. Bento e professor de filosofia em São Paulo. Em um

⁵⁴⁴ *Ibidem*, p.39.

⁵⁴⁵ *Ibidem*, p.38.

⁵⁴⁶ *Ibidem*, p.39.

longo texto, redigido sob a forma de diálogos, o autor e seu contraditor imaginário, “o advogado da arte livre”⁵⁴⁷, problematizam, através de premissas, argumentações e conclusões, a existência de uma arte imoral e que esta, enquanto imoral, não pode ser bela.

Ch. Sentroul parte da premissa que a imoralidade da arte pode apresentar-se em três circunstâncias distintas: a imoralidade pode emanar do artista, pode estar nos olhos do espectador e pode estar presente na própria arte. Logo conclui, porém, que não há arte imoral para o espectador que também não o seja para o artista. Uma obra (escultura, pintura, literatura), criada para ser bela, não deve ser contrária ao pudor, nem deve ofender à castidade. Se estes são os efeitos que uma obra causa em seu espectador, também foram estes despertados em seu criador, pois é o artista o primeiro espectador de sua obra, é o primeiro a sentir, e em um alto grau, todas as emoções causadas por tal obra. Assim, se a obra é imoral para o espectador, já o era para seu criador: “Não, não é somente o espectador que opera o mal, porque bem o quer; é antes dele, o artista que uma tal obra elaborou, é, enfim, a própria obra que é e que mantém moralmente má. É, portanto, a própria arte que é muitas vezes imoral”..⁵⁴⁸

Diante de tal consideração, o opositor imaginário de Ch. Sentroul reclama para a arte a mesma imunidade da qual goza a ciência: a dispensa das leis morais. A história, a anatomia e a medicina nem sempre respeitam o pudor e não cabe a elas censura alguma. O autor, então, argumenta que se há concessões distintas para arte e para a ciência é porque distintos são os seus deveres: “A ciência demonstra o que é verdadeira, a arte mostra o que é belo. O sábio deve preocupar-se em fazer com certeza; o artista deve, ao fazer ver, provocar o prazer especial a que chamamos emoção estética”..⁵⁴⁹

Ch. Sentroul explicita, nesta passagem, a concepção de arte por ele defendida e, a partir deste momento até o final do texto, empenhar-se-á para apregoá-la a seu leitor. O trecho acima deixa-nos claro que o único dever da arte é ser bela. O belo, conforme afirma

⁵⁴⁷ Sentroul, Ch. A moralidade na arte. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 37, p.24, 1 de dezembro de 1914.

⁵⁴⁸ Sentroul, Ch. A moralidade na arte. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 37, p.24,1 de dezembro de 1914.

⁵⁴⁹ *Ibidem*, p.25.

o monsenhor, acalma o espírito, consola-o, revigora-o e, mesmo em meio a um grande sofrimento, oferece a seu espectador uma serenidade vigorosa .

Salvaguardando o belo está o pudor. Este instinto, presente tanto no corpo quanto na alma, é um guarda zeloso da beleza, quanto mais belo for o corpo ou a alma, mais vigilante será o pudor. O objetivo deste guarda consiste em ocultar algo que não merece ser exibido; se a beleza, por seus atributos, exige exibição, o que deve ser oculto é o seu oposto, ou seja, a fealdade. Desta premissa, o autor conclui que toda a violação do pudor é feia por excelência. Assim, a arte imoral concebida como uma ofensa ao pudor é por consequência uma arte feia:

*A arte serena e pura quer ambicionar ser superior ao pudor, mostrando o sentido profundo e sagrado das afeições sensíveis, deverá começar por obedecer ao pudor, ocultando o que ele esconde por feio. Mas a arte imoral que julgar poder afrontar o pudor e se mostrar forte porque é ousada, será punida pelo seu próprio pecado, fugindo ao seu escopo, que é a beleza. A arte de Dante é bela, pois não evocou **Beatriz**, senão para subir ao Céu: a arte de Zola é feia, pois não tira os véus diante de nossos olhos senão para abrir aos nossos pés grades de esgotos.*⁵⁵⁰

Paulo Sergio Barreto⁵⁵¹, ao comentar esta passagem, ressalta que a moralidade de Ch. Sentroul não condena exclusivamente algumas maneiras como se explora o nu do corpo humano, condena igualmente a explicitação da realidade social e histórica. Sendo por esta proposição que as obras de Emile Zola são concebidas como imorais. Diante deste artigo, repletos de argumentos e preceitos, entende-se que, para o monsenhor, a obra de arte não poderia se opor ao pudor; invariavelmente deveria ser bela e, como tal, portar uma “serenidade comovida” que despertasse o “prazer da contemplação”.

3.3.3. Na pintura

Para Barreto, não haveria gratuidade na publicação deste artigo; suas proposições assinalariam uma concepção de arte (em especial no campo da pintura) recorrente entre os artistas e o público freqüentador do Centro de Ciências: esta arte “bela” cuja “temática

⁵⁵⁰ *Ibidem*, p.28.

⁵⁵¹ BARRETO, 1994.

dominante restringia-se aos cânones da arte acadêmica⁵⁵², vislumbrada pela imitação e pela reprodução contemplativa da natureza”⁵⁵³ também era uma arte comportamental, disciplinante:

*Esta arte “bela” e “moral” estava inserida dentro de uma lógica comportamental, traçada pela negação de uma reflexão estética e crítica sobre a realidade social e histórica em virtude da necessidade de reproduzir de maneira fiel à natureza enquanto menção peculiar do “belo” artístico.*⁵⁵⁴

Assinala ainda que as exposições de artes plásticas ocorridas no Centro de Ciências foram incondicionalmente representantes desta arte, nem mesmo a exposição do pintor lituano Lasar Segall, em 1913, que tenderia a impingir uma “visão modernista” à arte exposta no Centro e veiculada em sua *Revista*, fugiu a este ditame. A amostra dos quadros de Segall⁵⁵⁵ fora, assim, igual às dos demais expositores, validando a tese de uma total hegemonia acadêmica no campo das artes plásticas.

Afastando-nos, por um momento, das discussões veiculadas aos movimentos artísticos, é possível observarmos, a partir das constatações de Barreto e da disposição dos artigos referentes às artes plásticas na *Revista do Centro*, que estes textos ora destinam-se aos artistas campineiros, tecendo comentários sobre suas técnicas e exposições e ora voltam-se para as artes de reconhecimento paulista e nacional. Num movimento que oscila entre um olhar ensimesmado, que se volta para o artista campineiro, cujo vultoso talento só

⁵⁵² Como arte acadêmica entende-se aquela calcada na imitação das formas do classicismo greco-romano, na correção das imperfeições da natureza e na idealização das realidades humanas sob a inspiração das formas ideais do Belo eterno. In BAECHLER, 1982.

⁵⁵³ BARRETO, 1994, p.19.

⁵⁵⁴ *Ibidem*, p.27.

⁵⁵⁵ Barreto considera que a exposição de Lasar Segall não representou uma ruptura nas artes plásticas expostas no Centro e na *Revista* por ser, primeiramente, um encontro social (evento em que se constrói uma sociabilidade formadora de alianças familiares, econômicas e políticas e que resguardava a lógica da exclusão social e cultural); uma exposição que fora passivamente recebida pelo público e apadrinhada pelo Senador Freitas Valles, sócio correspondente do CCLA e responsável, no Senado, pelo controle do Pensionato Artístico. O apoio de Freitas Valles fora decisivo para a recepção favorável dos trabalhos do artista. Já para Vera D’Horta Becarri, a crítica benevolente aos trabalhos de Segall provam a incapacidade do meio em julgar os quadros expostos, assim, o artista lituano fora o primeiro a realizar no Brasil uma exposição de arte moderna, todavia Anita Malfatti, em 1917, “foi a primeira a realizar uma exposição vista como moderna”. In BECCARI, 1984, p.63.

faz engrandecer o seu torrão natal, e um olhar cosmopolita, que almeja afinar-se com a arte além dos limites da província.

O olhar ensimesmado do periódico publica no número trinta e dois “Exposições de pintura”, artigo de Luiz de Pádua acerca dos trabalhos de Alfredo Norfini⁵⁵⁶ e de Nicota Bayeux⁵⁵⁷. O autor afirma que o conagraçamento dos artistas fora manifesto no número vultoso de visitantes que viram nos quadros de Norfini um artista fértil e inspirado que expressa todo o seu talento na paisagem “Vida Tranqüila” “doce, suave, esbatida e natural, fazendo-nos lembrar uma página de J. M. Macedo”⁵⁵⁸. O artista também se dedica a pinturas de rosas e cravos e à aquarela: “... gênero difícil e ingrato, onde não há embustes, a sua ,ao firme traçou o – Tipo inglês- Efeitos da Neve- e o Fackiro- admiráveis de nitidez que corroboram para justificar o valor do Artista”.⁵⁵⁹

Se Norfini é pintor de paisagem, o fino talento e a envergadura artística da campineira Nicota Bayeux a fazem exímia nos retratos, os quais impecavelmente conciliam a objetividade das formas anatômicas e a magia dos pincéis desta artista. Assim, os quadros de Nicota são ricos em fisionomias e expressão de sentimentos, retratam gestos petulantes, sorrisos maliciosos e olhares dolorosos. A tela “Dominó Rose” parece encantar o redator Luiz de Pádua, é este o trabalho que engrandece seu amor e orgulho pela Pátria, é este o trabalho que reforça seu sentimento patriótico: “O orgulho que tenho da minha Pátria aumenta-me o entusiasmo para glorificar Nicota Bayeux na sua tela primorosa, lembrando-me que é uma brasileira!”⁵⁶⁰

⁵⁵⁶ Alfredo Norfini nasceu da Itália em 1867 e faleceu no Rio de Janeiro em 1944. Professor, pintor de paisagens e aquarelas veio para o Brasil em 1898, seguindo para Campinas, onde criou um curso de pintura, juntamente com Ângelo Bretoni e Ângelo Correia. Em 1900 organizou na cidade a Primeira Exposição de Artes e Artes Aplicadas à Indústria. In SECRETÁRIA DE ESTADO DA CULTURA/ PINACOTECA DO ESTADO, 1986, p.107.

⁵⁵⁷ Nicota Bayeux nasceu em Campinas em 1870 e morreu nesta cidade em 1923, dedicou-se, especialmente, à pintura de figuras. In *Ibidem*, p.120.

⁵⁵⁸ Pádua, Luiz de. Exposição de pintura. *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas*, Campinas, número 32, p.68, 30 de setembro de 1913.

⁵⁵⁹ *Ibidem*.

⁵⁶⁰ *Ibidem*.

O número seguinte traz as considerações de Erasmo Braga acerca da exposição de pintura da campineira Beatriz Pompeu⁵⁶¹. De inteligência acerhada, talento admirável e uma observação sincera, a artista é considerada uma autodidata devido ao pouco tempo em que fora assistida por um mestre. Braga ressalta que a evolução do espírito da artista e o aperfeiçoamento de sua técnica são notórios nesta vernissage, os quadros, dispostos em ordem cronológica, revelam que o traço largo e audacioso da campineira vai se firmando até compor um busto animado, pessoal e intenso. Embora dedicada aos retratos, são as naturezas mortas de Beatriz Pompeu que atraem a atenção do público: neste gênero, a artista passou da simples preocupação do desenho para um plano “superior, em que as figuras sugerem impressões ao observador, porque há nelas alguma coisa da subconsciência do artista. Há doçura naqueles morangos do n. 19, assim como há perfume aveludado nas rosas do n. 20”⁵⁶².

Tanto talento só poderia enobrecer Campinas, “terra de tantos espíritos de eleição” e cidade natal da artista, e é com esta afirmação que Braga põe fim a seu texto.

Mais uma vez, o talento vultoso de artistas campineiras enobrece a cidade. A menção honrosa ao artista é forma variante de um discurso que buscar louvar a cidade, definindo-se, assim, como um texto que também constrói a representação de uma Campinas cujo solo é “seiva fértil” para o talento, constituindo-a em berço de renomados artistas. Podemos notar o quão parcas são as discussões técnicas sobre a pintura, os artigos se esvaziam deste tipo de abordagem e dedicam-se ao elogio do artista: ressaltam seus exímios talentos, preciosas qualidades, e acabam por afirmar que são estes, além de egrégios artistas, exemplos de campineiros e patriotas, pois enobrecem o torrão natal com seus trabalhos.

São estas percepções que nos possibilitam afirmar que os artigos voltados para os pintores campineiros são textos que não almejam analisar a arte em si, destituída de nacionalidade e naturalidade. São antes artigos que se designam a elogiar a cidade por intermédio do elogio dos artistas que nela nascem e desenvolvem seus trabalhos.

⁵⁶¹ Beatriz Pompeu de Camargo nasceu em Campinas em 1887 e morreu nesta cidade em 1980, dedicou-se à pintura de paisagens e de retratos.

⁵⁶² Braga, Erasmo. Exposição de Pintura. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 33, p.32, 31 de dezembro de 1913.

Constituem-se, portanto, em textos - tais quais os discursos laudatórios analisados no primeiro capítulo - cujo objetivo maior é construir a representação de uma cidade-celeiro de grandes artistas.

Nem só de artistas campineiros ocupam-se as artes da *Revista do Centro*, o *corpus* analisado dispõe de três artigos que se dedicam a reflexões e a artistas exteriores à cidade, embora nem sempre desatrelados dela.

O olhar cosmopolita do periódico traz para o número vinte e nove “Alguns pintores etnográficos na América do Sul”, artigo da Redação que se ocupa de alguns pintores viajantes, que contribuíram para o estudo da etnografia e da arqueologia sul-americana no século XIX.

Como pintor-viajante, o artigo entende um “viajante mais ou menos instruído, às vezes, cientista, visitando um país longínquo, que, além do carnê de viagem, traz consigo o seu álbum de desenho, e faz, com mais ou menos talento, bosquejos ou estudos naturais. Não é absolutamente necessário que seja artista de profissão ou que tenha pintado quadros”⁵⁶³. Reconhecendo a impossibilidade da completude deste tipo de estudo, o redator afirma que contemplará em seu texto os viajantes cujas obras são mais acessíveis e os ordenará segundo a ordem cronológica. Consoante a metodologia explícita, o primeiro pintor que nos apresentado é Alexandre de Humboldt:

*Foi ele, efetivamente quem para tornar mais viva as descrições dos países percorridos, dos sítios visitados, da vegetação, dos animais e dos habitantes do Novo – Continente, se servia e não impropriadamente do lápis e do pincel. Nas figuras que ilustram o altar pitoresco de suas **Relações Histórica e Vistas das Cordilheiras e dos monumentos dos povos indígenas da América**, Humboldt esforçou-se em dar o que de melhor tinha nessa época. Mais tarde, na revista **Kosmos**, o grande viajante, fazendo o histórico da pintura das paisagens, preconizou este ramo de arte como devendo dar um apoio à descrição. Embora se reconheça o grande mérito, sob este aspecto, do autor das **Ansichten der Natur**, sabe-se que a sua obra é mais do domínio da geografia física do que da etnografia.*⁵⁶⁴

⁵⁶³ Redação. Alguns pintores etnográficos na América do Sul. . **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 29, p.3, 31 de dezembro de 1912.

⁵⁶⁴ *Ibidem*.

Sem mais delongas, o texto passa a contemplar Eduardo Frederico Poepping (1789-1868), que de 1827 a 1832 percorrerá o Chile, o Peru e o Brasil. Segue-se a descrição das principais litografias deste viajante, a informação de que era naturalista e o elogio a sua obra. Elogios mais numerosos cabem a João Baptista Debret (1768-1848), artista que não cometeu o equívoco “de emprestar aspectos europeus aos seus assuntos exóticos”⁵⁶⁵, também aqui nos deparamos com a descrição das gravuras mais importante deste artista.

O próximo pintor a ser contemplado é João Motriz Rugendas (1802-1858), artista de vida atribulada que caíra no esquecimento, apesar da multidão de documentos que legara a posterioridade sobre o Brasil e sobre vários países hispano-americanos. Para este artista cabe uma crítica e o texto registra o que classifica como um grande defeito da volumosa obra de Rugendas: a ausência de notas precisas, de indicações minuciosas a respeito das paisagens, dos sítios e dos tipos retratados. De vida mais movimentada que a Rugendas nos é apresentado Pedro Benoit (1872- 1854), um desenhista habilíssimo, que lança, em 1839 , em Bruxelas, suas memórias da viagem feita no Suriname.

Dentre aqueles que se dedicaram ao retrato dos indígenas nenhum fora mais famoso que Jorge Catlin, todavia, o artigo mostra-se receoso quanto à veracidade de sua obra; por não apresentar elementos que comprovem que suas viagens, de fato, ocorreram, o redator mostra-se incrédulo quanto a este pintor:

*Resumindo minha opinião a respeito de Catlin na América do Sul sou forçado a exprimir assim: ás narrativas de sua viagens faltam todos os elementos necessários para se demonstrar que tais viagens foram realmente efetuadas, e que as tribos de índios de que ele fala foram visitadas. Tão insuficientes, tão vagos e tão confusos parecem os pormenores sobre esses roteiros e sobre as tribos que não podem ser classificados.*⁵⁶⁶

Pintor de profissão, Augusto Francisco Biard (1789-1882) visitou o Brasil em 1858. Além de muitos quadros, esta viagem rende-lhe a escrita de “Deux années au Brésil”, publicado na França em 1862. Segundo o redator, este trabalho escrito nada acrescentara à glória do pintor, cuja maioria dos quadros se conserva nos grandes museus da Europa.

⁵⁶⁵ *Ibidem*, p.5.

⁵⁶⁶ *Ibidem*, p.9.

De Biard o redator passa a Franz Keller Leuzinger (1835-1885), alemão de longa estadia no Brasil (1856-1873). O jovem engenheiro alemão vem para o país juntamente com sua família e encanta-se com a paisagem dos rios Amazonas e Madeira, dedicando-se a croquis e desenhos, além de seus trabalhos profissionais. Em seu regresso para a Alemanha publica em 1864 “Von Amazonas und Madeira”, notável obra cujas 68 ilustrações de florestas, animais e indígenas são demasiadamente precisas e pormenorizadas, o que a faz superior as demais do seu gênero.

O texto trata, então, de Hércules Florence (1804- 1879), pintor etnográfico nascido em Nice e falecido no Brasil, cujo trabalho acerca das tribos indígenas mundurucus, apiacás, bororos guanos e chamacocos tem grande reconhecimento. Ao lado das obras de Hércules Florence, são as de Carlos von den Steinen que merecem destaque. “Durch Central Brasilien” e “Unter den Naturvölkern Zentral - Brasiliens”, frutos de viagens empreendidas ao Rio Xingu, trazem ao leitor europeu “vistas apanhadas ao longo das correntes de água, no sertão, aldeias indígenas muito primitivas, e enfim numerosos objetos etnográficos”⁵⁶⁷.

Segue-se a von den Steinen o talento de Adolpho Methfessel, nascido em 1836 em Helvetia. O artista-viajante que chegara à Argentina em 1864 era um jardineiro que se dedicava ao desenho e à pintura. Dentre suas expedições, destaca-se a viagem a vela pelo Paraná em 1866 e ao Paraguai e Missões em 1892, acentuadamente minucioso, seus diários de viagens eram ricos em croquis, desenhos e aquarelas. O texto encarrega-se de detalhar dois dos considerados melhores quadros, “Les chutes de l’Iguassú” e “Flussenerie bei Morgendämmerung”:

*É sobretudo, a serra do noroeste da região com seus vales sombrios, seus pináculos solitários, suas quebradas agrestes, e as margens do Paraná e do Paraguai, de vegetação luxuriante, que Methfessel soube fixar.*⁵⁶⁸

O argentino Julio Fernández Villanueva é o penúltimo artista a ser considerado neste artigo. Sem maiores informações acerca do médico, o texto incumbe-se de descrever com minúcia um quadro de Villanueva, datado de 1890, que eternizava a volta de um troyel

⁵⁶⁷ *Ibidem*, p.11.

⁵⁶⁸ *Ibidem*, p.12.

de indígenas araucarianos. Por fim, apenas lemos a menção ao nome de Guido Boggiani, o “maior pintor etnográfico” dentre todos os enumerados e com este epíteto vemos chegar ao final um longo artigo que se dedica à biografia daqueles a quem nomeia de pintor – viajantes, concentrando-se na descrição das viagens realizadas e nas obras dessas resultantes.

O olhar cosmopolita que traz para a *Revista do Centro* os pintores-viajantes também se encarrega de narrar a história do quadro “O brado do Ipiranga” de Pedro Américo de Figueiredo. R. Calixto rememora 1884, ano da Exposição de Pintura na Escola de Belas - Artes, na qual Pedro Américo e Victor Meirelles expuseram suas obras suscitadoras de numerosos elogios e de censuras severas por parte dos críticos que julgavam os pintores inaptos para o ensino das Artes.

Desgosto e abatido com o episódio, Pedro Américo decide partir para a Europa, todavia, não o faz sem consultar o Imperador D. Pedro II, a quem devia tantas considerações e benesses. O monarca lhe pede paciência, dissuadi-o de tal viagem e lhe sugestiona uma visita a São Paulo. A princípio, o pintor não compreende os motivos da sugestão de D. Pedro, mas a explicação não tarda a chegar: Pedro Américo, ao conversar com um amigo íntimo do monarca, fica sabendo que era desejo do rei que o quadro da Proclamação da Independência por ele fosse pintado.

Entusiasmado o pintor parte para as terras paulistas e lá sofre uma nova decepção: não havia verba disponível para a feitura do quadro, devendo o artista recorrer a uma subscrição pública se quisesse pintar uma tela comemorando a independência brasileira. D. Pedro II toma medidas enérgicas e ordena que a tela do Ipiranga seja obra de Pedro Américo.

Assim, a 14 de julho de 1888, aporta em Santos o artista, advindo da Itália, e a famosa tela, exposta pela primeira vez, no Brasil, em uma das salas da Academia de Direito. R. Calixto encarrega-se de fechar seu artigo ressaltando a papel tenaz de D. Pedro II na realização de “O Brado do Ipiranga” e expondo as minúcias do trabalho de Pedro Américo que, para obter informações e detalhes verídicos dos homens que compunham a guarda de honra de D. Pedro I, tomou o cuidado de visitar quase todas as cidades das quais os homens do mais novo imperador provieram.

O olhar cosmopolita mescla-se ao ensimesmado no artigo de A.I.X acerca da exposição de Lasar Segall, ocorrida no Centro em 1913. O autor elucida-nos, logo no início de seu texto, que não esboçará nenhuma crítica sobre o trabalho do pintor lituano, apenas externará as impressões que a vernissage lhe causou, numa espécie de registro que se consignará nos anais do instituto.

Esclarecidos os objetivos da escrita, A.I.X inicia o detalhamento de suas percepções pelo “acolhimento fidalgo” e “cordial” que os amadores da arte em Campinas desprenderam ao receber Segall, afirma que fora este tratamento o incentivo para o pintor expor também nesta cidade seus trabalhos; já que uma primeira exposição ocorrera no mesmo ano em São Paulo.

Dedica-se, em seguida, a comentar as obras de maior de êxito na apresentação: “O Violinista”, “Na Janela”, “Asilados” e “Abandonada”. Afirma ser o primeiro, “da escola que se concertou denominar cubismo”⁵⁶⁹, um trabalho magistral, de forte inspiração que o leva a preferi-lo ao impressionismo apesar da “má vontade dos detratores desta nova expressão de arte na pintura”⁵⁷⁰. O quadro “Na Janela” é um mimo colorido e de intenção imaginosa; “Asilados”, uma paisagem campineira, um quadro de assuntos tristes e “Abandonada” é uma evocação de amaríssimo desespero da vida.

Os comentários, em sua maioria, são tecidos a partir da temática dos quadros e não da técnica que os compõem. O trato que se oferece a esta exposição em nada difere do oferecido as demais, se não citasse o cubismo, a nova expressão de arte que parece não desagradar A.I.X apesar de toda depreciação que a cerca, não saberíamos que esta era uma vernissage diferenciadas daquelas que o Centro recebia.

O autor finaliza seu breve texto laureando a visita de Segall a Campinas e a toma como base para criticar a pouca movimentação musical presente na cidade, que por ser a terra de Carlos Gomes merece sem maiores questionamentos uma maior vivência musical.

Lazar Segall vai deixar-nos, levando comovida recordação de Campinas, de nosso Centro de Ciências, Letras e artes, e nos deixa alguma coisa preciosa dele mesmo, as melhores composições do seu jovem talento. Sua

⁵⁶⁹ A.I.X. Exposição Segall. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 31, p.64, 30 de junho de 1913. Cf. Artigo completo no Anexo VIII.

⁵⁷⁰ *Ibidem*.

*passagem entre nós veio mostrar-nos como ecoam gratamente nesta Campinas as coisas da arte. Nossos votos seriam que um mesmo eco encontrasse a arte musical que merecia ter na terra do saudoso e genial Gomes uma florescência bem expansiva do que a atual.*⁵⁷¹

A forma como a arte é retratada nas páginas da *Revista do Centro* define-se em um movimento oscilatório entre um olhar ensimesmado, que se volta para o artista campineiro, tais como Rafael Duarte, Nicota Bayeux, Alfredo Norfini e o olhar cosmopolita, que almeja afinar-se com a arte além dos limites da província, como os artigos acerca das obras de Afrânio Peixoto, Ch. Sentroul, Pedro Américo e Lasar Segall.

É este último o olhar que busca integração na arte nacionalmente reconhecida, como forma de legar ao seu conteúdo ares cosmopolitas; para não lhe atribuir a característica de periódico artisticamente hermético, unicamente absorto dos artistas e produções da cidade. Neste sentido, Carlos Gomes é a interface da arte-municipal prestigiada e da distinta arte nacional. O compositor brasileiro e campineiro é a materialização perfeita do imbricamento das artes campineiras e nacionais de renome, o que faz com que, tantas e tantas vezes, seu nome e personalidade sejam aludidos nesta *Revista*.

⁵⁷¹ *Ibidem*, p.65.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

De Ciências, de Letras, de Artes e de Aparato Simbólico.

Inicialmente, nos primeiros anos desta pesquisa, se alguém nos indagasse a função da *Revista do Centro*, a resposta sairia sem muito pestanejar: ser veículo público de sua agremiação de origem. Se nos pedissem para defini-la, a resposta já estava pronta: eclética! Com uma produção voltada às ciências, às letras e às artes. No final deste trabalho (depois de muito sermos indagados e nos indagar), a função e a definição da *Revista do Centro* já não são respondidas com tanta ligeireza e simplicidade.

A *Revista do Centro* é veículo de sua agremiação; é de ciências, de letras e de artes, mas não somente. As representações erigidas, em parte das produções institucionais, acerca de Campinas, do CCLA, de seus fundadores e da própria *Revista* constroem um aparato simbólico que visa à exaltação e à legitimação da agremiação campineira, de seu periódico e de sua cidade natal. O egrégio (ligado, de alguma forma, ao Centro ou a Campinas) louvado nos discursos epidícticos também se constitui em uma forma laudatória à cidade e a seu “núcleo de intelectuais”. Assim, o que vemos nos dois primeiros capítulos deste trabalho é um esforço da *Revista do Centro* em exaltar sua cidade natal, sua agremiação de origem, os sócios desta e a si mesma, atribuindo importância e prestígio ao conteúdo que nela é veiculado.

Parece-nos plausível acreditar que parte da produção institucional deste periódico (os discursos comemorativos ao natalício do CCLA, relatórios anuais informantes das atividades da agremiação e discursos de elogio às personalidades egrégias) trabalha para atribuir credibilidade e valor ao próprio periódico. O restante de seu conteúdo incumbe-se de um saber enciclopédico, que, nas ciências, oscila entre vulgarização e especialização, práticas comuns em tempos positivistas, nos quais almejava-se vulgarizar/ensinar as ciências naturais para os leigos e o saber especializado para os já conhecedores.

Saber enciclopédico que, nas letras, não se restringiu a uma produção literária regional, mas buscou ocupar-se da literatura nacionalmente reconhecida e a ela integrar-se, como forma de efetivar a importância de seu conteúdo; como almejo de conferir a este relevância. Para alcançar o almejado, a *Revista* não se apresentou dispersa e ausente do

cenário letrado nacional, mas integrado a este. Ambição semelhante encontramos nas produções voltadas às artes; quando não só os artistas campineiros são contemplados, mas outros nacionalmente reconhecidos. Com um aparato simbólico e o esforço de integrar-se culturalmente ao que era nacionalmente distinto, a *Revista* trabalha para efetivar sua importância, do Centro e da cidade.

Se pensarmos que esta prática é passadista e não existe mais, estaremos completamente enganados: as representações acerca de Campinas não estiveram presentes apenas nas páginas da *Revista do Centro*; ainda hoje, é possível encontrar ecos desta construção discursiva, como no caso da Secretaria de Cultura da cidade, no *site* oficial da Prefeitura. Este órgão do poder municipal, ao elucidar o porquê da fênix no brasão da cidade, não deixa de ressaltar que para “alguns campineiros mais antigos”, a epidemia de febre-amarela furtou do município o posto de capital do Estado. O texto encarrega-se de negar tal fato, afirmando que “São Paulo sempre catalisou a economia e a política de toda região”. Todavia, logo após as devidas informações, não perde a oportunidade de enaltecer Campinas, lembrando-nos que esta, no final do século XIX, não deixava “nada a desejar aos olhos orgulhosos dos pioneiros, apesar de muito menor que a capital estadual”.⁵⁷²

A introdução promete; a conclusão desvenda. O caminho deste trabalho, por ora findo, releva-nos o perfil e o objetivo da *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas*: em algumas produções essencialmente pedagógicas, esta publicação tinha como projeto erigir uma importância simbólica de sua cidade natal, mesmo que destoante da realidade.

⁵⁷² Departamento de Turismo - Secretaria do Estado. **Símbolos Municipais**. Disponível em: <<http://www.campinas.sp.gov.br/seplan/cidade/portcidade.htm>>. Acesso em: 29 dez. 2008.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REVISTA do CCLA

CCLA. Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas. Campinas, 1902-1916, n.01 ao 45.

OBRAS GERAIS

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução e notas de Manuel Alexandre Junior; Paulo Farmhouse Alberto; Abel do Nascimento Pena. Imprensa nacional – Casa da Moeda, s.d.

BAECHLER, Dominique- Edouard. **Pintura acadêmica obras primas de uma coleção Paulista: 1860-1920**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1982.

BARRETO, Paulo Sérgio. **O Caracol e o Caramujo: Artistas & cia na cidade**. 1994. Dissertação (Mestre)- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1994.

BECCARI, Vera D'Horta. **Lasar Segall e o modernismo paulista**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CERRI, Luis Fernando. **Revista brasileira de História**, São Paulo, v. 18, n. 36, p. 115-136 1998 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010201881998000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 nov. 2008.

CHARTIER, Roger. Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. **A História Cultural entre práticas e representações**. Col. Memória e sociedade. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. Poderes e limites da representação. Marin, o discurso e a imagem. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2002.

Departamento de Turismo - Secretaria do Estado. **Símbolos Municipais**. Disponível em: <<http://www.campinas.sp.gov.br/seplan/cidade/portcidade.htm>>. Acesso em: 29 dez. 2008.

DIMAS, Antônio. **Tempos Eufóricos. Análise da Revista Kosmos: 1904-1909.** São Paulo: Ática, 1983.

EAGLETON, Terry. Teoria da Literatura: uma introdução, São Paulo: Martins Fontes, 1997, 3ª edição.

ENDERS, Armelle. O Plutarco brasileiro. A produção dos vultos nacionais no Segundo Reinado. Tradução Dora Rocha. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.25, 2000/1. Disponível em : <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/283.pdf>. Acesso em 03 abr. 2007.

FARJALLAT, C. Siqueira. Campinas do início do século e o Centro de Ciências. **Correio Popular**. Campinas, recorte sem referências.

GOMES, Eustáquio. **Os rapazes d'A Onda e outros rapazes: modernismo, técnica e modernidade na província paulista (1921-1925).** 1991. Dissertação (Mestre) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1991.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **A Formação da Leitura no Brasil**, São Paulo: Ática, 1996.

LAPA, José Roberto do Amaral. **Coelho Netto em Campinas (1901-1904).** (Separata do número 43 da Revista de História). São Paulo, 1960.

_____. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, p.2, 08 jul. 1952

_____. **A cidade: os cantos e os antros.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: **História e Memória.** Campinas: Editora da Unicamp, 1994, p.423-483.

LUCA, Tânia Regina de. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N) ação.** São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999.

MARINS, Paulo César Garcez. Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In Sevcenko, Nicolau (org). **História da vida privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do rádio.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em Revista. Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890- 1922).** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

MARTINS, Liane Maria Bertucci. Memória que educa. Epidemias do final do século XIX e início do XX. **Educar**, Curitiba, v. 25, 2005. Disponível em:< <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/educar/article/viewFile/2239/1871>>. Acesso em 15 nov.2008.

MATOS, Odilon Nogueira de. O Espelho de uma instituição: A “Revista do Centro de Ciências, letras e Artes”. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 75, p.20-34, 31 de outubro de 1976.

Monografia Histórica do Município de Campinas. Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1952.

MONTEIRO, Aristides. **Panorama da Poesia em Campinas (até 1920)**. Campinas: Academia Campinense de Letras. Campinas, n. 34, 1976.

ORLANDI, Eni P. (org.) O Discurso Fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional, São Paulo: Pontes, 1987.

PAULA, Carlos Francisco de. Monografia Histórica do Colégio Estadual Culto à Ciência. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 58, p.7-51, 31 de outubro de 1951.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**.São Paulo: Martins Fontes, 1998.

RIBEIRO, José Alexandre dos Santos & PIAUÍ, Francelino de Souza Síntese Histórica do Centro de Ciências, Letras e Artes. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, Campinas, número 75, p.113-141,31 de outubro de 1976.

RICCI, Maria Lúcia de Souza Rangel & MATOS, Odilon Nogueira de. O Centro de Ciências, Letras e Artes e sua Revista. **Notícia Bibliográfica e Histórica**. Campinas: Departamento de História/ PUCCAMP, ano XVII, n.117, p.73-89, Janeiro/Março 1985.

RICCI, Maria Rangel & MATOS, Odilon. **Temas de história e sugestões para pesquisa numa publicação cultural campineira: a Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes**. Franca: IHSS/ UNESP, 1980.

SÁ, Dominichi Miranda de. A ciência na virada do século XX: as interfaces entre a especialização e a vulgarização científica no Brasil. **Anais do XI Encontro Regional da ANPUH**, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em : <

<http://www.rj.anpuh.org/Anais/2004/Simposios%20Tematicos/Dominichi%20Miranda%20de%20Sa.doc>> . Acesso em 28 abr. 2008.

SANCHEZ, Edney Christian Thomé. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: um periódico na cidade letrada brasileira do século XIX.** 2003. Dissertação (Mestre)- Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA/PINACOTECA DO ESTADO. **Dezenovevinte: uma virada de século.** São Paulo: s.n.t., 1986.

SEMEGHINI, Ulysses C. **Do café à Indústria (uma cidade e seu tempo).** Campinas: Unicamp, 1991.

SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: _____(org). **História da vida privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do rádio.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SODRÉ, Nelson W. **História da Imprensa no Brasil,** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

ANEXOS

Neste anexo documental, reproduzimos os artigos da *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas* de maior relevância para os fins desta pesquisa. Almejamos, com esta reprodução, proporcionar um contato direto do leitor com o objeto de estudo deste trabalho.

ANEXO I

Francisco de Assis Vieira Bueno é autor do primeiro soneto dedicado ao Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas. Ano 2, Número 2, p. 44, 31 de janeiro de 1903.

Dr. Vieira Bueno.

SONETO

Dedicado ao "Centro de Sciencias, Letras e Artes", de Campinas, em seu 1º anniversario, pelo socio benemerito Francisco de Assis Vieira Bueno.

De Sciencias, de Letras e de Artes,
Este Centro Campinas enaltece,
Pois esplendida prova offerece
De real primasia em nobres partes.

Em seus resplandecentes estandartes
E' o brazão mais bello, que ella tece.
O que mais qualquer povo fortalece,
São do ideal, estes baluartes.

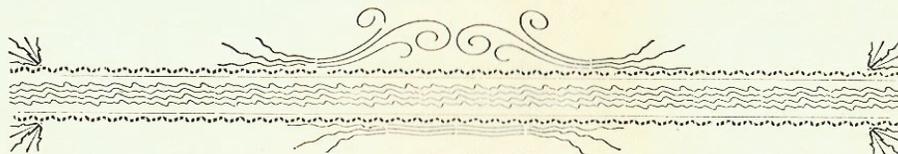
Assim seus devotados promotores
Jamais se cansem, quaes progenitores,
No zelo paternal de sua gloria!

Os annaes da Princeza do Oeste,
Que de tanto esplendor a fama veste,
Guardarão de seus nomes a memoria!

31 de Outubro de 1902.

ANEXO II

Henrique de Barcelos escreve “Centro de Ciências, Letras e Artes”. Ano 2, Número 2, p. 3-10, 31 de janeiro de 1903.



Centro de Sciencias, Letras e Artes.

*V*AI ser entregue aos ventos da publicidade o segundo numero da Revista do Centro de Sciencias, Letras e Artes, de Campinas.

Repositorio dos trabalhos desta aggremação de intellectuaes, espelho reflector de sua agitação benefica, registro das referencias que suscitou de aggremações congeneres, assignalamos com desvanecimento explicavel e perdoavel que o primeiro numero desta Revista realisou o intuito primordial que presidiu á sua genese, relacionando a associação campineira com outras do paiz e do estrangeiro.

Sim! Esse pequeno livro, nas malas postacs, ou no bôjo dos transatlanticos, percorrendo o Brasil ou através do Oceano indo ter a estranhos paizes, certo gerou supreza a quantos o leram, revelando-lhes a existencia de um Centro de tão elevados intuitos scientificos em uma cidade secundaria de um Estado brasileiro. O archivo do Centro o demonstra, nas communição de agradecimento que se apressaram a fazer-lhe associações nacionaes, americanas e europêas.

Habent sua fata libelli!

Indestructivel verdade que triumphante atravessou os seculos. Sahiu ella dos labios do Venusino?

Joeirar a authenticidade da proveniencia desse hemistichio seria tão ociosa preocupação como derimir se a humanidade deve agradecer a pontuação a Aristophanes de Byzancio. A realidade, indestructivel e bella, é que todos os escriptos têm

um destino que cumprir e, uma vez attingida a méta, sobrenadam nesse incommensuravel mar em que se submergem as cousas irrevogavelmente inúteis e para sempre esquecidas!

Consistia o destino da Revista em acordar a opinião brasileira a respeito da actividade intellectual em Campinas. Acordar, dizemos, pois que infelizmente releva notar que o menos sabido no Brasil é aquillo que mais intimamente nos interessa. Não a actividade que se dispersa em inutilidades, que se desperdiça em maravilhas litterarias, e em frouxos vislumbres de sciencia barata. Mas o esforço consciente que nasce do estudo continuo e sério convergindo á resolução dos problemas que tão profundamente commovem a sociedade hodierna.

E, ainda mais, a Revista foi submeter-se ao temível olhar investigador de sabios estrangeiros, desses entes que pairam nas regiões desconhecedoras do encomio, e que concretisam na vida o ideal da absoluta justiça.

Pois bem. Registemol-o com pesar e com prazer. Na imprensa nacional rarissimas foram as referencias consagradas a esta Revista, referencias de que ella é tão prodiga até com obras subalternas; ao passo que de associações notaveis da Inglaterra, da Italia, da Suecia, da Argentina, do Chile, nos chegavam os agradecimentos e a segurança da permuta de suas obras e os profaças pela criação do Centro e pela obra que dignifica a cidade em que elle existe!

Com pesar, dissemos, porque esperavamos caricioso acolhimento da nossa imprensa, sempre nobremente votada a encorajar os bons commettimentos.

Fulgurante reflexo da pujante mentalidade brasileira na actualidade que se revela nas sciencias, nas letras e nas artes; a nossa imprensa demonstra triumphante o principio de que a alma da terra passa para o homem. Um dos nossos mais admiraveis escriptores notou que o Brasil era voltado para o sol nascente e é á influencia desse poder solar neste hemispherio que a intelligencia brasileira póde tão facilmente assimilar e sabe tão prodigamente expargir turbilhões de idéas uteis, fecundas, sempre brillantemente expostas. Ousamos esperar que esta Revista, acaso recebida com indifferença, merecerá de ora avante o acolhimento digno daquelles que, embora em orbita menos vasta, vão seguindo, parallelamente com o jornalismo, a róta para o sol do progredir nacional.

Porque a verdade é esta, o Centro de Sciencias, Letras e Artes exprime de um modo bem claro que não somos como uma alga immovel num lago dormente; que não nos achamos divorciados do enorme movimento intellectual que espantosamente se opéra nesta época; que não estamos adstrictos apenas á satisfação das necessidades urgentes da vida, obscuros e ignorantes, despreziveis e desprezados, sem o minimo contacto com

a luz que as sciencias estão derramando sobre o planeta; ou que vivamos contentes com a escuridade dos nullos como os troglodytas nas sombras das suas cavernas!

Lá fóra tudo se está transformando de instante a instante. Surgem os prodigios á medida que as horas voam no espaço e, presa ás suas azas, a fama sollicita a admiração universal para a victoria do homem sobre as forças da natureza. E, por um feliz destino, com esse offuscador enxame de maravilhas coincide a existencia desta aggremação, desde seus limbos até á hora presente!

Abrimos os jornaes, janellas rasgadas para o mundo, na felicissima phrase de Alencar; folheamos as revistas; e absortos, perplexos, assistimos a essa agitação extraordinaria. Aperfeiçoa-se o automovel; constroem-se casas de amianto; imagina-se o *Radiosum* que annulla, por meio do som, os temiveis submarinos; aperfeiçoa-se o stenodaectylo que annulla a penna de escrever produzindo duzentas e dez palavras por minuto; inventa-se a locomotiva que, offerecendo ao ar a menor resistencia possible, atravessa o espaço com a vertiginosa velocidade de 130 kilometos por hora; a chimica descobre a photographia a côres e encanta os olhos obtendo surprehendentes effeitos com as côres fundamentaes.

Quantas cousas ainda devidas mais á inventiva do que ao acaso!

O anno que findou foi então de uma fecundidade admiravel. Foi o segundo de um seculo herdeiro de outro tão orgulhosamente denominado das luzes. O primeiro foi como aurora indecisa. Este, manhã loura e vaporosa, fertil e encantadora.

A sciencia poz-se em campo para dar combate a esse clandestino e terrifico destruidor da humanidade que se chama tuberculose. Em Buenos-Ayres o dr. Villar trabalha na consecução do sôro especifico contra a enfermidade; William Frulik, em New-York, pretendeu resolver o problema por meio de um fluido; em Maceió, o pharmaceutico Duarte proclama infallivel a cura por meio do seu *Humanitol*; em Londres, o Congresso Medico adopta as idéas de Koch e Brouardel para evitar o contagio da temerosa molestia; em Buffalo o dr. Gaylard assegurou ter descoberto o microbio do cancro e logo de New-York communicaram a todo o mundo que se tinham obtido curas com a infusão de folhas frescas de violeta.

Ao passo que se fabricam as garrafas de papel, leves e portateis, inventa-se um motor solar com a força de dez cavallos-vapor; descobre-se uma grande estrella na constellação de Perseu e a invariabilidade do brilho de Eros. Marconi intenta a correspondencia telegraphica sem fios e por esse meio comunica-se da Terra-Nova com o extremo da Irlanda; Tezla descobre a luz electrica sem fio; revolvendo o centro da terra, des-

cobre um sabio um osso que lhe permite reconstituir o *Laelaps*, pavoroso monstro anti-diluviano; escrutando os arcanos do organismo humano, os drs. Lange e Melzing tiram a photographia da mucosa do estomago de um ente vivo; resolvendo o problema da lingua universal o dr. Zamelhof, de Varsovia, inventa o esperanto, ligando os homens pelo poderoso laço cohesivo de um só idioma; finalmente o telautographo, inventado por Forster Ritchie, que transmite telegraphicamente, não já apenas palavras, mas a propria letra do expeditor, podendo o destinatario ler o telegramma como se fôra o original!

Expressas nestes prodigiosos fructos de permanente ebullição intellectual assombram-nos glorias estranhas; mas ao mesmo tempo fornecem-nos ensejo de legitimo orgulho as glorias conquistadas por brasileiros, trazidas pelas auras do Atlantico ou por esse cabo nelle submerso.

Successor feliz de Bartholomeu Gusmão, Santos Dumont arroja-se no seu aerostato aos «mares nunca dantes navegados», altiva divisa de suas arrojadas ascensões e com indomita coragem renova a sciencia da aeronautica, destruindo o que ella firmara como axiomas. E Santos Dumont tem intimas relações com esta terra. Foi aqui que um adolescente, de grandes olhos vivos, e irrequitos, de gestos arrebatados e fala breve denunciadora da decisão prompta, iniciou os seus estudos de humanidades. Quem diria que essa creança viria a ser o mais notabilizado brasileiro perante o mundo tomado de assombro e tremulo de enthusiasmo!

Seu émulo, tão valoroso quanto desventurado, Augusto Sevéro, na aeoronave que tinha meiga denominação, alou-se aos ares e morreu devorado no seio da luz que buscava ancioso para offerecer á patria mais uma parcella de gloria.

De Nova-York chega-nos a noticia de que um antigo vi-gario de Campinas, physico e chimico distincto, filho intellectual do Collegio Pio Latino Americano, por inspiração que data de 1890, descobriu a transmissão da voz humana sem necessidade de fios metalicos e por esse facto sobrepujando a Edison, o inventor do telephone, servindo-se de factores terraqueos, aquosos e ethereos.

Esse modesto padre Landell de Moura, que todos conhecemos, mas cuja capacidade scientifica era geralmente ignorada, é mais um brasileiro que, desvendando os segredos da telluria etherea, honra a terra que lhe deu o sêr.

Depois de reflectir sobre esta incessante actividade anciosamente prescrutadora do seio da terra, dos abysmos dos mares e do infinito céu; tendo reconstituído o mundo desde a cellula primitiva, os animaes chaoticos e a fauna chaotica; medindo, classificando, revolvendo, examinando, creando, melhorando as condições da existencia; apesar do respeito que nos inspira o

evolucionismo, um invencível sorriso nos perpassa pelos lábios lembrando-nos que o homem actual é o inculcado descendente desse pelludo e bronco pithecanthropo que se diz ter vagado na face da Terra ha uns duzentos mil annos!

Campinas, que acalentou em seu seio Corrêa de Mello, o botânico consagrado, e Hercules Florence, o predecessor de Daguerre; que entregou á patria da arte um obscuro rapaz que lhe devolveu glorioso o nome de Carlos Gomes; berço de um bispo e de políticos eminentes; pôde assignalar nos seus annaes que sob este céu alvoreceu a intelligencia de Santos Dumont, herdeiro da gloria contestada do Padre Voador; aqui illustrou a cathedra de professor Edmundo Bittencourt, uma das nossas mais pujantes mentalidades jornalisticas; aqui viveu algum tempo, envolto na penumbra de sua modestia sacerdotal, esse physico illustre que, se levar a termo sua invenção, verá seu nome emparelhado com os desses que servindo-se da electricidade, pondo o dedo numa fibra do globo terraqueo, lhe fazem vibrar instantaneamente, uniforme e isochrono, o organismo todo!

Essas glorias são nossas, muito nossas, legitimas e não falsas. Não as creou o facil encomio; não especulou com ellas a *chantage*. Neste nosso tempo de critica e experimentação, o sceptro no dominio scientifico não se conquista por atoardas semelhantes ás dos papagaios de Psaphon.

Não pôde, nem deve ser-nos indifferente o movimento literario brasileiro, desde o repontar do seculo, mais ou menos no periodo em que viu a luz este Centro, movimento justificativo do que acima dissemos quanto ás faculdades pujantes dos nossos homens de letras.

Uma só obra, vinda de além Atlantico, como que resume e requer direito de primazia. Graça Aranha, no seu estupendo livro *Chanaan*, revelou-se, além de outras intuições, exímio pintor da natureza brasileira.

Em 1890 (permitta-se-nos esta confissão) disse-nos Carlos Gomes que, ao lançar á pauta as notas da protophonia do *Guarany*, lembrava-se das nossas florestas; e com effeito a sua obra immorredora será essa em que o artista conseguiu attingir o ideal da Arte—ser absolutamente sincero e verdadeiro. A imagem da patria ausente teve o mesmo condão suggestionador no espirito de Graça Aranha. O seu livro é um hymno á Patria tangido na lyra da saudade. Toda a exuberancia, toda a selvaticueza, todos os estranhos murmúrios das florestas, todo o estrondo das cachoeiras, o zunir do pampeiro, os mysterios amazonicos, os effeitos do minuano, acham-se repercutidos na primeira opera lyrica de Gomes e neste livro esplendente de um escriptor de raça, livro que todos os brasileiros deveriam ter em casa. E' um in-

citamento ao mundo para que venha conhecer a região paradi-
siaca, a Terra de Promissão geographicamente designada por
Brasil.

Oliveira Lima publicou a *Historia Diplomatica do Brasil*: José Verissimo, um dos nossos mais operosos escriptores, os seus *Estudos da Litteratura Brasileira*; Mello Moraes Filho, Noé da arca de nossas tradições, as suas *Festas e tradições populares do Brasil*, obra de inestimavel valia para o estudo do nosso *folklore*; Affonso Celso, brilhante espirito a que o culto a um regimen extincto não impede felizmente consagrar-se á patria, os seus *Oito annos de Vida Parlamentar*; o dr. Carlos Seidl, sahindo da esphera scientifica em que tem agido, publica interessantes revelações sobre o Rio da Prata; e nada menos de umas quarenta obras mais vieram a lume.

Menos fecundo neste particular, resgata-se o anno de 1902 da pecha do esteril, assignalando o apparecimento do romance de uma de nossas mais estimadas escriptoras. D. Julia Lopes de Almeida publica o seu magnifico romance *A Fallencia*, quadro tão fiel quanto inquietador do nosso morbido viver social. Tambem Campinas viu alvorecer este espirito, conheceu-a menina ainda, na encantadora idade em que os olhos só des-
cem da contemplação do céu para colher na terra sonhos e illusões. Campineira pelo coração e pelas recordações, a autora da *Familia Medeiros* não esqueceu o berço paulista sobre o qual ella viu voejarem como sylphos celestes os primeiros sorrisos de sua mãe. *A Fallencia* nos denuncia a escriptora experiente, o pulso másculo traçando no papel o que póde ditar uma alma feminina e uma observação attenta. No campo de sua visão foi reflectir-se todo o soffêr de uma sociedade em afflictivo periodo de transição. Ha paginas da illustre escriptora que lembram o tacto, a finura e a delicadeza sobranceira de Georges Sand, em-fim a scintillação do talento que tudo doira e encanta.

Antonio Andrada da Silva Jardim, como quem não quer deixar subverter no olvido dois appellidos, um historicamente glorioso, outro sumido no fragor de uma cratera, lega á litteratura patria as *Cavatinas*, primicias de seu talento ao penetrar os aditos da vida literaria pela porta doirada da poesia; Arthur Goulart, talento productivo de primeira ordem, professor, jornalista, dotado de fino humorismo de chronista parisiense, faz sair do prélo o seu livro *Pequenas Telas*. E outras muitas obras aqui mereceriam especial menção se nol-o consentissem o tempo e especialmente o espaço á introducção do presente numero desta Revista.

E nós acompanhamos todo esse movimento, sem que nesta affirmacão se entreveja uma autophilia merecedora de motejos.

Uma terra assim em que germinaram tantos talentos ou que accidentalmente os conheceu e acalentou, não devia, neste

concerto de luctas pelo bem, resignar-se a simples espectador silencioso, permanecer na immobilidade do extase ante os deslumbramentos das sciencias investigando insistentemente o proprio homem, domando as forças do planeta para as aproveitar na escala ascencional da perfectibilidade humana.

Dessa noção innata de solidariedade, proxima ou remota, nasceu o Centro de Sciencias, Letras e Artes. Era indispensavel denunciar a olhos estranhos que em nós habitam algumas aspirações superiores ás das aldeias com o seu horisonte limitado, com a sua politica de campanario, immersas na rêde de pequeninas intrigas, comendo e digerindo como se nestas funcções physiologicas residissem os dois pólos da vida, desprovidas das noções dignificantes do homem moderno e deixando-se escorregar lentamente pela aresta da vida á sombra do tumulo!

Gloriosa alavanca, e como todas as cousas gloriosas, incompreendido no seu meio, o Centro, novo Atlas, tomou a seus hombros erguer do esquecimento esta Campinas. Póde-se dizer que a sua tarefa é uma obra fecunda de resurreição!

Entre atra nuvem de pó veio abaixo o admiravel campanario de S. Marcos, mas a arte recompoz a arte. Prodigiosas forças da natureza destruíram parte da Martinica e, voando por subterraneos veios, abriram novas boccas de fogo em varios pontos da terra. O homem foi em socorro do homem, salvando o que os vulcões não haviam consumido com espantosas golphadas de lava candente. A Sphynges das Pyramides, symbolo tantas vezes secular do poderio dos Pharaós, que deixou perplexo Napoleão, ameaça vir á terra, pois um elemento quasi imperceptivel, as subitas transições da temperatura, tem solapado o colosso; e já a engenharia cogita no meio de evitar isso, que o ardente sol da Lybia cesse de dourar o assombro de pedra!

Semelhante a missão deste Centro, approxima Campinas de suas irmãs, salvando do olvido a nome da terra outr'ora indicada como a *alma-mater* da iniciativa paulista. Viera abaixo tambem a idéa de nossa prosperidade por effeito de pirezias periodicas que, como a lava vulcanica, nos arrebataram vidas e elementos preciosos de progresso; e a nossa previsão no futuro deixou de se basear na esperança incitadora de novos empreendimentos, convertendo-se, como a Sphynges do deserto árido, num angustioso enigma indecifrável!

Neste barathrô de sombras veio como uma aurora benéfica o Centro tornar possivel a affirmação de que não somos um povo morto, antes dotado de espirito sympathicamente aberto a todas as investigações scientificas, literarias e artisticas.

Obra ingente essa, senão de patriotismo, pelo menos do mais justificado bairrismo, impulso de amor á terra campineira, pondo-a no convivio das mais altas mentalidades contempora-

ANEXO III

L. B. Horta Barbosa explica "O arco-iris". Ano 8, Número 22, p.37 a 39, 30 de junho de 1909.

O arco-iris

Em nota rapida a um artigo sobre tradições populares, Alberto Faria reivindicou para o cantor d'A NATUREZA DAS COISAS, entre os poetas do Lacio, entenda-se, a primeira explicação isenta de phantasia do arco-iris, constante dos vos. 522-524 do l. VI, que elle traduziu com fidelidade:

Quando o sol, da borrasca entre os negroses,
Oppõe seus raios á carga pluviosa,
Do arco-das-nuvens brilham logo as côres.

Convém registrar que lição identica se encerra no v. 63 e seguintes do l. VI das METAMORPHOSES, os quaes trasladamos á prosa:

Reflectidos por uma nuvem, os raios do sol desenhavam no céu um arco immenso, de côres variadas, mas a passagem de uma a outras é imperceptivel, tanto os matizes se approximam, sem se confundir.

Até que ponto isso teria contribuido para o estabelecimento da actual explicação scientifica do seductor phenomeno optico?

E' o que nos cumpre acceder, satisfazendo ao desejo de um amigo curioso.

Mas antes recapitularemos ligeiramente a historia da instituição da theoria do arco-iris, para maior clareza da resposta á pergunta.

A elaboração científica iniciada pelos gregos consiste, essencialmente, numa profunda reforma do entendimento humano, pela qual a primitiva e espontanea preponderancia do regimen ficticio de explicar o mundo pelo homem, — isto é, vendo por toda a parte e em todos os casos a manifestação de sentimentos, de intelligencias e de actividades analogos aos seus, — vem cedendo gradualmente o passo á concepção de uma ordem regida por leis immutaveis, — cujo conhecimento nos permite apanhar as relações de similhaça, ou de successão, entre phenomenos diversos, dando-nos, assim, os meios de prever uns por outros e fazendo-nos remontar do conhecimento dos que nos são mais familiares ao dos que a principio se nos afiguravam enygmas maravilhosos.

E' facil comprehendermos como o arco-iris, por isso mesmo que sempre exerceu uma natural fascinação nos espiritos, devêra desde logo reclamar a attenção dos progonos do nascente modo de philosophar. Achar para elle explicação positiva equivalia a transferir do antigo regimen intellectual para o novo o prestigio que o cercava: era apresental-o como a pedra de toque da força, da extensão e da fecundidade da philosophia que, surgindo das mais modestas especulações mathematicas, aspirava a dominar a espiritualidade humana em todos os modos de sua manifestação.

Tal foi, segundo pensamos, o motivo que determinou Aristoteles a procurar na simples reflexão da luz incidindo sobre uma cortina de chuva, que se estende á distancia de um observador collocado entre ella e o sol, a explicação desse meteóro empolgante.

Como quer que seja, o incontestavel é que, depois de Aristoteles, os espiritos que exprimiam o estado de mentalidade da época correspondente, já nada viam de sobrenatural na producção do arco-iris, e, ao contrario disso, assimilavam-no a phenomenos luminosos extremamente familiares.

A despeito da observação estar mostrando a todo o instante que a reflexão da luz branca nunca produz côres, a explicação aristotelica atravessou a Idade Média sem soffrer a minima modificação.

Ao iniciar-se a moderna, Dante, dando um balanço nas conquistas espirituas das gerações passadas, como para indicar o ponto de partida dos trabalhos que se íam reencetar, fez esta allusão ao arco-iris nos n.ºs 73-78 do c. XXIX do *Purgatorio*:

E vidi le fiammele andare avanti,
Lasciando dietro a sé l'ar dipinto,
E di tratti pennelli avean sembriante
Si che di sopra rimanea distinto
Di sette liste, tutti in quei colori
Onde fa l'arco il sole e Delia il cinto.

na qual, além de assignalar a explicação physica do phenomeno, approxima-o do que ás vezes a lua nos apresenta sob a fórmula de um annel irisado, cujo centro a mesma parece occupar.

No seculo XIV já encontramos o primeiro esforço da sciencia moderna, representada no

monge predicante Theodoro de Saxe, para melhorar a theoria de Aristoteles. Depois disto, as tentativas a respeito se ameadam e aperfeçoam continuamente até alcançar, — graças principalmente aos trabalhos de Descartes, integralizados pela descoberta de Newton, sobre a desigual refrangibilidade dos raios coloridos componentes de um feixe de luz branca, — a explicação actual, uma das mais completas e exactas da physica.

Montucla attribue a Chlichtoven a hypothese de ser o arco exterior formado por uma reflexão do interior, mas ha evidente engano da parte do auctor da *HISTORIA DA MATHEMATICA*, porquanto tal hypothese já era conhecida de Dante, conforme se vê dos versos 118-119 do *Paraiso*:

E l'un dall'altro, come Iri da Iri,
Parea riflesso . . .

Maurolicus parece ter sido o primeiro que julgou necessario combinar a reflexão com a refração, por ser esta, na maioria dos casos, acompanhada de producção de côres. Elle considerava, portanto, que o meteóro é produzido pelos raios solares que chegam ao orgam visual do observador, tendo previamente feito um certo trajecto no interior das gottas de agua.

Antes de Descartes depararam-se-nos os nomes de Fleischer, de Kepler, que muito se approximou da solução verdadeira, e do desgraçado Dominis, arcebispo de Spalatro, uma das victimas do tribunal terrivel.

Porém, a Descartes cabe, incontestavelmente, a gloria de haver dado a cabal explicação de todas as circumstancias do phenomeno, mostrando como o arco-iris interior se fórma pelos raios luminosos que soffrem duas refrações separadas por uma reflexão no interior da gotta, e o exterior pelos raios que antes de emergirem do seio da gotta são duas vezes reflectidos. Na formação do primeiro, o ponto de immersão da luz no globo acquoso está collocado acima do ponto de saída. No segundo, dá-se o contrario. Desta differença resulta que no arco interior a disposição das côres é da violeta para a vermelha, ao passo que no exterior é da vermelha para a violeta.

Além disso, Descartes explicou como o phenomeno só é possivel nas occasiões em que a altura do sol sobre o horizonte não excede de 40º, e porque o raio médio do primeiro arco é visto sob um angulo de 41º e o do segundo sob o de 53º.

Quanto ás côres, a explicação do grande philosopho francez era deficiente, e, apesar da assimilação por elle feita da gotta com o prisma, os seus esforços não conseguiram mais que apresentar-nos um arco brilhante, mas uniformemente colorido.

Newton, retomando as experiencias cartesianas sobre o prisma, formulou a lei da desigual refrangibilidade das diversas côres. E, desde então, a theoria do arco-iris estava completa.

Si, por exemplo, uma gotta se acha collocada na posição necessaria para que, dos raios della emergentes, o violeta passe pela vista do observador, nenhum dos outros raios saidos dessa

gotta passará pelo mesmo ponto que esse, e, assim, o observador só verá tal côr; analogamente, o ponto por onde passar o raio vermelho de outra gotta não receberá nenhum dos outros raios coloridos que saem della juntamente com este.

De modo que, quando vemos um arco-iris, a nossa vista é o ponto para onde convergem os raios violetas, e só elles, de uma serie de gottas de chuva; os verdes, e só elles, de uma segunda serie de gottas collocadas acima das primeiras; os vermelhos, e só elles, de uma ultima serie de gottas collocadas ainda mais acima.

Finalmente, convém dizer que, não obstante nunca vemos mais que dois arcos, cada um dos quaes ás vezes se faz acompanhar de franjas circulares tambem coloridas, outros se formam correspondentes aos raios solares que soffrem 3, 4 e mais reflexões no interior das gottas. Este factó, previsto por Hallei, é confirmado nos arcos-iris que artificialmente se pódem produzir numa camara escura.

Ora, comparando-se esta theoria com a de que nos dão conta Lucrecio e Ovidio, é facil comprehender-se que entre ellas não ha outro ponto de contacto, senão que em ambas se concebe o arco-iris como um phenomeno, para cuja producção concorrem apenas a luz do sol e uma nuvem que se resolve em chuva, e que o observador deve estar collocado entre o sol e a nuvem, dando as costas para aquelle. No mais differem profundamente, a ponto de que da primeira jámais seria possivel tirar a explicação da circumstancia mais empolgante do meteóro, — a da sua coloração.

Isto posto, parece-me evidente que a contribuição trazida pelos dois didactas latinos para a explicação scientifica, acima compendiada, cifra-se tam sómente em terem elles, vulgarizando as idéas de Aristoteles, concorrido para arrebatár o phenomeno do dominio do sobrenatural.

Devemos considerar este passo não só como indispensavel, mas ainda como o mais difficil talvez que havia mistér ser dado para se chegar á concepção scientifica de Descartes e Newton.

E, como as nossas construcções mentaes aspiram todas, naturalmente, á unidade do methodo, não ha exagero e muito menos artificio em dizer que, aquelles que contribuíram para ser substituído o ponto de vista dos Hesiodo pelo dos Aristoteles, dos Descartes e dos A. Comte, em phenomenos, como esse, pertencentes á ordem cosmologica, concorreram tambem para que igual revolução se operasse no modo de conceber a ordem biologica, politica e moral.

L. B. Horta Barbosa.

ANEXO IV

José de Campos Novaes e o "Um novo inimigo do café". Ano 12, Número 33, p.9 a 12, 31 de dezembro de 1913.



Um novo inimigo do café

Percorrendo alguns cafezaes do prospero municipio de Jahú, a minha attenção voltou-se para uma praga que está tomando proporções realmente assustadoras.

Ha por toda a parte arvores desfolhadas pela secca, mas que já começam a se revestir de folhas. E a falta de folhagem significa apenas um passageiro depauperamento da vegetação. Não foi isso, portanto, que me surpreendeu, mas sim o facto de ver plantações já formadas e em plena producção, com a casca dos galhos superiores e troncos grossos roida e alisada de modo tal, que nem o *liber*, nem o *cambium* existiam mais: tinham sido devorados por caramujos que, num trabalho continuo, sobem e descem até a altura de um metro do chão, chupando os galhos de alto abaixo, como uma ventozza, forte e vigorosa.

Até a altura de um metro, ou pouco mais, a folhagem continúa intacta. Dahi para cima os troncos ainda estão vivos em parte, mas sem a casca verde que desapareceu por completo, até chegar ao lenho vivo, que logo se secca inteiramente.

A sensibilidade da casca do café é notoria: uma pancada de vara dissecca um galho. Mas uma pancada não raspa essa casca nem a dissolve a ponto de a fazer desaparecer totalmente.

Verifiquei então que o causador dos estragos é um caramujo terrestre, listado de azul, da ordem dos *Gasteropodos*, familia das *Bulimidas*, tendo a forma de um fuço, com 45 mm. de comprimento, 30 de diametro, tendo a abertura das antenas 33 mm. Tem mais ou menos o tamanho de um ovo de perdiz. Todavia.

tomando estas notas longe des meus tratados especiaes, como a *Concheotogia* de Woodward traduzida pelo dr. Paul Ficher, ou a *Iconographia* de D'Orbigny sobre os Gasteropodos da America do Sul, não me é possivel fazer no momento uma discripção mais minuciosa da especie.

As arvores surradas pelo granizo, não ficam mais disséccadas nas extremidades. E a forma dos galhos alisados pela subida e descida do caramujo, mostra como é forte a adhesão da ventosa. Em dias frios ha uma verdadeira immigração de caramujos pelos cafezaes. E durante as chuvas activam o trabalho derriçando as pelliculas da *liber*, aproveitando-se assim do amollecimento do *cambium*, que será logo depois sugado varias vezes

de alto abaixo, até ficar o lenho desnudado, liso e vidrado pela *gosma* da *ventoza*, que tudo dissolveu e sugou.

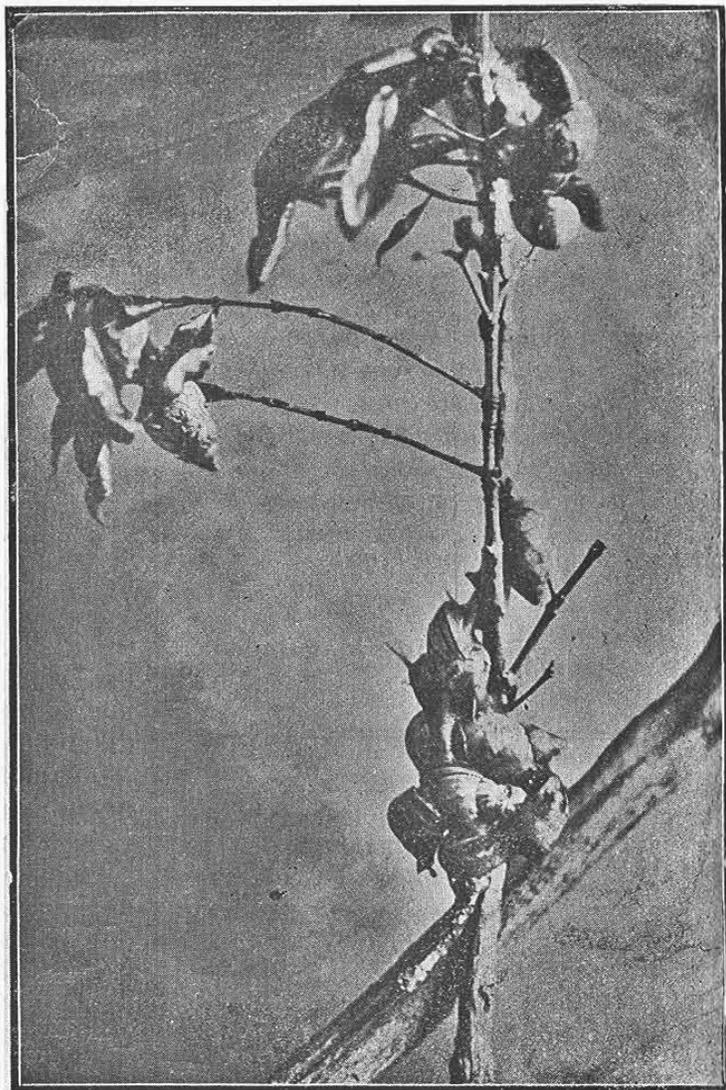
E' facil prevêr que a praga tomará dentro de pouco tempo proporções assustadoras, si medidas urgentes não forem tomadas para a debellar, pois encontram-se arvores onde se pôdem colher até quinhentos ou mais caramujos.

Os habilissimos photographos Irmãos Cantarelli tiraram duas photographias de galhos apanhados de arvores atacadas pela terrivel praga, photographias essas que dão idéa perfeita dos grandes estragos já produzidos. Vê-se na primeira o caracól sugando um galho com folhas verdes, e na segunda tres pedaços dum mesmo galho, tendo uma metade ou lado roido, ou antes, lambido e diluido até o lenho, e outro lado quasi intacto. Pelas bordas do corte transversal vê-se que onde não ha mais casca alguma, o lenho interior começa a pontear de negro, signal evidente de que o galho está para seccar completamente.

A força da sucção da seiva é tão poderosa, que nos suggeriu a idéa de submeter a *gosma* a uma reacção chimica. Desse trabalho incumbiu-se gentilmente o sr. prof. João Cancelli, um notabilissimo cirurgião-dentista, cujos trabalhos de micrographia são os melhores que se têm feito no Brasil, e que tivemos o prazer de conhecer nesta cidade. Nenhum resultado apreciavel, entretanto, foi obtido, visto como nem a reacção acida, nem a alcalina se tornou visivel pela coloração do tornesol.

Tenho para mim que a praga dos caramujos comparada com a das cigarras, é mais prejudicial, posto que demais facil destruição. Estas eu observei

ha alguns annos, em companhia do sr. Gustavo D'Utra, então director do Instituto Agronomico de Campinas, na estação de Palmeiras, do Ramal Ferreo Campineiro. As cigarras, em numero de trezentas ou mais, sugam as raizes que ficam rodeadas do liquido da seiva. Moram em cavidades do tamanho de um ovo de gallinha, com um respiradouro que vem ter á flôr da terra. Raspando-se o chão com uma enxada, descobre-se um numero tão elevado de orificios, que serve para dar uma idéa da quantidade de insectos que ahi construiam a sua morada. E' por enquanto um inimigo localizado em algumas fazendas. Mas os estragos produzidos nos cafezaes, cujos donos desprezaram-no a principio, obrigaram os



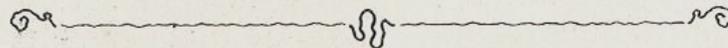
puro preconceito. Ritzma Bos, (*) o classico phitopathologista hollandês, no seu trabalho sobre *Os animacs perniciosos e uteis ás plantas cultivadas*, nos descreve uma serie de Gasteropodos nocivos ás plantas dos jardins e das florestas. Ahi encontrei a recommendação de deixar ao cuidado dos porcos e das aves domesticas o serviço da destruição dos caramujos nas hortas e pomares; porém quando se trata de legoas e legoas de cafezaes, taes auxiliares não pódem estar em numero proporcional a area contaminada.

Só mesmo os mamiferos e os passaros insectivoros, poupados pelos caçadores, poderão restabelecer o equilibrio entre as classes dos animaes de sangue quente com os de sangue frio, para usarmos a terminologia popular.

Nos jardins, recommenda Ritzma Bos, o uso da agua quente para regar pela manhã os caramujinhos apinhados nas hastes das hervas e das flores. Está claro que não deve ser agua escaudada a ponto de matar as plantas. Outra recommendação preventiva do mesmo autor é o uso da cal espalhada no sólo, nas occasiões em que estão em grande actividade. A cal mata os filhotes, e deixa todavia salvos alguns adultos, que pódem ser apinhados pelas crianças e dados como alimento aos porcos. A questão para os fazendeiros paulistas, é muito mais grave, e as proporções da area atacada ou já contaminada exige novas experiencias mais conclusivas.

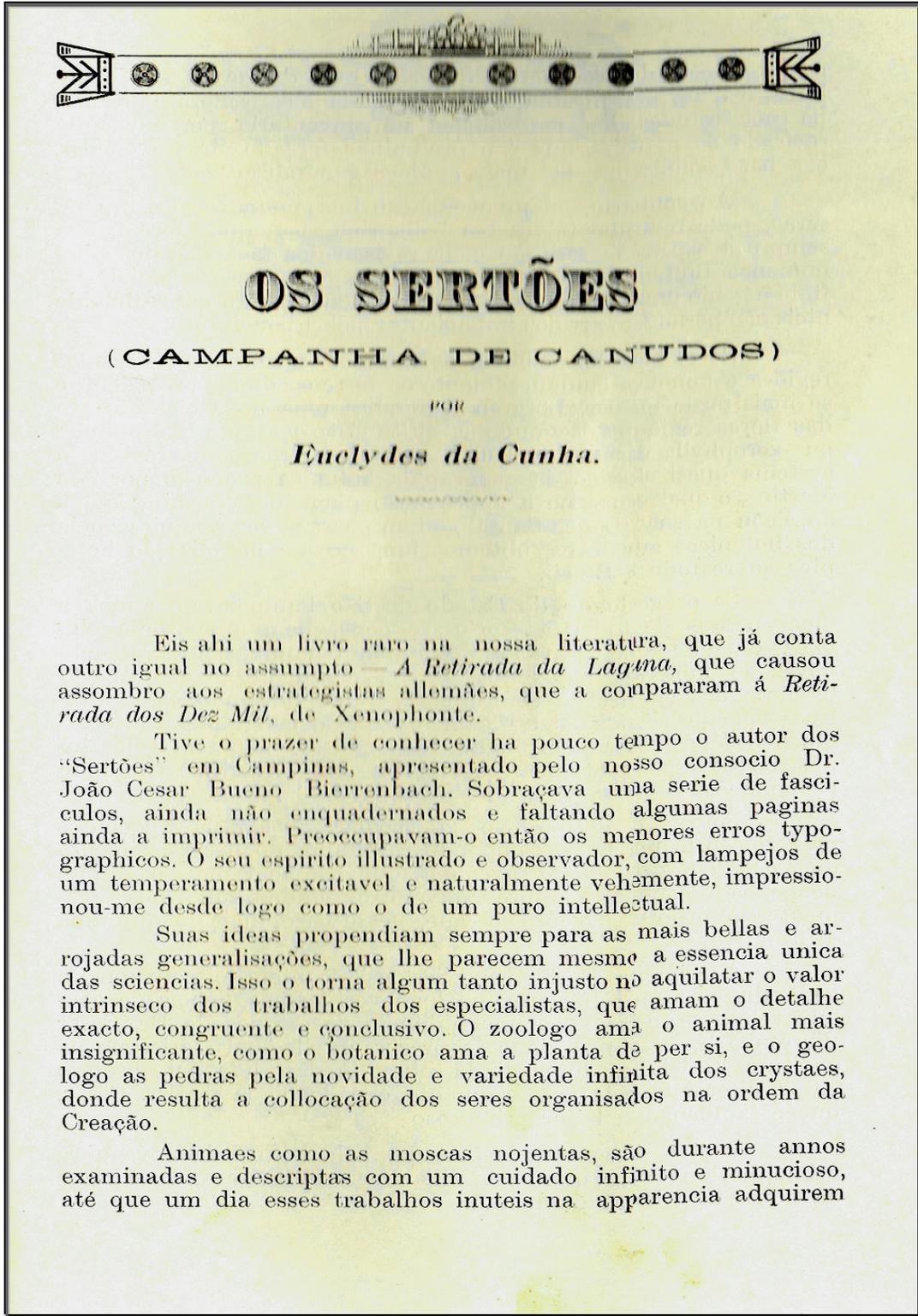
José de Campos Novaes.

(*) *Fierische Schadlinge und nützlinge für ackerban, etc.* - Berlin, 1891, pag. 694.



ANEXO V

José de Campos Novaes é o autor da crítica “Os Sertões (Campanha de Canudos) por Euclides da Cunha”. Ano 2, Número 2, p.45 a 55, 31 de Janeiro de 1903.



as proporções de descobertas que servem á defeza da saude publica, e d'um bem inestimavel á humanidade soffredora. Portanto, ha nos estudos dos naturalistas um inventario perennemente revisado da natureza que é o preliminar forçado das invenções, e a base solidissima das mais geniaes generalisações.

Ao contrario, a preocupação das generalisações prematuras, pode redundar talvez em bella rhetorica; que, porém, fica sempre á espera da sancção e da revisão dos factos e dos phenomenos. Buffon que era um naturalista generalizador genial, definiu o genio uma grande paciencia. As sciencias naturaes realmente uteis não permitem arrojos impacientes pelas conclusões.

Se os botanicos colhem as mesmas especies em differentes regiões e annotam cuidadosamente os terrenos donde procedem; e se mais tarde um Dr. Löfgren generalisa uma nova classificação das floras regionaes, segundo as altitudes e o estado hydrophylla ou xerophylla dos generos das plantas, e consegue revisar o systema quasi classico da geographia botanica proposto por Von Martius, o qual consegue a approvação plena de Warming que a applicou na sua "Lagoa Santa", e tem por sua vez a aquiescencia dos botanicos austriacos, obtemos uma nova generalisação botanica sobre todo o Brasil.

Se os geologos do Estado de São Paulo levam annos a moer pedras de todas as sortes, e conseguem a synthese chimica de numerosas especies, se fundam familias inteiramente novas de mineraes brasileiros, e se dahi deduzem a formação terciaria dos vulcões da Mantiqueira, e generalizando essas analyses vêm proclamar scientificamente que o conglomerato ferrugineo e densamente phosphatado do Ipanema não tem valor industrial de especie alguma, conseguem um verdadeiro triumpho economico.

Porque o desperdicio já secular de alguns mil contos pela Nação, é um lucro estupendo resultante do desvanecimento da *legenda dessa riqueza nacional*, que não tem mais o direito de persistir como valor aproveitavel e digno de figurar nos orçamentos. A negativa scientifica vale, nesse caso, mais do que uma affirmativa.

A primeira parte dos "Sertões" contem effectivamente generalisações magnificas, como logo verificámos, depois de confortavelmente assentados no gabinete de estudos do Dr. Cesar Bierrenbach, e foi-nos dado o prazer intellectual rarissimo de ouvirmos a leitura duma linda obra inedita lida pelo proprio autor, alternado pela voz insinuante e cadenciada do Dr. Cesar, que é tambem um leitor primoroso.

O vivo interesse despertado pela leitura da nova obra prima, prolongára-se, quasi sem disso apercebermo-nos, das 8 horas da noute ás 3 horas da manhã.

Creia o leitor, que teríamos amanhecido, sem que a curiosidade e as emoções de uma narrativa tão empolgante nos abandonassem nem cansassem a nossa atenção. Não era necessario ser propheta para augurar um successo literario immediato e esplendoroso.

Se o estylo é o homem mesmo, o Sr. Euclides da Cunha tem um estylo seu, novo, vibrante, repleto de surpresas e de imagens rutilantes; por vezes cheio de palavras cujas syllabas supprimidas ou augmentadas como o liberrimo dentre os poetas, nos dão uma certa impressão de neologismos pela extrema quantidade de desinencias verbaes por vezes desconhecidas.

Lemos palavras extranhas, como estas:— esbotelando-lhe, ensofregados, presposterára-se, impactas, refrão (fr.), inusitadas (fr.) e tantas outras que nos sobresaltavam a atenção, como aquellas balas invisiveis e inesperadas, que ponteavam insistentes e indeterminadamente os expedicionarios de Canudos.

A linguagem scientifica da introdução e de todas as paginas descriptivas tomam uns ares rebarbativos, muito diverso do estylo claro, preciso e tecnico. Ha mesmo phrases evidentemente inexactas por excessivamente imaginosas, como por exemplo quando fala — “na acidez corrosiva dos aguaceiros tempestuosos”, ou “nas folhas de estomatos alongados em vilosidades”.

Nem as chuvas causam erosões por conterem algumas moleculas a mais de nitro ou de amoniaco, senão pela differença da rijesa da cammada horisontal superior em relação ás camradas molles inferiores, nem os estomatos, que são porosidades microscopicas, tomam a estructura alongada das vilosidades.

O nephelibatismo que vai imperando hoje deve exultar perante esse modelo de sciencia popular, que sendo por vezes destituida de precisão, afigura-se-nos alguma cousa de superior pelo prestigio indiscutivel da forma repleta de imagens que registram, aliás, impressões reaes.

Passado certo esforço despendido na Introducção scientifica e descriptiva, a narrativa dilata-se em paginas eloquentes, rapidissimas e emocionantes, como aquellas sobre a travessia das caatingas, onde atiradores invisiveis e intangiveis cançam e desmoralisam os expedicionarios; o combate e o panico causado sobre os fanaticos após o combate do Cambaio com as forças do Major Febronio; o desbarato dos soldados de Moreira Cesar; a passagem das gargantas do Cocorobó pela *legião talentosa*; e sobre tudo o parallelismo entre o jagunço e o gaucho, que enriqueceriam qualquer literatura moderna, e tantas outras paginas como a tomada da *matadeira* pelo filho de Macambira, ou as patheticas scenas finaes dessa tragedia de Canudos.

As bellezas duma narrativa que emparelham com aquella que a literatura ingleza multiplicou recentemente sobre o Transwaal, e cujo successo de actualidade é completo como narrativa

brilhantissima; podem soffrer alguns reparos, especialmente na *parte scientifica*, sem que por isso a nossa admiração por obra tão bella esteja diminuida.

O maior inconveniente que reparei desde logo na introdução, foi a especie de surpresa e da novidade das impressões de um paulista entrando num sertão safaro, quente e desolado como o das margens do S. Francisco; porque dahi veio-lhe a convicção que esse curioso pedaço do Brasil era evidentemente desconhecido pela sciencia.

Não exagero, e desde já transcrevo uma passagem em que elle parece lá ter entrado antes de outros cientistas, que evidentemente nada viram nem descreveram das impressões tão novas e desconhecidas, dos sulistas como elle proprio.

“Nenhum pioneiro das sciencias supportou ainda as agruras daquelle rincão sertanejo em praso bastante para o definir. Martius por lá passou com a mira essencial de observar o aerolitho que tombára á margem do Bendegó, e era já, desde 1810, conhecido nas academias europeas, graças a F. Mornay e Wollaston. Rompendo, porém, a região selvagem, *deserto australi* como o capitulou, mal attentou (attendeu?) para a terra recamada de uma flora extravagante, *silva horrida*, no seu latim alarmado. Os que o antecederam, palmilharam, ferretoados da canicula, as mesmas trilhas rapidas, de quem foge. De sorte que sempre evitado, aquelle sertão até hoje desconhecido (sic), ainda o será por muito tempo”.

O que, porém, extranho mais nessa maneira de fazer tabula rasa atraz de si, é o mencionar o emerito botanico von Martius, que chegou a Monte Santo para desenhar o Bendegó nessas serranias, e dizer que elle por lá passou ás pressas sem observar a flora originalissima dessa região.

Não sei mesmo como explicar a citação do titulo da magnifica X *Tabula Physiognomica* denominada exactamente *desertus australi*, onde vemos um quadro schematico de todos os vegetaes característicos do sertão desertico bahiano, sem que ao menos completasse a leitura do texto, onde estão tambem as expressões de mato carrasquento, *silva horrida* e onde se contém absolutamente tudo o que encontrou tambem de característico o Sr. Euclides da Cunha; paginas essas exaradas nesse estylo latino magnifico que os botanicos citam como modelo, ao lado das melhores paginas do patriarcha Linneus!

Dizer que Martius não deu attenção ao que via ao redor de si nessa flora, equivale a affirmar que um Virchow não deu attenção merecida a *um caso interessante*, na giria medica. E' mais para acreditar-se que o autor dos “Sertões” recuasse diante da leitura das 4 formidaveis paginas latinas dos infolios maximos da *Flora Brasiliensis*. Accresce que Martius com seu companheiro

Spix (*), percorrendo a Bahia toda, deixou nas paginas da sua grande viagem descriptos minuciosamente os cançãos e as agruras desses sóes abrazadores, e soffreu tambem a sede que só as raizes tuberosas dos *umbuzeiros* podem com sua lymphá opalina refrigerar e saciar.

Se não fosse o espaço de que disponho, transcreveria as mesmas historias de vaqueiros e as suas retradas após a perda dos seus queridos rebanhos.

Quando ouvi o autor descrever os vegetaes característicos dava-me impetos de acrescentar os nomes scientificos dos mais notaveis; o que agora faço para recreação e curiosidade dos leitores.

Cabeça de frado = Melocactus.
Umbuzeiro = Spondias tuberosa.
Joazeiro = Ziziphus joazeiro.
Chique-Chique = Cactus peruvianus.
Icó = Capparis icó.
Ariri = Cocos schizophylla.
Macambira = Bromelia laciniosa.
Jamacarú = Cereus jamacaru.
Imburana = Bursera leptophloeos.
Barriguda = Chorisia ventricosa.
Mari = Geoffroya spinosa.
Cunanan = Euphorbia phosphorea.

Ha ainda muitos nomes vulgares de cactus cuja identificação não conheço ainda com certeza sufficiente, e que irei estudando.

Essa flora seria o paraiso dos colleccionadores de Cactaceas; porque nada existe nas hortas europeas dessa proveniencia tão rica em novas especies de Opuntia, Melocactus, Cereus, Rhypsalis, e outros grandes generos dessa familia ornamental.

A flora de Canudos é analogá á do Texas e das regiões seccas do Mexico. Acresce que o estado actual della é apenas uma obra dos incendiarios que a percorrem fabricando um futuro Sahara Brasileiro. Outrora havia verdadeiros serrados alternando os carrascaes e as actuaes caatingas; por quanto ha terrenos de culturas de milho, mandioca e pastagens que dão ideia de melhores tempos.

Por isso nada mais explicito do que a opinião de Hartt quando no seu precioso livro de Geologia, á pagina 520, dando as razões do estado actual dessa flora desertica, diz expressamente:—

“There is one agency that has been at work in Brasil, whose effects can hardly been under estimate, and that is the burning over of wood and campos lands by man.”

Haverá imprevidencia que valha esta de destruir a flora,

(*) Spix und von Martius — Reise im Inneren Brasiliens. Capitulo, VI e VII, pagina 718.

para depois vir implorar dos governos que lhes restituia o clima primitivo por meio de monstruosos lagos artificiaes? Não é mais pratico imitar a Australia, o Egypto e a Argelia, pondo pequenos açudes ao lado de essencias florestaes Xerophyllas adaptadas a essas condições deserticas?

Eis um problema para os hortos botanicos do Norte.

Por esta razão capital vejo quanto o Sr. Euclides da Cunha ficou desnortado para conhecer as diversas condições do terreno, e reconhecê-las para denominá-las com a correção exercida na "Lagoa Santa" de Warming, que aceitou a classificação das floras regionaes do Dr. Alberto Löfgren.

Para comprovar essa falta absoluta de base scientifica, nas numerosas e insistentes paginas em que se refere á flora local, basta lermos o seguinte:

"A propria *caatinga* alli assume um novo aspecto. E' a melhor caracterisação da flora sertaneja segundo os varios cambiantes que apresenta accrescentando denominações diversas; talvez a definisse mais acertadamente como a paragem classica das *caatanduvas*, progredindo extensa para o levante e para o Sul até as cercanias de Monte Santo", (pg. 255)

Simplificar assim o que tão bem distinguem os proprios sertanejos, é furtar-se ao embaraço de uma mais seria classificação scientifica.

Caatinga (mato ruim) é o resultado não do terreno mas da seccura do ar, ao passo que as *caatanduvas* são florestas chloroticas (mato doente), resultante da porosidade e da seccura do solo.

No S. Francisco todo domina a *caatinga*, no Paraná humidissimo ha sempre *caatanduvas* que se seguem ás boas terras quasi sem solução de continuidade. A doutrina dos "Sertões," portanto, é erronea.

Onde estamos de pleno accordo, é no capitulo sobre as raças cruzadas do Brasil.

"Não ha typo anthropologico brasileiro."

Não pode existir, em quatro seculos de historia, uma distincção de variedade bem caracterizada como resultante das tres grandes subdivisões das raças humanas, que vieram mesclar-se em graduações tão varias, que a selecção não pode operar nem com uniformidade, nem em intensidade igual e permanente sobre o nosso immenso Brasil.

Se deluissimos sobrepostas as tres côres fundamentaes dum Iris, e retratássemos as tres raças, a branca, a americana e a negra, verificaríamos desde logo quantas graduações imperceptives haveria sobre o mappa do Brasil:

O branco predominante no Sul, e o negroide mais intenso na Bahia, e no centro do continente o dominio intacto dos indigenas.

As impressões e os preconceitos de raças, mais ou menos absorvidas no Sul, predominam ao Norte mais distinctamente. Disso provém a variedade de opiniões dos nossos poetas e romancistas; que esquecidos de raça autochtone no Sul, ainda persistem em idealisar ao Norte o selvícola rude, heroico e dedicado, pintado por Alencar e Gonçalves Dias.

As populações dos sertões das terras deserticas do Norte, produziram já uma certa subraça, cujas afinidades o optimismo poetico qualifica de indio, e que creio ser muito mais devida á raça negra em seus varios estadios de cruzamentos. O atraso da civilisação deu-lhes um certo grão de uniformidade mais consentanea com os defeitos dessas raças quasi barbaras, em que o homem branco entra com poucas dezenas na porcentagem de sangue deluido sobre essas populações.

A fatalidade da civilisação, todavia, os arrastará fatalmente a novos cruzamentos, pelas levas de brancos que irão em breve acordal-as para uma vida intellectual e industrial mais activa. O futuro então nos dirá o que valem como nucleo de maxima resistencia da nossa nacionalidade.

Este povo ainda inferiormente evoluído permanece em parte segregado da civilisação do littoral, onde está concentrada ainda a população civilisada em constante communicação com as *terras grandes*, no dizer jagunço.

Estes continuam semi-nomadas á mercê do primeiro mandão, ou do primeiro chefe fanatico que os queira arregimentar.

Mais de um chefe perigoso tem se apoderado dessas almas sem instrucção religiosa nem civil.

E' um campo excellentes para semeiar ideas mysticas, ou credices de pagés e feiticeiros.

O estudo das religiões comparadas encontra na personalidade originalissima do vidente de Canudos, um documento inestimavel, e digno da mais demorada observação psychologica.

A insanidade de muitos milagreiros e thaumaturgos medievaes não se apresenta com mais prestigio.

O homem que deixou de ser recolhido ao Hospicio de D. Pedro II, por falta de lugar, tinha em si os predicados dos mahadis e dos montanistas. A mediocridade de sua educação e os antecedentes de familia, o puzeram ao alcance dos sertanejos do Norte, com as suas declamações beatas e desconnexas dos doudos da classe donde se tiram heróes ou féras soltas.

Muitos annos prérgou nos desertos dos sertões. Já a credice dos ingenuos jagunços raiava pelo schisma, quando a mudança de forma de governo, mal comprehendida nessas afastadas e inhospitas regiões, foi visivelmente o motivo determinante da completa revolta contra as autoridades locaes, que o perseguiram e suscitaram dedicações extremadas e incondicionaes, que o cercaram e defenderam.

A liberdade de crenças, feita para povos modernos, levada á ultimas consequencias pelos jagunços, importou na revolta politica ostensiva e organisada.

Assombram-nos as analogias doutrinarias e o rigor das deducções dos insanos visionarios esboçadores de novas religiões. Os mesmos factos apparecem ao lado das mesmas doutrinas com absoluta equivalencia. São logicos como as creanças ingenuas.

O montanismo, descripto no *Marco Aurelio* de Renan, serviu visivelmente para guiar o Sr. Euclydes da Cunha nas indagações doutrinarias sobre o Conselheiro.

Muitos dos elementos dessa extranha mentalidade do Conselheiro não encontraram quem archivasse essas credices indignas do seculo; mas que um Grimm acolheria esses disparates, como fez com as superstições medievas da Germania e da Skandinavia. Não podemos, por consequencia, obter bases sufficiente para uma apreciação scientifica seria do caso vertente. Na falta de melhor, devemos ser grato ao autor dos "Sertões" pelo pouco que se dignou conservar das opiniões do Conselheiro. E a prova dessa insufficiencia é que fez de Antonio Conselheiro uma *décalque*, por assim dizer, do Montanus de Renan.

Como amostra transcrevo aqui um unico paragrapho do capitulo XIII, pagina 215, de Renan. — Marc Aurète.

"Montanus, como todos os prophetas da nova alliança, estava repleto de maldições contra o seculo e contra o Imperio Romano. Mesmo o vidente do Apocalypse estava superado. Nunca o odio do mundo e o desejo de ver aniquilar-se a sociedade pagã tinham sido expressos com tão ingenuo furor. O assumpto unico das prophcias phrygias era o proximo julgamento de Deus, a punição dos perseguidores, a destruição do mundo profano, o reino de mil annos e suas delicias. O martyrio era recommendado como a mais elevada perfeição; morrer em seu leito passava por indigno d'um christão. Os encratistas, condemnando as relações sexuaes, reconheciam-lhes ao menos a importancia sob o ponto de vista da natureza; Montanus não se dava nem ao menos ao trabalho de vedar um acto que se tornára absolutamente insignificante, desde o momento que a humanidade estava no seu ultimo crepusculo. A porta estava assim aberta ao deboche, ao mesmo tempo que se feichava aos mais doces deveres."

Não posso crer que a moral do Conselheiro fosse tão relaxada como a de Montanus.

Diante deste retrato de Montanus, e de muitos outros traços esparsos nesse capitulo de Renan, o leitor verificará, *pari passu*, o modo por demais imitado com o qual reconstruiu a personalidade religiosa do Conselheiro. Esquecera-se de completarlhe o retrato como chefe civil e guerreiro. Esse simile encontramos no maior de todos, em Mahomet, que resume todos desse

genero. A vida do deserto é um primeiro simile geral. O Islamismo é um amalgama das religiões orientaes seleccionadas e synthetizadas no deismo puro, proveniente do judaismo, emoldurado no dualismo parsi e poetizado pelos evangelhos apocryphos perdidos; tudo isso embutido no espirito animista dos beduinos que têm analogias, segundo o autor dos "Sertões," com os nossos jagunços, por serem tambem uma especie de beduinos sem morada certa, facilmente arregimentaveis por mandões truculentos, aos quaes dedicam-se incondicional e heroicamente, como indios bravos que são, apezar de mesclados aos negroides crendeiros. Os nossos semi-selvagens, mal preparados pela absolut falta de instrucção primaria, não estão na altura de comprehender a doutrina christã; principalmente por estarem abandonados a si mesmos, o que os collocou á mercê d'um asceta sertanejo que os congregou e dominou pelos beneficios, e pelo prestigio dum espirito energico e superior como o do Bom Jesus Conselheiro. O nivel moral e intellectual permanecendo identico ha tres seculos, as idéas de liberdades politica e religiosa importaram no direito de escolher um governo patriarcal incompativel com a solidariaiedade politica das nossas instituições, porque não podiam nem ao menos comprehender as novas distribuições de influencia politica nem religiosa. Desse isolamento proveio o indifferentismo do nosso governo em ir verificar que especie de revolta religiosa era essa pela qual clamava o Arcebispado, e que redundou por sua vez em revolta politica.

Com Mahomet o caso foi identico.

Mahomet, tambem, tornou-se popular e benefico durante cerca de 10 annos pacificos, em que foi architectando as suas doutrinas hereticas. Sua vesania consistia num caso de epilepsia masculina, que o prostrava convulsivo, suggerindo-lhe visões que, voltado a si, narrava aos fieis com outras tantas revelações, conservadas pela memoria dos crentes. Seu prestigio pessoal teve o effeito de enciumar outros potentados da Mekka, que o perseguiram, (como a policia do Joaseiro ao Conselheiro). Os seus apaignados o defenderam, conseguindo fazel-o fugir da Mekka, numa noite memoravel illuminada pelo crescente da Lua, que o guiou na cavalgada á cidade de Medina, onde o foram amparar os proselytos do propheta. Os seus compatriotas da Meka mandaram expedicionarios, (como o Major Febronio) que voltavam sem capturar o revoltoso. O resultado dessa impotencia provada do poder publico, foi a ameaça dum verdadeiro exercito, cercado (como o de Moreira Cesar) do prestigio de grandes capacidades militares. Os crentes perturbavam-se diante dessa ameaça, e na occasião da batalha de Bedr, narrada pelo emerito arabista Dozy, os effeitos da extrema confiança dos expedicionarios foi identica ao panico dos nossos soldados na derrota que fez estremecer todo o paiz, e que aqui transcrevo para vermos como se parecem: (*)

(*) Dozy—Essai sur l'histoire de l'Islamisme, p. 67.

«Pela manhã os dous exercitos estavam alinhados para a batalha. Os Mequeses, incommodados pelo lamaçal, (porque fôra maior a chuva desse lado durante uma noite tempestuosa), tiveram muito que soffrer por causa do sol offuscante que lhes ia direito aos olhos. Porém pelo seu lado, Mahomet estava inquieto pelo fim desse combate que deveria ser dado contra forças de tal maneira superiores, tanto mais quanto a sorte do Islamismo delle dependia totalmente. Elle entrou numa choça com Abou-Bekr e orou com ardor...

«Alguns dos peiores e mais crueis inimigos de Mahomet perderam nella a vida ou ficaram prisioneiros. Após a batalha e a tomada do comboio, que fôra enorme, atiraram a um poço os cadaveres dos inimigos.

«Mahomet dirigiu então a palavra aos mortos, cada um pelos seus nomes, dizendo-lhes : «— Indignos concidadãos do Propheta ! Tratastes-me de impostor, emquanto outros acreditavam em minha missão ; vós que me expulsastes de minha cidade natal ; vós que tomastes as armas contra mim, quando outros concediam-me um asylo e defendiam-me. Pois bem ! Deus não cumpriu as ameaças, que por minha bocca foram pronunciadas contra vós ? Quanto a mim, certamente cumpri o que elle mandara-me executar !

«Os assistentes, verdadeiros arabes de espirito prosaico, nada comprehendiam do que dizia.

«— Como assim, óh Propheta !, perguntaram elles, vós conversais com os mortos ?»

«— Saibei, disse-lhes Mahomet, que me ouvem e comprehendem tão bem como vós, posto que não possam responder-me.»

«A victoria do Bedr, sobre um inimigo de uma força dupla, passou naturalmente como um milagre patente.»

Não vos parece, leitor, que tendes ahi o mesmo homem, que subiu atemorizado os andaimes da Igreja Nova e mandou retirar as escadas, e foi orar angustiado, fervorosamente ? Que após a victoria veio ao campo do combate tripudiar sobre os cadaveres de Moreira Cesar e empalar Tamarindo, declamando soliloquios indecifráveis de vesânico, que interpretava em prol do prestigio de sua missão sacrosanta ?

Objectará o leitor : — Sim, não ha duvida que o simile é admiravelmente perfeito nos lineamentos geraes entre estes dous matoides, que tantos guerreiros illustres sacrificaram ; porem Mahomet é nem mais nem menos do que um dos Grandes Genios da Humanidade.

Para os fins que temos em vista a equiparação difficilmente poderá ir tão longe entre dous grandes destinos humanos, em epochas tão diversas e civilisações tão sem affinidades.

O homem como ser psychologico é o mesmo em toda a parte, e os ensinamentos da historia philosophica, tomam assim os seus documentos assombrosos, apesar do eminente perigo de incidir nos paralogismos e nas analogias forçadas atravez das éras e das civilisações. Reconhecendo esses perigos logicos, nem por isso devemos abster-nos de medita-los maduramente.

Quanto á importancia dos acontecimentos, será um erro pensar que Mahomet moveu mais exercitos, ou que elle dêsse maiores batalhas do que as do Conselheiro. A vida de Mahomet passou despercebida do Imperador Heraclius, até o momento da sua peregrinação solemne a Jerusalem, para restabelecer no Tumulo de Christo a Verdadeira Cruz.

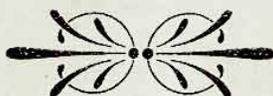
A mensagem de Mahomet foi recebida durante essa viagem com o despreso devido a um revoltoso insignificante, que agitára apenas algumas tribus Arabes, que nunca pesáram até então na marcha da civilisação oriental.

Ha, porém, uma profunda discordancia entre Mahomet e o Conselheiro: enquanto o primeiro não podia imaginar um céu sem bellas mulheres, o segundo detestava-as todas; porque fora trahido pela esposa que o abandonára para fugir com um sargento de policia.

Em resumo: — Tomai de Montanus suas visões apocalypticas, e ajuntai de Mahomet o seu prestigio pessoal, menos o genio politico, e tendes o Bom Jesus Conselheiro.

Como especial homenagem ao nosso distincto socio correspondente, offereço estas observações criticas de Geographia-Botanica e de Religiões Comparadas, por estarem mais na esphera dos meus estudos especiaes, como testemunho do grande interesse que me despertou a leitura emocionante dos "Sertões", sem que me autorise a estender estas annotações á esphera militar da estrategia, que abandono aos competentes que tambem combateram o bom e heroico combate pela Republica e pela Patria.

José de Campos Novaes.



ANEXO VI

Coelho Netto atende ao apelo da Academia Brasileira de Letras: “Adelino Fontoura”. Ano 2, Número 4, p. 143 a 146, 31 de julho de 1903.



ADELINO FONTOURA

(COLLECTANEA)



Não ficou sem resposta o appello que fiz em favor do valioso legado de Adelino Fontoura, o suave Adelino, que anda disperso em paginas velhas de jornaes e revistas, — e talvez muita preciosidade exista, guardada avaramente pelos chamados colleccionadores.

O Brasil é o paiz dos genios inéditos: ha por ahi muita gloria que ainda não deu signal de si e que ha de acabar — como acabou a mesquinha rã da fabula — sem deixar vestigio da sua portentosa inspiração.

Esse typo, que é muito nosso, faz com que desconfiemos de certos nomes conservados, com saudade, na memoria dos mais antigos e por elles veneradamente transmittidos aos mais novos. O nome de Adelino Fontoura está nesse rol e foi para que elle surgisse em plena gloria, com a sua paixão, com todo o seu formoso lyrismo, eternisando-se com a sua obra imperecivel, que a Academia Brasileira lembrou o alvitre de que me fiz aqui pregoeiro — de recolher o que anda esparso para colleccionar em volume o mais perfeito conjuncto de poesias passionaes trabalhadas por brasileiro, com o requinte que exigia a inspiração soberba que as anima.

O primeiro que correspondeu ao meu reclamo foi o Sr. Armando Rodrigues, de Itatiba. O joven academico remetteu-me o soneto *Fructo prohibido* e a quintilha *Estrella*. O distincto poeta campineiro Sr. Benedicto Octavio e o jovem belletrista Sr. Jovino de Almeida Salles vieram tambem ao meu reclamo. Outro que sahi ao meu encontro com enthusiasmo foi Gaspar da Silva, o valente jornalista que tantos annos viveu connosco, sempre attrahindo ao seu jornal—*O Diario Mercantil*—os melhores talentos que, no seu tempo, fulguravam na Academia de S. Paulo.

Escreveu-me de Lisboa duas cartas. — Uma, publicada na *Mala da Europa*, além dos louvores ao poeta, trazia generosas e affectuosas palavras ao destinatario; outra, intima, entra em detalhes que trarão grande brilho ao livro posthumo do que morreu de amor.

Para os que ouvem, pela vez primeira, o nome de Adelino Fontoura, é que transcrevo um trecho da primeira carta de Gaspar da Silva, mostrando-lhes assim como é considerado na Europa aquelle que no Brasil, se não é um ignorado, soffre a injustiça maior de ser quasi um esquecido. Eis o trecho :

« Alguns poetas brasileiros deram ao lyrismo a maxima intensidade. Adelino Fontoura foi um delles. As suas composições não devem ficar dispersas, porque pódem perder-se. Seria um thesouro perdido. Urge reunil-as em livro, como pretende a Academia Brasileira de Letras e como você, meu velho amigo, com a sua auctoridade, com o prestigio do seu nome, recommenda e reclama. E' um dever nacional — compenetre-se disso o Brasil. A collecção dos versos de Adelino Fontoura constituirá um dos padrões da poesia brasileira.

Além disso, reparará, até certo ponto, a ingratidão com que estão abandonados, num recanto ignorado do cemiterio dos Prazeres, nesta capital, os restos mortaes de Adelino Fontoura.

Insista, não descance, meu querido amigo, enquanto não se realisar esta obra de justiça. O Brasil tem obrigação de restituir á vida o genio desse desprezado morto, que foi um dos poetas da sua terra que melhor teem cantado o amor. »

Não commentarei tão doces palavras ; quero, porém, insistir no pedido que fiz a todos quantos possuirem versos do poeta : que os remetam á redacção desta *Revista*, porque nella publicados facil será, a todo o tempo, colligil-os e enfeixal-os no volume que, perpetuando o nome do grande lyrico, dará da nossa litteratura um padrão magnifico.

E dou começo á collectanea, respeitando a ordem em que recebi os versos que aqui vão :

FRUCTO PROHIBIDO (*)

Escravo dessa angelica meiguice
Por uma lei, fatal como um castigo,
Não abrigára tanta dôr commigo,
Se este affecto que sinto não sentisse.

Que te não dôa, emtanto, isto que digo,
Nem as magoadas falas que te disse,
Não t'as disséra nunca se não visse
Que por dizel-as minha dôr mitigo.

Longe de ti, sereno e resolute,
Irei morrer, miserrimo, esquecido,
Mas hei-de amar-te sempre, anjo impolluto.

E s para mim o fructo prohibido ;
Não pousarei meus labios nesse fructo,
Mas' morrerei sem nunca ter vivido.

(*) Remettido pelo Sr. Armando Rodrigues, de quem igualmente recebi a quintilha *Estrella*.

Pomba mansa (*)

Quando meu labio tremulo te oscula
A pequenina mão delgada e fina,
Como uma pomba timida que arrula,
Minha vida — mal sabes! — canta e pula
Na rosea palma d'essa mão divina!

Rio de Janeiro - 1883.

Celeste (**)

E' tão divina a angelica apparencia
E a graça que illumina o rosto d'ella,
Que eu concebera o typo da innocencia
N'essa creança immaculada e bella.

Peregrina do ceu, pallida estrella
Exilada da etherea transparencia,
Sua origem nem pode ser aquella
Da nossa triste e misera existencia.

Tem a celeste e ingenua formosura
E a luminosa aureola sacrosanta
D'uma visão do ceu, candida e pura.

E quando os olhos para o ceu levanta
Inundados de mystica doçura
Nem parece mulher — parece santa.

Rastro de amor

Vasos d'ouro, tapetes, luzes, flores,
Porcellanas, espelhos de Veneza,
Essencias, pedrarias de mil cores,
Tudo resplende aos brilhos da riqueza.

Mas, de repente, archanjo de pureza
Ao tom da festa, em meio dos fulgores,
Tu surges no salão e a singeleza
Do teu vulto é maior que os esplendores!

Passas sorrindo, timida, innocente,
E eu te acompanho o passo enamorado
Com longo olhar, apaixonadamente.

Depois desapareces; mas, calado,
Meu espirito segue inconsciente
O teu sonoro rastro perfumado...

(*) Remettido pelo Sr. Benedicto Octavio

(**) Remettidos pelo Sr. Josino S. de Almeida Salles

Os que se seguem publicou-os Gaspar da Silva na carta que me endereçou pela *Mala da Europa* :

BORGHI MAMO

Ao doce timbre harmonioso e brando
Da tua voz, ó alma enamorada,
Sinto minh'alma em sonhos embalada
E como que eu tambem fico sonhando !

Como agitava o vento, perpassando,
A harpa eólia no salgueiro alada,
Tal me agita essa voz apaixonada
Quando, ó ave de amor ! surges cantando.

Ouvir-te é como vêr nascer a aurora :
Tudo inunda de luz, tudo illumina
A tua voz angelica e sonora.

Solta, pois, a volata peregrina !
Ama, geme, soluça, canta e chora,
Celeste Aïda, Malibran divina !

Rio de Janeiro—1882.

BEATRIZ

Beatriz ! Beatriz ! sombra querida,
Branca visão que em toda a parte vejo,
E's a ventura unica que almejo,
Que outra igual me não fôra concedida.

Meu amor, minha crença e minha vida,
Todo o bem com que sonho e que antevejo,
Tudo o que aspiro e tudo que desejo,
A ti te devo, ó alma commovida !

Do meu amor não saibas, todavia ;
Pois que, se igual amor te não mereço,
Antes quero cuidar que o merecia.

Succumbirei á dôr de que padeço.
Se tal fraqueza chamam cobardia,
Eu serei um cobarde por tal preço.

ESTRELLA

Eu era qual misero estrangeiro,
Que, sem tecto e sem lar, a morte anhela ;
Mas teu amor, ó meu amor primeiro,
Illuminou-me a vida, o mundo inteiro...
Eu te bem digo, lucilante estrella !

Que o exemplo destes precursores aproveite. Resuscitemos
um poeta que nos honra.

Coelho Netto.

ANEXO VII

José Campos Novaes traz a figura de Carlos Gomes: “Publicações do “Arquivo de Carlos Gomes””. Ano 4, Número 8, p. 31 a 35, 31 de outubro de 1905.

Publicações do «Arquivo de CARLOS GOMES»

CAMPINEIRO

Um retrato litterario do Artista Campineiro é uma incumbencia de pesadissima responsabilidade de que outras pennas mais habeis poderiam se encarregar.

Como recontar que elle aqui nasceu, que foi foragido iniciar os seus estudos na Capital sem auctorisação de seu pae?

Reeditar a maneira pela qual obteve a protecção do monarcha, que tanto honrou a si mesmo permittindo que a corajosa empreza do “Caipira de Campinas” fructificasse tanto que as suas operas brazileiras o indicaram para scena mais vasta em Milão; que o Guarany de Alencar, que já possui ao menos uma modesta estatua, recebeu novo brilho exornado de suas harmonias; que aos dias dos gloriosos triumphos em todos os palcos da Italia succederam outros de desalento e quasi abandono, pela falta de meios certos de subsistencia consentanea com a vida de artista longe da patria que tanto enaltecia; que para o Brazil voltou por vezes a acalantar seu espirito para novas creações? Tudo isto está dicto e excellentemente escripto.

Mas, quem jamais conseguiu recordar as suas aspirações os seus sonhos juvenis de gloria?

Quem se recordará dos tempos em que vagava pelas nossas ruas cantarolando á meia voz, gesticulando o compasso distraído e quasi somnambulo, como se recordam alguns dos seus contemporaneos, que então não calculavam quanto ia nessa mente de melodias ineffaveis, nesgas ainda informes de inspirações que o estudo foi largamente aprimorando ?

Quaes as suas impressões de creança e de rapaz no meio das festividades do nosso velho templo, em que o seu venerando pai educou uma numerosa geração de musicos, hoje infelizmente dispersos ou desaparecidos, que tantas e tão bellas mostras davam da sua capacidade de educador e de discipulo da Capella Imperial ?

Só elle proprio escrevendo a seu velho amigo, José Emygdio Junior, de quem possuo a longa carta onde tão bem se estampam essas recordações, para vermos como num silphorama perpassarem as scenas de costumes e dos typos mais populares e presados da Campinas de sua juventude.

Damos a palavra ao Artista ausente em Milão no anno de 1894 :

«Velho amigo Zé (Emygdio).

Podes imaginar o prazer que tive em receber tua carta de 15 de Fevereiro, pois tem sido raras vezes que conversamos de longe. De *longe*, isso é modo de dizer, pois *longe* já quasi que andam os tempos da nossa primeira mocidade ; mas nós ainda avistamos sem precisão de oculos — com o pensamento !

Com o pensamento eu, daqui, vejo ainda as ruas de Campinas do tempo da nossa pandega da primeira idade!

Vejo ainda as taipas que cintam os quintaes, algumas dellas desfeitas pelas chuvas ; vejo cercas de garantã desmanchadas pela velhice do cipó. Vejo ainda os brejos da “Bica grande” povoado de jurumbéva, de caragoatá, de charcos e despeñhadeiros, servindo de ninho aos socós e nhaçanans. Vejo as enxurradas, que do “Largo do Rosario” descem pelas ruas das “Cazinhas” carregando com tudo quanto é sapo morto, gallinha pôdre, sapatos e chinellos rasgados, cestos, jacás ; todo aquelle *pandemonium* a despejar nos corregos que tortuosamente existiam até para lá dos quintaes do *vermelho* e talentoso advogado dr. Sampaio ! Vejo ainda o Zé Pinto de chambre na esquina ! Vejo o Padre Miguel na mesma e de chinellos no portão da *quinta*. Vejo o mano Juca tocando 4º clarineta e vestido de *sordado* com barretina de papelão, de espada que mettia mêdo na gente ! Vejo o primeiro retrato que Zé Emygdio tirou pelo Daguerreo typo, de flauta na mão, e ainda estou de bocca aberta até hoje admirando aquella maravilha da sciencia humana ! !

Lembrar-me que Nho Zé Emygdio tirou aquelle retrato de bonezinho na cabeça !

Vejo o Tico Duarte ser o primeiro a comparecer vestido de *seu capitão da guarda não sou nada* á espera dos soldados que tardavam a se formar no largo da Matriz *véia*, para a procissão, sendo elle *Nho Tico*, compadre do Imperador da festa do Espirito Santo na occasião...

Vejo o Tico Custodinho vestido de *seu* Alferes ter mêdo de bombas de bateria da porta da igreja e tirar a barretina para cobrir a cara deixando cair

a espada (que foi logo apanhada por um moleque), menos mal !

Vejo até o Tónico do Manéco Musico (elle mesmo) vestido de *Anjo de procissão* e só a ollar para o ar acompanhando o gyro de cada foguete...

De repente vejo-o despegar-se do guia e li pegar rojão!...

E' tá diabo de menino !

Vejo o Bahia damnado e mastigando os beiços como quem masca fumo, por ver o Simplicio sineiro (irmão do Chico sapateiro) tocar forte de mais (o seu sino) com perigo de derrubar a torre de quatro *estelhos* de jequitibá á esquerda da Matriz *véia*...

Sinto ainda o aroma do *basilcão* da Semana Santa em Campinas no interior das igrejas. Lá esta ainda o *Juca Cruz* parado na grade a namorar o mulherio que está sentado, esparramado pelo soallo do templo de Deus !

Lá vem o genro do *Pingurra*, vestido de sacristão, de vella na mão...

Lá está o Joaquim Mariano a questionar com Miguel Vaz, por que ambos querem ser o primeiro cantor ou berrador de Baixo no côro.

Lá vem socegado o Manoel Francisco, de violino sem caixa (por economia).

Lá vem Manoel Gomes da Graça, de viola no sacco de baeta verde e de cabellos crespos bem penteadinhos !

Lá vem mascando o charuto o Quito Musico...

Chega por ultimo o Nho Telles Zabumbeiro, mas esqueceu-se da Zabumba em casa ; não faz mal : elle vai buscal-a, móra ali perto... para lá do Tanquinho...

Por fim vejo-os todos de palestra na esquina da igreja á espera que toque o sino.

Vejo ainda os palmitos plantados pelas ruas da cidade onde passa a *prucissão* da sexta-feira da Paixão.

Ainda ouço cantar a Veronica !...

Bem estou vendo lá longe, no fim da rua Direita um judas de alleluia *depindurado*.....

A meninada lá está á espera do repique do sino para cahir de pedrada no sujeito...

Lá está o Zé Pinto Borrório, furioso porque o judas parece-se com elle...

Todos dão a culpa ao Juca Coutinho como o auctor do judas ; mas logo vê-se que é mentira ; porque o Doque (irmão d'elle) garante que o Juca passou a noute a fazer um enorme — *papagaio* (servo volante), contando com bom vento.

Emfim, acabou-se a festa da Semana Santa ; e lá vai o Zé Emygdio para a casa de flauta debaixo do braço e todo chic, bem vestido, com botinas borzeguim, sendo o interior de côr vermelha.

Lá vai para a casa tambem o Zé Emygdio Ramos (pae) vestido de *seu* tenente da Guarda Nacional (da reserva) com pluma branca na barretina.

Lá vem agora o Joaquim *Cachica* todo janota e gingando, de volta do Paraguay... Não, não voltou !

Lá vem uma tropa de burros mansos carregando o toicinho de Minas Geraes até o Cubatão abaixo. Olha ! olha ! quem vem lá ? E' elle !

— Elle quem ?

— Pois não vêes ? é o Paracatú...

Oh ! meu Zé Emygdio, quantos personagens eu

poderia te apresentar nesta palestra com *laterna magica*...

Oh! quantos que já la foram e eu sempre os recorde, porque sobre os olhos da mocidade ficam impressas as phisionomias dos seres mortaes como de todas as coisas que formaram o scenario do 1º acto da nossa vida!!

Como te disse de longe é como de perto, porque entre o pensamento e distancia não ha separação.

Quantas vezes tenho eu sonhado com a antiga romaria do famoso Cambuizal das "Campinas Velhas" ?

Na breve exposição que te acabo de fazer de personagens antigos e modernos de Campinas, lereis comprehendido que me lembro de *tudo* e de *todos* como se fosse hoje!

Mas quanta differença d'aquelle tempo ao dia de hoje, sem que por issó possamos dizer com orgulho: oh! que progresso!

Entre outros factos que ainda me lembro do nosso tempo, é áquella noite escura mais do que breu, em que eu acompanhei o amigo Zé Emygdio pela "Rua do Rosario" acima, caminhando as apalpadellas, tal era a escuridão!

Para que fim?

Só depois é que eu percebi, quando de repente abre-se uma rotula, e uma mãosinha delicada passou rapidamente pelo vão da janella uma flor chamada *bogarim*, que nhô Zé Emygdio apanhou convulsamente exclamando: Oh! como é deliciosa esta flor... ainda toda orvalhada e cheia de sublime perfume!

Não sei dizer se naquelle momento o amigo Zé, preferia a flôr ou beijar a mãosinha que a offerecera tão rapidamente e occultára-se cerrando a rotula (a qual naquelle tempo era, na practica, de subir e descer verticalmente), como ainda existem umas janellas na celebre casa do fallecido Desembargador Albino José Barbosa de Oliveira. Mas, voltando ao caso da flôr, não sei se o amigo Zé, ainda se lembra daquelles dois olhos pretos da creatura que, a aquellas horas, o esperava para dar-lhe a flôr...

Entretanto, ainda me lembro de mais um episodio comico do tempo em que a Rua de Baixo era o ponto do humorismo, sendo habitada pela rapaziada de espirito.

Naquella volta da Araraquara, que foi para os musicos de Campinas, como a volta de Napoleão I de Moscow. Eu, entrando a cavallo pela villa a dentro, vinha montado num sendeiro já meio morto pela fadiga da marcha. Na garupa trazia eu o *picoá* de um lado, de outro lado da mesma garupa uma quantidade de passarinhos mortos e entre estes umas perdizes, papagaios, jacús, etc.

A ancia que tive de chegar me fez apressar o passo do pobre animal que já não podia nem comsigo, nem comigo, sendo, portanto, eu, o primeiro a comparecer como *avant garde* de desastrosa expedição.

O amigo Zé, que não deixava passar pela Rua de Baixo, ratão algum que fosse merecedor de *váia* sem fazer aquillo que se fazia no tempo do entrudo, isto é: *molhar tudo quanto estava enxuto*, logo que me avistou la longe preparou-me uma *váia* da qual ainda me lembro; porque prin-

ciou logo do momento em que fui avistado de frontê da casa onde morava o Quito Musico, até depois de passado a esquina do Becco da Cadeia...

Aquillo é que foi *trote* que eu tomei em regra ao som de gargalhadas e gracejos... daquelle tempo

Oh! amigo Zé, que não daria eu para voltar áquelle tempo para tomar vaias! E tú tambem quanto não darias hoje para me esperar na Rua de Baixo, afim de preparar *trotos* e recepções humoristicas ao amigo Tonico, de *picoá* na garupa?

Mas, são desejos inuteis.

Agora quem nos dá vaias é o tempo, o rigoroso tempo que procede sempre seriamente, severamente, mesmo em tempo de alegria. Seja deste ou daquelle modo elle passa sempre sobre nossa existencia sem se rir, sem chorar, sem avisar mortal algum!

Uma só coisa me consola: que o tempo é igual para todos! Mudemos pois de conversa e terminamos esta palestra que já está longa de mais.

.....

O melhor é ir almoçar com bom apetite, tendo diante de si o *revirado das hervas rasgadas*, e o *picadinho o entrecosto* gordo e gostoso como diabo... A boa pinga, o pinhão cosido e o mangarito... Meu Deus! Que agua na bocca!!

Feliz de ti meu Zé, que gozas de tudo isso.

Mas, entretanto, ainda espero lá voltar para matar saudades de tudo e de todos...

Adcus. Abraça-te o velho amigo

TONICO.»

* * *

Que bella revista campineira não teria elle composto, antes de ir escrever para os milanezes as duas revistas *Se sa mínga* e *N'ella Luna*.

Foi neste meio artistico provinciano que forjou e emoldurou com solidos principios os seus primeiros passos guiados pelo seu educador, que tinha em longa practica bebido nas tradições classicas a practica da musica severa do Padre José Mauricio, Nunes Garcia de Marcos Portugal, e de Segismundo Neukom, o discipulo preferido de Joseph Haydu, que transportara para este recanto do Brazil uma scentelha da arte classica.

Seria quasi inexplicavel a apparição d'um astro de tal grandeza no ceo artistico da Italia, sem que ao menos um principio recondito da arte fosse o propulsor natural d'uma aptidão tão excepcional no nosso meio provinciano.

Outro conselheiro das suas aspirações para uma arte mais elevada foi, a morada na sua casa paterna d'um dos grandes premios do Conservatorio de Pariz; um desses artistas dominados pelo desejo de viajar até o extremo da Terra, sem medir as aptidões das platéas ignaras ou quasi barbaras do Novo Mundo.

Esse artista era o violionista Paul Julien, uma dessas assombrosas creanças prodigios que nem sempre completam na sua idade madura quanto a celebridade prematura parece prometter.

Mais d'um anno demorou-se em Campinas, esse eximio violinista que executava no seu magico

instrumento todos os prodigios de prestidigitação de Paganini.

Ao lado da technica incomparavel elle exhibia neste recanto domestico do futuro compositor as obras dos classicos, e as commentava com esse ardor dos artistas inspirados que tinham na alma o culto exclusivo dos Mozart e dos Bethoven.

Elle, pôde, aqui em Campinas, ensinar a interpretar os quartetos mais ignorados dos velhos contemporaneos dos grandes classicos, provenientes das copias do repertorio corrente entre os musicos da Capella Real, dos bons tempos de D. João VI.

Esses antecedentes da sua educação musical impulsionaram a sua vocação de modo irresistivel, e o prepararam de antemão á suggestão dos rapazes da Academia de Direito, que apontaram-lhe o caminho da gloria.....

Outros annos de estudos e trabalhos perpassaram... até que um decennio mais tarde voltou elle triumphante em 1870, depois do Guarany.

A garotada patusca da volta da Araraquara fôra dessa vez substituída por uma comitiva constituida pela flôr da sociedade campineira, que o reconduziu de trolly desde Jundiáhy, ponto final da via ferrea até sua terra natal, sempre adorada e inolvidavel.

As festividades, as *marches aux flambeaux*, as grinaldas, os coretos e arcos triumphaes nas ruas foram accumulados sob seus passos.

Foi um delirio!

Voltou com o fogo do genio alcandorado a realizar novas creações, que ampliaram a sua nomeada de compositor.

Mas, o pinaculo da gloria offuscava os espiritos pequeninos, que não podem supportar a superioridade quasi sobrehumana dos genios aclamados...

Uma reacção instinctiva da maledicencia, cedo ou tarde, procurava um ponto vulneravel, um calcanhar de Achilles qualquer, que lhes justifique o cansaço d'um corypheu da civilisação pela arte; e portanto sem os attrictos dos admiradores e dispensadores do poder.

Carlos Gomes volta de novo, depois de largos annos de mutismo, com uma opera á qual elle dera uma feição de actualidade.

Estavamos na epoca que se seguira a abolição, exactamente na occasião da queda de seus proectores, e do velho e alquebrado Monarcha que tão generosamente soubera apoiá-lo em todos os seus tentamens e estudos.

Por uma fatal coincidência, a revolução sobreveio justamente quando elle se achava entre nós.

* * *

O seu coração reconhecido não podia nos acompanhar no momento em que se dissipavam as suas esperanças de conforto na velhice; quando alquebrado pela lucta, longe da patria, já lá não pudesse subsistir dignamente.

A atmospheria de malevolencia que o envolveu desde a sua chegada, explodiu aqui em Campinas, e nessa mesma occasião.

Nesta mesmíssima sua cara Campinas foi elle, segundo suas proprias expressões — "victima d'um desastre" — (moral se entende); quando uma mão torpe e anonyma, enviou-lhe uma carta, contendo accusações que o publico malevolo cochichára em seu desabono.

Esse pretenso «calcanhar de Achilles» consistiu em accusal-o de *renegado*, áquelle que escrevera com alma tão brasileira o *Guarany* e o *Schiavo!* O seu desespero foi enorme!

Queimava-lhe as plantas o solo onde nascera. Sahiu a cavallo inesperadamente, furtando-se aos ultimos amplexos dos amigos sinceros para não se ver coagido a abraçar ao mesmo tempo alguns dos seus falsos destructores.

Foi embarcar em Vallinhos, como se fôra um criminoso que necessitasse d'uma justificação publica.

Essa repulsa da calunnia elle á deu não só pelo consulado de Genova, como declinando de si a honra de succeder na cathedra do Conservatorio de Pesaro, illustrada por tres seculos, de grandes genios universaes, desde Gabrielli e atravez do ensino do nobilissimo Benedetto Marcello.

Quantos annos de desalento e abandono, após a fallencia que o obrigou a deixar a sua *villa* ou antes a sua chacara brasileira, sobre o Lago de Como, onde accumulava todas as recordações da patria tão longinqua?!

Voltára a Milão para viver do acaso, sem coragem para trabalhar; visto o seu estado de prostração moral não acalentar o seu estro desilludido.

Chegára o momento supremo de volver ao patrio ninho para se entregar ao ensino, já que da penna e do estro só, não poderia, doente e alquebrado de forças, subsistir longe dos seus.

Tentou abrir Couservatorio em S. Paulo ou quando possivel em Campinas.

Responderam-lhes com evasivas humilhantes para seus velhos dias.

O Pará, que era para elle como que uma posteridade em vida, abriu-lhes os braços; mas para recebê-lo quasi morto.

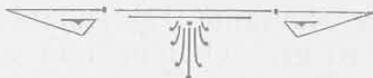
Para aqui o transportamos em pomposos funeraes como iguaes não foram vistos no Brazil, a pedido da «Camara de Carlos Gomes», que compenetrada d'um dever ineluctavel, acaba de votar uma estatua que o perpetuará em bronze no coração de Campinas.

A camara com essa votação solemne se rehabilitou aos olhos do Paiz e da Posteridade.

O Artista Campineiro é immortal, e será, d'ora em diante, como no inolvidavel anno de 1870, o nosso perpetuo triumphador. (*)

J. CAMPOS NOVAES.

(*) Este perfil de campineiro, faz parte d'uma serie publicada no *Diario de Campinas*, a 1 de Janeiro de 1899. Foi com outros documentos collocado na lapide inaugural do bello monumento de Carlos Gomes.



O Archivo de Carlos Gomes

Por proposta feita pelo Dr. Cesar Bueno Bierrembach foi deliberado pelo Centro crear-se um Archivo para colleccionar todos os documentos, manuscriptos, impressos, musicas, etc., que possam interessar á vida do Maestro brasileiro e que andam dispersos pelo mundo os quaes ficarão d'ora avante depositados neste instituto e de sua guarda só poderão passar, se algum dia se alterar os destinos sociaes, para a collecção de manuscriptos confiados ao Estado no Museu do Ypiranga.

Têm pois todos os amigos da memoria do Maestro um recinto seguro a que entregar suas reminiscencias. Para esse fim offereceu o Dr. Cesar ao Centro duas magnificas caixas de madeiras do Paraná que expressamente mandou fazer, nas quaes em preciosos relevos, sobre cipó-florão, se destacam os symbolos da Musica.

Eis até o presente os documentos que possui o Archivo de Carlos Gomes:

CONTEM:

I MUSICAS IMPRESSAS E MANUSCRIPTAS

5 exemplares — "Guarany" — "Maria Tudor", — "Fosca" — "Schiavo" — "Salvador Rosa".

4 musicas impressas da opera "Nella Luna" offertas da casa Ricordi di Milano.

1 opera de Carlos Gomes com dedicatória, offerta da familia Damy.

1 original da *Serenata per quintetto* a cordas escripto para o Club Sant'Anna Gomes, inédito;

1 Partitura da arieta — *Mama dice*, executada no concerto de Chicago;

1 copia do coro *La Fanciulla delle Austurie* composição do exame no Conservatorio de Milão que valeo a Carlos Gomes o titulo de Maestro Compositore;

1 copia da *Fuga reale* a quattro parti, idem, idem; offertas da filha do Maestro a Exma. Snra. D. Itala Gomes Vaz de Carvalho.

1 autographo da *Romanza — Giovanna* do 1.º acto inédito da "Maria Tudor".

1 "Nini" polka-salon para piano forte, manuscripto de Carlos Gomes, offerta do Snr. Carlos Magalhães de Azeredo.

1 "Sacra Bandiera!" versos de Vivante, musica de Carlos Gomes, offerta do Snr. Attilio Ladeira.

1 exemplar da musica "Foram-se-me os annos da infancia" da "Joanna de Flandes" offerta de Arlindo Teixeira;

1 exemplar da polka "Carlos Gomes" de Henrique Mesquita.

II DOCUMENTOS IMPORTANTES

1 proposta para a fundação do Archivo approvada em sessão;

1 circular então enviada pedindo donativos;

12 cartas, officios e cartões relativos á collectanea e acompanhando donativos; offertas da Directoria.

1 carta do Instituto Nacional de Musica do Rio;

1 copia do certificado dado pela Legação do Brasil em Roma de que Carlos Gomes era brasileiro apezar de residir na Italia, offerta do Dr. Bruno Chaves;

1 Testamento de Antonio Carlos Gomes «brasileiro e patriota» dactado de 1 de Maio de 1893 em Milão, devidamente authenticado e traduzido;

1 Certidão do nascimento de D. Itala Maria Anna Gomes, filha do Maestro, dactado de 11 de Setembro de 1882, authenticado e traduzido, offertas do Snr. Lessa Paranhos.

2 originaes dos dois Decretos do Governo do Estado de 8 de Julho de 1896 pelo qual, em virtude da Lei de 24 de Julho de 1896, declara o Presidente do Estado, Dr. Campos Salles, que dá á Carlos Andrea Gomes, filho do Maestro, a pensão de 500\$ mensal e a D. Itala Gomes 500\$ mensal até seu casamento, quando receberá o dote de 30:000\$, offertas do Maestro Sant'Anna Gomes.

1 officio do Club Mozart do Rio, tornando Carlos Gomes socio honorario;

1 programma do concerto-brasileiro de Paris de 4 de Fevereiro de 1896.

Autographos do Dr. Moraes Salles relativos ao contracto de escriptura do monumento;

1 carta do Ministro do Brasil, na Italia, sobre o archivo;

Telegramma do Maestro Carlos Gomes ao Dr. Cesar contendo as ultimas palavras que enviou á Campinas;

1 telegramma da Comissão popular a Lauro Sodré sobre a vinda do corpo;

1 telegramma da Comissão popular a Lauro Sodré sobre Carlos Gomes;

1 telegramma de Lauro Sodré a Comissão popular, offertas do Dr. Cesar Bierrenbach.

1 telegramma de Cesar Bierrenbach e Alvaro Miller a Campos Salles sobre a pensão aos filhos do Maestro;

1 telegramma da Comissão popular sobre vinda do corpo;

1 telegramma da Comissão popular ao Dr. Manoel Victorino sobre vinda do corpo;

1 boletim para uma reunião popular afim de manifestar a solidariedade do povo;

1 telegramma do Comissão popular ao Presidente da Republica;

1 telegramma do Dr. Paes de Carvalho ao Dr. Cesar;

1 telegramma do Dr. Paes de Carvalho a Geminiano Nunes official paraense que veio com o corpo.

1 boletim que annunciou em Campinas a morte de Carlos Gomes, offertas do Dr. Cesar.

50 officios, cartas, telegrammas relativos á sessão magna pela inauguração do monumento a 2 de Julho de 1905.

1 trecho das "Aparas" d' *O Paiz* de 30 de Outubro de 1891 offertas do Dr. Cesar Bierrenbach;

A.I.X. escreve "Exposição Segall". Ano 12, Número 31, p. 64-65, 30 de junho de 1913.

para maior clareza, buscar á barraca o Mappa do theatro da guerra, compilado pelo engenheiro Torquato Xavier, do archivo, que contém innumerables inexactidões e é muito omisso.

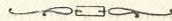
Estando eu a conversar com o conselheiro Delamare e o coronel Alencastro sobre o meu projecto de sitio de Humaitá, de que tambem se occupára o conselheiro Delamare, approximou-se do grupo o Imperador e principiou a conversar sobre a probabilidade da chuva e enchente do rio Uruguay. Tive então ensejo de dizer-lhe que, em principios de outubro o Paraná fazia um repunte de seis pés e que seria para desejar que a esquadra o aproveitasse para subir o Paraná e ir cortar a retirada ao exercito paraguay, que occupa Corrientes.

A's 4 1/2 realisou-se o jantar, nada occorrendo de notavel; não se fez mesmo um só *speech*, apesar de se terem sentado á mesa, além dos presidentes, toda a cõrte e os ajudantes de ordens dos generaes e officiaes de gabinete do ministro.

Voltei, ao anoitecer, para bordo.



EXPOSIÇÃO SEGALL



E' com prazer, snr. redactor, que me venho desempenhar do honroso encargo que me dèstes, de manifestar o meu juizo a respeito da Exposição Segall. Não pretendo fazer critica, mas externar simplesmente a impressão colhida nesse concurso de arte entre nós, sem outro ficto mais do que um registo que deverá consignar-se nos annaes de nosso instituto de letras, sciencias e artes.

Effectivamente a seducção do Novo Mundo, encanto da mocidade estudiosa, exerce irresistivel acção sobre os noveis talentos. Qual será o pintor já encanecido, que não sonhará que o viajar e conhecer artisticamente a America, devia ser o seu mais doirado sonho primaveril?

Chegámos, presentemente, a uma epo-

cha de realização: os desejos concebidos são prestes executados, mesmo por aquelles que sonham!... Elles vêm, observam e inspiram-se. E' o caso do pintor Lazar Segall. Oriundo de Vilna, naquella frigidissima Russia, em que os longos invernos fazem repontar as côres de tudo o que não pôdem elles envolver no seu amplo manto de neve, foi alli que despertou, apaixonado, rendido ás vivas côres dos bellos contrastes, o talento deste joven artista. Foi primeiramente na cidade de Dresde, que elle bateu ás portas de seus queridos mestres que o iriam iniciar. Sempre attrahido pela arte, elle foi, em seguida, fixar-se na Hollanda, onde se lhe abriu um verdadeiro periodo de arte e de trabalho. Por mais de uma vez, acalentara tornar realidade um desejo que se lhe infiltrara no coração: contemplar o deslumbramento das paisagens de novas côres ineditas, e, sem demora, pôde fazer uma excursão ao Brasil. Quando disso nos falla Lazar, sentimol-o inebriado pelo encanto das paisagens, contrastes frisantes com as de sua terra natal, bem como pela impressão que lhe deixou a sympathica hospitalidade brasileira. Após São Paulo, onde estiveram seus quadros em exposição, durante varias semanas, foi Campinas a cidade que elle visitou. O acolhimento fidalgo que lhe dispensou o Centro de Sciencias, Letras e Artes, a cordialidade manifesta que lhe testemunharam aqui os amadores de arte, foram o incentivo que o levou a nos proporcionar tambem uma exposição de quadros.

Entre estes, é de justiça destacarmos uma obra das de maior successo da nova escola que se concertou em denominar *cubismo*, O VIOLINISTA, trabalho magistral, de forte inspiração que nos leva a preferir-o ao impressionismo, não obstante a má vontade dos detractores desta nova expressão de arte na pintura. Muitas das magnificas telas aqui expostas, ficaram nas mãos dos fervorosos das bellas obras, de nossa cidade. Entre outras, « NA JANELLA », um mimo de colorido e de intenção imaginosa, além de estudos *d'après nature*, typos de indigentes, « ASYLADOS », uma paisagem campineira, um quadro de assumpto triste,

«ABANDONADA», que é uma evocação de amarissimo desespero da vida, etc.

Lazar Segall vai deixar-nos, levando commovida recordação de Campinas, de nosso Centro de Sciencias, Letras e Artes, e nos deixa alguma cousa preciosa d'elle mesmo, as melhores composições do seu joven talento. Sua passagem entre nós veio mostrar-nos como echoam gratamente nesta Campinas as cousas de arte. Nossos votos seriam que um mesmo echo encontrasse a arte musical que merecia ter na terra do saudoso e genial Gomes uma florescencia bem mais expansiva do que a actual.

A. I. X.

